



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

**RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
(CONSEPE) N.º 21/2011**

Dispõe sobre a alteração e a atualização do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária (*Campus* de Araguaína), em vigor desde 2003.

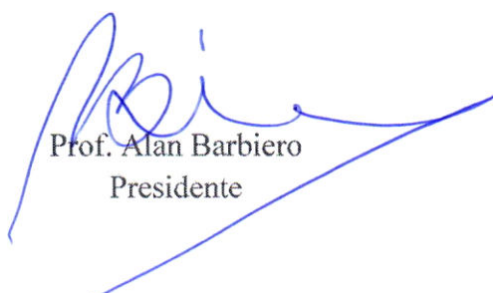
O Egrégio Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), da Universidade Federal do Tocantins - UFT, reunido em sessão ordinária no dia 30 de novembro de 2011, no uso de suas atribuições legais e estatutárias,

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar a alteração e a atualização do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária (*Campus* de Araguaína) em vigor desde 2003, conforme anexo.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Palmas, 30 de novembro de 2011.



Prof. Alan Barbiero
Presidente

emc.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**

Anexo à Resolução n.º 21/2011 do Consepe.

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**NOVEMBRO DE 2011
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

REITOR

Prof. Dr. Alan Kardec Martins Barbiero

PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
José Pereira Guimarães Neto

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Prof^a. Isabel Cristina Auler Pereira

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Márcio Antônio da Silveira

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, CULTURA E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Prof^a Msc. Marluce Zacariotti

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Prof^a. Dra. Valéria Gomes Momenté

PRÓ-REITORIA DE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO

Prof. Msc. Rafael José de Oliveira

DIRETOR DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

Prof. Dr. Luis Eduardo Bovolato

COORDENADOR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Prof. Dra. Katyane de Sousa Almeida

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. CONTEXTO INSTITUCIONAL.....	5
2.1 Histórico da Universidade Federal do Tocantins UFT).....	5
2.2 A UFT no Contexto Regional de Local.....	8
2.3 Perfil Institucional.....	9
2.4 Missão Institucional.....	9
2.5 Estrutura Organizacional da UFT.....	14
2.5.1 Os Campi e os respectivos cursos	15
2.6. Contextualização do Curso	16
2.6.1 Nome do Curso/Habilitação.....	16
2.6.2 Endereço do Curso	16
2.6.3 Ato legal de reconhecimento do Curso.....	16
2.6.4 Número de vagas do Curso de Medicina Veterinária.....	17
2.6.5 Turno de funcionamento do Curso.....	17
2.6.6 Direção do Campus.....	17
2.6.7 Coordenação do Curso.....	18
2.6.8 Secretaria Acadêmica.....	19
2.6.9 Relação Nominal dos membros do colegiado.....	19
2.6.10 Comissão de elaboração do Projeto Pedagógico do Curso.....	21
2.6.11 Dimensão das turmas teóricas e práticas	21
2.6.12 Histórico do Curso: criação e trajetória.....	21
3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	25
3.1 Administração Acadêmica	25
3.2 Coordenação Acadêmica	26
3.3 Projeto Pedagógico do Curso	26
3.3.1 Justificativa.....	26
3.3.2 Objetivos do Curso	27
3.3.3 Perfil Profissiográfico	28
3.3.4 Competências, atitudes e habilidades	28
3.3.5 Estrutura Curricular do Curso de Medicina Veterinária	29
3.3.6 Ementas.....	38
3.3.7 Interface pesquisa e extensão	118
3.3.8 Monitoria e Programa de Tutoria da Medicina Veterinária	122
3.3.9 Atividades Complementares	136
3.3.10 Estágio Curricular Supervisionado	138
3.3.11 Estágio Curricular Não-obrigatório	139
3.3.12 Procedimentos de avaliação do processo de ensino-aprendizagem com a concepção do curso.....	139
3.3.13 Ações implantadas	140

4. CORPO DOCENTE, CORPO DISCENTE E CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO.....	141
4.1 Formação acadêmica e profissional do corpo docente.....	141
4.2 Condições de trabalho.....	146
4.3 Composição e titulação do Núcleo Docente Estruturante (NDE)	147
4.4 Produção de material didático ou científico do corpo docente	148
4.5 Corpo técnico-administrativo que atende ao curso	151
5. INSTALAÇÕES FÍSICAS E LABORATÓRIOS	154
5.1 Laboratórios e instalações	154
5.1.1 Laboratórios especializados	154
5.2 Biblioteca	163
5.3 Instalações e equipamentos complementares	164
5.4 Área de lazer e circulação	164
5.5 Recursos audiovisuais do pavilhão de salas de aula	164
5.6 Acessibilidade para portador de necessidades especiais	165
5.7 Sala de Direção do Campus	165
5.8 Sala de Coordenação de Curso	165
ANEXOS	166
Regimento Interno do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária	166
Manual de Biossegurança do Curso de Medicina Veterinária	173
Manual de Biossegurança do Biotério.....	211
Normas para realização do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Medicina Veterinária	214
Regimento do Hospital Veterinário Universitário	286

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA/UFT

1. APRESENTAÇÃO

Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária, a ser implantado a partir do segundo semestre de 2012.

CONSIDERANDO a Lei nº 9394 de 20/12/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;

CONSIDERANDO a Resolução CNE/CES nº 02 de 18/06/03, que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial;

CONSIDERANDO a Resolução CNE/CES nº 01 de 18/02/07, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Medicina Veterinária;

CONSIDERANDO que os artigos 44 e 46 do Regimento Acadêmico da UFT estabelecem que a matrícula semestral do acadêmico dos cursos de graduação será efetivada atendendo aos limites mínimos e máximos de créditos expressos no Projeto Pedagógico do Curso e, que a efetivação da matrícula somente poderá ocorrer sem sobreposição de horários e cumprindo os demais requisitos previstos no Projeto Pedagógico do Curso;

CONSIDERANDO que cada curso de graduação tem um currículo pleno e organizado de acordo com a legislação em vigor, devendo ser cumprido integralmente pelo estudante, a fim de que possa qualificar-se para a obtenção de um grau acadêmico.

2. CONTEXTO INSTITUCIONAL

2.1 Histórico da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Fundação Universidade Federal do Tocantins – UFT, instituída pela Lei 10.032, de 23 de outubro de 2000, vinculada ao Ministério da Educação, é uma entidade pública destinada à promoção do ensino, pesquisa e extensão, dotada de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, em consonância com a legislação vigente. Embora tenha sido criada em 2000, a UFT iniciou suas atividades somente a partir de maio de 2003, com a posse dos primeiros professores efetivos e a transferência dos cursos de graduação regular da UNITINS, mantida pelo estado do Tocantins.

Em abril de 2001, foi nomeada a primeira Comissão Especial de Implantação da Universidade Federal do Tocantins pelo Ministro da Educação, Paulo Renato, por meio da Portaria de no 717, de 18 de abril de 2001. Essa comissão, entre outros, teve o objetivo de elaborar o Estatuto e um projeto de estruturação com as providências necessárias para a implantação da nova universidade. Como presidente dessa comissão foi designado o professor doutor Eurípedes Vieira Falcão, ex-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em abril de 2002, depois de dissolvida a primeira comissão designada com a finalidade de implantar a UFT, uma nova etapa foi iniciada. Para essa nova fase, foi assinado em julho de 2002, o Decreto de no 4.279, de 21 de junho de 2002, atribuindo à Universidade de Brasília (UnB) competências para tomar as providências necessárias para a implantação da UFT. Para tanto, foi designado o professor Doutor Lauro Morhy, na época reitor da Universidade de Brasília, para o cargo de reitor pró-tempore da UFT. Em julho do mesmo ano, foi firmado o Acordo de Cooperação no 1/02, de 17 de julho de 2002, entre a União, o Estado do Tocantins, a Unitins e a UFT, com interveniência da Universidade de Brasília, com o objetivo de viabilizar a implantação definitiva da Universidade Federal do Tocantins. Com essas ações, iniciou-se uma série de providências jurídicas e burocráticas, além dos procedimentos estratégicos que estabelecia funções e responsabilidades a cada um dos órgãos representados.

Com a posse aos professores foi desencadeado o processo de realização da primeira eleição dos diretores de campi da Universidade. Já finalizado o prazo dos trabalhos da comissão comandada pela UnB, foi indicado uma nova comissão de implantação pelo Ministro Cristovam Buarque. Nessa ocasião, foi convidado para reitor pró-tempore o professor Doutor Sérgio Paulo Moreyra, que à época era professor titular aposentado da Universidade Federal de Goiás – UFG e também, assessor do Ministério da Educação.

Essa comissão elaborou e organizou as minutas do Estatuto, Regimento Geral, o processo de transferência dos cursos da Universidade do Estado do Tocantins – UNITINS, que foi submetido ao Ministério da Educação e ao Conselho Nacional de Educação – CNE. Criou as comissões de Graduação, de Pesquisa e Pós-graduação, de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários e de Administração e Finanças. Preparou e coordenou a realização da consulta acadêmica para a eleição direta do Reitor e do Vice-Reitor da UFT, que ocorreu no dia 20 de agosto de 2003, na qual foi eleito o professor Alan Barbiero. No ano de 2004, por meio da Portaria no 658, de 17 de março de 2004, o ministro da educação, Tarso Genro, homologou o Estatuto da Fundação, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação – CNE, o que tornou possível a criação e instalação dos Órgãos Colegiados Superiores, como o

Conselho Universitário – CONSUNI e o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE.

Com a instalação desses órgãos foi possível consolidar as ações inerentes à eleição para Reitor e Vice-Reitor da UFT conforme as diretrizes estabelecidas pela lei no. 9.192/95, de 21 de dezembro de 1995, que regulamenta o processo de escolha de dirigentes das instituições federais de ensino superior por meio da análise da lista tríplice.

Com a homologação do Estatuto da Fundação Universidade Federal do Tocantins, no ano de 2004, por meio do Parecer do (CNE/CES) no041 e Portaria Ministerial no. 658/2004, também foi realizada a convalidação dos cursos de graduação e os atos legais praticados até aquele momento pela UNITINS. Por meio desse processo, a UFT incorporou todos os cursos de graduação e também o curso de Mestrado em Ciências do Ambiente, que já era ofertado pela Unitins, bem como, fez a absorção de mais de oito mil alunos, além de materiais diversos como equipamentos e estrutura física dos campi já existentes e dos prédios que estavam em construção.

A história desta Instituição, assim como todo o seu processo de criação e implantação, representa uma grande conquista ao povo tocantinense. É, portanto, um sonho que vai aos poucos se consolidando numa instituição social voltada para a produção e difusão de conhecimentos, para a formação de cidadãos e profissionais qualificados, comprometidos com o desenvolvimento social, político, cultural e econômico da Nação.

2.2 A UFT no Contexto Regional e Local

O Tocantins se caracteriza por ser um Estado multicultural. O caráter heterogêneo de sua população coloca para a UFT o desafio de promover práticas educativas que promovam o ser humano e que elevem o nível de vida de sua população. A inserção da UFT nesse contexto se dá por meio dos seus diversos cursos de graduação, programas de pós-graduação, em nível de mestrado, doutorado e cursos de especialização integrados a projetos de pesquisa e extensão que, de forma indissociável, propiciam a formação de profissionais e produzem conhecimentos que contribuem para a transformação e desenvolvimento do estado do Tocantins.

A UFT, com uma estrutura multicampi, possui 7 (sete) campi universitários localizados em regiões estratégicas do Estado, que oferecem diferentes cursos vocacionados para a realidade local. Nesses campi, além da oferta de cursos de graduação e pós-graduação que oportunizam à população local e próxima o acesso à educação superior pública e gratuita, são desenvolvidos programas e eventos científico-culturais que permitem ao aluno uma

formação integral. Levando-se em consideração a vocação de desenvolvimento do Tocantins, a UFT oferece oportunidades de formação nas áreas das Ciências Sociais Aplicadas, Humanas, Educação, Agrárias e Tecnológicas, Engenharias, Ciências Biológicas e da Saúde.

Os investimentos em ensino, pesquisa e extensão na UFT buscam estabelecer uma sintonia com as especificidades do Estado demonstrando, sobretudo, o compromisso social desta Universidade para com a sociedade em que está inserida. Dentre as diversas áreas estratégicas contempladas pelos projetos da UFT, merecem destaque às relacionadas a seguir:

As diversas formas de territorialidades no Tocantins merecem ser conhecidas. As ocupações do estado pelos indígenas, afro-descendentes, entre outros grupos, fazem parte dos objetos de pesquisa. Os estudos realizados revelam as múltiplas identidades e as diversas manifestações culturais presentes na realidade do Tocantins, bem como as questões da territorialidade como princípio para um ideal de integração e desenvolvimento local.

Considerando que o Tocantins tem desenvolvido o cultivo de grãos e frutas e investido na expansão do mercado de carne – ações que atraem investimentos de várias regiões do Brasil, a UFT vem contribuindo para a adoção de novas tecnologias nestas áreas. Com o foco ampliado, tanto para o pequeno quanto para o grande produtor, busca-se uma agropecuária sustentável, com elevado índice de exportação e a conseqüente qualidade de vida da população rural.

Tendo em vista a riqueza e a diversidade natural da Região Amazônica, os estudos da biodiversidade e das mudanças climáticas merecem destaque. A UFT possui um papel fundamental na preservação dos ecossistemas locais, viabilizando estudos das regiões de transição entre grandes ecossistemas brasileiros presentes no Tocantins – Cerrado, Floresta Amazônica, Pantanal e Caatinga, que caracterizam o Estado como uma região de ecótonos.

O Tocantins possui uma população bastante heterogênea que agrupa uma variedade de povos indígenas e uma significativa população rural. A UFT tem, portanto, o compromisso com a melhoria do nível de escolaridade no Estado, oferecendo uma educação contextualizada e inclusiva. Dessa forma, a Universidade tem desenvolvido ações voltadas para a educação indígena, educação rural e de jovens e adultos.

Diante da perspectiva de escassez de reservas de petróleo até 2050, o mundo busca fontes de energias alternativas socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente corretas. Neste contexto, a UFT desenvolve pesquisas nas áreas de energia renovável, com ênfase no estudo de sistemas híbridos – fotovoltaica/energia de hidrogênio e biomassa, visando definir protocolos capazes de atender às demandas da Amazônia Legal.

2.3 Perfil Institucional

De acordo com o Estatuto da Fundação Universidade Federal do Tocantins (Arts. 1o e 2o), a UFT é uma entidade com personalidade jurídica de direito público, instituída pela Lei 10.032, de 23 de outubro de 2000, vinculada ao Ministério da Educação. É uma entidade pública destinada à promoção do ensino superior, da pesquisa e da extensão, dotada de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, de acordo com a legislação vigente.

A Universidade norteia-se pelos princípios estabelecidos no Estatuto e no Regimento, tais como:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar profissionais nas diferentes áreas do conhecimento, aptos à inserção em setores profissionais e à participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, colaborando na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da criação e difusão da cultura, desenvolvendo-se, desse modo, o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação dos conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade, bem como comunicar o saber por meio do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão de forma aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na Instituição.

Com uma estrutura multicampi, a UFT distingue-se, nesse aspecto, das demais universidades federais do sistema de ensino superior do país, que, em geral, são unicampi, com atividades concentradas num só espaço urbano. Essa singularidade da UFT se expressa por sua atuação em sete campi, implantados em diferentes cidades (Araguaína, Arraias, Gurupi, Miracema, Palmas, Porto Nacional e Tocantinópolis), com distâncias que vão de 70 a

600 km da capital (Palmas).

Dessa forma, as inter-relações, o fluxo de informações e as demandas infra-estruturais que se estabelecem ou que são necessários à administração de um sistema multicampi, como o da UFT, diferem bastante do modelo tradicional de uma instituição centralizada em um só campus. Destacam-se, nesse aspecto, os requisitos maiores de descentralização e a imposição de custos operacionais mais elevados.

Com essa realidade acadêmico-administrativa integrada num sistema multicampi, a UFT requer, para o seu funcionamento, uma estrutura complexa de grande porte, o que, por sua vez, gera custos operacionais específicos. Essa singularidade não pode ser desconsiderada quando se analisa a gestão orçamentário-financeira e acadêmico-administrativa da Instituição.

A UFT, com seus sete campi, tem uma dimensão que abrange todo o estado do Tocantins. É a mais importante instituição pública de ensino superior do estado, em termos de dimensão e desempenho acadêmico. Essa sua grande dimensão fica patente – em números aproximados * – 719 professores efetivos, 37 professores substitutos e 584 técnicos administrativos. Atualmente, a Universidade oferece 48 cursos de graduação e 7 programas de mestrado e 1 de doutorado reconhecidos pela Capes, além de vários cursos de especialização lato sensu.

(*) Fonte: Dados fornecidos pelo sistema SIE em outubro/2010

2.4 Missão Institucional

O Planejamento Estratégico - PE (2006 – 2010), o Projeto Pedagógico Institucional – PPI (2007) e o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2007-2011), aprovados pelos Conselhos Superiores, definem que a missão da UFT é “Produzir e difundir conhecimentos visando à formação de cidadãos e profissionais qualificados, comprometidos com o desenvolvimento sustentável da Amazônia” e, como visão estratégica “Consolidar a UFT como um espaço de expressão democrática e cultural, reconhecida pelo ensino de qualidade e pela pesquisa e extensão voltadas para o desenvolvimento regional”.

Em conformidade com o Projeto Pedagógico Institucional – PPI (2007) e com vistas à consecução da missão institucional, todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFT, e todos os esforços dos gestores, comunidade docente, discente e administrativa deverão estar voltados para:

- o estímulo à produção de conhecimento, à criação cultural e ao desenvolvimento do espírito científico e reflexivo;

- a formação de profissionais nas diferentes áreas do conhecimento, aptos à inserção em setores profissionais, à participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e colaborar para a sua formação contínua;

- o incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e a criação e difusão da cultura, propiciando o entendimento do ser humano e do meio em que vive;

- a promoção da divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem o patrimônio da humanidade comunicando esse saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

- a busca permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

- o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais; prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

- a promoção da extensão aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural, da pesquisa científica e tecnológica geradas na Instituição.

Como forma de orientar, de forma transversal, as principais linhas de atuação da UFT (PPI, 2007 e PE 2006-2010), foi eleita quatro prioridades institucionais:

A) Ambiente de excelência acadêmica: ensino de graduação regularizado, de qualidade reconhecida e em expansão; ensino de pós-graduação consolidado e em expansão; excelência na pesquisa, fundamentada na interdisciplinaridade e na visão holística; relacionamento de cooperação e solidariedade entre docentes, discentes e técnicos administrativos; construção de um espaço de convivência pautado na ética, na diversidade cultural e na construção da cidadania; projeção da UFT nas áreas:

a) Identidade, Cultura e Territorialidade,

b) Agropecuária, Agroindústria e Bioenergia,

c) Meio Ambiente,

d) Educação,

e) Saúde; desenvolvimento de uma política de assistência estudantil que assegure a permanência do estudante em situação de risco ou vulnerabilidade; intensificação do intercâmbio com instituições nacionais e internacionais como estratégia para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da pós-graduação.

B) Atuação sistêmica: fortalecimento da estrutura multicampi; cooperação e interação entre os campi e cursos; autonomia e sinergia na gestão acadêmica e uso dos recursos; articulação entre as diversas instâncias deliberativas; articulação entre Pró-Reitorias, Diretorias, Assessorias e Coordenadorias.

C) Articulação com a sociedade: relações com os principais órgãos públicos, sociedade civil e instituições privadas; preocupação com a equidade social e com o desenvolvimento sustentável regional; respeito à pluralidade e diversidade cultural;

D) Aprimoramento da gestão: desenvolvimento de políticas de qualificação e fixação de pessoal docente e técnico-administrativo; descentralização da gestão administrativa e fortalecimento da estrutura multicampi; participação e transparência na administração; procedimentos racionalizados e ágeis; gestão informatizada; diálogo com as organizações representativas dos docentes, discentes e técnicos administrativos; fortalecimento da política institucional de comunicação interna e externa.

A UFT é uma universidade multicampi, estando os seus sete campi universitários localizados em regiões estratégicas do Estado do Tocantins, o que propicia a capilaridade necessária para contribuir com o desenvolvimento local e regional, contemplando as suas diversas vocações e ofertando ensino superior público e gratuito em diversos níveis. Nesse sentido, destaca-se a oferta de cursos oferecida atualmente pela UFT: Um total de 43 cursos de graduação presencial, um curso de Biologia à distância (oferecido para 10 turmas em cinco municípios do Estado), dezenas de cursos de especialização, 07 programas de mestrado: Ciências do Ambiente (Palmas, 2003), Ciência Animal Tropical – Mestrado e Doutorado (Araguaína, 2006), Produção Vegetal (Gurupi, 2006), Agroenergia (Palmas, 2007), Desenvolvimento Regional e Agronegócio (Palmas, 2007), Ecologia de Ecótonos (Porto Nacional, 2007), mestrado profissional em Ciências da Saúde (Palmas, 2007). Também oferece o curso de Doutorado em Ciência Animal, em Araguaína; os mestrados interinstitucionais – MINTER, em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental (Palmas, parceria UFT/UFRGS), Arquitetura e Urbanismo (Palmas, parceria UFT/UnB) e os doutorados interinstitucionais - DINTER, em História Social (Palmas, parceria UFT/UFRJ), em Educação (Palmas, parceria UFT/UFG) e Produção Animal (Araguaína, parceria UFT/UFG), Administração de Empresas (Palmas, parceria UFT/Mackenzie), Ciência da Computação (Palmas, parceria UFT/UFRJ), Geografia (Araguaína, parceria UFT/UFU).

2.5 Estrutura Organizacional da UFT

Segundo o Estatuto da UFT, a estrutura organizacional da UFT é composta por:

· **Conselho Universitário - CONSUNI:** órgão deliberativo da UFT destinado a traçar a política universitária. É um órgão de deliberação superior e de recurso. Integram esse conselho o Reitor, Pró-reitores, Diretores de campi e representante de alunos, professores e funcionários; seu Regimento Interno está previsto na Resolução CONSUNI 003/2004.

· **Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE:** órgão deliberativo da UFT em matéria didático-científica. Seus membros são: Reitor, Pró-reitores, Coordenadores de Curso e representante de alunos, professores e funcionários; seu Regimento Interno está previsto na Resolução – CONSEPE 001/2004.

· **Reitoria:** órgão executivo de administração, coordenação, fiscalização e superintendência das atividades universitárias. Está assim estruturada: Gabinete do reitor, Pró-reitorias, Assessoria Jurídica, Assessoria de Assuntos Internacionais e Assessoria de Comunicação Social.

· **Pró-reitorias:** No estatuto da UFT estão definidas as atribuições da Pró-reitoria de graduação (art. 20), da Pró-reitoria de pesquisa e Pós-graduação (art. 21), da Pró-reitoria de extensão e assuntos comunitários (art. 22) e da Pró-reitoria de administração e finanças (art. 23). As Pró-reitorias estruturar-se-ão em diretorias, divisões técnicas e em outros órgãos necessários para o cumprimento de suas atribuições (art.24).

· **Conselho Diretor:** é o órgão dos campi com funções deliberativas e consultivas em matéria administrativa (art. 26). De acordo com o Art. 25 do Estatuto da UFT, o Conselho Diretor é formado pelo Diretor do campus, seu presidente; pelos Coordenadores de Curso; por um representante do corpo docente; por um representante do corpo discente de cada curso; por um representante dos servidores técnico-administrativos.

· **Diretor de Campus:** docente eleito pela comunidade universitária do campus para exercer as funções previstas no art. 30 do Estatuto da UFT e é eleito pela comunidade universitária, com mandato de 4 (quatro) anos, dentre os nomes de docentes integrantes da carreira do Magistério Superior de cada campus.

· **Colegiados de Cursos:** órgão composto por docentes e discentes do curso. Suas atribuições estão previstas no art. 37 do estatuto da UFT.

· **Coordenação de Curso:** é o órgão destinado a elaborar e implementar a política de ensino e acompanhar sua execução (art. 36). Suas atribuições estão previstas no art. 38 do estatuto da UFT.

Considerando a estrutura multicampi, foram criadas sete unidades universitárias denominadas de campi universitários.

2.5.1 Os Campi e os respectivos cursos

Campus Universitário de Araguaína: oferece os cursos de licenciatura em Matemática, Geografia, História, Letras, Química, Física e Biologia, além dos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia. Além disso, disponibiliza os cursos tecnológicos em Gestão de Cooperativas, Logística e Gestão de Turismo; o curso de Biologia a distância; o Doutorado e o Mestrado em Ciência Animal Tropical.

Campus Universitário de Arraias: oferece as licenciaturas em Matemática, Pedagogia e Biologia (modalidade a distância) e desenvolve pesquisas ligadas às novas tecnologias e educação, geometria das sub-variedades, políticas públicas e biofísica.

Campus Universitário de Gurupi: oferece os cursos de graduação em Agronomia, Engenharia Florestal; Engenharia Biotecnológica; Química Ambiental e a licenciatura em Biologia (modalidade a distância). Oferece, também, o programa de mestrado na área de Produção Vegetal.

Campus Universitário de Miracema: oferece os cursos de Pedagogia e Serviço Social e desenvolve pesquisas na área da prática educativa.

Campus Universitário de Palmas: oferece os cursos de Administração; Arquitetura e Urbanismo; Ciência da Computação; Ciências Contábeis; Ciências Econômicas; Comunicação Social; Direito; Enfermagem, Engenharia de Alimentos; Engenharia Ambiental; Engenharia Elétrica; Engenharia Civil; Medicina e Nutrição, as licenciaturas em Filosofia, Artes e Pedagogia. Disponibiliza, ainda, os programas de Mestrado em Ciências do Ambiente, Arquitetura e Urbanismo, Desenvolvimento Regional e Agronegócio, Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental, Ciências da Saúde.

Campus Universitário de Porto Nacional: oferece as licenciaturas em História, Geografia, Ciências Biológicas e Letras e o mestrado em Ecologia dos ecótonos.

Campus Universitário de Tocantinópolis: oferece as licenciaturas em Pedagogia e Ciências Sociais.

2.6 Contextualização do Curso

2.6.1 Nome do Curso/Habilitação

Nome: Medicina Veterinária

Habilitação: Bacharelado

2.6.2 Endereço do curso

O curso de Medicina Veterinária da UFT funciona no Campus Universitário de

Araguaína, na Unidade da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, situado na BR 153, km 112 – Caixa Postal: 132 – CEP: 77.804.970 – Araguaína/Tocantins.

2.6.3 Ato Legal de reconhecimento do Curso

O curso de Medicina Veterinária da UFT teve sua criação aprovada pelo parecer CESu/CEE 118/1991 de 19/12/1991; a autorização dada pelo Decreto de 20/04/1993 - Diário Oficial No 74, de 22/04/1993 e a renovação do reconhecimento pela Portaria SESu/MEC no 775, de 07/11/2008 - D.O.U. no 218, Seção I, p. 18 a 23, de 10/11/2008.

2.6.4 Número de Vagas do Curso de Medicina Veterinária

O Curso de Medicina Veterinária da UFT tem entrada semestral de 40 (quarenta) alunos.

2.6.5 Turno de funcionamento do curso

O Curso de Medicina Veterinária da UFT funciona em período Integral

2.6.6 Direção do Campus

De acordo com o Regimento Geral da UFT, o Diretor de Campus deve ser eleito pela comunidade acadêmica para um mandato de quatro anos. Atualmente o Campus Universitário de Araguaína encontra-se sob a direção do Prof. Dr. Luiz Eduardo Bovolato e possui competência para:

- I. Representar o Campus perante os demais órgãos da Universidade, quando esta representação não couber a outro membro do Campus por disposição regimental;
- II. Promover ações tendentes a assegurar coordenação, supervisão e fiscalização sobre todas as atividades do Campus, dentro das disposições legais, estatutárias e regimentais, respeitando-se, ainda, as determinações dos Órgãos Superiores da Universidade;
- III. Convocar e presidir as reuniões do Conselho Diretor de Campus, delas participando com direito a voto, inclusive o de qualidade;
- IV. Integrar o Conselho Universitário;
- V. Encaminhar à Reitoria, em tempo hábil, a proposta orçamentária do Campus;
- VI. Apresentar à Reitoria, após conhecimento pelo Conselho Diretor de Campus, anualmente, o relatório das atividades desenvolvidas;
- VII. Delegar, dentro dos limites legalmente estabelecidos, atribuições ao seu substituto;

VIII. Exercer o poder disciplinar no âmbito de sua competência e representar, perante o Reitor, contra irregularidades ou atos de indisciplina;

IX. Exercer o controle disciplinar do pessoal pertencente ou ocasionalmente vinculado ao Campus;

X. Determinar a abertura de sindicância;

XI. Superintender, coordenar e fiscalizar as atividades do Campus, executando e fazendo executar as disposições estatutárias e regimentais, assim como qualquer outra determinação emitida pelos órgãos superiores da Universidade;

XII. Deliberar sobre a distribuição das tarefas docentes e de pesquisa, quando, por qualquer motivo, não o tenha feito o Conselho Diretor de Campus;

2.6.7 Coordenação do Curso

De acordo com o Regimento Geral da UFT, o Coordenador de curso deve ser eleito pelo colegiado de curso, para um mandato de dois anos. Atualmente o curso de Medicina Veterinária encontra-se sob a coordenação da Profa. Dra. Katyane de Sousa Almeida com competência para:

I. Atuar junto ao corpo discente, orientando-o quanto às suas matrículas, procurando as possíveis soluções às dificuldades acadêmicas eventualmente apresentadas por estes;

II. Buscar atender às solicitações documentais e de execução da Universidade via reitoria e pró-reitorias, permitindo o correto fluxo de informações e documentação;

III. Planejar e avaliar as atividades acadêmicas dos semestres subsequentes, atendendo às necessidades básicas para o exercício pleno da atividade docente;

IV. Manter contato com os segmentos externos à Universidade, sempre que solicitado, viabilizando a integração Universidade-sociedade organizada;

V. Participar efetivamente em órgãos colegiados acadêmicos;

VI. Participar do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE, com direito a voz e a voto, o qual se reúne mensalmente, para deliberar sobre os assuntos pertinentes à atuação deste Conselho;

VII. Participar juntamente com os docentes das atividades do colegiado de curso ou equivalente: tanto o coordenador quanto os respectivos docentes compõem o colegiado do curso de Medicina Veterinária;

VIII. Reunir com o colegiado para tratar de assuntos pertinentes ao bom desenvolvimento das atividades relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão do curso, vinculadas ao ensino de graduação;

IX. Permitir a participação do corpo discente do curso, representado pelo Centro Acadêmico e Diretório Central dos estudantes da UFT, nas reuniões colegiadas, com o direito a voz e a voto.

2.6.8 Secretaria Acadêmica

O corpo técnico administrativo referente à secretaria acadêmica do curso de Bacharelado em Medicina Veterinária é composto por:

NOME	VÍNCULO	CARGO	FUNÇÃO
Diogo Barbosa	Efetivo	Assistente administrativo	Secretário da Coordenação
Hérica Moreira Soares dos Santos	Efetivo	Assistente administrativa	Secretária Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária

2.6.9 Relação nominal dos membros do colegiado:

Professores que possuem carga horária de 40 horas **com** dedicação exclusiva – D.E

	Nome dos docentes
1	Adriano Tony Ramos
2.	Alberto Yim Júnior
3.	Ana Kelen Felipe Lima
4.	Ana Paula Coelho Ribeiro
5.	Caroline Peters Pigatto De Nardi
6.	Clarissa Amorim Silva de Cordova
7.	Eduardo Borges Viana
8.	Fabiana Cordeiro Rosa
9.	Fabiano Mendes Cordova

10.	Fagner Luis da Costa Freitas
11.	Francisca Elda Ferreira Dias
12.	Francisco Baptista
13.	Jorge Luis Ferreira
14.	Katyane de Sousa Almeida
15.	Marco Augusto Giannoccaro da Silva
16.	Maria de Jesus Veloso Soares
17.	Marlos Gonçalves Sousa
18.	Michel José Sales Abdalla Helayel
19.	Michelle Goldan de Freitas Tancredi
20.	Roberta Carareto
21.	Silvia Minharro Barbosa
22.	Tânia Vasconcelos Cavalcante
23.	Vanessa Paulino da C. Vieira
24.	Vera Lúcia de Araújo
25.	Virginia Tessarine Barbosa
26.	Viviane Mayumi Maruo
27.	Wallace Henrique de Oliveira

Professores que possuem carga horária de 40 horas **sem** D.E

	Nome
1.	Helciléia Dias Santos

2.6.10 Comissão de elaboração do PPC

A reelaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária iniciou-se, sob a coordenação do Prof. Marco Augusto Giannoccaro da Silva, em junho de 2009. Integram a comissão responsável pela redação do PPC:

Profa. Dra. Ana Paula Coelho Ribeiro
Profa. Dra. Clarissa Amorim Silva de Cordova
Profa. Dra. Fabiana Cordeiro Rosa
Profa. Dra. Helciléia Dias Santos
Prof. Dr. Jorge Luis Ferreira
Prof. Dr. Marco Augusto Giannoccaro da Silva
Profa. Dra. Silvia Minharro Barbosa
Profa. Dra. Viviane Mayumi Maruo
Prof. Dr. Wallace Henrique de Oliveira
Sarah Raphaella Torquato Seidel (aluna egressa)

2.6.11 Dimensão das turmas teóricas e práticas

A cada disciplina foram atribuídos conteúdos e competências e estimada a carga de trabalho resultante das horas de contato direto. Neste âmbito, as disciplinas do plano do Curso de Medicina Veterinária permitirão o número de 40 alunos para aulas teóricas e 20 alunos para aulas práticas laboratoriais e de campo.

2.6.12 Histórico do Curso: criação e trajetória

A Universidade do Tocantins (UNITINS) foi criada como fundação em 21/02/1990 e tornou-se uma Universidade multicampi, com oito unidades, localizadas estrategicamente em municípios-chave (Arraias, Araguaína, Gurupi, Miracema, Palmas, Paraíso, Porto Nacional e Tocantinópolis), com a finalidade de se firmar como referencial da Educação e da Cultura do Estado.

Em 19/06/2000 ocorreu a reestruturação da Fundação Universidade do Tocantins tornando-a pública e gratuita, autorizada pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) em 1991 pelo Parecer 118/1991, de 19/12/1991. O Curso de Medicina Veterinária da UNITINS foi

autorizado pelo Decreto s/n de 20/04/1993, publicado em 22/04/1993 no DOU e reconhecido posteriormente pelo Decreto Estadual n.682, publicado em 27/11/1998 no DOU/TO.

Em 1992, a fundação foi transformada em autarquia do governo e no final de 1996 transformada em fundação de direito privado, Fundação Universidade do Tocantins, com mudança no seu regime jurídico e cobrança de mensalidade. O processo de privatização solidificou-se com a transferência da administração do Curso de Medicina Veterinária para o Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC), instituição privada de ensino superior em janeiro de 2000.

A partir de 26 de maio de 2000, através da Lei nº 1.160 de 19 de junho de 2000, no seu artigo 21, é instituída a gratuidade do ensino pela UNITINS e o Curso de Medicina Veterinária é reintegrado à UNITINS.

O Decreto Estadual nº 1.774, de 16/06/2003, publicado no Diário Oficial do Estado do Tocantins de n.1463 em 27/06/2003, renova por 3 anos o reconhecimento do Curso de Medicina Veterinária da UNITINS, retroativo a 1º de dezembro de 2002.

Nos dias 28 de agosto e 14 de setembro de 2000, é aprovado na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, respectivamente, o projeto de criação da Universidade Federal do Tocantins (UFT). A UFT foi criada pela Lei 10.32/2000, de 23/10/2000, por meio do Decreto n.4279, de 21/06/2002. O processo de implantação da UFT foi atribuído à Universidade Federal de Brasília, nomeada pela Portaria n.717/01, assinada em 18 de abril de 2001 pelo Ministério da Educação, presidida então, pelo Reitor Lauro Mory, cujo processo durou de 21/06/2002 até 31/07/2003. O primeiro concurso público para professores da UFT é realizado em janeiro de 2003, com a posse dos aprovados em maio do mesmo ano. No ano de 2008, o curso passou pela avaliação do MEC e teve sua renovação de reconhecimento dada pela Portaria SESu/MEC no 775, de 07/11/2008 e publicada no D.O.U. no 218, Seção I, p. 18 a 23, de 10/11/2008.

Baseado nos estatutos da UFT, este marco referencial expõe os objetivos que marcam os rumos do Curso de Medicina Veterinária e explica também os compromissos que devem reger o comportamento de cada um dos que integram a comunidade universitária.

1) A Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia é uma instituição dedicada ao ensino, à pesquisa e à extensão e está fundamentada nos princípios estabelecidos pelas diretrizes do MEC.

2) Destina todos os seus recursos à consecução dos objetivos definidos em seus estatutos, a saber:

a. O desenvolvimento do ensino e aprofundamento da investigação e da pesquisa, para criar e difundir uma visão do Universo e do ser humano consciente da necessária unidade que deve reger a multiplicidade do saber/

b. A formação de profissionais competentes, habilitados ao pleno desempenho de suas funções, com sentido de responsabilidade e participação;

c. A inserção na realidade brasileira, colocando a ciência a serviço da comunidade e orientando suas atividades para a edificação de um mundo melhor;

d. O intercâmbio e a cooperação com instituições educacionais, científicas e culturais, nacionais e estrangeiras, no intuito de dar universalidade ao sentido de sua missão profissionalizante.

3) Juntamente com os valores comuns a toda Escola, esta se empenha, de modo especial, no cultivo dos valores humanos e da ética e afirma o primado da ética sobre a técnica, de modo que a ciência e a técnica estejam a serviço do homem e do animal doméstico ou silvestre, como elementos integrantes do mesmo meio.

4) Em todas as suas atividades, a Escola, pressupondo que a obtenção de conhecimentos e sua transmissão justificam-se como fins em si mesmos, valorizados pelo compromisso com o bem estar do homem e dos animais do seu ambiente comum.

5) A Escola admite em seu corpo docente, discente e administrativo, pessoas de diferentes opções científicas, filosóficas, políticas e religiosas. A entrada e permanência nos diversos quadros da Escola é uma opção livre e pessoal, que implica, como atitude de coerência, o compromisso de respeitar os princípios orientadores da instituição e de se empenhar pela consecução de seus objetivos.

6) Na Escola as decisões relativas à vida universitária e à avaliação dos membros da comunidade tomar-se-ão prioritariamente de acordo com critérios estatutários, acadêmicos e éticos profissionais.

7) A Escola se empenha em oferecer um ambiente físico propício às atividades universitárias e conta com a colaboração de todos para a preservação e melhoria do mesmo. Acima de tudo, aspira criar um ambiente que seja fruto do calor das relações humanas entre os membros da comunidade universitária e venha a favorecer o bem estar e o crescimento das pessoas.

8) Ao educando, como agente e sujeito de sua própria formação, cabe uma participação e responsabilidade insubstituível no processo de aprendizagem e de desenvolvimento de todas as suas potencialidades. O empenho e esforço pessoal são a garantia principal de êxito. Aos seus alunos, a Escola visa proporcionar um ensino caracterizado pela busca da excelência e pela preocupação de assegurar a formação completa da pessoa, inspirada numa visão maracda pelo senso de responsabilidade e de serviço ao homem e ao bem estar dos animais.

9) A Escola interage com a sociedade, como um sistema aberto, atenta aos anseios e necessidades da região e mundo atual. Assume, por isso, como uma de suas missões essenciais, o empenho constante para que sua ação sobre alunos, professores e funcionários, nas suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, contribua eficazmente para a qualidade de vida e exploração sustentável dos animais. A Escola está cônica, porém de que sua responsabilidade social deve exercer-se primordialmente através de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, colocando o seu potencial acadêmico a serviço da coletividade e da exploração ética do animal que a serve.

10) A Escola considera a participação política um direito e dever de cada um dos membros de sua comunidade, aos quais se impõe, contudo, que não envolvam a Escola, como instituição, em suas atuações e procurem sempre evitar cisões na convivência comunitária. Não compete tão pouco à Escola assumir, enquanto instituição, posições político-partidárias. O pronunciamento da Escola acerca de problemas políticos só se justificaria em circunstâncias excepcionais quando os valores humanos e animais, que professa a comunidade universitária se vissem ameaçados.

11) O fato de a Escola receber financiamento de diferentes agências, estatais ou privadas, não implica sujeição a interesses políticos e econômicos extra-universitários.

12) Coerente consiga mesma e com esses objetivos e compromissos a Escola procura realizar um processo de permanente auto-avaliação de seu desempenho, em busca de seu aperfeiçoamento institucional e da realização mais perfeita de seus objetivos.

3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

3.1 Administração Acadêmica

A gestão do curso de Medicina Veterinária é feita pela Direção do Campus de Araguaína, Coordenador do Curso, Colegiado do Curso e Conselho Diretor do Campus, sendo estes gestores e órgãos colegiados de decisão de todas as atividades inerentes ao corpo discente, docente e administrativo ligados aos diferentes cursos da UFT, com a função de cumprir os objetivos do Planejamento Estratégico da UFT seguindo as premissas de seu Estatuto, Regimento e Plano de Desenvolvimento Institucional, onde se encontram a Missão da UFT e suas metas de ação a curto, médio e longos prazos.

3.2 Coordenação Acadêmica

A Coordenação acadêmica é planejada e executada pelo Colegiado do Curso e pela Coordenação, seguindo o regimento interno do curso de Medicina Veterinária instruído conforme regimento da instituição.

3.3 Projeto Acadêmico do Curso

3.3.1 Justificativa

O Curso de Medicina Veterinária da UFT é o único localizado no Estado do Tocantins, onde é crescente a demanda por profissionais na área de preservação ambiental, saúde pública e de produção animal.

A sociedade passa por transformações constantes, cabendo às instituições de ensino superior conceber cursos que estejam sempre adequados à nova realidade. A formação de médicos veterinários atentos às mudanças sociais, científicas e tecnológicas, requer o perfil de um profissional sob novos paradigmas, capacitado para lutar pelo desenvolvimento sustentável e engajado nos processos de defesa do meio ambiente, de produção de alimentos e promoção do bem estar animal e do desenvolvimento social.

Nas últimas décadas, a Medicina Veterinária tem experimentado um extraordinário progresso, avançando nas biotecnologias, nas áreas de clínica médica e cirúrgica, medicina veterinária preventiva e saúde pública, que associados às melhorias nas áreas de informática e comunicação, fazem emergir grandes desafios à formação do médico veterinário.

As áreas emergentes no Estado do Tocantins como etologia, manejo, conservação e clínica da fauna silvestre, avicultura, aquicultura, caprinocultura e gestão empresarial, dentre

outras, precisam ser atendidas. Torna-se necessária oferecer aos acadêmicos instrumentos teóricos, de modo que possam, a qualquer momento, corrigir rumos em sua formação e desenvolver experiência prática ao longo do curso.

O Curso de Medicina Veterinária da UFT visa formar profissionais competentes e com ampla cultura geral, capazes de primar pelas mais adequadas técnicas nos diferentes campos da Medicina Veterinária, e/ou tomar decisões realistas e engajadas com as necessidades sociais, caracterizar o bem estar humano e social como objetivo principal do processo educativo.

Neste contexto, não basta ensinar técnicas e métodos. É fundamental educar, preparando o indivíduo para interpretar carências sociais e promover ações de correção das distorções geradas pelas novas tendências econômicas e políticas do mundo atual. O compromisso do ensino está em preparar pessoas para atuarem frente às situações com as quais irão defrontar-se no futuro, com base no conhecimento mais significativo existente.

A produção animal, a saúde pública e o bem estar animal, sob diferentes aspectos, são referenciais de uma sociedade justa e organizada. O médico veterinário constitui o sustentáculo deste ramo do saber. Este profissional deve possuir conhecimentos teóricos e práticos referentes ao seu campo de atuação. Deve também ser capaz de relacionar-se com profissionais de outras áreas, mostrando grande capacidade de relacionamento interdisciplinar, condição importante para o ajuste necessário aos desafios da profissão.

As ações da Universidade devem estar direcionadas para a formação profissional e humana de indivíduos. Princípios democráticos, éticos e humanitários devem ser o norte orientador durante toda a formação acadêmica dos futuros profissionais.

3.3.2 Objetivos do curso

Promover a formação e a capacitação profissional de médicos veterinários para o exercício amplo de suas atribuições profissionais;

Oferecer a formação básica nos diversos campos das Ciências Agrárias e estimular o acadêmico a desenvolver um espírito crítico e reflexivo sobre os mesmos;

Desenvolver habilidades de comunicação, gestão administrativa, informática e de compreensão dos determinantes sociais e culturais envolvidos no exercício da profissão;

Proporcionar a formação do profissional em clínica e cirurgia, inspeção e tecnologia de produtos de origem animal, medicina veterinária preventiva e saúde pública, patologia, reprodução e biotecnologias, ecologia e etologia, genética e melhoramento, forragicultura e produção animal, nutrição e alimentação, tanto para animais domésticos quanto silvestres.

3.3.3 Perfil Profissiográfico

É proposto que o Médico Veterinário graduado pela UFT seja um profissional com formação generalista, com reconhecida capacidade de raciocínio lógico, observação, interpretação e análise de dados e informações, para identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade.

Os egressos deverão estar instruídos da responsabilidade com as vocações regionais, com preservação dos ecossistemas, contribuindo com o desenvolvimento da agropecuária, mas priorizando as bases da vida sem comprometer o futuro do homem e da humanidade.

O Curso de Medicina Veterinária habilitará o profissional egresso a construir atitudes de sensibilidade e compromisso social, ao mesmo tempo em que lhes provê sólida formação científica e profissional geral que os capacite a absorver e desenvolver tecnologias. Estará observando tanto o aspecto do progresso social quanto da competência científica e tecnológica, permitindo ao profissional a atuação crítica e criativa no reconhecimento e tomada de decisões com relação às necessidades dos indivíduos e grupos sociais.

3.3.4 Competências, Atitudes e Habilidades

O Médico Veterinário terá conhecimento teórico e habilidades para atuar nas seguintes áreas:

- a) Clínica e cirurgia de animais em todas as suas modalidades;
- b) Inspeção e fiscalização sob o ponto de vista higiênico, tecnológico e sanitário de produtos de origem animal;
- c) Ensino, planejamento, direção, coordenação e execução das biotecnologias da reprodução;
- d) Estudo da aplicação de medidas de saúde pública;

- e) Preservação do ecossistema e seus processos dinâmicos envolvendo a fauna e a flora;
- f) Exames zootécnicos, laboratoriais e pesquisas ligadas à biologia geral, zoologia e bromatologia;
- g) Pesquisa, planejamento, direção técnica, fomento, orientação, execução e controle de quaisquer trabalhos relativos à produção animal;
- h) Regência de cadeiras ou disciplinas Médico-Veterinárias, bem como direção das respectivas seções e laboratórios;
- i) Direção técnica e sanitária dos estabelecimentos industriais, comerciais ou de finalidade recreativa, relacionados aos animais ou seus produtos e subprodutos;
- j) Realizar perícias, elaborar e interpretar laudos técnicos em todos os campos de conhecimento da Medicina Veterinária;
- k) Assessoria técnica aos diversos órgãos da administração pública federal (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Ciência e Tecnologia, dentre outros), no país e no exterior, no que se refere aos assuntos relativos à produção e à indústria animal.

3.3.5 Estrutura Curricular do Curso de Medicina Veterinária

De acordo com a Resolução CNE/CES 1/2003 (DCN) que estabelece em seu Art. 6º que os conteúdos curriculares do curso de graduação em Medicina Veterinária deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, os seguintes campos de saber:

I - Ciências Biológicas e da Saúde – incluem-se os conteúdos (teóricos e práticos) de base moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos, bem como processos bioquímicos, biofísicos, microbiológicos, imunológicos, genética molecular e bioinformática em todo desenvolvimento do processo saúde-doença, inerentes à Medicina Veterinária.

II - Ciências Humanas e Sociais – incluem-se os conteúdos referentes às diversas dimensões da relação indivíduo/sociedade, contribuindo para a compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais e

conteúdos envolvendo a comunicação, a informática, a economia e gestão administrativa em nível individual e coletivo.

III - Ciências da Medicina Veterinária – incluem-se os conteúdos teóricos e práticos relacionados com saúde-doença, produção animal e ambiente, com ênfase nas áreas de Saúde Animal, Clínica e Cirurgia veterinárias, Medicina Veterinária Preventiva, Saúde Pública, Zootecnia, Produção Animal e Inspeção e Tecnologia de Produtos de origem Animal, contemplando os conteúdos teóricos e práticos a seguir:

a) Zootecnia e Produção Animal - envolvendo sistemas de criação, manejo, nutrição, biotécnicas da reprodução, exploração econômica e ecologicamente sustentável, incluindo agronegócios.

b) Inspeção e Tecnologia dos Produtos de Origem Animal - incluindo classificação, processamento, padronização, conservação e inspeção higiênica e sanitária dos produtos de origem animal e dos seus derivados.

c) Clínica Veterinária - incorporando conhecimentos de clínica, cirurgia e fisiopatologia da reprodução com ênfase nos aspectos semiológicos e laboratoriais, visando a determinação da etiopatogenia, do diagnóstico e dos tratamentos médico ou cirúrgico das enfermidades de diferentes naturezas.

d) Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública - reunindo conteúdos essenciais às atividades destinadas ao planejamento em saúde, a epidemiologia, controle e erradicação das enfermidades infecto-contagiosas, parasitárias e zoonoses, saneamento ambiental, produção e controle de produtos biológicos.

O Sistema Acadêmico a ser adotado pelo Curso de Graduação em Medicina Veterinária a partir do segundo semestre letivo de 2012, será o regime semestral.

O currículo do Curso de Graduação em Medicina Veterinária é constituído por um conjunto de atividades acadêmicas distribuídas nas seguintes categorias:

a) disciplinas obrigatórias;

b) atividades acadêmicas especiais de natureza obrigatória, correspondentes a estágio supervisionado e a realização do número mínimo de disciplinas optativas;

c) atividades acadêmicas complementares:

- participação do estudante em monitoria acadêmica
- projetos de ensino, de pesquisa, de extensão e integrados
- programas de extensão

- programas de formação complementar no ensino de graduação
- disciplinas especiais
- cursos de extensão
- participação em eventos
- estágios voluntários

A Matriz Curricular do curso de Medicina Veterinária a ser implantada gradativamente a partir do segundo semestre letivo de 2012, fica assim estabelecida:

Sendo:

CR = Créditos

TE = Carga Horária Teórica

PR = Carga Horária Prática

CHT = Carga Horária Total

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

1º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
01	Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos I	6	30	60	90	-
02	Bioquímica I	5	45	30	75	-
03	Histologia e Embriologia Básicas	4	30	30	60	-
04	Bioestatística	3	45	-	45	-
05	Introdução à Informática	2	15	15	30	-
06	Zoologia dos Vertebrados	2	30	-	30	-
07	Bioética e Bem Estar Animal	2	30	-	30	-
08	Biofísica	3	30	15	45	-
TOTAL 1º PERÍODO		27	-	-	405	

2º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
09	Anatomia Descritiva dos	6	30	60	90	Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos I

Animais Domésticos II						
10	Bioquímica II	5	45	30	75	Bioquímica I/Biofísica
11	Histologia Veterinária	4	30	30	60	Histologia e Embriologia Básica
12	Técnicas Experimentais	3	30	15	45	Bioestatística
13	Metodologia Científica e Produção de Texto	3	45	-	45	-
14	Ecologia e Saúde Ambiental	2	30	-	30	-
15	Genética Básica e Animal	4	45	15	60	-
TOTAL 2º PERÍODO		27	-	-	405	

3º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
16	Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos	4	30	30	60	Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos II
17	Microbiologia Geral	4	30	30	60	Bioquímica II
18	Alimentos e Alimentação	2	30	-	30	Bioquímica I
19	Fisiologia Veterinária I	4	45	15	60	Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos II/Bioquímica II/Biofísica/Histologia Veterinária
20	Parasitologia Veterinária I	4	30	30	60	Histologia Veterinária
21	Deontologia Veterinária	2	30	-	30	-
22	Sociologia Rural	2	30	-	30	Metodologia Científica e Produção de Texto
23	Forragicultura	2	30	-	30	-
24	Optativa	3	30	15	45	-
TOTAL 3º PERÍODO		27	-	-	405	

4º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
25	Imunologia Veterinária	4	30	30	60	Histologia Veterinária
26	Parasitologia Veterinária II	4	30	30	60	Parasitologia Veterinária I
27	Economia e Administração Rural	4	45	15	60	Sociologia Rural / Técnicas Experimentais

28	Fisiologia Veterinária II	4	45	15	60	Fisiologia Veterinária I
29	Microbiologia Especial	4	30	30	60	Microbiologia Geral
30	Nutrição Animal I	3	30	15	45	Fisiologia Veterinária I /Alimentos e Alimentação
31	Farmacologia Veterinária I	4	45	15	60	Fisiologia Veterinária I
TOTAL 4º PERÍODO		27	-	-	405	

5º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
32	Patologia Geral	5	45	30	75	Imunologia Veterinária/Fisiologia Veterinária II/Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
33	Farmacologia Veterinária II	4	45	15	60	Farmacologia Veterinária I
34	Diagnóstico por Imagem	4	30	30	60	Biofísica/Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
35	Produção Animal I (Avicultura e Suinocultura)	4	30	30	60	Nutrição Animal I
36	Epidemiologia	4	45	15	60	Microbiologia Especial/Parasitologia Veterinária II
37	Semiologia Veterinária	6	60	30	90	Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos/Fisiologia Veterinária II
38	Nutrição Animal II	3	30	15	45	Nutrição Animal I
TOTAL 5º PERÍODO		30	-	-	450	

6º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
39	Patologia Especial	6	60	30	90	Patologia Geral
40	Doenças Parasitárias	5	45	30	75	Epidemiologia/Farmacologia Veterinária II
41	Melhoramento Genético	4	45	15	60	Genética Básica Animal/ Técnicas Experimentais
42	Patologia Clínica Veterinária	5	45	30	75	Patologia Geral
43	Anestesiologia Veterinária	6	30	60	90	Farmacologia Veterinária II/Semiologia Veterinária
44	Produção Animal II (Bovinocultura de Corte e Leite)	4	30	30	60	Nutrição Animal II
TOTAL 6º PERÍODO		30	-	-	450	

7º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
45	Clínica Médica de Ruminantes I	4	30	30	60	Semiologia Veterinária/Patologia Clínica Veterinária/ Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/ Doenças Parasitárias
46	Clínica Médica de Pequenos Animais I	4	30	30	60	Semiologia Veterinária/ Patologia Clínica Veterinária / Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/ Doenças Parasitárias
47	Técnica Cirúrgica Veterinária	6	30	60	90	Anestesiologia Veterinária/ Microbiologia Especial/ Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
48	Fisiopatologia da Reprodução Animal	6	60	30	90	Patologia Especial/Semiologia Veterinária
49	Doenças Infectocontagiosas I	4	45	15	60	Epidemiologia/Patologia Especial
50	Toxicologia Aplicada à Medicina Veterinária	4	45	15	60	Farmacologia Veterinária II/ Patologia Especial
TOTAL 7º PERÍODO		28	-	-	420	

8º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
51	Clínica Médica de Ruminantes II	4	30	30	60	Clínica Médica de Ruminantes I
52	Clínica Médica de Pequenos Animais II	4	30	30	60	Clínica Médica de Pequenos Animais I
53	Clínica Médica de Equídeos	4	30	30	60	Semiologia Veterinária/ Patologia Clínica Veterinária / Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/ Doenças Parasitárias
54	Clínica Cirúrgica Veterinária	6	30	60	90	Patologia Especial/ Patologia Clínica Veterinária / Diagnóstico por Imagem/ Técnica Cirúrgica Veterinária
55	Doenças Infectocontagiosas II	4	45	15	60	Doenças Infectocontagiosas I
56	Extensão Rural	3	30	15	45	Sociologia Rural
57	Optativa	3	30	15	45	-
TOTAL 8º PERÍODO		28	-	-	420	

9º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
58	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	6	60	30	90	Doenças Infectocontagiosas II/Doenças Parasitárias
59	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	6	60	30	90	Doenças Infectocontagiosas II
60	Obstetrícia Veterinária	6	30	60	90	Patologia Clínica Veterinária/ Fisiopatologia da Reprodução Animal/Técnica Cirúrgica Veterinária/Doenças Infectocontagiosas II
61	Técnicas e Estudos Especiais em Reprodução Animal	3	30	15	45	Fisiopatologia da Reprodução Animal
62	Higiene e Saúde Pública	3	30	15	45	Doenças Infectocontagiosas II/Doenças Parasitárias
TOTAL 9º PERÍODO		24	-	-	360	

10º PERÍODO						
CO D	DISCIPLINA	C R	T E	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
63	Estágio Curricular Supervisionado	26	-	-	390	100% das disciplinas anteriores 6 créditos de disciplinas optativas 6 créditos de atividades complementares
TOTAL	275	-	-	412	5	-

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

	CR	TE	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
Total de Atividades Complementares**	6	-	-	90	-

**A pontuação para as atividades complementares deve seguir a Resolução N° 009/2005 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE.

TOTAL PARA INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO

	CRÉDITOS	HORAS
Disciplinas Obrigatórias	268	4020
Disciplinas Optativas	6	90
Atividades Complementares	6	90

TOTAL	280	4200
--------------	------------	-------------

LISTA DE DISCIPLINAS OPTATIVAS

COD	DISCIPLINA	CR	TE	PR	CHT	PRÉ-REQUISITO
64	Bioterismo	3	30	15	45	-
65	Didática em Apresentações	3	15	30	45	-
66	Libras	3	45	-	45	-
67	Manejo e Clínica de Animais Silvestres	4	30	30	60	Semiologia Veterinária/Patologia Clínica Veterinária/Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/Doenças Parasitárias
68	Medicina Veterinária Legal	3	30	15	45	Patologia Especial
69	Monitoramento Anestésico	3	15	30	45	Anestesiologia Veterinária
70	Ornitopatologia	3	30	15	45	Patologia Especial
71	Práticas Ambulatoriais em Pequenos Animais	3	30	15	45	Fisiologia Veterinária II/Farmacologia Veterinária II/Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
72	Práticas Laboratoriais em Análises de Alimentos e de Água	3	-	45	45	Microbiologia Especial
73	Produção Animal III	4	30	30	60	Nutrição Animal II
74	Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução em Pequenos Animais	3	30	15	45	Técnica Cirúrgica Veterinária

Por disciplina optativa entende-se aquela que complementa a formação proporcionada pelo núcleo de disciplinas obrigatórias. Estas disciplinas constituem grupos inter-relacionados destinados ao aprofundamento na linha do conhecimento. A oferta das disciplinas optativas será autorizada pelo Colegiado e levará em consideração a disponibilidade do docente, a formação das turmas com no mínimo quinze alunos com frequência regular e, a necessidade de oferta regular no curso.

O acadêmico deverá fazer ao longo do Curso de Medicina Veterinária no mínimo duas disciplinas optativas, totalizando seis créditos. O aluno poderá cursar apenas uma disciplina optativa em outro colegiado, porém desde que se mantenha a coerência com o atual PPC.

As atividades complementares devem ser apresentadas junto ao Setor de Protocolo da EMVZ que, posteriormente, as encaminhará para a Coordenação de Curso para a validação e confecção da ata, a qual será registrada pela secretaria acadêmica no Histórico Escolar do aluno. Só serão válidas as atividades complementares realizadas durante o curso de graduação em Medicina Veterinária e devem consistir de atividades de pesquisas, participação e organização em/de eventos técnico-científico e de extensão, publicações, estágios extras curriculares, monitorias entre outros.

As disciplinas básicas e profissionalizantes que apresentam também carga horária

prática, deverão realizar atividades práticas sendo que a turma terá no máximo vinte alunos.

O Estágio Curricular Supervisionado é coordenado por um(a) docente do quadro permanente, escolhido pelo colegiado de curso e, terá o peso equivalente a uma disciplina de cinco créditos.

3.3.6 Ementas

A seguir, apresentamos o ementário das disciplinas, obrigatória e optativas, que compõem a grade curricular do curso de Medicina Veterinária.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

EMENTAS DAS ATIVIDADES CURRICULARES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

1º Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos I
Carga Horária: 90 horas (30h teóricas e 60h práticas)
Ementa: Estudo da organização macroscópica dos animais domésticos. Sistema Esquelético. Sistema Muscular. Sistema Tegumentar. Sindesmologia.
Bibliografia básica: DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. Tratado de Anatomia Veterinária . 2ª ed. Elsevier, 2004. 872 p. EVANS, H. E.; DeLAHUNTA, A. Guia para a dissecação do cão . 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan. 250 p. SALOMON, F. V.; GEYER, H. Atlas de anatomia aplicada dos animais domésticos . 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006, 242 p. SISSON, S.; GROSSMAN, J. D. Anatomia dos animais domésticos Getty , 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2 v. 2000 p.
Bibliografia complementar: ASHDOWN, R. R.; DONE, S. H. Atlas colorido de Anatomia Veterinária. Os ruminantes . São Paulo: Editora Manole, v. 1, 1987. ASHDOWN, R. R.; DONE, S. H.; FERREIRA, N. Atlas colorido de Anatomia Veterinária. O cavalo . São Paulo: Editora Manole, v. II, 1989. BAUMEL, J. J.; KING, A. S.; LUCAS, A. M.; BREAZILE, J. E.; EVANS, H. E. Handbook of avian anatomy: nomina anatomica avium . 2. ed. Cambridge: Nuttall Ornithological Club, 1973. 779 p. BUDRAS, K. D.; FRICKE, W.; MCCARTHY, P. H. Anatomy of the dog . An illustrated text. 3. ed London: Mosby-Wolfe, 1994. 124 p. BUDRAS, K. D.; SACK, W. O.; ROCK, S. Anatomy of the horse . An illustrated text. 2 ed. London: Mosby-Wolfe, 1994. 165 p. CONSTANTINESCU, G. M. Anatomia clínica de pequenos animais . Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005, 355 p. FERREIRA, N. Tópicos de anatomia topográfica veterinária . São Paulo: Ed. Manole, 1991. GODINHO, H. P.; CARDOSO, F. M.; NASCIMENTO, J. F. Anatomia dos ruminantes domésticos . Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. Belo Horizonte, 1984. KÖNIG, H.E.; LIEBICH, H.-G. Anatomia dos animais domésticos . Vol. 2. Artmed, Porto Alegre. 2004. 399p. MACHADO, A. B. M. Neuroanatomia funcional . 2ª ed. Livraria Atheneu, 1993. POPESKO, P. Atlas de anatomia topográfica dos animais domésticos . São Paulo: Editora Manole, 3ª ed, 3 v, 1997. SCHWARZE, E. Compendio de Anatomia Veterinária . Editorial Acribia Zaragoza, v. 5. 1998. SCHWARZE, E. Compendio de anatomia veterinária – aparato locomotor . Editorial Acribia Zaragoza, v. 1, 1984.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Bioquímica I
Carga Horária: 75 horas (45h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Estudo da estrutura, importância, propriedades e conformação molecular dos principais componentes químicos dos seres vivos, bem como as funções resultantes de sua interação molecular: carboidratos, lipídeos, aminoácidos e proteínas e ácidos nucleicos. Estudo das enzimas, suas propriedades, cinética e inibição. Estudo das membranas e mecanismos de transporte.
Bibliografia Básica: CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A.; FERRIER, D. R. Bioquímica Ilustrada . Artmed, 2009. 4ª ed. 528p. I.S.B.N.: 9788536317137. LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios de Bioquímica . São Paulo, Sarvier, 2010. 5ª ed. 1273p. I.S.B.N.: 9788536324180. VOET, D.; VOET, J.G.; PRATT, C.W. Fundamentos de Bioquímica: A Vida em Nível Molecular . São Paulo, Artmed, 2008. 1241p. ISBN: 9788536313474
Bibliografia Complementar: CONN, E. E; STUMPF, P. K. Introdução à Bioquímica . São Paulo, Edgard Blucher, 1984. 524p. [ISBN 8521201583] CAMPBELL, M. K. Bioquímica . Porto Alegre, Artmed, 2000. STRYER, L. Bioquímica . Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2008. 1114p. 6ª ed. ISBN: 9788527713696 VIEIRA, E. C.; GAZZINELLI, G.; MARES-GUIA, M. Bioquímica Celular e Biologia Molecular . Ed. Atheneu, 1999. 396p. - 2ª Edição (ISBN 8573791535)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Histologia e Embriologia Básica

Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)

Ementa:

Identificação dos diversos tipos de células, variações morfológicas e estruturais destas células e os tecidos básicos, epitelial, conjuntivo, muscular e nervosoformados a partir da reunião de células semelhantes na forma e ou na função. Identificação das estruturas microscópicas, reprodução através de desenhos, com o uso de microscópio óptico de campo claro. Reconhecimento das etapas embriológicas desde a gametogênese, fertilização, implantação, diferenciação dos tecidos e a organogênese animal, com formação dos anexos embrionários e placenta.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, 1999. **Embriologia Veterinária Comparada**. 1ª ed. Editora: Guanabara Koogan.
BANKS, WILLIAN J. 1992. **Histologia Veterinária Aplicada**. 2ª ed. Editora Manole.
DELLMANN, H.D.; BROWN, E. M. 1982. **Histologia Veterinária**. Editora Guanabara Koogan.
JUNQUEIRA & CARNEIRO, 2008. **Histologia Básica**, 11ª ed. Editora Guanabara Koogan

Bibliografia Complementar:

CARVALHO & PIMENTEL, 2001. **A Célula**. 1ª ed. Editora Manole
COOPER & GEOFREY, 2001. **A Célula: Uma Abordagem Molecular**. 2ªed. Editora Artes Médicas Sul.
GEORGE & CASTRO, 1998. **Histologia Comparada**. 2ª ed. Editora Roca.
MOORE, L. K.; PERSAUD, T. V. N. 2004. **Embriologia Básica**. 6ª Ed. Editora Guanabara Koogan



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Bioestatística
Carga Horária: 45 horas (45h teóricas)
Ementa Estatística Descritiva. Apresentação de dados em tabelas e gráficos. Medidas de Tendência Central e Variabilidade. Correlação e Regressão. Probabilidade. Distribuições de Variáveis Aleatórias Discretas e Contínuas. Testes de hipótese.
Bibliografia Básica CALLEGARI-JACQUES, S.M. Bioestatística Princípios e Aplicações . Porto Alegre: ARTMED, 2003. 255 p. CENTENO, A.J. Curso de Estatística Aplicada à Biologia . 2. ed. 2. reimpr. Goiânia: UFG Editora, 2002. 234 p. REIS, J.G. Estatística Aplicada à Pesquisa em Ciência Veterinária . Olinda: J.R.C., 2003. VIEIRA, S. Introdução à Bioestatística . 3. ed. Rio de Janeiro, Ed. Campus. 1998. 196 p.
Bibliografia Complementar BEIGUELMAN, B. Curso Prático de Bioestatística . 4 ed. revisada, Ribeirão Preto: SBG, 1996, 242p..



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Introdução à Informática
Carga Horária: 30 horas (15h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Sistemas computacionais, sistema operacional, ambiente gráfico dos sistemas operacionais, processador de texto, processador de gráficos e planilhas eletrônicas, processador de apresentações.
Bibliografia Básica CAPRON, H. L. Introdução à Informática . Tradução José Carlos Barbosa dos Santos; revisão técnica Sérgio Guedes de Souza. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. HART-DAVIS, G. Word 2000 ; prático e Fácil. São Paulo: Makron Books, 2005. MANZANO, A. Luiz N. G.; MANZANO, J. C. N. G. Estudo Dirigido de Windows XP . 7ª ed. São Paulo: Makron Books 2007. MANZANO, André Luiz N. G, MANZANO, João Carlos N. G. Estudo Dirigido de PowerPoint 2000 . São Paulo: Makron Books, 2005. TORRES, G. Hardware: Curso Completo . 4. ed. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2001. WEISSKOPF, Gene. Excel 2000 : prático e Fácil. São Paulo: Makron Books, 2000
Bibliografia Complementar COURTER, G., MARQUIS, A., Microsoft Office 2000 - Prático e Fácil . Editora Makron Books, 2000. MICROSOFT, Press. MS Office 2000 – Interação Entre os Aplicativos . Editora Makron Books, 2003 NORTON, P. Introdução à informática – Editora Makron Books – São Paulo – 1997.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Zoologia dos Vertebrados

Carga Horária: 30 horas (30h teóricas)

Ementa:

História da Zoologia, princípios de evolução, classificação e nomenclatura. Distribuição geológica e geográfica, métodos de identificação dos vertebrados, captura e preparação de peças. Estudo da morfologia, biologia e evolução dos seguintes grupos: Filo Chordata, Subfilos Urochordata, Cephalochordata e Vertebrata, Classes Agnatha, Chondrichthyes, Osteichthyes, Amphibia, Reptilia, Aves e Mammalia. Comportamento, uso e ética com animais.

Bibliografia Básica:

HILDEBRAND, M. 1995. **Análise da Estrutura dos Vertebrados**. Atheneu Editora São Paulo.

POUGH, F. H.; HEISER, J. B.; McFARLAND, W. N. 1999. **A Vida dos Vertebrados**. Atheneu Editora São Paulo.

STORER, T. I.; USINGER, R. L.; STEBBINS, R. C. & NYBAKKEN, J. W. 1984. **Zoologia Geral**. Companhia Editora Nacional.

Bibliografia Complementar:

HOFLING, E.; OLIVEIRA, A. M. S.; RODRIGUES, M. T.; TRAJANO, E.; ROCHA, P. L. B. 1995. **Chordata**. EDUSP.

LOPES, S. 1997. **Bio**. Volume 2. Editora Saraiva.

ROMER, A. S.; PARSONS, T. S. 1985. **Anatomia Comparada dos Vertebrados**. Atheneu Editora São Paulo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Bioética e Bem Estar Animal

Carga Horária: 30 horas (30h teóricas)

Ementa:

A questão ética na experimentação animal. Avaliação do bem estar e as cinco liberdades. Indicadores fisiológicos e comportamentais de bem estar. Avaliação e manejo de bem estar em grupo. Legislação de proteção. Avaliação e questões de animais de produção. Abate de animais de produção. Animais utilizados em experimentos. O princípio dos 3Rs e métodos alternativos.

Bibliografia Básica:

BOOTH, F. W. Ethical Dilemmas. *Nature*. v 340, p. 672, 1989.

BROOM, D. M. The veterinary relevance of farm animal ethology. *Veterinary Record*. v. 121, n. 17, p. 400-402.

PAIXÃO, R. L. A. **Etica na publicação de trabalhos envolvendo o uso de animais**. Clínica Veterinária, São Paulo, v. 5, n. 28, p. 16-18, 2000.

PAIXÃO, R. **Bioética e medicina veterinária: um encontro necessário**. CFMV- Conselho. Federal de Medicina Veterinária. v.7, n. 23, p. 20-23, 2001.

Bibliografia Complementar:

ZANELLA, A. J. Descaso com o bem estar animal: fator limitante para a exportação de carnes e produtos de carnes e produtos derivados do Brasil para a União Européia. **A Hora Veterinária**. v 20, n. 116, p. 28-29, 2000.

ZANELLA, A. J. Recentes avanços na pesquisa e ensino sobre bem estar animal nos Estados Unidos. **A Hora Veterinária**. v. 16, n. 94, p. 48-49, 1996.

WSPA - World society for the protection of animals. Conceitos em bem-estar animal. Um roteiro para auxiliar o ensino de bem-estar animal em faculdades de medicina veterinária e zootecnia. London: WSPA, 2002. 31 p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Biofísica
Carga Horária: 45 horas (30 h teóricas e 15 práticas)
Ementa: Estudo das soluções aquosas, pH e soluções tampão. Biofísica das funções celulares: Água, gases e pressão do meio celular. Biofísica das membranas, mecanismos de transporte e bioeletricidade. Princípios de bioenergética. Estudo da radioatividade, radiações ionizantes e excitantes. Biofísica da função renal e da respiração.
Bibliografia Básica: CUNNINGHAM, J. G. Tratado de Fisiologia Veterinária . 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 596p. GARCIA, E. A. C. Biofísica , São Paulo, Ed. Sarvier, 2002. 388p. ISBN: 8573780819 HENEINE, I. F. Biofísica Básica . São Paulo, Atheneu, 2002. 391p. ISBN: 8573791225 LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios de Bioquímica . São Paulo, Sarvier, 2010. 5ª ed. 1273p. I.S.B.N.: 9788536324180
Bibliografia Complementar: CONN, E. E.; STUMPF, P. K. Introdução à Bioquímica . São Paulo, Edgard Blucher, 1984. 524p. [ISBN 8521201583] DURAN, J. E. R. Biofísica: fundamentos e aplicações . São Paulo, Makron Books, 2003. 318p. ISBN-13: 9788587918321 VOET, D.; VOET, J. G.; PRATT, C. W. Fundamentos de Bioquímica: A Vida em Nível Molecular . São Paulo, Artmed, 2008. 1241p. ISBN: 9788536313474 VIEIRA, E.C.; GAZZINELLI, G.; MARES-GUIA, M. Bioquímica Celular e Biologia Molecular . Ed. Atheneu, 1999. 396p. - 2ª Edição (ISBN 8573791535)

2º Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Anatomia descritiva dos Animais Domésticos II
Pré-requisito: Anatomia descritiva dos Animais Domésticos I
Carga Horária: 90 horas (30h teóricas e 60h práticas)
Ementa Estudo da organização macroscópica dos animais domésticos: Sistema respiratório, Sistema circulatório, Sistema digestório, Sistema urogenital, Sistema endócrino, Sistema nervoso, órgãos dos sentidos e anatomia das aves.
Bibliografia básica DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. Tratado de anatomia veterinária . 2ª ed. Elsevier, 2004. 872 p. EVANS, H. E.; deLAHUNTA, A. Guia para a dissecação do cão . 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan. 250 p. SALOMON, F. V.; GEYER, H. Atlas de anatomia aplicada dos animais domésticos . 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006, 242 p. SISSON, S.; GROSSMAN, J. D. Anatomia dos animais domésticos Getty , 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2 v. 2000 p.
Bibliografia complementar ASHDOWN, R. R.; DONE, S. H. Atlas colorido de anatomia veterinária. Os ruminantes . São Paulo: Editora Manole, v. I, 1987. ASHDOWN, R. R.; DONE, S. H.; FERREIRA, N. Atlas colorido de anatomia veterinária. O cavalo . São Paulo: Editora Manole, v. II, 1989. BAUMEL, J. J.; KING, A. S.; LUCAS, A. M.; BREAZILE, J. E.; EVANS, H. E. Handbook of avian anatomy: nomina anatomica avium . 2. ed. Cambridge: Nuttal Ornithological Club, 1973. 779 p. BUDRAS, K. D.; FRICKE, W.; MCCARTHY, P. H. Anatomy of the dog . An illustrated text. 3.ed London: Mosby-Wolfe, 1994. 124 p. BUDRAS, K. D.; SACK, W. O.; ROCK, S. Anatomy of the horse . An illustrated text. 2 ed. London: Mosby-Wolfe, 1994. 165 p. CONSTANTINESCU, G. M. Anatomia clínica de pequenos animais . Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005, 355 p. FRANDSON, R. D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. Anatomia e fisiologia dos animais de fazenda . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 6ª ed. 2005. 454 p. GODINHO, H. P.; CARDOSO, F. M.; NASCIMENTO, J. F. Anatomia dos ruminantes domésticos . Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. Belo Horizonte, 1984. KÖNIG, H.E.; LIEBICH, H.-G. Anatomia dos animais domésticos . vol. 2. Artmed, Porto Alegre. 2004. 399p. MACHADO, A. B. M. Neuroanatomia funcional . 2ª ed. Livraria Atheneu, 1993. McLELLAND, J. A color atlas of avian anatomy . Philadelphia: W.B. Saunders Company, 1991 NICKEL, R.; SCHUMMER, A; SEIFERLE, E. The viscera of the domestic mammals . Verlag Paul Parey, Berlin, 1973 POPESKO, P. Atlas de anatomia topográfica dos animais domésticos . São Paulo: Editora Manole, 3ª ed, 3 v, 1997. SCHWARZE, E. Compendio de Anatomia Veterinaria . Editorial Acribia Zaragoza, 5 v. 1998.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Bioquímica II
Pré-requisito: Bioquímica I/Biofísica
Carga Horária: 75 horas (45h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Estudo do metabolismo intermediário e dos mecanismos celulares de obtenção, transformação e síntese das substâncias orgânicas, bem como o fornecimento de energia para manutenção do metabolismo celular: glicólise e gliconeogênese, via das pentoses-fosfato, complexo piruvato desidrogenase, ciclo dos ácidos tricarbóxicos, ciclo do glioxalato, cadeia transportadora de elétrons e fosforilação oxidativa, fotossíntese, metabolismo (oxidação e biossíntese) de lipídeos, aminoácidos, ácidos nucleicos. Estudo da integração do metabolismo.
Bibliografia Básica: CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A.; FERRIER, D. R. Bioquímica Ilustrada . Artmed, 2009. 4ª ed. 528p. I.S.B.N.: 9788536317137 LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios de Bioquímica . São Paulo, Sarvier, 2010. 5ª ed. 1273p. I.S.B.N.: 9788536324180 VOET, D.; VOET, J. G.; PRATT, C. W. Fundamentos de Bioquímica: A Vida em Nível Molecular . São Paulo, Artmed, 2008. 1241p. ISBN: 9788536313474
Bibliografia Complementar: CONN, E. E.; STUMPF, P. K. Introdução à Bioquímica . São Paulo, Edgard Blucher, 1984. 524p. [ISBN 8521201583] CAMPBELL, M. K. Bioquímica . Porto Alegre, Artmed, 2000. STRYER, L. Bioquímica . Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2008. 1114p. 6ª ed. ISBN: 9788527713696 VIEIRA, E. C.; GAZZINELLI, G.; MARES-GUIA, M. Bioquímica Celular e Biologia Molecular . Ed. Atheneu, 1999. 396p. - 2ª Edição (ISBN 8573791535)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Histologia Veterinária
Pré-requisito: Histologia e Embriologia Básica
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Diagnóstico de diversos tipos de tecidos que compõem os órgãos e sistemas reprodutor, endócrino, respiratório, urinário, digestório, tegumentar e linfático. Conhecimento sobre as características estruturais e aspectos funcionais dos tecidos componentes do organismo animal, sua distribuição nos órgãos e sistemas deste organismo. Origem embrionária dos tecidos que os constituem.
Bibliografia Básica: ALMEIDA, 1999. Embriologia Veterinária Comparada . 1ª ed. Editora: Guanabara Koogan. BANKS, W. J. 1992. Histologia Veterinária Aplicada . 2ª ed. Editora Manole. JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. 2008. 11ª Ed. Histologia Básica . Editora Guanabara Koogan. MOORE, L. K. & PERSAUD, T. V. N. 2004. Embriologia Básica . 6ª Ed. Editora Guanabara Koogan.
Bibliografia Complementar: COOPER & GEOFFREY, 2001. A Célula: Uma Abordagem Molecular . 2ª ed. Editora Artes Medicas Sul. DELLMANN, H. D., BROWN, E. M. 1982. Histologia Veterinária . Editora Guanabara Koogan GEORGE & CASTRO, 1998. Histologia Comparada . 2ª ed. Editora Roca. KUHNEL, 1997. Atlas De Citologia E Histologia . 9ª ed. Editora Marban Libros. SAMUELSON, D.A. 2010. Tratado de Histologia Veterinária . 1ª Ed. Editora Elsevier. ROSS, M.H.; REITH, E.J.; ROMRELL, L.J. 1993. Histologia - Texto e Atlas . 2 ed. Editora Panamericana.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Técnicas Experimentais
Pré-requisito: Bioestatística
Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)
Ementa Princípios básicos de experimentação; Contrastes; Delineamentos experimentais; Análise de regressão; Testes de significância de médias; Interpretação dos dados das análises estatísticas; Procedimentos estatísticos com utilização de programas computacionais de análise estatística
Bibliografia Básica GOMES, F. P. Curso de estatística experimental. 13ª Ed. São Paulo. Editora Nobel. 1990. 469p. PIMENTEL, G. F. A estatística moderna na experimentação animal. Piracicaba Potafos, 1984. REIS, J. C. Estatística aplicada à pesquisa em ciências veterinária. Olinda: JRC, 2003. SAMPAIO, I. B. M. Estatística aplicada a experimentação animal. 2ª Ed. Belo Horizonte. Editora FEPMVZ. 2002. 265p
Bibliografia Complementar Livros: FONSECA, J. S. da; MARTINS, G. de A. Curso de estatística. 5ª Ed. São Paulo. Editora Atlas. 1995. 317p. TRIOLA, M. F. Introdução a Estatística. 10ª Ed. Rio de Janeiro: LCT. 2008 Revistas científicas: Periódicos científicos presentes no “Portal Periódicos da CAPES”, relacionados as ciências zootécnicas e afins



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Metodologia Científica e Produção de Texto
Carga Horária: 45 horas (45h teóricas)
Ementa: Leitura e análise de texto, o conhecimento científico, pesquisa (tipos de pesquisa), revisão bibliográfica, publicações científicas, projeto, monografias, dissertações, teses, relatório de pesquisa, seminários. Normalização bibliográfica.
Bibliografia Básica: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa . 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p. LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica . 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001. MORAES, A. C. M. A. Metodos de pesquisa científica . São Paulo: Roca, 2006. 322p. DOS SANTOS, A. R. Metodologia científica – a construção do conhecimento . 6.ed. Rios de Janeiro: DP&A Editora. 2004. 166p.
Bibliografia Complementar: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS: NBR 6023/2003: Informação e documentação: Referências – elaboração, Rio de Janeiro, 2003. HUHNE, L. M. Metodologia científica – cadernos de textos e técnicos . Agir. 2002. SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Ecologia e Saúde ambiental

Carga Horária: 30 horas (30h teóricas)

Ementa:

Noções básicas de ecologia. Estrutura e funcionamento do ecossistema. Fatores ecológicos no ecossistema. Ecologia de populações. Ecologia de comunidades. Principais tipos de ecossistemas. Biodiversidade. Impactos ambientais e conservação dos ecossistemas aquáticos. Agroecossistemas caracterização e conservação ambiental. Proteção ambiental. Gestão ambiental e Desenvolvimento sustentável.

Bibliografia Básica:

DAJOZ, R. **Princípios de Ecologia**. 7. ed., Editora Artmed, 2005.
GIANSANTI, R. **O Desafio do Desenvolvimento Sustentável**. Editora Atual, 1998.
RICKLEFS, R. E. **A Economia da Natureza**. 3. ed., Editora Guanabara Koogan S.A, 1993.
ODUM, E. P. **Ecologia**. Editora Guanabara, 1988.

Bibliografia Complementar:

PRIMAVERSI, A. **Manejo Ecológico de Pastagem**, Editora Nobel, 1993.
PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos em Ecologia**. 1. ed., Editora Artmed, 2002.
DAJOZ, R. **Ecologia Geral**. Editora Vozes, 1983.
AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. **Agroecologia: Princípios Técnicos para uma Agricultura Orgânica Sustentável**. Editora Embrapa, 2005.
MOREIRA, F. M. S.; SIQUEIRA, J. O.; BRUSSARD, L. **Biodiversidade do solo em ecossistemas Brasileiros**. Editora Ufla, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Genética Básica e Animal

Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)

Ementa:

Generalidades da genética, Histórico. Base física da hereditariedade. Mendelismo. Extensões ao Mendelismo. Citogenética. Estrutura molecular, Alterações e função dos cromossomos e genes. Padrões de herança monogênica e multifatorial. Recombinação e mutação. Genética da Determinação e Diferenciação do sexo nos mamíferos. Genética Molecular. Padrões de Herança da Pelagem em Equídeos, Bovinos e Cães e Gatos. Padrões de Herança de chifres em Bovinos e Caprinos. Genética Molecular. Mecanismos de Regulação Gênica. Polimorfismos. Genético de populações. Imunogenética e Farmacogenética. Genética dos distúrbios com herança multifatorial. Genética do câncer. Formação de raças e espécies. Noções de genética molecular aplicada ao melhoramento animal

Bibliografia Básica:

BURNS, G. W., ROTTINS, P. J. **Genética**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S.A. 1996.485p.
GRIFFITHS, A. J. F., MILLER, J. H., LEWONTIN, R. C. **Introdução a Genética**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S.A. 2005.642p.
RAMALHO, M., SANTOS, J. B., PINTO, C. B. **Genética na Agropecuária**. São Paulo. Globo. 8ª edição. 2005. 342p.
SNUTAD, P., SIMMONS, M. J. **Fundamentos de Genética**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S.A. 2002.532p.

Bibliografia Complementar:

ALBERTS, B., BRAY, D., LEWIS, J., RAFF, M. ROBERTS, K., WATSON, J. **Biologia Molecular da Célula**, Artmed. Porto Alegre, RS. 2000. 1245p.
BEIGUELMAN, B. **Citogenética Humana**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S.A. 1996.478p
BROWN,TA. **Genética: um enfoque molecular. 2000**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S.A. 388p.
COSTA, SO. **Genética molecular e de Microrganismos**. Manole. São Paulo. 1994. 378p.
COX & NELSON. Hehninger: **Princípios de Bioquímica**. Savier. Porto Alegre, RS. 2005. 782p.
NICHOLAS, F. W. **Introdução a genética veterinária**. Porto Alegre, artes médicas sul, 1999. 278p.
OTTO, P. G. **Genética básica para veterinária**. São Paulo, Editora Rocca, 1994, 48p

3º Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
Pré-requisito: Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos II
Carga Horária: 60 horas (30 teóricas e 30 práticas)
Ementa: Introdução à anatomia topográfica. Sintopia geral dos órgãos. Tipos constitucionais. Pelvilogia e Pelvimetria. Topografia das vísceras. Mecânica do corpo. Regiões de interesse médico-cirúrgico
Bibliografia Básica: DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. Tratado de anatomia veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1997. 663 p. EVANS, H. E.; DELAHUNTA, A. Guia para a dissecação do cão . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 250 p. GETTY, R. Anatomia dos animais domésticos . 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, v. 2, 1986. 2000 p. POPESKO, P. Atlas de anatomia topográfica dos animais domésticos . São Paulo: Manole, 1997, vol I, II, III
Bibliografia Complementar CLAYTON, H. M.; FLOOD, P. F. Atlas colorido de anatomia aplicada dos grandes animais . São Paulo: Manole, 1997. 160 p. CONSTANTINESCU, G. M. Anatomia clínica dos pequenos animais . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 355 p. DONE, S. H.; GOODY, P. C.; EVANS, S. A.; STICKLAND, N. Atlas colorido de anatomia veterinária do cão e do gato . vol. 3. Barueri: Manole, 2002. FRANDSON, R. D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. Anatomia e fisiologia dos animais de fazenda . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 454 p. KAINER, R. A.; MACCRACKEN, T. O. Anatomia do cão: atlas para colorir . São Paulo: Roca, 2007. 84 p. KONIG, H. E.; LIEBICH, H. G. Anatomia dos animais domésticos: texto e atlas colorido . v.2. Porto Alegre: Artmed, 2004. 399 p. INTERNATIONAL COMMITTEE ON VETERINARY GROSS ANATOMICAL NOMENCLATURE. Nomina anatomica veterinaria . 4 ed. Ithaca: Word Association of veterinary Anatomists, 1994. 348p. BRAZILIAN JOURNAL OF MORPHOLOGICAL SCIENCES. Official Organ of the Brazilian Society of Anatomy and Pan-American Association of Anatomy. São Paulo, SP. BRAZILIAN JOURNAL OF VETERINARY RESEARCH ANIMAL SCIENCE. Revista da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo, SP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Microbiologia Geral
Pré-requisito: Bioquímica II
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa Levar os alunos a busca da compreensão do histórico da Microbiologia, identificar as características gerais dos microrganismos sua morfologia e citologia bacteriana como também a sua classificação e nomenclatura, métodos para a sua evidenciação isolamento, identificação e controle
Bibliografia Básica TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia . 8ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. TRABULSI, L. R. Microbiologia . 2ed. São Paulo: Atheneu, 1998. MADIGAN, M.T.; MARTINKO, J. M.; PARKER, J. Microbiologia De Brock . 10ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. PELCZAR JR, M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. Microbiologia: Conceitos e Aplicações . 2ed. São Paulo: Makron Books, 1997.
Bibliografia Complementar BARBOSA, H. R.; TORRES, B. B. Microbiologia Básica . São Paulo: Atheneu, 1998 Food and Drug Administration. Manual de Enfermidades Transmitidas por Alimentos FRANCO, B. D. G. M.; LANDRGAFF, M. Microbiologia de Alimentos . São Paulo: Atheneu, 2005 KONEMAN, E. W.; ALLEN, S. D.; JANDA, W. M.; SCHRECKENBERGER, P. C.; WINN, W. C. Diagnóstico microbiológico texto e atlas colorido . 5.ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2001. MAZA, L.M.; PEZZLO, M.T. BARON, E. J. Atlas de Diagnóstico em Microbiologia . Porto Alegre: Artmed, 2001. ROITMAM, I.; TRAVASSOS, L. R.; AZEVEDO, J.L. Imunologia v.1 e 2. São Paulo: Manole, 1988. RUIZ, R.L. Microbiologia Zootécnica . São Paulo: Roca, 1992.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Alimentos e Alimentação

Pré-requisito: Bioquímica I

Carga Horária: 30 horas (30h teóricas)

Ementa:

Classificação e composição dos alimentos destinados aos animais domésticos. Noções de análise de alimentos (química bromatológica). Fatores Anti-nutricionais presentes nos alimentos. Aditivos para rações dos animais. Processamento e conservação de alimentos. Técnicas e métodos de alimentação animal de forma racional, utilizando os conceitos da nutrição. Cálculo e análise da aplicabilidade de ração de mínimo custo

Bibliografia Básica:

ANDRIGUETO, M. J. **Nutrição Animal**. Vols 1 e 2. Livraria Nobel S.A., 1981
TEIXEIRA, A. S. **Alimentos e Alimentação**. Lavras, ESAL-FAEPE, 1991
BERCHIELLI, T. T.; PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. **Nutrição de Ruminantes**. Jaboticabal:Funep, 2006
BERTECHINI, A. G. **Nutrição de Monogástricos**. Lavras, ed UFLA/FAEPE, 1998. 273p.

Bibliografia complementar:

CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A.; FERRIER, D. R. **Bioquímica Ilustrada**. Artmed, 2009. 4ª ed. 528p. I.S.B.N.: 9788536317137
NATIONAL RESEARCH COUNCIL, NRC. **Nutrient requirements of dairy cattle**. 7 ed. Washington, D.C.: National Academy Press, 2001. 381p.
NATIONAL RESEARCH COUNCIL, NRC. **Nutrient Requirements Of Small Ruminants, Sheep's, Goats, Cervids, and New World Camelids**, National Academy Press, Washington D.C. 2007, 362p
NATIONAL RESEARCH COUNCIL, NRC. **Nutrient Requirements of Beef Cattle**. Washington, DC: National Academy Press, 1996. 242p.
NUNES, I. J. **Nutrição Animal Básica**. Belo Horizonte, Copiadora Breder, 1995
ROSTAGNO, H. S. **Tabelas Brasileiras para Aves e Suínos: composição de alimentos e exigências nutricionais**. Editor Horacio Santiago Rostagno – 3 ed -. Viçosa, MG: UFV, DZO, 2011. 252p.
SAKOMURA & ROSTAGNO (2007). **Métodos de pesquisa em nutrição de monogástricos**. 283 p. Jaboticabal/SP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Fisiologia Veterinária I
Pré-requisito: Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos II/Bioquímica II/Biofísica/Histologia Veterinária
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Introdução à Fisiologia e Homeostase, Fisiologia da Membrana, Comunicação Celular, Fisiologia Muscular, Fisiologia do Sistema Nervoso e dos Sentidos Especiais e Fisiologia da Digestão nos mamíferos domésticos
Bibliografia Básica: CUNNINGHAM, J. G. Tratado de Fisiologia Veterinária . 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 579p. FRANDSON, R.D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. Anatomia e Fisiologia dos Animais de Fazenda . 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 454p. SWENSON, M. J.; REECE, W. O. Dukes/Fisiologia dos Animais Domésticos . 12.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 926p.
Bibliografia Complementar: AIRES, M. M. Fisiologia (Aires) . 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 934p. COSTANZO, L. S. Fisiologia . 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 292p. GUYTON, A.C.; HALL, J. E. Tratado de Fisiologia Médica . 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 864p. RANDALL, D.; BURGGREN, W.; FRENCH, K. Eckert/Fisiologia Animal . 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 764p



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Parasitologia Veterinária I
Pré-requisito: Histologia Veterinária
Carga Horária: 60 horas (30 teóricas e 30 práticas)
Ementa: Estudo morfológico, sistemático, biológico e ecológico dos artrópodes e protozoários parasitas de animais. Importância Médica Veterinária e em Saúde Pública dos parasitas. Normas internacionais de Nomenclatura Zoológica. Arthropoda: Acari. Phthiraptera. Hemiptera. Siphonaptera. Díptera. Protozoa: Sarcomastigophora. Coccidia.
Bibliografia Básica: FORTES, E. Parasitologia Veterinária . 3. ed. São Paulo: Cone, 1997. MARCONDES, C. B. Entomologia Médica e Veterinária . São Paulo: Atheneu, 2001. URQUHART, G. M. et al. Parasitologia Veterinária . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
Bibliografia Complementar: BORCHERT, A. Parasitologia Veterinária . Zaragoza: Acribia, 1975. BOWMAN, D. D. Parasitology for Veterinarians . 7. ed. United States of América, 1999. FLECHTMANN, C. H. W. Ácaros de importância Médico-Veterinária . São Paulo: Nobel, 1973. FORETY, W. J. Parasitologia Veterinária: Manual de Referência . São Paulo: Roca, 2005. GEORGI, J. R. Parasitologia Veterinária . Rio de Janeiro: Interamericana, 1980. GUIMARÃES, J. H.; TUCCI, E. C.; BATTESTI, D. M.B. Ectoparasitos de importância veterinária , São Paulo: Plêiade, 2001. PESSOA, S. B. & PESSOA, M. Parasitologia Medica 10. ed. Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Deontologia Veterinária
Carga Horária: 30 horas (30 teóricas)
Ementa Ética profissional. Leis, Decretos. Legislação que regulamenta a profissão. Direitos e deveres do médico veterinário, baseando-se na regulamentação do exercício profissional. Conduta ética do Médico Veterinário.
Bibliografia básica CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Código de Ética do Médico Veterinário. DUBOIS, R.; MELLO, M. T.; HATSCHBACH, P. I. Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária: trajetória de 80 anos. Brasília: Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, 2001. VALLS, A. L. M. O que é ética. 6. ed. SP: Brasiliense, 1993. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, Brasília.
Bibliografia complementar CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Manual de Legislação. Outubro/2001. CASTILHO, V. V.; REGO, A. A. M. S. Perícia forense em Medicina Veterinária: Considerações gerais. FRANÇA, G. V. Medicina Legal. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. KISNEMAN, N. Ética para o serviço parasocial. Petrópolis: Vozes, 1976.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Sociologia Rural
Pré-requisito: Metodologia Científica e Produção de Texto
Carga Horária: 30 horas (30 teóricas)
Ementa: Importância das ciências sociais para a formação do profissional; Raízes teóricas da sociologia rural; Transformações sociais rurais no Brasil; Perspectivas atuais: Principais questões e problemas.
Bibliografia Básica: COSTA, M. C. C. Introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 2005. GALLIANO, G. Introdução à Sociologia. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981. MARTINS, C. B. O que é sociologia. São Paulo: Brasiliense, 2004 – (Coleção primeiros passos; 57). MOREIRA, J. R. Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DA & A, 2005.
Bibliografia Complementar: ALVES, F. Direito agrário: Política fundiária no Brasil. Belo Horizonte. Del Rey, 1995 BAUMAN, Z. Globalização: As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999 BERGAMASSO, S. M.; NOEDER, L. A. C. O que são assentamentos rurais?. São Paulo: Brasiliense, 1966 – (Coleção primeiros passos; 301). DELGADO, G. Capital financeiro e agricultura no Brasil. São Paulo, HUCITEC/ÍCONE, 1985 SILVA, J. F. G. O que é questão agrária. São Paulo, ed. Brasiliense, 1984 VEIGA, J. E. O que é reforma agrária. São Paulo: Brasiliense, 1984 – (Coleção primeiros passos; 33) WANDERLEY, M. N. B. “O Lugar dos rurais” O meio no Brasil moderno. Resumo dos anais 35º. Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Brasília: SOBER, 1997.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Forragicultura

Carga Horária: 30 horas (30h teóricas)

Ementa:

Introdução à Forragicultura. Gramíneas e leguminosas. Calagem e adubação de pastagens. Formação de pastagens e capineiras. Fundamentos do manejo estratégico de pastagens. Recuperação de pastagens degradadas. Pastagens consorciadas e bancos de proteína. Introdução à conservação de forragens: ensilagem, fenação e amonização de volumosos.

Bibliografia Básica:

AGUIAR, A. P. A. **Manejo de pastagens**. Guaíba: Agropecuária, 1998. 139p.
ALCANTARA, P. B. **Plantas forrageiras: gramíneas e leguminosas**. São Paulo: Nobel, 1999. 162p.
CRUZ, J. C.; PAREIRA FILHO, I. A.; RODRIGUES, J. A. C.; FERREIRA, J. J. (Eds.). **Produção e utilização de silagem de milho e sorgo**. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2001. 544p.
LAZZARINI NETO, S. **Manejo de pastagens**. 2. ed. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000. 124p. (Coleção Lucrando com a Pecuária, v. 6).

Bibliografia Complementar:

AGUIAR, A. P. A. **Manejo da fertilidade do solo sob pastagem: calagem e adubação**. Guaíba: Agropecuária, 1998. 139p.
DEMINICIS, B. B. **Leguminosas forrageiras tropicais: características importantes, recursos genéticos e causas dos insucessos de pastagens consorciadas**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2009. 167p.
EVANGELISTA, A. R.; ROCHA, G. P. **Forragicultura**. Lavras: UFLA/FAEPE, [19--]. 126p.
FONSECA, M. G. C. **Plantio direto de forrageiras: sistema de produção**. Guaíba: Agropecuária, 1997. 101p.
KLUTHCOUSKI, J.; STONE, L. F.; AIDAR, H. (Eds.) **Integração lavoura-pecuária**. Santo Antonio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2003. 570p.

4º Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Imunologia Veterinária
Pré-requisito: Histologia Veterinária
Carga Horária: 60 horas (30 teóricas e 30 práticas)
Ementa: Introdução à Imunologia Veterinária; Reconhecimentos de antígenos; Maturação, ativação e regulação de linfócitos; Mecanismos efetores das respostas imunes; O sistema imune na doença; Provas para detecção de antígenos e imunoprofilaxia.
Bibliografia Básica: ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H. Imunologia Celular e Molecular . 5ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, 580p. ROIT, I. M.; DELVES, P. J. Fundamentos de Imunologia . 10ed. Guanabara Koogan, 2004, 504p. TIZARD, I. R. Imunologia Veterinária . 8ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, 520p. PEAKMAN, M.; VERGANI, D. Imunologia Básica e Clínica . 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, 276p.
Bibliografia Complementar: BILATE, A. M. B. Inflamação, citocinas, proteínas de fase aguda e implicações Terapêuticas. Temas de Reumatologia Clínica , v.8, n.2, p.47-51, 2007. CARNEIRO, D. M. V. F.; DOMINGUES, P. F.; VAZ, A. K. Imunidade inata da glândula mamária bovina: resposta a infecção. Ciência Rural , v.39, n.6, p.1934-1943, 2009. COICO, R.; SUNSHINE, G. Imunologia . 6ed. Guanabara Koogan, 2010, 400p. ELIA, C. C. S.; SOUZA, H. S. P. Imunologia da mucosa intestinal: da bancada ao leito . 1ed. Atheneu, 2001, 197p EWERS, I.; RIZZO, L. V.; KALIL FILHO, J. Imunologia e envelhecimento . Einstein, v.6, n.1, p.13-20, 2008. GONÇALVES, S. P. Imunologia reprodutiva na prática clínica: uma visão crítica. FEMINA , v.36, n.3, p.151-157, 2008. JANEWAY JR., C. A.; TRAVERS, P.; WALPORT, M.; SHLOMCHIK, M. J. Imunobiologia: O Sistema imune na saúde e na doença . 6ed. Porto Alegre: Artmed, 2007, 848p. JOBIM, M.; JOBIM, L. F. J. Células natural killer e vigilância imunológica. Jornal de Pediatria , v.84, n.4, p.58-67, 2008. KINDT, T. J.; GOLDSBY, R. A.; OSBORNE, B. A. Imunologia de Kuby . 6ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, 704p KRAYCHETE, D. C.; CALASANS, M. T. A., VALENTE, C. M. L. Citocinas pró-inflamatórias e dor. Revista Brasileira de Reumatologia , v.46, n.3, 199-206, 2006. LEITE, J. H. A. C.; CARVALHO, L. C. N.; PEREIRA, P. M. Anemia hemolítica imunomediada em cães: relato de três casos. Semina: Ciências Agrárias , v.32, n.1, p.310-326, 2011. LINHARES, I. M.; GIRALDO, P. C.; BARACAT, E. C. Novos conhecimentos sobre a flora bacteriana vaginal. Revista da Associação Médica Brasileira , v.56, n.3, p.370-374, 2010. MACHADO, P. R. L.; ARAUJO, M. I. A. S.; CARVALHO, L.; CARVALHO, E. M. Mecanismos de resposta imune às infecções. Anais Brasileiro de Dermatologia , v.79, n.6, p.647-664, 2004. MARQUES, V. B.; BERTAN, C. M.; ALMEIDA, A. B.; MEIRELLES, F. V.; PAPA, P. C.; BINELLI, M. Interferon-tau e o reconhecimento da gestação em bovinos. Revista Brasileira de Reprodução Animal , v.31, n.4, p.479-488, 2007.

MENDONCA, V. A. et al. Imunologia da hanseníase. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v.83, n.4, p.343-350, 2008.

MICHELON, T.; SILVEIRA, J. G.; GRAUDENS, M.; NERUMANN, J. Imunologia da gestação. **Revista da AMRIGS**, v.50, n.2, p.145-151, 2006.

REZENDE, J. M. Imunodepressão e Imunossupressão. **Revista de Patologia Tropical**, v.40, n.2, p.199-201, 2011.

ROSA, L. F. P. B. C.; VAISBERG, M. W. Influência do exercício na resposta

ROSEN, F.; GEHA, R. **Estudos de casos em Imunologia: um guia clínico**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2002, 255p.

WEIR, D. M.; STEWART, J. **Imunologia Básica e Aplicada**. 8ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002, 356p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Parasitologia Veterinária II
Pré-requisito: Parasitologia Veterinária I
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Estudo morfológico, sistemático, biológico e ecológico dos helmintos dos animais domésticos. Aspectos gerais sobre as lesões, diagnósticos e importância médica veterinária e em saúde pública dos parasitos. Platyhelminthes: Trematoda. Cestoda. Nematelminthes: Rhabditoidea. Strongyloidea. Trichostrongyloidea. Metastrongyloidea. Ascaroidea. Oxyuroidea. Spiruroidea. Filarioidea. Trichuroidea. Dioctophymoidea. Acanthocephala
Bibliografia Básica: URQUHART, G. M.; ARMOUR, J.; DUNCAN, J. L.; DUNN, A. M.; JENNINGS, F.W. Parasitologia Veterinária . Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1998. ELINOR FORTES. Parasitologia Veterinária . Porto alegre: SULINA, 2004. REY, L. Parasitologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
Bibliografia Complementar: BOWMAN, D. D.; LYNN, R. C.; EBERHARD, M. L.; ALCARAZ, A. Parasitologia Veterinária de Georgis . São Paulo: Manole, 2006. FORETY, W. J. Parasitologia Veterinária: Manual de Referência . São Paulo: Roca, 2005. GEORGI, J. R. Parasitologia Veterinária . Rio de Janeiro, Interamericana, 1987. LEVINE, N. D. Nematodes Parasites of Domestic Animals and of Man . 2ª Ed. Minneapolis, Burgess Publ. Co, Minnesota, USA, 1985. SOULSBY, E. J. L. Helminths, Arthropods, Protozoa of Domesticated Animals . London, E. Baillière Tindall Cassel Ltda, 1982.
Periódicos: Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária Revista “A Hora Veterinária”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Economia e Administração Rural
Pre-requisito: Sociologia rural/Técnicas experimentais
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h prática)
Ementa: Conceitos Fundamentais; Sistema Econômico; Demanda e Oferta; Elasticidade; Interferência do Governo no Equilíbrio de Mercado; Teoria da Produção; Custos de Produção; Estruturas de Mercado; Noções de Macroeconomia; A Agropecuária e o Desenvolvimento Econômico. Introdução ao Estudo da Administração Rural; Agronegócio e Administração Rural; Capital e Custos da Empresa Agropecuária; Contabilidade da Empresa Rural; Medidas de Resultado Econômico; Fatores que Afetam os Resultados Econômicos; Programação Linear como Instrumento de Seleção e Combinação de Atividades Agropecuárias; Crédito Rural e Seguro Rural; Projetos Agropecuários: elaboração e avaliação.
Bibliografia Básica: ANTUNES, L. M.; ENGEL, A. Manual de administração rural: custos de produção. Guaíba: Agropecuária. 1999. 196p. ARAÚJO, M. J. Fundamentos de agronegócios. São Paulo: Atlas. 2005. 160p. MENDES, J. T. G. Economia agrícola: princípios básicos e aplicação. Curitiba: ZNT, 1998. 457 p. PASSOS, C. R. M.; NOGAMI, O. Princípios de economia. São Paulo: Pioneira Thompson Learning. 2003. 632p.
Bibliografia Complementar: ARAÚJO, M. J. Fundamentos de agronegócios. São Paulo: Atlas. 2005. 160p. BACHA, C. J. C. Economia e política agrícola no Brasil. São Paulo: Atlas. 2004. 226p. BATALHA, M. O. (coord). Gestão agroindustrial: GEPAL: Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais. São Paulo: Atlas. 2001. BILAS, R. A. Teoria microeconômica: uma análise gráfica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1991. 404p. CREPALDI, S. A. Contabilidade rural: uma abordagem decisória. São Paulo: Atlas. 2005. 338p. GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JÚNIOR, R. Economia brasileira contemporânea. São Paulo: Atlas. 2005. 638p. HOFFMANN, R. <i>et al.</i> Administração da empresa agrícola. São Paulo: Pioneira. 1978. 325p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Fisiologia Veterinária II
Pré-requisito: Fisiologia Veterinária I
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Fisiologia do Sistema Cardiovascular, Fisiologia do Sistema Respiratório, Fisiologia do Sistema Renal, Fisiologia do Sistema Endócrino, Fisiologia do Sistema Reprodutor, Fisiologia da Glândula Mamária e Regulação da Temperatura nos mamíferos domésticos
Bibliografia Básica: CUNNINGHAM, J. G. Tratado de Fisiologia Veterinária . 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 579p. FRANDSON, R. D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. Anatomia e Fisiologia dos Animais de Fazenda . 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 454p. SWENSON, M. J.; REECE, W. O. Dukes/Fisiologia dos Animais Domésticos . 12.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 926p.
Bibliografia Complementar: AIRES, M. M. Fisiologia (Aires) . 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 934p. COSTANZO, L. S. Fisiologia . 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 292p. GUYTON, A. C.; HALL, J.E. Tratado de Fisiologia Médica . 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 864p. RANDALL, D.; BURGGREN, W.; FRENCH, K. Eckert/Fisiologia Animal . 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 764p



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Microbiologia Especial
Pré-requisito: Microbiologia Geral
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa Principais características morfológicas, antigênicas, ecológicas, epidemiológicas, nutricionais, bioquímicas, sorológicas e de patogenicidade dos principais agentes bacterianos, víricos e micóticos de doenças infecto-contagiosas dos animais domésticos; resumo dos principais aspectos de patogenicidade e de controle destes micro-organismos
Bibliografia Básica: TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia . 8ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. TRABULSI, L. R. Microbiologia . 2ed. São Paulo: Atheneu, 1998. MADIGAN, M. T.; MARTINKO, J. M.; PARKER, J. Microbiologia De Brock . 10ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. PELCZAR JR, M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. Microbiologia: Conceitos e Aplicações . 2ed. São Paulo: Makron Books, 1997.
Bibliografia Complementar BARBOSA, H. R.; TORRES, B. B. Microbiologia Básica . São Paulo: Atheneu, 1998. FRANCO, B. D. G. M.; LANDRIGAF, M. Microbiologia de Alimentos . São Paulo: Atheneu, 2005. MAZA, L. M.; PEZZLO, M. T. BARON, E. J. Atlas de Diagnóstico em Microbiologia . Porto Alegre: Artmed, 2001. ROITMAM, I.; TRAVASSOS, L. R.; AZEVEDO, J. L. Imunologia v.1 e 2. São Paulo: Manole, 1988. KONEMAN, E. W.; ALLEN, S. D.; JANDA, W. M.; SCHRECKENBERGER, P. C.; WINN, W. C. Diagnóstico microbiológico texto e atlas colorido . 5.ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2001. Food and Drug Administration. Manual de Enfermidades Transmitidas por Alimentos . Jaboicabal: Funep, 1999. FORBES, B. A.; SAHM, D. F.; WEISSFELD, A. S. Bailey & Scott's Diagnostic Microbiology . 11ed. St. Louis: Mosby, 2002. GYLES, C. L. Escherichia coli in domestic animals and humans . Wallingford: CAB International, 1994. MICKLOS, D. A.; FREYER, G. A.; CROTTY, D. A. A Ciência do DNA . 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. RUIZ, R. L. Microbiologia Zootécnica . São Paulo: Roca, 1992.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Nutrição Animal I
Pré-requisito: Fisiologia Veterinária I/ Alimentos e Alimentação
Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)
Ementa: A nutrição animal e sua importância. Características fisiológicas do aparelho digestório dos animais monogástricos. Metabolismo dos principais nutrientes para animais monogástricos (água, carboidratos, proteínas, lipídeos, vitaminas e minerais). Metabolismo energético. Integração e Regulação Metabólica Programas de alimentação para animais de produção e pets (cães e gatos). Noções de manejo nutricional. Alimentação em condições de estresse
Bibliografia Básica: ANDRIGUETO, M. J. Nutrição Animal . Vols 1 e 2. Livraria Nobel S.A., 1981 BERTECHINI, A. G. Nutrição de Monogástricos . Lavras, ed UFLA/FAEPE, 1998. 273p. NUNES, I. J. Nutrição Animal Básica . Belo Horizonte, Copiadora Breder, 1995 ROSTAGNO, H. S. Tabelas Brasileiras para Aves e Suínos: composição de alimentos e exigências nutricionais . Editor Horacio Santiago Rostagno – 3 ed -. Viçosa, MG: UFV, DZO, 2011. 252p.
Bibliografia Complementar: CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A.; FERRIER, D. R. Bioquímica Ilustrada . Artmed, 2009. 4ª ed. 528p. I.S.B.N.: 9788536317137 LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios de Bioquímica . São Paulo, Sarvier, 2010. 5ª ed. 1273p. I.S.B.N.: 9788536324180 SAAD, F. M. O. B; SAAD, C. E. P. História Evolutiva na Alimentação e Controle de Consumo dos Cães e Gatos . Lavras:UFLA/FAEPE, 2005. 39p.: il – Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” (Especialização) a Distância: Nutrição e Alimentação de Cães e Gatos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Farmacologia Veterinária I
Pré-requisito: Fisiologia Veterinária I
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Noções de farmacocinética e farmacodinâmica. Fármacos que atuam no sistema nervoso autônomo. Fármacos que atuam no sistema nervoso central
Bibliografia Básica SPINOSA, H. S. et al. Farmacologia aplicada a medicina veterinária . 4 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002.
Bibliografia Complementar: BOOTH, N. H.; McDONALD, L. F. Farmacologia e terapêutica em veterinária . 8 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2003. RANG, H. P. et al. Farmacologia . 4 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2001. PENILDON, S. Farmacologia . 6 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002. OGA, S. Medicamentos e suas interações . Vol. 1, 1 ^a ed., Atheneu, 1994. VON SIMSOM, C. R. M. Manual MERCK de veterinária . 7 ^a ed., Roca, 1991.

5º Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Patologia Geral
Pré-requisito: Imunologia Veterinária/Fisiologia Veterinária II/Anatomia Topográfica
Carga Horária: 75 horas (45h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Introdução ao estudo da patologia veterinária, alterações pós-morte, alterações regressivas, alterações progressivas, alterações circulatórias, reparo tecidual, inflamação, imunopatologia e neoplasias
Bibliografia Básica: CHEVILLE, N. F. Introdução à Patologia Veterinária . 3ª ed. Barueri: Manole, 2009. JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. Patologia Veterinária . 6ª ed. Barueri: Manole, 2000. McGAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. Bases da Patologia em Veterinária . 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. RUBIN, E.; GORSTEIN, F.; RUBIN, R.; SCHWARTING, R.; STRAYER, D. Patologia – Bases Clinicopatológicas da Medicina . 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
Bibliografia Complementar: BARROS, C. S. L. Guia da Técnica de Necropsia dos Mamíferos Domésticos . 1ª ed. Santa Maria: Editora UFSM, 1988. BRASILEIRO FILHO, G. Bogliolo – Patologia . 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. COELHO, H. E. Patologia Veterinária . 1ª ed. Barueri: Manole, 2002. KING, T. C. Patologia . Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. KUMAR, V.; ABBAS, A. K.; FAUSTO, N.; MITCHELL, R. N. Robbins – Patologia Básica . 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. MONTENEGRO, M. R.; FRANCO, M. Patologia - Processos Gerais . 4ª ed. São Paulo: Atheneu, 1999. SILVA, J. C. P.; VILORIA, M. I. V. Necropsia em Medicina Veterinária . 3ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2005. STEVENS, A.; LOWE, J. Patologia . 2ª ed. Barueri: Manole, 2002. THOMSON, R. G. Patologia Geral Veterinária . 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983. WERNER, P. R. Patologia Geral Veterinária Aplicada . 1ª ed. São Paulo: Roca, 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Farmacologia Veterinária II
Pré-requisito: Farmacologia Veterinária I
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Autacóides. Farmacologia dos antiinflamatórios esteroidais e não-esteroidais. Antimicrobianos. Farmacologia dos sistemas cardiovascular, respiratório, renal e digestório. Fármacos que atuam na musculatura lisa uterina. Antiparasitários. Imunomoduladores. Antineoplásicos. Anabolizantes e promotores do crescimento
Bibliografia Básica: SPINOSA, H. S. et al. Farmacologia aplicada à Medicina Veterinária . 4 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2006.
Bibliografia Complementar: ANDRADE, S. F. Manual de terapêutica veterinária . ^a ed, Roca, 1997 ANDREI EDITORA. Compêndio veterinário dicionário brasileiro de medicina veterinária . 31 ^a ed., Andrei Editora, 2000. (10) BOOTH, N. H.; McDONALD, L. F. Farmacologia e terapêutica em veterinária . 8 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2003. OGA, S. Medicamentos e suas interações . Vol. 1, 1 ^a ed., Atheneu, 1994. PENILDON, S. Farmacologia . 6 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002. RANG, H. P. et al. Farmacologia . 4 ^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2001. VON SIMSOM, C. R. M. Manual MERCK de veterinária . 7 ^a ed., Roca, 1991.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Diagnóstico por Imagem
Pré-requisito: Biofísica/Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Importância do diagnóstico por imagem no âmbito da radiologia e ultrassonografia veterinárias. Capacitação do aluno para requisição de exames e execução de laudos empregando a terminologia técnica correta. Introdução às bases da endoscopia, ressonância magnética, tomografia computadorizada e outras técnicas avançadas de aplicação em veterinária.
Bibliografia Básica BOON, J. Ecocardiografia bidimensional e em modo-M . São Paulo: Roca, 2005. BURK, R. L.; ACKERMAN, N. Small Animal Radiology and Ultrasonography . 2.ed., Philadelphia: Saunders, 1996. DOUGLAS, S. N.; WILLIAN, H. D. Princípios de Radiologia . Baltimore: Williams & Wilkins, 1995. KEALY, K. J.; MCALLISTER, H. Radiologia e Ultra-sonografia do Cão e Gato . São Paulo: Manole, 2005.
Bibliografia Complementar GREEN, R. W. Small Animal Ultrasound , Philadelphia: Lippincott, 1996. HUDSON, J. A.; BRAWNER, W. R.; HOLLAND, M. Radiologia abdominal para o clínico de pequenos animais . São Paulo: Roca, 2003. LAVIN, L. M. Radiography in Veterinary Technology . 2.ed., Philadelphia: Saunders, 1999. MORGAN, J. P. Techniques of Veterinary Radiography . 5.ed., Blackwell, 1993. MORGAN, J. P.; LEIGHTON, R.L. Radiology of Small Animal Fracture Management . Philadelphia: Saunders, 1995. NYLAND, T. G.; MATTOON, J. S. Ultra-som diagnóstico em pequenos animais . 2.ed., São Paulo: Roca, 2005. O'BRIEN, T. R. Radiologia de eqüinos . São Paulo: Roca, 2006. SCHEBITZ, H. C. H. Atlas of Radiographic Anatomy of the Dog . 2.ed, Thieme Medical Publishers, 2005. SCHEBITZ, H. C. H.; WILKENS, H. Atlas of Radiographic Anatomy of the Cat . Thieme Medical Publishers, 2005. SISSON, S.; GROSSMAN, J. D. Anatomia dos Animais Domésticos . 4.ed., Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1996.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Produção Animal I (Avicultura e Suinocultura)
Pré-requisito: Nutrição Animal I
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h prática)
Ementa: Produção de carne de frangos: Aspectos Zootécnicos, Sanitários e Tecnológicos. Reprodução das aves e produção de ovos comerciais: Aspectos Fisiológicos, Econômicos e Tecnológicos. Distribuição geográfica e importância econômica da suinocultura; exterior; raças; sistema de criação e instalações; criação de leitões, crescimento e terminação; interação genótipo ambiente; seleção; acasalamento; Manejo nutricional, sanitário e reprodutivo.
Bibliografia Básica: CAVALCANTI, S. S. Produção de Suínos . Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1984. 453 p. MENDES, A. A., NÄÄS, I. A., MACARI, M. (ed.). Produção de Frangos de Corte , Facta, 2004, 356 p.
Bibliografia Complementar: GIANNONI, A. M. et al. Genética e melhoramento de rebanhos nos trópicos , 1983. GODINHO, J. F. Suinocultura: Tecnologia moderada, Formação e manejo de pastagens . 2ª Ed. São Paulo: Ed. Nobel, 1995. P. 1917-1994. HUGHES, P. E.; VARLEY, M. A. Reproduccion del cerdo , 1984. MACARI, M.; GONZALES, E. Manejo da Incubação , Facta, Campinas/SP, 2003, 537p. MACARI, M.; FURLAN, R. L.; GONZÁLES, E. (ed.). Fisiologia Aviária Aplicada a Frangos de Corte . Funep/Unesp, Jaboticabal, SP, 2002. ROSTAGNO, H. S. et al. Tabelas brasileiras para aves e suínos , 2005, UFV. SOBESTIANSKY, N. et al. Suinocultura intensiva: Produção, manejo e saúde do rebanho . Brasília: Embrapa, 1998. 338 p UPNMOOR, I. Produção de suínos: a matriz . Guaíba: Agropecuária, 2000. 162 p. UPNMOOR, I. Produção de suínos: Crescimento, Terminação e Abate . Guaíba: Agropecuária, 2000. 77 p. UPNMOOR, I. Produção de suínos: da concepção ao desmame . Guaíba: Agropecuária, 2000. 133 p. UPNMOOR, I. Produção de suínos: período de creche . Guaíba: Agropecuária, 2000. 92 p. VALVERDE, C. C. et al. 250 Rações balanceadas para suínos , 1997. Revista da sociedade brasileira de zootecnia Revista: Suinocultura industrial VIANA, A. T. Os suínos. Criação prática e econômica . 12ª ed. São Paulo: Ed. Nobel S/A, 1983. P. 384. J. A. Science Sites em suinocultura e avicultura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Epidemiologia
Pré-requisito: Microbiologia Especial e Parasitologia Veterinária II
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa Perspectiva histórica do desenvolvimento da medicina veterinária e da epidemiologia. Fundamentos teóricos e metodologia de estudo dos eventos de saúde-doença nas populações, das formas de acompanhamento da sua dinâmica espacial, temporal e sócio-econômica e das medidas corretivas e de monitoramento destas.
Bibliografia Básica: THRUSFIELD, M. Epidemiologia Veterinária . 2.ed. Edinburgh: Blackwell Science, 1995. 483p. CÔRTEZ, J. A. Epidemiologia: conceitos e princípios fundamentais . São Paulo: Livraria Varela, 1993. 227 p. PEREIRA, M. G. Epidemiologia Teoria e Prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2001. 596 p. ROUQUAYROL, M. Z. Epidemiologia e Saúde . 5° Ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999. 570 p.
Bibliografia Complementar: FORATTINI, O. P. Epidemiologia Geral . 2° ed. São Paulo: Artes medicas, 1996. 210p. Material didático em www.francisco-epidem.net . Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária Revista “A Hora Veterinária”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Semiologia Veterinária
Pré-requisito: Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos/Fisiologia Veterinária II
Carga Horária: 90 horas (60h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Conceitos semiológicos básicos. Meios e Métodos de Exame Clínico. Plano de Exame Clínico. Técnicas de contenção física. Termometria Clínica. Abordagem teórica e prática do exame clínico dos diversos sistemas orgânicos em pequenos e grandes animais.
Bibliografia Básica: RADOSTITS, O. M.; MAYHEW, I. G.; HOUSTON, D. M. Exame Clínico e Diagnóstico em Veterinária . 1ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002, 591p. ROSENBERGER. Exame Clínico dos Bovinos . 2ª ed, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993. 419p. FEITOSA, F. L. F. Semiologia veterinária – a arte do diagnóstico . São Paulo, Roca, 2004. 826p.
Bibliografia Complementar: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Fundamentos de medicina interna de pequenos animais . 3.ed., Rio de Janeiro, Elsevier, 2006. RADOSTIS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Clínica veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos . Rio de Janeiro: 9ª ed., Guanabara Koogan, 2002. RHODES, K. H. Dermatologia de pequenos animais – consulta em 5 minutos . Rio de Janeiro, Revinter, 2005. 702p. SMITH, B. P. Tratado de Medicina Interna de Grandes Animais . São Paulo: 1ª ed., Editora Manole, 1994. SPIERS, V. C. Exame Clínico de Equinos . Porto Alegre: 1ª ed., Editora Artmed, 1999. STASHAK, T. S. Claudicação em equinos Segundo Adams . 4º Ed, Editora Roca, São Paulo, 2004. THOMASSIAN, A. Enfermidade dos cavalos . São Paulo: 4ª ed., Editora Varela, 2005.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Nutrição Animal II
Pré-requisito: Nutrição Animal I
Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Caracterização anatomo - fisiológico do sistema digestivo. Microbiologia do rúmen e meio ruminal. Utilização dos nutrientes (água, carboidratos, lipídeos, proteínas, minerais e vitaminas) e de fontes nitrogenadas não-protéicas. Metabolismo energético. Integração e Regulação Metabólica. Síntese e ciclo da uréia. Regulação do consumo. Cinética da digestão de forragens e alimentos.
Bibliografia Básica: ANDRIGUETO, M. J. Nutrição Animal . Vols. 1 e 2 Livraria Nobel S.A., 1981 BERCHIELLI, T. T.; PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. Nutrição de Ruminantes . Jaboticabal:Funep, 2006 NATIONAL RESEARCH COUNCIL, NRC. Nutrient requirements of dairy cattle . 7 ed. Washington, D.C.: National Academy Press, 2001. 381p. NATIONAL RESEARCH COUNCIL, NRC. Nutrient Requirements Of Small Ruminants, Sheep's, Goats, Cervids, and New World Camelids , National Academy Press, Washington D.C. 2007, 362p NATIONAL RESEARCH COUNCIL, NRC. Nutrient Requirements of Beef Cattle . Washington, DC: National Academy Press, 1996. 242p.
Bibliografia Complementar: CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A.; FERRIER, D. R. Bioquímica Ilustrada . Artmed, 2009. 4ª ed. 528p. I.S.B.N.: 9788536317137 LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios de Bioquímica . São Paulo, Sarvier, 2010. 5ª ed. 1273p. I.S.B.N.: 9788536324180 NUNES, I. J. Nutrição Animal Básica . Belo Horizonte, Editora FEP-MVZ, 1998.387p.

6º Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Patologia Especial
Pré-requisito: Patologia Geral
Carga Horária: 90 horas (60h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Identificar as patologias dos sistemas cardiovascular, respiratório, digestivo, nervoso, urinário, locomotor, hemocitopoiético, genital masculino, genital feminino, sensorial, endócrino e tegumentar. Diagnóstico através de exames macroscópicos e microscópicos.
Bibliografia Básica: CARLTON, W. W.; McGAVIN, M. D. Patologia Veterinária Especial de Thomson . 2ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. CHEVILLE, N. F. Introdução à Patologia Veterinária . 3ª ed. São Paulo: Roca, 2009. JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. Patologia Veterinária . 6ª ed. Barueri: Manole, 2000. McGAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. Bases da Patologia em Veterinária . 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
Bibliografia Complementar: COELHO, H. E. Patologia Veterinária . 1ª ed. Barueri: Manole, 2002. KUMAR, V.; ABBAS, A. K.; FAUSTO, N.; MITCHELL, R. N. Robbins – Patologia Básica . 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. SANTOS, R. L.; ALESSI, A. C. Patologia Veterinária . 1ª ed. São Paulo: Roca, 2010. WERNER, P. R. Patologia Geral Veterinária Aplicada . 1ª ed. São Paulo: Roca, 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Doenças Parasitárias
Pré-requisito: Epidemiologia/Farmacologia Veterinária II
Carga Horária: 75 horas (45h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Epidemiologia, diagnóstico laboratorial, profilaxia e controle das principais doenças causadas por protozoários, rickettsias, helmintos e artrópodes parasitas dos animais. Sarnas. Parasitismo por pulgas. Pediculoses. Moscas e miíases. Ixodidioses. Tripanosomoses e leishmanioses. Babesioses e rickettsioses. Giardiose e tricomonose. Coccidioses: eimeriose, sarcocistose, toxoplasmose, neosporose, malária, hepatozoonose, cystoisosporose. Distomatose. Parasitoses pulmonares. Gastrenterites parasitárias de ruminantes e equinos. Gastrenterites parasitárias de cães e gatos. Gastrenterites parasitárias de suínos e aves. Filarioses
Bibliografia Básica: BLOOD, D. C.; RADOSTITS, O. M. Clínica Veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. CORRÊA, W. M; CORRÊA, C. N. M. Enfermidades infecciosas dos mamíferos domésticos . 2. ed. São Paulo: MEDSI, 1992. FORTES, E. Parasitologia Veterinária . 3. ed. São Paulo: Cone, 1997. URQUHART, G. M. et al. Parasitologia Veterinária . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
Bibliografia Complementar: FLECHTMANN, C. H. W. Ácaros de importância Médico-Veterinária . São Paulo: Nobel, 1973. GUIMARÃES, J. H.; TUCCI, E. C.; BATTESTI, D. M.B. Ectoparasitos de importância veterinária , São Paulo: Plêiade, 2001. KESSLER, R. H.; SCHENK, M. A. M. Carrapato, tristeza parasitaria e tripanossomose dos bovinos . Campo Grande: EMBRAPA-CNPGC, 1998. 157p. PADILHA, T. Controle de Nematódeos gastrintestinais em ruminantes . Coronel Pacheco: EMBRAPA-CNPGL, 1996. 258p. RADOSTITS, O. M. GAY, C. C., BLOOD, D. C. et al. Clínica Veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e eqüinos . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. REY, L. Parasitologia . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Melhoramento Genético
Pré-requisito: Genética Básica e Animal/Técnicas Experimentais
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Princípios básicos de genética e melhoramento: base da variação genética e de ambiente; Interação genótipo-ambiente; Seleção; Sistemas de Acasalamentos: endogamia e exogamia; Estimativa de parâmetros genéticos; Avaliação genética; Noções de genética molecular aplicada ao melhoramento animal.
Bibliografia Básica: FALCONER, D. S. Introdução à genética quantitativa . Trad. SILVA, M.A. & SILVA, J.C. Viçosa, UFV, Impr. Univ., 1987. 279p. GIANNONI, A. M.; GIANNONI, M. L. Genética e melhoramento de rebanhos nos trópicos . São Paulo: Nobel, 1983. 463 p. PEREIRA, J. C. C. Melhoramento genético aplicado à produção animal . Belo Horizonte: FEP-MVZ Editora, 1999. 493 p.
Bibliografia Complementar: BORDON, R. M. Understanding Animal Breeding . Prentice Hall, 1997 DALY, J. J. 1997 - Melhoramento Genético para Produção de Carne Bovina . Tradução: GENSYS. Edição: Agropecuária CFM LTDA. ELER, J. P. 2003 - Teorias e Métodos em Melhoramento Genético Animal . Edição revista e atualizada. Departamento de Ciências Básicas/FZEA/USP. 262p. Apostila ELER, J. P. 2007 - Teorias e Métodos em Melhoramento Genético Animal . Volume III – Sistemas de Acasalamento Apostila . 161p. Periódicos da Área. RAMALHO, M. A. P.; FERREIRA, D. F.; OLIVEIRA, A. C. Experimentação em Genética e Melhoramento de Plantas , Lavras: UFLA, 2000. 326p. VAN VLECK, L. D. 1993 - Selection Index and Introduction to Mixed Models Methods . CRC Press, Boca Raton, FL. VAN VLECK, L. D. et al. (1987). Genetics for the Animal Sciences . W.H. Freeman and Company, New York.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Patologia Clínica Veterinária
Pré-Requisito: Patologia Geral
Carga Horária: 75 horas (45h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Introdução a Patologia Clínica veterinária, estabelecimento de relações entre a fisiopatologia dos sistemas, bioquímica e a evolução das enfermidades, diagnóstico e prognóstico, demonstração, treinamento e execução de técnicas laboratoriais, procedimentos de coleta, armazenamento, transporte e processamento de material biológico, avaliação laboratorial dos distúrbios hematológicos, da função renal, hepática, pancreática, da tireóide, adrenais, dos distúrbios hidroeletrolíticos e ácido-básicos (eletrólitos e gases sanguíneos), análise de efusões cavitárias, introdução a citopatologia, urinálise, exames coproparasitológicos e parasitológicos de pele e pêlo.
Bibliografia Básica: GARCIA-NAVARRO, C. E. K. Manual de Urinálise Veterinária . Livraria Varela, São Paulo, 89 p., 1986. KANEKO, J. J. Clinical Biochemistry of Domestic Animals . 6. ed., Academic Press, San Diego, 932 p., 2008. STOCKHAM, S. L.; SCOTT, M. A. Fundamentos de Patologia Clínica Veterinária . 2ed. Rio de Janeiro, Gen730p., 2011. THRALL, M. A. Veterinary Hematology and Clinical Chemistry . 1ª ed., Blackwell, Iowa, 518p., 2001
Bibliografia Complementar: HARVEY, J. W. Atlas of Veterinary Hematology – Blood and Bone Marrow of Domestic Animals . 1ª ed., WB Saunders: Philadelphia, 228p. 2001 MEYER, D. J.; COLES, E. H.; RICH, L. J. Medicina de Laboratório Veterinário - Interpretação e Diagnóstico . 1ª ed., Roca, São Paulo, 308 p., 1995. WEISS, D. J.; WARDROP, K. J. Schalm's Veterinary Hematology . 6ª ed, Wiley-Blackwell, Iowa, 1206p., 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Anestesiologia Veterinária
Pré-requisito: Farmacologia Veterinária II/Semiologia Veterinária
Carga Horária: 90 horas (30h teóricas e 60h práticas)
Ementa: Teórico: Introdução a anestesiologia. Principais vias de administração. Medicação pré-anestésica. Estágios e planos anestésicos. Anestesia geral. Anestesia dissociativa. Anestesia local. Miorrelaxantes. Dor e analgesia. Emergências. Eutanásia. Prático: Utilização adequada dos agentes anestésicos, seleção e execução de técnicas anestésicas nas diferentes espécies, adequando-as às diferentes situações clínicas, valendo-se de modelos experimentais, maquetes e/ou casos clínicos apresentados ao Hospital Veterinário.
Bibliografia Básica FANTONI, D. T.; CORTOPASSI, S. R. G. Anestesia em Cães e Gatos . São Paulo: Roca, 2002. 389p. GILMAN, A. G.; RALL, T. W.; NIES, A.S.; TAYLOR, P. As bases farmacológicas da terapêutica . 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. 1232p. MASSONE, F. Anestesiologia veterinária: farmacologia e técnicas . 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 225p. TAYLOR, P. M.; CLARKE, K. W. Handbook of Equine Anaesthesia . London: W.B. Saunders, 1999. 194p.
Bibliografia complementar: HALL, L. W.; CLARKE, K. W. Anestesia veterinária . 8 ed. São Paulo: Manole, 1987. 451p. PADDLEFORD, R. R. Manual de anesthesia em pequenos animais . 3 ed. Roca, 2001, 423p. SPINOSA, H. S.; GÓRNIAC, S. L.; BERNARDI, M. M. Farmacologia aplicada à Medicina Veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. 545p. THURMON, J. C.; TRANQUILLI, W. J.; BENSON, G. J. Lumb & Jones' Veterinary Anesthesia . 3.ed. Baltimore, Williams & Wilkins, 1996. 928p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Produção Animal II (Bovinocultura de Corte e Leite)
Pré-requisito: Nutrição Animal II
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h prática)
Ementa: Introdução e estudo da cadeia produtiva do leite no Brasil e no mundo. Sistemas de produção. Manejo e alimentação do rebanho leiteiro nas diferentes fases. Produção de leite a pasto. Reprodução: manejo reprodutivo. Controle Zootécnico em rebanhos leiteiros. Situação da bovinocultura de corte no Brasil e no mundo. Principais raças e cruzamentos. Sistema de produção da pecuária de corte. Manejo e alimentação de bovinos de corte nas diferentes fases.
Bibliografia Básica: FEALQ. Bovinocultura leiteira. Fundamentos da exploração racional. A. M. Peixoto; J. C. Moura e V.P. Faria, Editores, 2 ^a . Ed. - Piracicaba, FEALQ, 581p., 1993. MARQUES, D. C. Criação de bovinos. 7 ed. Atualizada e ampliada, Belo Horizonte: CVP – Consultoria Veterinária e Publicações, 2006, 586p. MARTIN, L. C. T. Confinamento de bovinos de corte. São Paulo: Nobel, 1987. 122 p. NEIVA, A. C. G. R.; NEIVA, J. N. M. (Org). Do campus para o campo: tecnologias para a produção de leite. Fortaleza: Expressão, EMVZ/UFT, 320p, 2006.
Bibliografia Complementar: FEALQ. Nutrição de bovinos. Conceitos básicos e aplicados. Ed. A.M. Peixoto, J.C. Moura e V.P. Faria, Piracicaba, 1993. 526p. GOMES, S.T. A economia do leite. EMBRAPA-CNPGL - Coronel Pacheco. 1996. 104 p. LUCCI, C.S. Nutrição e manejo de bovinos leiteiros. Ed. Manole Ltda. São Paulo, USP, 169p. 1997. MARTIN, L. C. T. Nutrição mineral de bovinos de corte. São Paulo: Nobel, 1993. 173 p. NRC. Nutrient requirements of dairy cattle. Sixth Revised Edition, Update, 2001. 157p. PERRY, T. W. Beef cattle feeding and nutrition. Academic Press, 1980. 383 p. Embrapa gado de corte – publicações diversas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Clínica Médica de Ruminantes I
Pré-requisito: Semiologia Veterinária/ Patologia Clínica Veterinária/ Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/ Doenças Parasitárias
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Etiologia, epidemiologia, patogenia, sinais clínico-patológicos, prognóstico, tratamento e controle das principais doenças que acometem os ruminantes: Distúrbios dos líquidos corpóreos, dos eletrólitos e do equilíbrio ácido-básico; Terapêutica antimicrobiana básica; Defeitos congênitos e hereditários; Doenças do recém-nascido; Doenças do sistema respiratório; Doenças do sistema cardiovascular; Doenças do sistema digestivo; Doenças do sistema nervoso; Doenças da pele e anexos. Exame clínico e elaboração de diagnóstico.
Bibliografia Básica: RADOSTITIS, O. M. et al. Clínica veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e eqüinos . Rio de Janeiro: 9.ed., Guanabara Koogan, 2002. RIET-CORREA, F; SCHILD, A. L; LEMOS, R. A. A; BORGES, J. R. J. Doenças de Ruminantes e Equídeos . 3ª. ed. Santa Maria: Pallotti, 2007. SMITH, B. P. Tratado de Medicina Interna de Grandes Animais . São Paulo: Manole, 1993. DIRKSEN, G., GRÜNDER, H. D., STÖBER, M., ROSEMBERGER, G. Exame Clínico dos Bovinos . Rio de Janeiro: Guanabara, 1993.
Bibliografia Complementar: JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N.W. Patologia Veterinária . 6ªed. Barueri, São Paulo: Editora Manole, 2000, 1415p. NICOLETI, J. L.M. Podologia bovina . São Paulo: Manole. 2004. 126p TOKARNIA, C. H.; DÖBEREINER, J.; PEIXOTO, P.V. 2000. Plantas Tóxicas do Brasil . Editora Helianthus, Rio de Janeiro. TOKARNIA, C. H.; PEIXOTO, P. V.; BARBOSA, J. D.; BRITO, M. F.; DÖBEREINER, J. Deficiências Minerais em Animais de Produção . Rio de Janeiro: Helianthus, 2010. 200p. Journal of Animal Science: http://www.asas.org/jas/ Journal of Dairy Science: http://www.adsa.org/jds/ Livestock Production Science: http://www.elsevier.nl/locate/livprodsci Periódicos CAPES: http://www.periodicos.capes.gov.br/ Pesquisa Veterinária Brasileira: http://www.pvb.com.br/



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Clínica Médica de Pequenos Animais I
Pre-Requisito: Semiologia Veterinária/Patologia Clínica Veterinária/ Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/ Doenças Parasitárias
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Princípios da medicina de cães e gatos. Alterações do equilíbrio hidroeletrolítico. Fluidoterapia e transfusão sanguínea. Afecções do sangue e órgãos hematopoiéticos. Desordens do aparelho urinário. Enfermidades oftálmicas. Desordens do sistema digestório.
Bibliografia Básica: BICHARD, S. J.; SCHERDING, R. G. Manual Saunders – clínica de pequenos animais . 3.ed., São Paulo: Roca, 2008. FENNER, W. R. Consulta rápida em clínica veterinária . 3.ed., Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2003. 514p. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Fundamentos de medicina interna de pequenos animais . 3.ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
Bibliografia Complementar: DUNN, J. K. Tratado de medicina de pequenos animais . São Paulo: Roca, 2001. 1075p. ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de medicina interna de pequenos animais . 5.ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 1996p. RHODES, K. H. Dermatologia de pequenos animais – consulta em 5 minutos . Rio de Janeiro: Revinter, 2005. 702p. TILLEY, L. P.; SMITH, F. W. K. Consulta Veterinária em 5 Minutos – Espécies Canina e Felina . 2.ed., São Paulo: Manole, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Técnica Cirúrgica Veterinária
Pré-requisito: Anestesiologia Veterinária/ Microbiologia Especial/ Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
Carga Horária: 90 horas (30h teóricas e 60h práticas)
Ementa: Introdução às atividades cirúrgicas no aspecto técnico e humano. Estabelecimento do conhecimento sólido teórico e prático sobre os princípios fundamentais da cirurgia e suas aplicações nos diversos sistemas orgânicos nas espécies domésticas. Desenvolvimento do senso de trabalho em equipe, dos vínculos com projetos de pesquisa e da interdisciplinaridade universitária.
Bibliografia Básica: FOSSUM, T. W. Cirurgia de Pequenos Animais . Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. BOJRAB, M. J. Técnicas Atuais em Cirurgia de Pequenos Animais . São Paulo: Editora Roca Ltda, 2002. TURNER, A. S.; McILWRAITH, C. W. Técnicas Cirúrgicas em Animais de Grande Porte . São Paulo: Editora Roca Ltda, 2002. Bibliografia Complementar: HENDRICKSON, D. A. Técnicas Cirúrgicas em Grandes Animais . São Paulo: Editora Guanabara Koogan, 2010. TUDURY, E. A.; POTIER, G. M. A. Tratado de Técnica Cirúrgica Veterinária . São Paulo: Editora Med.Vet, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Fisiopatologia da Reprodução Animal
Pré-requisito: Patologia Especial/Semiologia Veterinária
Carga Horária: 90 horas (60h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Introdução e revisão de anatomia e histologia do sistema genital feminino. Aspectos aplicados a Fisiologia e à reprodução. Diagnóstico, tratamento e controle das patologias que interferem na fertilidade, com base no conhecimento das principais alterações morfofisiológicas e endócrinas do sistema genital das fêmeas dos animais domésticos. Diagnóstico, tratamento e controle das principais enfermidades congênitas e adquiridas do sistema genital da fêmea. Revisão de anatomia e histologia do sistema genital masculino. Aspectos aplicados a Fisiologia e à reprodução. Diagnóstico, tratamento e controle das afecções que interferem na fertilidade, com base no conhecimento das principais alterações morfológicas e endócrinas do sistema genital dos machos dos animais domésticos. Diagnóstico, tratamento e controle das principais enfermidades congênitas e adquiridas do sistema genital do macho. Avaliação andrológica nos animais domésticos.
Bibliografia Básica: HAFEZ, E. S. E.; HAFEZ. Reprodução Animal . 7ª ed. Manole. São Paulo, 2003. 582p. MIES FILHO, A. Reprodução dos Animais Domésticos . 6ª ed. Porto Alegre, 2 vol. 1987. 314p. MORROW, D. Current Therapy in Theriogenology . Philadelphia. Ed. Saunders, 1986, 1143p. THIBAUT, C.; LEVASSEUR, M. C.; HUNTER, R. H. F. Reproduction in Mammals and man . Ellipses, Edition Marketing, Paris, 1993. 801p.
Bibliografia Complementar COLE, H. H.; CUPPS, P. T. Reproduction in Domestic Animals . 3ª ed. New York. Academic Press, 1977. GRUNERT, E.; BERCHTOLD, M. Infertilidad em la vaca . Hemisferio Sur. Montevideo, 1988. 475p. KOLB, E. Fisiologia Veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984. 612p. McDONALD, L. E.; PINEDA, M. H. Veterinary Endocrinology and Reproduction . 4 ed. London, 1989. 571p. REECE, W. O. Fisiologia de Animais Domésticos . Rocca. São Paulo. 1996. 351p. ROBERTS, S. J. Veterinary Obstetrics and Genital Diseases . New York, Ann Arbor, 1971. 776p. SALISBURY, G. H.; VAN DEMARK, N. L.; LODJE, J. R. Physiology of Reproduction and Artificial Insemination of Cattle . São Francisco. Freeman, 1988. 798p. SWENSON, M. J.(ed) Dukes. Fisiologia dos Animais Domésticos . 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1993. ZENJANIS, R. Animal Reproduction . 2ª ed. Baltimore. William and Wilkins, 1970. 242p. Revistas Científicas Periódicos Científicos Jornais Científicos Anais de Congresso



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Doenças Infectocontagiosas I

Pré-requisito: Epidemiologia/Patologia Especial

Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)

Ementa

Sinonímia, história, etiologia, epidemiologia, patogenia, quando clínico e lesional, diagnóstico, prognóstico e controle das principais doenças bacterianas e micóticas dos animais domésticos.

Bibliografia Básica

BEER, J. **Doenças Infeciosas em Animais Domésticos**. São Paulo: Roca, 1988. 380p.

CORRÊA, W. M.; CORRÊA, C. N. M. **Enfermidades Infeciosas dos Mamíferos Domésticos**. 2 ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1992. 843p.

FERREIRA, A. J.; FERREIRA, C. **Doenças Infecto-Contagiosas dos Animais Domésticos**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990. 698p.

HAWARTH, J. A.; REIS, R. **Manual de Doenças Infeciosas: Doenças Bacteriana**. Belo Horizonte: Gráfica Rabelo, 1981. 134p.

Bibliografia Complementar

BARROS, C. S. L.; DRIEMEIER, D.; DUTRA, I. S.; LEMOS, R. A. A. **Doenças do Sistema Nervoso de Bovinos no Brasil**. Montes Claros: Vallée, 2006. 207p.

HIRSH, D. C.; ZEE, Y. C. **Microbiologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 446p.

JANEWAY JUNIOR, C. A.; TRAVERS, P.; WALPORT, M.; SHLOMCHIK, M. J. **Imunobiologia: o sistema imune na saúde e na doença**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 824p.

JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. **Patologia Veterinária**. 6 ed. São Paulo: Manole, 2000. 1415p.

PELCZAR JUNIOR, M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. **Microbiologia: conceitos e aplicações**, v.2. 2 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1997. 515p.

PELCZAR JUNIOR, M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. **Microbiologia: conceitos e aplicações**, v.1. 2 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1997. 410p.

TRABULSI, L. R.; ALTERTHUM, F. **Microbiologia**. 4 ed. São Paulo: Atheneu, 2005. 718p.

ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Toxicologia Aplicada à Medicina Veterinária
Pré-requisito: Farmacologia Veterinária II/ Patologia Especial
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Histórico da toxicologia. Conceitos. Toxicocinética. Toxicodinâmica. Fatores que influenciam a toxicidade. Risco toxicológico. Estimativa de dosagem. Diagnóstico e Conduta de urgência nas intoxicações. Avaliação de toxicidade. Introdução ao estudo de plantas tóxicas. Plantas ornamentais tóxicas. Plantas tóxicas de importância pecuária. Introdução ao estudo dos praguicidas. Organoclorados, organofosforados e carbamatos, piretróides. Herbicidas. Rodenticidas. Intoxicação por metais. Micotoxinas e micotoxicoses. Zootoxinas. Toxicologia dos domissanitários. Toxicologia dos medicamentos.
Bibliografia Básica OGA, S. Fundamentos de Toxicologia . 2 ed. São Paulo: Atheneu Editora, 2003. 474p. SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; PALERMO-NETO, J. Toxicologia aplicada à Medicina Veterinária . São Paulo: Editora Manole, 2008. 942p. TOKARNIA, C. H.; DÖBEREINER, J.; PEIXOTO, P. V. Plantas Tóxicas do Brasil , Rio de Janeiro: Helianthus, 2000. 320p.
Bibliografia complementar CHANDLER, E. A.; GASKELL, C. J.; GASKELL, R. M. Clínica e Terapêutica em Felinos . 3ª ed. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2006. 590p. FORD, R. B.; MAZZAFERRO, E. M. Manual de procedimentos veterinários e tratamento emergencial. Segundo Kirk & Bistner's Handbook of veterinary procedures and emergency treatment . 8ª edição. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2007. 747p. GFELLER, R. W.; MESSONNIER, S. P. Manual de Toxicologia e Envenenamentos em Pequenos Animais . 1ª ed. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2006. 376p. KLASSEN, C. D. Casarett & Doull's Toxicology- The basic science of poisons . 5ª edição, Estados Unidos da América, McGraw-Hill, 1996. 1111p. LORENZI, H. Plantas daninhas do Brasil – Terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas . 3ª ed. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000. 608 p. LORGUE, G.; LECHENET, J.; RIVIERE, A. Toxicologia clínica veterinária . 1ª ed, Acribia, 1997. 248p. OSWEILER, G. D. Toxicologia veterinária . 1ª ed., Médicas, 1998. 526p. PEREIRA, C. A. Plantas tóxicas e intoxicações na veterinária . Goiânia: UFG, 1992. 279p. PLUNKET, S. J. Procedimentos de emergência em pequenos animais . 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda, 2006. 521p. RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Clínica Veterinária – Um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e eqüinos . 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2000. 1737p. RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; MENDEZ, M. D. C.; LEMOS, R. A. A. Doenças de Ruminantes e Equinos . São Paulo: Varela, 2003. 2v. Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases. Disponível em: http://www.scielo.br Arquivo Brasileira de Medicina Veterinária e Zootecnia. Disponível em: http://www.scielo.br Ciência Rural. Disponível em: http://www.scielo.br Outros periódicos disponíveis pelo portal de periódicos da Capes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Clínica Médica de Ruminantes II
Pré-requisito: Clínica Médica de Ruminantes I
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Etiologia, epidemiologia, patogenia, sinais clínico-patológicos, prognóstico, tratamento e controle das principais doenças que acometem os ruminantes, além de técnicas e métodos de diagnóstico clínico. Doenças do sistema locomotor; Doenças do sistema músculo-esquelético; Doenças do sistema urinário; Doenças do fígado; Doença do sistema circulatório e hemolinfático; Doenças da glândula mamária; Doenças metabólicas; Deficiências nutricionais; Otites; Oftalmopatias.
Bibliografia Básica: RADOSTIS, O. M. et al. Clínica veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e eqüinos . Rio de Janeiro: 9.ed., Guanabara Koogan, 2002. RIET-CORREA, F; SCHILD, A. L; LEMOS, R. A. A; BORGES, J. R. J. Doenças de Ruminantes e Equídeos . 3ª. ed. Santa Maria: Pallotti, 2007. SMITH, B. P. Tratado de Medicina Interna de Grandes Animais . São Paulo: Manole, 1993. DIRKSEN, G.; GRÜNDER, H. D.; STÖBER, M.; ROSEMBERGER, G. Exame Clínico dos Bovinos . Rio de Janeiro: Guanabara, 1993.
Bibliografia Complementar: NICOLETI, J. L. M. Podologia bovina . São Paulo: Manole. 2004. 126p JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. Patologia Veterinária . 6ªed. Barueri, São Paulo: Editora Manole, 2000, 1415p. TOKARNIA, C. H.; DÖBEREINER, J.; PEIXOTO, P.V. 2000. Plantas Tóxicas do Brasil . Editora Helianthus, Rio de Janeiro. TOKARNIA, C. H.; PEIXOTO, P. V.; BARBOSA, J. D.; BRITO, M. F.; DÖBEREINER, J. Deficiências Minerais em Animais de Produção . Rio de Janeiro: Helianthus, 2010. 200p. Journal of Animal Science: http://www.asas.org/jas/ Journal of Dairy Science: http://www.adsa.org/jds/ Livestock Production Science: http://www.elsevier.nl/locate/livprodsci Periódicos CAPES: http://www.periodicos.capes.gov.br/ Pesquisa Veterinária Brasileira: http://www.pvb.com.br/



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Clínica Médica de Pequenos Animais II
Pré-requisito: Clínica Médica de Pequenos Animais I
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Princípios da medicina de cães e gatos. Afecções do sistema cardiorrespiratório. Desordens do sistema endócrino. Desordens do sistema nervoso. Afecções dermatológicas e óticas.
Bibliografia Básica: BICHARD, S. J.; SCHERDING, R. G. Manual Saunders – clínica de pequenos animais. 3.ed., São Paulo: Roca, 2008. FENNER, W. R. Consulta rápida em clínica veterinária. 3.ed., Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2003. 514p. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Fundamentos de medicina interna de pequenos animais. 3.ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
Bibliografia Complementar: DUNN, J. K. Tratado de medicina de pequenos animais. São Paulo: Roca, 2001. 1075p. ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de medicina interna de pequenos animais. 5.ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 1996p. RHODES, K. H. Dermatologia de pequenos animais – consulta em 5 minutos. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. 702p. TILLEY, L. P.; SMITH, F. W. K. Consulta Veterinária em 5 Minutos – Espécies Canina e Felina. 2.ed., São Paulo: Manole, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Clínica Médica de Equídeos

Pré-requisito: Semiologia Veterinária/ Patologia Clínica Veterinária/ Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/ Doenças Parasitárias.

Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)

Ementa:

Caracterização da importância da equideocultura no Brasil e no Tocantins. Estudo das principais afecções que acometem os equídeos. Fundamentação dos conceitos teóricos, possibilitando a elaboração de um plano diagnóstico e terapêutico com raciocínio clínico crítico, durante as aulas práticas.

Bibliografia Básica:

GUYTON, A. C. **Tratado de fisiologia médica**. São Paulo: 10ª ed., Guanabara Koogan, 2002.

RADOSTIS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. **Clínica veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos**. Rio de Janeiro: 9.ed., Guanabara Koogan, 2002.

SMITH, B. P. **Tratado de Medicina Interna de Grandes Animais**. São Paulo: 1ª ed., Editora Manole, 1994.

THOMASSIAN, A. **Enfermidade dos cavalos**. São Paulo: 4ª ed., Editora Varela, 2005.

Bibliografia Complementar:

GOLOUBETT, B. **Abdome Agudo Equino**. São Paulo, 1ª ed., Editora Varela, 1993.

REED, S. M.; BAYLY, W. M. **Medicina Interna Equina**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 2000. 938p.

ROBINSON, N. E. **Current Therapy in equine medicine** 4. Philadelphia, W.B. Saunders, 1997.

SPIERS, V. C. **Exame Clínico de Equinos**. 1ª ed., Editora Artmed, Porto Alegre, 1999.

STASHAK, T. S. **Claudicação em equinos** Segundo Adams. 4º Ed, Editora Roca, São Paulo, 2004.

WHITE, N. A. **The Equine Acute Abdomen**. Malvern. Lea & Febiger, 1990.

Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia

Equine Veterinary Journal

Revista Ciência Animal

Revista Brasileira de Medicina Equina



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Clínica Cirúrgica Veterinária

Pré-requisito: Patologia Especial/ Patologia Clínica Veterinária/ Diagnóstico por Imagem/ Técnica Cirúrgica Veterinária

Carga Horária: 90 horas (30h teóricas e 60h prática)

Ementa

Tópicos sobre diagnóstico e tratamento de feridas, distrofias, hérnias, síndrome choque, oncologia, afecções do sistema urinário, locomotor, digestório, cabeça e pescoço.

Indicar e executar a técnica operatória condizente com a patologia e aplicar conhecimentos de pré, trans e pós-operatório.

Bibliografia básica

TURNER, A. S.; MCILWRAITH, C. W. **Técnicas Cirúrgicas em Animais de Grande Porte**
Editora: Roca, 2002.

FOSSUM, T. **Cirurgia de Pequenos Animais**. Ed. Elsevier., 2008

DALECK, A. R.; NARDI, A. B.; RODASKI, S. **Oncologia em Cães e Gatos**. Ed. Roca. 2009.

Bibliografia complementar:

Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária

The Veterinary Records

Revista Ciência Rural

Arquivo Brasileiro de Ciência Veterinária



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Doenças Infectocontagiosas II
Pré-requisito: Doenças Infectocontagiosas I
Carga Horária: 60 horas (45h teóricas e 15h práticas)
Ementa Sinonímia, história, etiologia, epidemiologia, quando clínico e lesional, diagnóstico, prognóstico, tratamento e controle das principais doenças virais dos animais domésticos. Estudo dos prions de importância em Medicina Veterinária.
Bibliografia Básica BEER, J. Doenças Infecciosas em Animais Domésticos . São Paulo: Roca, 1988. 380p. CORRÊA, W. M.; CORRÊA, C. N. M. Enfermidades Infecciosas dos Mamíferos Domésticos . 2 ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1992. 843p. FERREIRA, A. J.; FERREIRA, C. Doenças Infecto-Contagiosas dos Animais Domésticos . 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990. 698p. HAWARTH, J. A.; REIS, R. Manual de Doenças Infecciosas: Doenças Bacteriana . Belo Horizonte: Gráfica Rabelo, 1981. 134p.
Bibliografia Complementar BARROS, C. S. L.; DRIEMEIER, D.; DUTRA, I. S.; LEMOS, R. A. A. Doenças do Sistema Nervoso de Bovinos no Brasil . Montes Claros: Vallée, 2006. 207p. HIRSH, D. C.; ZEE, Y. C. Microbiologia Veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 446p. JANEWAY JUNIOR, C. A.; TRAVERS, P.; WALPORT, M.; SHLOMCHIK, M. J. Imunobiologia: o sistema imune na saúde e na doença . 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 824p. JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. Patologia Veterinária . 6 ed. São Paulo: Manole, 2000. 1415p. PELCZAR JUNIOR, M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. Microbiologia: conceitos e aplicações , v.2. 2 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1997. 515p. PELCZAR JUNIOR, M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. Microbiologia: conceitos e aplicações , v.1. 2 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1997. 410p. TRABULSI, L. R.; ALTERTHUM, F. Microbiologia . 4 ed. São Paulo: Atheneu, 2005. 718p. ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Extensão Rural
Pré-requisito: Sociologia Rural
Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h prática)
Ementa: Histórico da Extensão Rural; Desenvolvimento rural e modernização; Agricultura familiar; Métodos e técnicas de Planejamento participativos; Planejamento em Extensão rural.
Bibliografia Básica: BERGAMASSO, S. M.; NOEDER, L. A. C. O que são assentamentos rurais? . São Paulo: Brasiliense, 1966 – (Coleção primeiros passos; 301). COELHO, F. M. G. A arte das orientações técnicas no campo . Viçosa: UFV, 2005. GONZALES, H. O que é desenvolvimento . São Paulo: Brasiliense, 1980 – (Coleção primeiros passos).
Bibliografia Complementar: BERLO, D. K. O processo da comunicação . São Paulo: Martins Fontes, 1999. BROSE, M. (Org.). Participação na Extensão Rural : experiências inovadoras de desenvolvimento local. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. FIGUEIREDO, V. Produção social da tecnologia . São Paulo: EPU, 1989. FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro, Paz e terra, 1977. 93p. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia . São Paulo: Paz e Terra, 1996. GUANZIROLI, C.; ROMEIRO, A.; BUAINAIN, A.; DI SABATO, A.; BITTENCOURT, G. Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI . Rio de Janeiro: Garamond, 2001 LAMARCHE, H. Agricultura familiar: comparação internacional . Campinas – SP: Unicamp, 1988 GRAZIANO DA SILVA, J. A nova dinâmica da agricultura brasileira . Campinas, IE/ UNICAMP, 1996 LIANZA, S., ADOR, F. Tecnologia e Desenvolvimento social e solidário . Porto Alegre: UFRGS, 2005. LIBÂNEO, C. e SANTOS, Akiko (Orgs.). Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade . São Paulo: Alínea, 2009. MORIN, Edgar. Ciência com consciência . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Paulo: Loyola, 2006

9º Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I (Carnes, Pescados e Ovos e Derivados)

Pré-requisito: Doenças Infectocontagiosas II e Doenças Parasitárias

Carga Horária: 90 horas (60h teóricas e 30h prática)

Ementa

Instalações e equipamentos relacionados ao abate das principais espécies de açougue. Inspeção *ante-mortem* e *post mortem* de bovinos, suínos, aves e pescado; Processos de conservação das carnes, pescado e ovos. Enfermidades veiculadas por alimentos. Análise de Perigos e Controle de Pontos Críticos. Transformação do músculo em carnes, corte cárneos e avaliação qualitativa e quantitativa de carnes de animais de açougues. Classificação de ovos. Características específicas e químicas das carnes, pescado e ovos. Processos de conservação de alimentos (embutidos, curados e defumados).

Bibliografia Básica

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. RIISPOA - **Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal**. 2007. 364p. Disponível em: www.agricultura.gov.br.

BRASIL. Normativa 210, de 10 de novembro de 1998. **Regulamento Técnico da Inspeção Tecnológica e Higiênico-Sanitária de Carne de Aves**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1998. Disponível em: www.agricultura.gov.br.

BRASIL. Normativa 711, de 10 de novembro de 1998. **Regulamento Técnico da Inspeção Tecnológica e Higiênico-Sanitária de Carne de suínos**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1998. Disponível em: www.agricultura.gov.br.

ORDÓÑEZ, J. A. **Tecnologia de Alimentos**. Porto Alegre: Artmed, 2005. V. 2, 279 p.

Bibliografia Complementar

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA (TOMO). **Inspeção de carnes bovinas**. 2007. 178p. www.agricultura.gov.br

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Decreto, Nº 56.585, de 20 de julho de 1965. Publicado no DOU de 22/07/1965. **Novas especificações para a classificação e fiscalização do ovo**. www.agricultura.gov.br

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Portaria, Nº 01, de 21 de fevereiro de 1990. **Normas Gerais de Inspeção de Ovos e Derivados**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/das/dipoa/ovo> www.agricultura.gov.br

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Portaria, Nº 185 de 13 de maio de 1997. Publicado no DOU de 19/05/97. **Aprovar os Regulamentos Técnicos de Identidade e Qualidade de Peixe Fresco (Inteiro e Eviscerado)**. www.agricultura.gov.br

GOMIDE, L. A. M. **Tecnologia de abate e Tipificação de Carcaças**. Viçosa: UFV, 2006. 370 p.

PRICE, J. F.; SCHWEIGERT, B. **Ciencia de la carne y de los productos carnicos**. 2. Ed. Zaragoza: Acribia, 1994. 581p.

SILVA, J. R. E. A. **Manual de Controle Higiênico-Sanitário em Alimentos**, 3 ed. São Paulo: Varela, 1995.

Periódicos: Revista Nacional da Carne; Higiene Alimentar; Meat Science; Jornal of Food Science; Ciência e Tecnologia de Alimentos- Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos (SBCTA). Sites: www.ital.com.br; www.agronegocios.com.br; www.maa.gov.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II (Leite, Mel e Derivados)

Pré-requisito: Doenças Infectocontagiosas II

Carga Horária: 90 horas (60h teóricas e 30h prática)

Ementa:

Obtenção, composição, valor nutritivo, conservação, higiene e controle de qualidade do leite, mel e derivados. Análises físico-químicas e interpretação. Avaliação sensorial e legislação, processamento tecnológico dos derivados.

Bibliografia Básica

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **RIISPOA-Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal**. 2007. 364p.

LERCHE, M. **Inspeccion Veterinaria de La Leche**. Zaragoza: Acribia. 1969. 375 p.

TRONCO, V. M. **Manual para inspeção e qualidade do leite**. 3ed. Santa Maria, Ed da UFSM, 2008, 206p.

VEISSEYRE, R. **Lactologia Técnica: composición, recogida, tratamiento y transformación de la leche**. Zaragoza: Acribia, 1988.

Bibliografia Complementar:

AMIOT, J. **Ciência y Tecnología de la Leche: principios y aplicaciones**. Zaragoza: Acribia, 1991.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa, Nº 03, de 19 de janeiro de 2001. Publicado no DOU de 23/01/2001. **Aprovar os Regulamentos Técnicos de Identidade e Qualidade de Apitotoxinas, Cera de Abelha, Geleia Real, Geleia Real Liofilizada, Pólen Apícola, Própolis e Extrato de Própolis**.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa, Nº 11, de 20 de outubro de 2000. Publicado no DOU de 23/10/00. **Aprovar os Regulamentos Técnicos de Identidade e Qualidade do Mel**.

OLIVEIRA, A. J. **Leite: Obtenção e qualidade do produto fluido e derivados**.

OLIVEIRA, A. J.; CARUSO, J. G. B. Piracicaba: FEALQ, 1996, 80p.

SPREER, E.; QUEVEDO, O. T. D. **Lactologia Industrial**. Zaragoza: Acribia, 1996. Revista: Indústria de Laticínios

Periódicos: Higiene Alimentar; Meat Science; Journal of Food Science; Ciência e Tecnologia de Alimentos - Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos (SBCTA), J. Dairy Research, Journal. Appl. Bacteriol., Alimentaria, Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, Revista Instituto Adolfo Lutz, Journal Food Microbiological, Journal Dairy Science, Journal Food Protection.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Obstetrícia Veterinária
Pré-requisito: Patologia Clínica Veterinária/ Fisiopatologia Reprodução Animal/Técnica Cirúrgica Veterinária/Doenças Infectocontagiosas II
Carga Horária: 90 horas (30h teóricas e 60h prática)
Ementa: Anatomofisiologia do Aparelho Reprodutor feminino,- Fisiologia da Gestação e Parto,- Patologias gestacionais, diéstricas, de parto e puerpério - Endocrinologia reprodutiva canina e felina,- Desordens metabólicas correlacionadas à reprodução, - Técnicas de controle populacional,- Controle da Reprodução masculina
Bibliografia Básica: FELDMAN, E. C.; NELSON, R. W. Canine and Feline Endocrinology and Reproduction . Philadelphia: W.B. Saunders Company, 1996, cap.30, p.734-739. GEOFFREY, H. A.; NOAKES, D. A.; PERSON, H.; PARKINSON, T. J. Veterinary Reproduction & Obstetrics . Londres: W.B. Saunders, 1996, 726p. GRUNERT, E.; BIRGEL, E. H. Obstetrícia Veterinária , Porto Alegre: Editora Sulina, 1989, 251p. TONIOLLO, G. H.; VICENTE, W. R. Manual de Obstetrícia Veterinária . São Paulo: Varela, 1995, 124p.
Bibliografia Complementar: HAFEZ, E. S. E.; HAFEZ, B. Reprodução Animal . São Paulo: Manole, 2004, 513p. JHONSTON, S. D.; KUSTRITZ, M. V. R.; OLSON, P. N. S. Sexual differentiation and normal anatomy of the bitch . In: ___ Canine and Feline Theriogenology. Philadelphia: W.B. Saunders Company, 2001. 1v, p. 1-14. STABENFELDT, G. H., EDQVIST, L. R. Processos Reprodutivos da fêmea . In: DUKES. Fisiologia dos Animais Domésticos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, 11 ed., 720p. PRESTES, N. C.; LANDIM-ALVARENGA, F. Medicina Veterinária - Obstetrícia Veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, 241p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Técnicas e Estudos Especiais em Reprodução Animal

Pré-requisito: Fisiopatologia da Reprodução Animal

Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)

Ementa:

Determinação do sexo e diferencial sexual. Citogenética aplicada à reprodução animal. Criopreservação do sêmen. Fertilização *in vitro* e embriogênese inicial. Controle do ciclo estral. Transferências de Embriões e Micromanipulação de embriões. Técnicas e requisitos para implantação da inseminação artificial nas espécies domésticas.

Bibliografia Básica

ALBERTS, B. et al. Células germinativas e fertilização. *In: Biologia molecular da célula*. 3ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 1011-1035.

HAFEZ, E. S. E. Reprodução Animal. 8ª ed. Manole. São Paulo, 2003. 582p.

JOHNSON, L.; MCGOWEN, T. A.; KEILLOR, G. E. Testis, Overview. *In: Encyclopedia of reproduction*. Academic Press, 1999. v. 4, p. 769-783.

MIES FILHO, A. Reprodução do Animais Domésticos. 6ª ed. Porto Alegre, 2 vol. 1987. 314p.

Bibliografia Complementar

MORROW, D. **Current Therapy in Theriogenology**. Phildelphia. Ed. Saunders, 1986, 1143p.

ROBERTS, S. J. **Veterinary Obstetrics and Genital Diseases**. New York, Ann Arbor, 1971. 776p.

THIBAUT, C.; LEVASSEUR, M. C; HUNTER, R. H. F. **Reproduction in Mammals and man**. Ellipses, Edition Marketing, Paris, 1993. 801p.

Periódicos Científicos (Theriogenology, Journal Animal Reproduction Science, Journal of Andrology, Ars Veterinária, Journal Reproduction and Fertility, Archives of Andrology, Molecular Reproduction Development, American Journal Veterinary Research.), Jornais Científicos, Anais de Congressos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Higiene e Saúde Pública

Pré-requisito: Doenças Infectocontagiosas II/Doenças Parasitárias

Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)

Ementa:

Conceitos de Higiene e Saúde pública – princípios gerais; cadeia epidemiológica e medidas de profilaxia – vigilância epidemiológica e vigilância sanitária; Saneamento. Controle de agentes reservatórios e de vetores. Desinfecção e desinfetantes. Água – propriedades, captação, tratamento e distribuição; Instalações pecuárias; Lixo e dejetos; Imunoprofilaxia – vacinas e vacinações; Higiene dos alimentos; Manejo Sanitário animal. Zoonoses. Legislação sanitária animal.

Bibliografia Básica:

ACHA, P. N.; SZYFRES. Zoonosis y enfermedades transmissibles comunes al hombre y a los animales. 2. ed. Organizacion Panamericana de La Salud, 1986.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Guia Brasileiro de Vigilância Epidemiológica**. 5. ed. rev. Ampl. Brasília, 1998.

DOMINGUES, P. F.; LANGONI, H. **Manejo Sanitário Animal**. Rio de Janeiro: EPUB, 2001.

SILVA JR., E. A. **Manual de Controle Higiênico-Sanitário em Alimentos**, 3. ed. São Paulo: Varela, 1995.

Bibliografia Complementar:

CORTÊS, J. A. **Epidemiologia: Conceitos e princípios fundamentais**. São Paulo: Varela, 1993.

CENTRO DE PRODUÇÕES TÉCNICAS. **Tratamento da água no meio rural** – manual nº 234, 2000

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Qualidade da água**. Fundação Nacional de Saúde.

VOIGT, A., KLEINE, F. D. **Zoonosis**. Zaragoza: editora Acribia. 1975. 351 p.

BRASIL. Fundação Nacional da Saúde. **Manual de controle de roedores**. Brasília, 2002

Artigos científicos, textos e manuais de interesse em Higiene e Saúde Pública Veterinária.

Optativas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Bioterismo
Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)
Ementa: Histórico do uso de animais para experimentação. Ética e Legislação no uso de animais para experimentação. Bem-estar de animais de biotério. Instalações, macro e microambiente. Biossegurança. Anatomia e fisiologia de ratos de laboratório. Genética, nutrição. Formas de identificação de animais de biotério. Vias de administração de substâncias utilizadas em ratos. Técnicas de coleta de sangue. Doenças comuns de animais de laboratório. Principais técnicas experimentais em ratos: exame de lavado vaginal, ovariectomia, comportamento maternal, desenvolvimento físico e neurocomportamental.
Bibliografia básica: ANDERSON, N. L. Roedores de Companhia. In: BICHARD, S.J.; SHERDING, R.G. Manual Saunders de Clínica de pequenos animais. 3ª Ed. São Paulo: Roca, 2008. p.1920-1950. GUIMARÃES, M. A.; MÁZARO, R.(cols.). Princípios éticos e práticos do uso de animais de experimentação. São Paulo: UNIFESP, 2004. SIROIS, M. Medicina de Animais de Laboratório – Princípios e Procedimentos. 1ª Ed. São Paulo: Editora Roca, 2008.
Bibliografia complementar: CARDOSO, T. A. O. Considerações sobre a biossegurança em arquitetura de biotérios. Bol. Centr. Panam. Febre Aftosa , v. 64-67, p. 3-17, 1998-2001. MARCONDES, F. K.; BIANCHI, F. J.; TANNO, A. P. Determination of the estrous cycle phases of rats: some helpful considerations. Brazilian Journal of Biology , v. 62, p. 609-614, 2002. PAIVA, F. P.; MAFFILI, V. V.; SANTOS, A. C. S. Curso de Manipulação de Animais de Laboratório. Salvador: Fiocruz, 2005. PRITCHETT, K. R.; CORNING, B. F. Biology and Medicine of Rats. In: DEUTER, J.D.; SUCKOW, M.A. Laboratory Animal Medicine and Management. New York: International Information Service. Disponível em: http://www.ivis.org Acesso: 25 de setembro de 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Didática em Apresentações
Carga Horária: 45 horas (15h teóricas e 30h práticas)
Ementa: Determinação do objeto e dos objetivos do discurso; desenvolvimento do discurso; marketing pessoal do orador com postura e gesticulação; utilização de recursos audiovisuais; como preparar uma boa apresentação de trabalhos científicos.
Bibliografia básica: POLITO, R. Recursos audiovisuais nas apresentações de sucesso . 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2003. 140p. POLITO, R. Como Preparar Boas Palestras e Apresentações . São Paulo: Saraiva, 1995. 123p. POLITO, R. Superdicas para Falar Bem em Conversas e Apresentações . São Paulo: Saraiva, 2005. 154p.
Bibliografia complementar: Artigos científicos da área em que o aluno está inserido como também textos diversos sobre temas atuais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Libras
Carga Horária: 45 horas (45h teóricas)
Ementa: Introdução e Apresentação ao estudo de Libras. Noções básicas de LIBRAS com vistas a uma comunicação funcional entre ouvinte e deficientes auditivos. Estudo da Lei Federal 10.436/02
Bibliografia básica: BRITO, L. F. A integração social dos surdos . Rio de Janeiro: Babel, 1978. CAPOVILLA, F. C. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe- Língua Brasileira de Sinais . São Paulo: Edusp, 2003. COUTINHO, D. LIBRAS: língua brasileira de sinais e língua portuguesa (semelhanças e diferenças) . 2.ed., Idéia, 1998. FELIPE. T. A. LIBRAS em Contexto . Brasília: LIBREGRAF, 2004.
Bibliografia complementar: FERNANDES, S. et al. Aspectos lingüísticos da LIBRAS . Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998. FERREIRA BRITO, L. Por uma gramática de língua de sinais . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ/Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Manejo e Clínica de Animais Silvestres
Pré-requisito: Semiologia Veterinária/Patologia Clínica Veterinária/ Diagnóstico por Imagem/Patologia Especial/ Doenças Parasitárias.
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h práticas)
Ementa: <i>Teórico:</i> Conceitos e técnicas semiológicas em animais silvestres e exóticos, técnicas de contenção, princípios hospitalares aplicados, principais espécies silvestres (aves, furões, roedores, répteis, felinos não domésticos, primatas silvestres e peixes). Conhecimentos sobre os princípios de criação e reprodução em cativeiro, readaptação e reintrodução de espécies silvestres na natureza e nutrição de animais silvestres. <i>Prático:</i> Princípios básicos da medicina de animais silvestres e exóticos, incluindo métodos de contenção, diagnóstico e tratamento das enfermidades que acometem tais animais.
Bibliografia básica: ALFONS. Os animais silvestres: produção, doenças e manejo. Globo, 2ed, 1990. CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. Tratado de medicina de animais selvagens. São Paulo: Roca, 2006. FOWLER, M. E.; MILLER, R. E. Zoo and Wild Animal Medicine. 5.ed., Philadelphia: Saunders, 2003. OGLESBEE, B. L. Distúrbios dos animais de estimação aviários e exóticos. Seção 2. In: BICHARD, S. J.; SHERDING, R. G. Manual Saunders Clínica de Pequenos Animais. São Paulo: Roca, 1998, p.1397-1576.
Bibliografia complementar: FOWLER, M. E. Restraint and Handling of Wild and Domestic Animals. 2.ed., Ames: Iowa State Press, 1995. KLEIMAN, D. G.; ALLEN, M. E.; THOMPSON, K. V.; LUMPKIN, S. Wild Mammals in Captivity: Principles and Techniques. Chicago: University of Chicago Press, 1997. MADER, D. R. Reptile Medicine and Surgery. 2.ed., Philadelphia: Saunders, 2006. MCARTHUR, S.; WILKINSON, R.; MEYER, J. Medicine of Tortoises and Turtles. Blackwell, 2004 O'MALLEY, B. Clinical Anatomy and Physiology of Exotic Species: Structure and Function of Mammals, Birds, Reptiles and Amphibians. Philadelphia: Saunders, 2005. QUESENBERRY, K. E.; CARPENTER, J. W. Ferrets, Rabbits and Rodents: Clinical Medicine and Surgery. 2.ed., Philadelphia: Saunders, 2003
Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira (Séries Zootecnia e Veterinária) Brazilian Journal of medical and biological research Ciência Rural Criação de Jacaré. Manual prático e Fita de vídeo do CPT. CRIAÇÃO DE JACARÉ – MANUAL PRÁTICO. Livr. E fita de vídeo. Ed. Agropecuária, 200p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Medicina Veterinária Legal

Pré-requisito: Patologia Especial

Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)

Ementa:

Legislação na área de Medicina Veterinária Legal, Atuação do profissional em Medicina Veterinária Legal, Noções: Direito e Criminalística; Tanatologia; Identificação; Traumatologia; Toxicologia Forense; Exames Laboratoriais em perícias; Maus tratos dos animais e danos ao meio ambiente; Exames periciais por Médicos Veterinários e Elaboração de laudos, pareceres técnicos e demais documentos judiciais; Normas relativas aos produtos de origem animal e funcionamento de estabelecimentos veterinários e correlatos; Normas relativas à produção, testes, armazenamento, comercialização e controle de medicamentos de uso animal; Legislação e exames de determinação de resíduos de medicamentos em produtos de origem animal; Normas relativas ao trânsito nacional e internacional de animais.

Bibliografia Básica:

MCGAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. **Bases da Patologia em Veterinária**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PAARMANN, K. **Medicina Veterinária Legal**, São Paulo: Ed. do autor, 168 p., 2005

Veterinary Forensics Website in: <http://www.tufts.edu/vet/forensics>

Bibliografia Complementar:

BANDARRA, E. P.; SEQUEIRA, J. L. Tanatologia: Fenômenos Cadavéricos Abióticos. REVISTA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA DO CRMV-SP, São Paulo, v.2, nº 1, p.59-63, 1999.

BANDARRA, E. P.; SEQUEIRA, J. L. Tanatologia: fenômenos cadavéricos transformativos. REVISTA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA DO CRMV-SP, São Paulo, v.2, nº 3, p.72-76, 1999.

FRANÇA, G.V. **Medicina Legal**; Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1995.

MENDES, L., **Documentoscopia**, Sagra, Luzzatto, Porto Alegre, 1999.

ZARZUELA, J. L., ARAGÃO, R. F. **Química Legal e Incêndios**, Sagra Luzzatto, Porto Alegre, 1999.

STUMVOLL, V. P., QUINTELA, V., DOREA, L. E. **Criminalística**, Sagra Luzzatto, Porto Alegre, 1999.

TOCHETTO, D. **Balística Forense**, Sagra Luzzatto, Porto Alegre, 1999.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Monitoramento Anestésico
Pré-requisito: Anestesiologia veterinária
Carga Horária: 45 horas (15h teóricas e 30h prática)
Ementa: <i>Teórico:</i> Conceitos e técnicas dos principais métodos de monitoração empregados na medicina veterinária de pequenos animais, grandes animais bem como animais silvestres e aves incluindo técnicas invasivas e não invasivas praticadas a campo ou ambulatório ou ainda em centro cirúrgico durante o período trans e pós-anestésico. <i>Prático:</i> Familiarização dos acadêmicos com as principais formas de monitoração anestésica utilizadas na prática médica, valendo-se dos casos cirúrgicos apresentados ao Hospital Veterinário da EMVZ/UFT.
Bibliografia Básica: BATTAGLIA, A. Small Animal Emergency and Critical Care: a Manual for the Veterinary Technician. Philadelphia: Saunders, 2001. 360p. BISTNER, S. J.; FORD, R. B Manual de Procedimentos Veterinários e Tratamento de Emergência. 6 ^a ed. São Paulo: Manole. 1997. 914p. DIBARTOLA, S. P. Anormalidades de fluidos, eletrólitos e equilíbrio ácido-básico na clínica de pequenos animais. 1 ^a ed. Roca, 2007. 680p. PLUNKETT, S. J. Procedimentos de emergência em pequenos animais. 2 ^a ed. Revinter, 2006. 521p.
Bibliografia complementar: FANTONI, D. T.; CORTOPASSI, S. R. G. Anestesia em Cães e Gatos. São Paulo: Roca , 2002. 389p. PADDLEFORD, R. R. Manual de anestesia em pequenos animais. 3 ed. Roca, 2001, 423p. TAYLOR, P. M.; CLARKE, K. W. Handbook of Equine Anaesthesia. London: W.B. Saunders, 1999. 194p. THURMON, J. C.; TRANQUILLI, W. J.; BENSON, G. J. Lumb & Jones' Veterinary Anesthesia. 3.ed. Baltimore, Williams & Wilkins, 1996. 928p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Ornitopatologia
Pré-requisito: Patologia Especial
Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h prática)
Ementa: Aspectos gerais das doenças aviárias; Doenças de origem bacteriana; Doenças de origem viral; Doenças de origem parasitária; Doenças produzidas por fungos e toxinas; Doenças metabólicas; Prevenção e Controle de Enfermidades Aviárias.
Bibliografia Básica: ANDREATTI FILHO, R. L. Saúde aviária e doenças. São Paulo: Rocca, 2007, p. 112-117. REVOLLEDO, L.; FERREIRA, A. J. P. Patologia aviária. 1ed. Barueri: Manole, 2009, 510p.
Bibliografia complementar: BERCHIERI Jr., A.; MACARI, M. Doenças das aves. 2ed. Campinas: FACTA, 2009, 1104p. ARTIGOS CIENTÍFICOS NA ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Práticas Ambulatoriais em Pequenos Animais
Pré-requisito: Fisiologia Veterinária II, Farmacologia Veterinária II, Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos.
Carga Horária: 45 horas (15h teóricas e 30h prática)
Ementa: <i>Teórico:</i> Conceitos e técnicas dos principais procedimentos ambulatoriais empregados na medicina de pequenos animais, incluindo técnicas de contenção e abordagem do paciente, cateterização arterial e venosa, técnicas de fixação de cateteres, vias de administração de medicamentos, cateterização vesical, colheita de material biológico para análise, centeses, mensuração da pressão arterial e venosa, talas e imobilizações, avaliação do paciente internado e conceitos de esterilização de material de uso hospitalar. <i>Prático:</i> Familiarização dos acadêmicos com as principais técnicas ambulatoriais utilizadas na prática médica em cães e gatos, valendo-se de modelos experimentais, maquetes, programas de computador e/ou casos clínicos apresentados ao Hospital Veterinário da EMVZ/UFT.
Bibliografia Básica BATTAGLIA, A. Small Animal Emergency and Critical Care: a Manual for the Veterinary Technician. Philadelphia: Saunders, 2001. 360p. BLOCK, S. S. Disinfection, sterilization and preservation. 6 ^a ed. Philadelphia: Williams & Wilkins, 2000. 1504p. BISTNER, S. J.; FORD, R. B. Manual de Procedimentos Veterinários e Tratamento de Emergência. 6 ^a ed. São Paulo: Manole. 1997. 914p. DIBARTOLA, S. P. Anormalidades de fluidos, eletrólitos e equilíbrio ácido-básico na clínica de pequenos animais. 1 ^a ed. Roca, 2007. 680p.
Bibliografia Complementar McCURNIN, D. M.; BASSERT, J. M. Clinical Textbook for Veterinary Technicians. 6 ^a ed. Philadelphia: Saunders, 2005. 1280p. PLUNKETT, S. J. Procedimentos de emergência em pequenos animais. 2 ^a ed. Revinter, 2006. 521p. SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. Farmacologia aplicada à Medicina Veterinária. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. 545p. Periódico: Clinical Techniques in Small Animal Practice , Editora Elsevier, periodicidade: trimestral; acesso textos completos através do portal www.periodicos.capes.gov.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Práticas Laboratoriais em Análises de Alimentos e de Água
Pré-requisito: Microbiologia Especial
Carga Horária: 45 horas (45h prática)
Ementa: Importância dos micro-organismos nos alimentos. Grupos de bactérias importantes em bacteriologia de alimentos. Micro-organismos indicadores. Micro-organismos patogênicos de importância em alimentos. Fatores intrínsecos e extrínsecos que controlam o desenvolvimento microbiano. Alterações químicas causadas por microorganismos. Princípios gerais de conservação dos alimentos. Deterioração microbiana de alimentos; estudo dos padrões microbiológicos da legislação nacional vigente para os produtos de origem animal; plano de amostragem para coleta de amostras e interpretação de laudos microbiológicos.
Bibliografia básica: AMERICAN PUBLIC HEALTH ASSOCIATION – Standard methods of water and wastewater . 17ª. Ed. Washington, APHA 1989. FRANCO, B. D. G. M.; LANDGRAF, M. Microbiologia dos alimentos . São Paulo: ed. Atheneu, 2007. JAY, J. M. Microbiologia de alimentos . 6ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 711p. SILVA, J. R. E. A. Manual de Controle Higiênico-Sanitário em Alimentos . 3. ed. São Paulo: Varela, 1995. SILVA, N. Manual de Métodos de Análise microbiológica de alimentos . São Paulo: Varela, 2007.
Bibliografia complementar: BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - DIPOA. Portaria 368, de 04 de setembro de 1997. Regulamento Técnico sobre as condições Higiênico-Sanitárias e de Boas Práticas de Fabricação para estabelecimentos Elaboradores/Industrializadores de alimentos , 1997. BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária. Circular 175/2005, de 16 de maio de 2005. Procedimentos de verificação dos programas de autocontrole , 2005. FRAZIER, W. C., WESTHOFF, D. C. Microbiologia de los alimentos . Ed. Acribia, 4 ed., Zaragoza, Espanha, 1993. GERMANO P. M. L; GERMANO, M. I. Higiene e Vigilância Sanitária de Alimentos . 2 ed. São Paulo: Varela, 2001. 565 p. PRATA, L. F. Higiene e Inspeção de carnes, pescados e derivados . Funep-Unesp. 1999. 217p. Periódicos: <i>Higiene Alimentar</i> ; <i>Meat Science</i> ; <i>Jornal of Food Science</i> ; <i>Ciência e Tecnologia de Alimentos (ITAL)</i> , Sites: www.ital.com.br ; www.cdc.gov ; www.agricultura.gov.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Produção Animal III (Equideocultura, Ovinocaprinocultura e Piscicultura)
Pré-requisito: Nutrição Animal II
Carga Horária: 60 horas (30h teóricas e 30h prática)
Ementa: Introdução à equideocultura. Evolução e etologia equina. Zoognósia. Raças e Pelagem. Avaliação da idade através dos dentes. Introdução à reprodução equina. Equipamentos e sua utilização. Manejo na criação de caprinos e ovinos: instalações, nutrição, sanidade, melhoramento genético, produção de leite, produção de corte, reprodução e práticas de campo. Panorama da aquariofilia mundial e brasileira, cadeia produtiva e mercado, instalações, predadores e competidores, qualidade de água, preparo do viveiro, larvicultura, profilaxia, nutrição e alimentação, produção de alimentos vivos, reprodução e produção das principais espécies de peixes ornamentais.
Bibliografia Básica: ALMEIDA, S. D. Caprinocultura: Criação Racional de Caprinos . São Paulo, NOBEL, 318p. São Paulo. SILVA SOBRINHO, A. G. Nutrição de Ovinos . Jaboticabal: FUNEP, 223p, 2002. São Paulo. SILVA SOBRINHO, A. G. Produção de Ovinos . Jaboticabal: FUNEP, 253p, 2006. São Paulo OSTRENSKY, A.; BORGER, W. Piscicultura: Fundamentos e Técnicas de Manejo . Guaíba - RS. Agropecuária 1998, 211 p. PROENÇA, C. E. M.; BITTENCOURT, P. R. L. Manual de piscicultura tropical Brasília. IBAMA, 1994. 196p. ZIMMERMANN, S. Fundamentos da Moderna Aqüicultura . Ed. ULBRA, Canoas, 2001.
Bibliografia Complementar: ORTOLANI, E. L. Toxemia da prenhes dos pequenos ruminantes. In: In: II SIMPÓSIO DE OVINOS DE CAPRINOS DA EV-UFMG. 2007. Belo Horizonte. <i>Anais...</i> Belo Horizonte: Escola de Veterinária da UFMG. 2007. p.197-202. KOZLOSKI, G.V. Bioquímica dos ruminantes . Santa Maria: Ed. UFSM, 2002. 140p. NATIONAL RESEARCH COUNCIL - Nutrient Requirements of small ruminants: sheep, goats, cervids and new camelids .1, Washington: National Academic Press, 2006. 362p.
Artigos científicos na área de Equideocultura.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Disciplina: Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução em Pequenos Animais
Pré-requisito: Técnica Cirúrgica Veterinária
Carga Horária: 45 horas (30h teóricas e 15h práticas)
-Ementa Puberdade e Ciclo estral; O cruzamento; Manipulação do Ciclo estral; Gestação; Parto; Assistência ao Parto; Neonatologia e desmame; Infertilidade; Hormonioterapia; Andrologia; Cirurgias do Aparelho Reprodutor feminino; Cirurgias do Aparelho Reprodutor masculino; Inseminação Artificial; Biotécnicas Reprodutivas; Patologias do Aparelho Reprodutor feminino; Patologias do Aparelho Reprodutor masculino
Bibliografia Básica FELDMAN, E. C.; NELSON, R. W. Canine and Feline Endocrinology and Reproduction . Philadelphia: W.B. Saunders Company, 1996, cap.30, p.734-739. GEOFFREY, H. A.; NOAKES, D. A.; PERSON, H.; PARKINSON, T. J. Veterinary Reproduction & Obstetrics . Londres: W.B. Saunders, 1996, 726p. GRUNERT, E.; BIRGEL, E. H. Obstetrícia Veterinária , Porto Alegre: Editora Sulina, 1989, 251p. PRESTES, N. C.; LANDIM-ALVARENGA, F. Medicina Veterinária - Obstetrícia Veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, 241p.
Bibliografia Complementar HAFEZ, E. S. E.; HAFEZ, B. Reprodução Animal . São Paulo: Manole, 2004, 513p. JHONSTON, S. D.; KUSTRITZ, M. V. R.; OLSON, P. N. S. Sexual differentiation and normal anatomy of the bitch . In: ___ Canine and Feline Theriogenology. Philadelphia: W.B. Saunders Company, 2001. V. 1, p. 1-14. STABENFELDT, G. H., EDQVIST, L. R. Processos Reprodutivos da Fêmea . In: DUKES. Fisiologia dos Animais Domésticos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, 11 ed., 720p. TONIOLLO, G. H.; VICENTE, W. R. Manual de Obstetrícia Veterinária . São Paulo: Varela, 1995, 124p.

3.3.7 – Interface pesquisa e extensão

O curso de Medicina Veterinária apresenta um forte perfil voltado à articulação ensino-pesquisa-extensão. Com isso, em 2006, foi criado o primeiro curso de Mestrado Stricto Sensu em Ciência Animal Tropical reconhecido pela CAPES. Este curso possui colegiado próprio envolvendo docentes dos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFT.

Com a criação do Mestrado houve uma ampliação de projetos de pesquisa orientados pelos professores, inclusive com financiamento, principalmente pelo CNPq e Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Tocantins. Como resultado deste crescimento e pela inexistência de cursos de Doutorado em nossa região, em 2008 foi proposto e aprovado pela CAPES o curso de Doutorado em Ciência Animal, sendo este o primeiro curso de Doutorado da UFT e da região norte do País.

Todas estas atividades foram realizadas em consonância com o Planejamento Estratégico e Institucional da UFT e tiveram como foco o fortalecimento da formação profissional dos acadêmicos. Paralelamente ao avanço da Pós-graduação, pudemos observar o desenvolvimento do programa de iniciação científica no curso de Medicina Veterinária pelo número de projetos aprovados, alunos inscritos e bolsas concedidas na modalidade.

Diversos projetos de extensão, representados no quadro abaixo, foram criados pelos docentes do curso visando inserir o aluno no contexto regional, na problemática local bem como na assistência à comunidade. São eles:

NOME DO PROJETO	Coordenador do Projeto	Outros Participantes
Projeto Carroceiro*	Prof. Dr. Marco Augusto G. da Silva	Docentes: Profª. Dra. Ana Paula Coelho Ribeiro Prof. Dr. Marlos Gonçalves Sousa Profª. Dra. Roberta Carareto Profª. Dra. Virginia Tessarine Barbosa Discentes: Pedro Henrique de Moura Silva Alcides Luis Marchesan Alunos matriculados ou que já cursaram a disciplina de Clínica Médica de Equídeos
Patrulha do Cavalo*	Prof. Dr. Marco Augusto G. da	Discentes matriculados na disciplina de Equideocultura, Semiologia Veterinária

	Silva	e/ou Clínica Médica de Eqüídeos
Controle Populacional de Cães e Gatos no Município de Araguaína*	Profa. Dra. Ana Paula Coelho Ribeiro	<p>Docentes:</p> <p>Prof. Dr. Marco Augusto G. da Silva</p> <p>Prof. Dr. Marlos Gonçalves Sousa</p> <p>Profa. Dra. Roberta Carareto</p> <p>Profa. Dra. Virginia Tessarine Barbosa</p> <p>Técnico Administrativo:</p> <p>M.V Leonardo Vaz Burns</p>
Projeto de Extensão Assistência à Saúde Animal*	Profa. Dra. Ana Paula Coelho Ribeiro	<p>Docentes:</p> <p>Prof. Dr. Adriano Tony Ramos</p> <p>Prof. Dr. Eduardo Borges Viana</p> <p>Prof. Dr. Fabiano Mendes Cordova</p> <p>Prof. Dr. Marco Augusto G. da Silva</p> <p>Prof. Dr. Marlos Gonçalves Sousa</p> <p>Prof. Dr. Michel José Sales Abdalla Helayel</p> <p>Profa. Dra. Roberta Carareto</p> <p>Profa. Dra. Tânia Vasconcelos Cavalcante</p> <p>Profa. Dra. Virginia Tessarine Barbosa</p> <p>Técnico Administrativo:</p> <p>M.V Leonardo Vaz Burns</p>
Semana Acadêmica de Medicina Veterinária**	Prof. Dr. Marco Augusto G. Da Silva	<p>Docentes:</p> <p>Profa. Dra. Virginia Tessarine Barbosa</p> <p>Discentes: alunos do 9º período de Medicina Veterinária e do Centro Acadêmimico</p>
Zoologia nas escolas: papel da Universidade nas feiras de ciências***	Profa. Dra Ana Kelen Felipe Lima	<p>Profa. Dra. Heloísa Barelioni Rodrigues Godoy</p> <p>Maria Eugênia Almeida e Silva</p> <p>Ademir Pires Rodrigues</p>
Curso de habilitação de Médicos Veterinários em Métodos de Diagnóstico e de controle da brucelose, tuberculose e encefalopatias	Prof. Dr. Francisco Baptista	<p>Docentes:</p> <p>Prof. Dr. Adriano Tony Ramos</p>

espongiformes transmissíveis		Profa. Dra. Caroline Peters Pigatto Profa. Dra. Katyane de Sousa Almeida
------------------------------	--	---

*Projetos já cadastrados junto à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)/UFT

** Projeto cadastrado anualmente pelo SIGPROJ/CNPQ/UFT

*** Projeto em tramitação para cadastro junto à PROEX/UFT

Além disso, os docentes participam também de diversas atividades, tais como: Projetos integrados tanto com a iniciativa pública (Agência de Defesa Agropecuária – ADAPEC; Centro de Controle de Zoonoses – CCZ, etc.) quanto com a privada (Sindicato Rural de Araguaína – SRA, Empresas do ramo de medicamentos e produtos Veterinários, etc.) gerando melhoria e consolidação do curso na região.

Quanto à pesquisa, o curso de Medicina Veterinária possui grupos e linhas de pesquisa (também relacionados aos projetos de extensão) cadastrada junto ao CNPQ.

Destacamos:

NOME DO GRUPO DE PESQUISA	LINHA DE PESQUISA	LÍDER DO GRUPO	PARTICIPANTES
Produção Animal	Fatores genéticos e/ou ambientais que interferem na produção animal	Prof. Dr. Jorge Luis Ferreira	Docente: Prof. Dr. Jorge Luis Ferreira Dr. Fernando Brito Lopes Dr. Marcelo Correa da Silva
Diagnóstico, biologia, epidemiologia e controle de parasitoses e doenças de importância em medicina veterinária e saúde pública	Acarologia Diagnóstico de parasitoses Diagnóstico de zoonoses Epidemiologia de parasitoses Histologia	Profa. Dra. Helciléia Dias Santos	Docentes: Profa. Dra. Helciléia Dias Santos Profa. Dra. Silvia Minharro Barbosa Profa. Dra. Josefa Moreira do Nascimento Prof. Dr. Gilberto Salles Gazeta Profa. Dra. Monica Arrivabene (UFPI)
Morfologia e	Doenças infecciosas e parasitárias de	Prof. Dr. Fagner Luiz da Costa Freitas	Docentes: Prof. Dr. Fagner Luiz da Costa Freitas

<p>patologia de animais domésticos e silvestres</p>	<p>animais domésticos e silvestres; Patologia aviária; Morfologia de animais domésticos e silvestres; Taxonomia de Animais Domésticos e Silvestres.</p>		<p>Profa. Dra. Katyane de Sousa Almeida Profa. Dra. Caroline Peters Pigatto de Nardi</p>
<p>Clínica e Cirurgia Veterinária</p>	<p>Anestesiologia Comparada Cardiologia Comparada Clínica Cirúrgica Veterinária Medicina de Equinos Medicina de Ruminantes Obstetrícia Veterinária Oncologia Veterinária Patologia Clínica Veterinária</p>	<p>Prof. Dr. Marlos Gonçalves Sousa</p>	<p>Docentes: Profa. Dra. Ana Paula Coelho Ribeiro Prof. Dr. Andrigo Narboza De Nardi (UNESP) Prof. Dr. Marco Augusto G. da Silva Prof. Dr. Marlos Gonçalves Sousa Prof. Dr. Michel José Sales Abdalla Helayel Profa. Dra. Roberta Carareto Profa. Dra. Virginia Tessarine Barbosa</p>
<p>Estudo dos efeitos farmacológicos e toxicológicos de plantas no organismo animal</p>	<p>Estudo dos efeitos farmacológicos de plantas no organismo animal Estudo dos efeitos toxicológicos de plantas no organismo animal</p>	<p>Profa. Dra. Viviane Mayumi Maruo Profa. Dra. Clarissa Amorim Silva de Cordova</p>	<p>Docentes: Prof. Dr. Adriano Tony Ramos Profa. Dra. Ana Kelen Felipe Lima Profa. Dra. Clarissa Amorim Silva de Cordova Claudia Marinovic de Oliveira Prof. Msc. Fabiano Mendes de Cordova Hugo Miranda Maciel Nunes</p>

			<p>Joseilson Alves de Paiva</p> <p>Profa. Dra. Viviane Mayumi Maruo</p>
<p>Epidemiologia e Análise de Produtos de Origem Animal</p>	<p>Avaliação da qualidade físico-química e microbiológica de produtos de origem animal</p> <p>Avaliação de medidas preventivas ou terapêuticas no controle ou erradicação de doenças em populações</p> <p>Avaliação e desenvolvimento de técnicas e procedimentos diagnósticos</p> <p>Determinação de frequência e distribuição espacial e temporal de doenças ou de seus determinantes</p> <p>Zoonoses parasitárias: Soro-epidemiologia e Biologia molecular</p>	<p>Prof. Dr. Francisco Baptista</p> <p>Profa. Dra. Caroline Peters Pigatto De Nardi</p>	<p>Docentes:</p> <p>Profa. Dra. Caroline Peters Pigatto De Nardi</p> <p>Prof. Dr. Fagner Luiz da Costa Freitas</p> <p>Prof. Dr. Francisco Baptista</p> <p>Profa. Dra. Katyane de Sousa Almeida</p>

3.3.8 Monitoria e Programa de Tutoria da Medicina Veterinária

O curso de Medicina Veterinária é integrante do Programa Institucional de Monitoria (PIM) com planejamento anual de suas atividades como segue:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DISCENTE
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE MONITORIA – PIM

PLANO ANUAL DE MONITORIA 2011 DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

1. INTRODUÇÃO

A Coordenação do Curso de Medicina Veterinária da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFT especifica as vagas para o Programa Institucional de Monitoria – PIM 2011, para oferecimento semestral.

2. JUSTIFICATIVA

A Medicina Veterinária é uma ciência de aplicações diversas devendo formar profissionais generalistas aptos a exercerem atividades em quaisquer de suas vertentes. Sendo assim, a inclusão de discentes em atividades de monitoria é importante por possibilitar treinamento específico através da aplicação, aprimoramento e complementação dos conhecimentos adquiridos. A Monitoria tem ainda o objetivo de despertar no acadêmico o interesse para a docência.

3. DISCIPLINAS/VAGAS SOLICITADAS

Disciplina	Código	No. Vaga	Professor
Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos I	CBI174	4	Michelle Goldan de Freitas Tancredi
Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos II	CBI175	4	Michelle Goldan de Freitas Tancredi
Bioquímica e Biofísica I	CBI186	2	Vera Lúcia Araújo/Wallace Henrique de Oliveira
Bioquímica e Biofísica II	CBI187	2	Vera Lúcia Araújo/Wallace Henrique de Oliveira
Clínica Cirúrgica dos Animais Domésticos	CAG027	2	Andrigo Barboza de Nardi
Clínica Médica de Equídeos	CBI193	1	Marco Augusto Giannoccaro da Silva
Clínica Médica de Pequenos Animais I	CBI194	2	Marlos Gonçalves Sousa
Clínica Médica de Pequenos Animais II	CBI195	2	Marlos Gonçalves Sousa
Clínica Médica de Ruminantes I	CBI196	1	Michel José Sales Abdalla Helayel

Clínica Médica de Ruminantes II	CBI197	1	Michel José Sales Abdalla Helayel
Equideocultura	CAG047	1	Marco Augusto Giannoccaro da Silva
Fisiopatologia da Reprodução Animal e Biotecnologias I	CBI224	2	Tânia Vasconcelos Cavalcante
Fisiopatologia da Reprodução Animal e Biotecnologias II	CBI225	2	Tânia Vasconcelos Cavalcante
Histologia Especial	CBI229	1	Fagner Luiz da Costa Freitas
Inspeção e Tecnologias de Carnes, Peixes e Derivados	CAG247	1	Silvia Minharro Barbosa
Parasitologia veterinária I	CBI151	2	Helciléia Dias Santos
Parasitologia Veterinária II	CBI252	1	Vanessa Paulino da C. Vieira
Patologia Clínica Veterinária	CAG094	1	Eduardo Borges Viana
Patologia Especial	CBI253	1	Adriano Tony Ramos/Fabiano Mendes Cordova
Patologia Geral	CBI254	1	Adriano Tony Ramos/Fabiano Mendes Cordova
Radiologia	CAG127	1	Virginia Tessarine Barbosa
Semiologia Veterinária	CAG134	1	Marco Augusto Giannoccaro da Silva
Técnicas Operatórias	CET312	1	Virginia Tessarine Barbosa

4. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

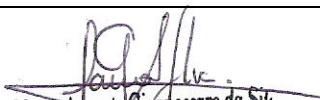
A avaliação é feita mensalmente através de formulário de acompanhamento do aluno, pelo professor orientador da monitoria, observando o interesse do monitor, assiduidade e progresso alcançado nas atividades de monitoria;

Pelo acompanhamento na rotina diária das atividades específicas de cada disciplina.

• OUTRAS CONSIDERAÇÕES

A definição das monitorias remuneradas será feita após a seleção dos candidatos, exclusivamente para disciplinas ainda não contempladas no período de 2006 a 2010. Plano aprovado em reunião extraordinária no dia 16 de fevereiro de 2011, constante na Ata Extraordinária n. 01/2011.

Assinatura do Coordenador do Curso
Araguaína, 16/02/2011


Marco Augusto Giannoccaro da Silva
Coord. do Curso de Medicina Veterinária
Portaria nº 1334/2009
UFPA Campus de Araguaína

Abaixo, segue o Programa de Tutoria da Medicina Veterinária que visa acompanhar e orientar a vida acadêmica dos alunos do curso de Medicina veterinária, individualmente, desde seu ingresso no curso até a sua conclusão.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
Coordenação do Curso de Medicina Veterinária

Programa de Tutoria

Art. 1 – A EMVZ/UFT/ Curso de Medicina Veterinária estabelecerá um Programa de Tutoria que visa acompanhar e orientar a vida acadêmica dos alunos do curso de Medicina veterinária, individualmente, sob responsabilidade da EMVZ/UFT desde o ingresso no curso até sua conclusão.

Parágrafo único: O Programa de Tutoria será estabelecido e regulamentado por resolução da Congregação de Medicina Veterinária da EMVZ/UFT, de forma a atender as seguintes metas:

I - Promover o contato e o envolvimento do aluno com o curso, e com a infraestrutura humana e física da Universidade e da EMVZ/UFT;

II.- Otimizar a execução curricular pelo estudante;

III - Reduzir os índices de retenção e evasão escolar;

IV - Aumentar o compromisso e o envolvimento do corpo docente com as estratégias de execução pedagógica, verificando o cumprimento de conteúdos, e identificando pontos a serem aprimorados;

V - Promover a integração entre alunos e professores desde o seu ingresso, de modo a promover o contato do aluno com um profissional das áreas da Medicina Veterinária desde o início dos seus estudos, estimulando sua continuidade e seu aperfeiçoamento.

Art. 2 - O exercício da tutoria é uma atividade docente didática a ser exercida exclusivamente por docente lotado na EMVZ/UFT e que possua formação em uma das Especialidades da Medicina Veterinária.

§ 1o - O aluno matriculado no Curso de Medicina Veterinária, em regime semestral, terá direito a participação no programa de tutoria até a realização da integralização curricular.

§ 2o – Ao professor tutor será atribuída carga horária de no máximo 60 horas -aula semestrais, a título de orientação.

§ 3o – A tutoria é atividade com caráter exclusivo de orientação. Art. 3 – São responsabilidades do professor tutor, quando solicitado:

I. Orientar o aluno acerca da estrutura e da legislação que regula o funcionamento do sistema de ensino da Universidade Federal do Tocantins;

II. Orientar o aluno quanto a sua pré-matrícula em cada período letivo;

III. Verificar o desempenho do aluno nas disciplinas e em outras atividades didáticas, auxiliando-o a identificar e sanar possíveis pontos fracos na sua formação e no seu desempenho, se solicitado para este fim;

IV. Informar o aluno sobre as oportunidades de participação em atividades de pesquisa e extensão, curriculares ou extra-curriculares;

V. Orientar os alunos na busca de informações relevantes sobre sua profissão, mercado de trabalho, estágios, legislação e outras atividades;

VI. Identificar possíveis vocações para estudos avançados (pesquisa), orientando-as no sentido do seu melhor aproveitamento.

Art. 4 – São Responsabilidades do aluno Tutorado:

I. Apresentar e discutir com professor tutor, a cada período letivo, o seu plano de pré-matrícula e de matrícula e informar sua meta para integralização curricular;

II. Participar das atividades programadas pelo seu professor tutor;

III. Reportar ao professor tutor os fatos relevantes da sua vida acadêmica, sempre que necessário ou quando for solicitado;

IV. Participar das atividades de avaliação do programa de Tutoria, sempre que solicitado.

Art. 5 – São responsabilidades das Coordenações de Cursos:

I. Designar os professores tutores e solicitar a Direção do campus a emissão de portaria alocando os alunos a serem tutorados por docente;

II. Informar e divulgar em local acessível aos docentes e discentes, a relação de alunos tutorandos por professor tutor, bem como as informações referentes as responsabilidades dos tutores e dos tutorandos;

III. Providenciar extratos de notas e informações sobre o desempenho acadêmico dos alunos, sempre que solicitadas por seus tutores;

IV. Promover reuniões para acompanhar o andamento do programa de Tutoria, sempre que necessárias ou solicitadas;

V. Tomar as providencias necessárias para solução de problemas detectados pelos tutores, no alcance da sua competência e da Direção do Campus.

Art. 6 – A coordenação de Curso realizará a distribuição de alunos tutorandos entre os docentes do Curso de Medicina Veterinária de forma homogênea, buscando manter continuamente o mesmo número de alunos por docente.

§ 1o – Aos docentes em regime de trabalho de vinte horas será designado um número de tutorandos igual à metade da média por docente em regime de quarenta horas, arredondada para maior inteiro.

§ 2o – Ao iniciar período de afastamento para qualificação ou receber licença por período superior a três meses, o docente terá seus tutorandos distribuídos de forma homogênea entre os docentes em atividade na EMVZ.

§ 3o – Ao final do seu período de afastamento ou de licença, o docente reassumirá os mesmos tutorandos que tinha sob sua responsabilidade, mais o número necessário para que atinja a homogeneidade de alunos por docente na EMVZ.

Art. 7 – Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação do Curso. Esta resolução entra em vigor a partir da sua aprovação.

Quadro de distribuição dos alunos ao Tutores do Curso de Medicina Veterinária.

Professor-Tutor	Distribuição até 2010	Distribuição dos Alunos Ingressantes em 2011.1	Distribuição dos Alunos Ingressantes em 2011.2
Adriano Tony Ramos (9)	Camila Goloni – 2008116321	Letícia Coelho Miranda Brito – 2011110841	Felipe Sesana Moreira – 2010111532

	Tainá Japiassú Merisse - 2008116627 Sylvania Pereira de Sousa- 2007134834 Max Mariano Guimarães Pereira – 2009219976 Leonardo Gonçalves Serafim-2009117148 Raffisa Carvalho Herbst- 2009117108 Marina Barbosa Braga – 2010214176		
Alberto Yim Júnior (9)	Adriano Rodrigues de Faria – 2008217616 Rayara Nunes de Souza – 2008217473 Felipe Viana de Oliveira – 2009117150 Adriel Alves de Oliveira – 2009219953 Gathego Arruda Coelho – 2009214299 Vinícius Pugliese Marques – 2009214281 Marina Benetti Martins - 2010214184	2011.1 Lisa Ferreira Menezes – 2011111390	Valéria Oliveira Martins – 2011212724
Ana Kelen Felipe Lima (5)		2011.1 Adriano Medeiros Torres – 2011110872 Alyne Farias de Moraes – 2011110869 Ana Caroline Gomes de Siqueira – 2011110871	Layla de Sousa Castro – 2011212728 Luine Gabriela Hilário Fonseca - 2011212808
Ana Paula Coelho Ribeiro (9)	Samuel Filgueira Maciel Mendes – 2008116329 Simayra Nahuria Dias Aires Karajá – 2008116305 Vanderley Barbosa Sales – 2006233073 André Valério – 2009117124 Adailton Pereira Ferreira Loutrenço Junior – 2009214288 Alexia Lohanna Monteiro Lima – 2010112294 Danyella Stéfany Kehrvald – 2010111351		Bárbara Elisa Basílio de Oliveira – 2011212811 Laís de Matos Piovesan – 2011213643
Professor a ser contratado (anteriormente Andriago) (8)	Cristiane Rodrigues Alves de Araújo – 2008216688 Gustavo Andrade de Toledo – 2008216851 Nayara Martins de Paula – 2008217463 Raisa Régia Tabosa Sales- 2009117132 Fabrício Pugliesi Marques	2011.1 Lícia Dayane de Araújo Reis – 2011110870	

	<p>– 2009214277 Andressa Karollini e Silva – 2010111353 Katharine Brandão Monteiro – 2010112190</p>		
Caroline Peters Pigatto de Nardi (8)	<p>Eliton Barcelos Rufino – 2008217611 Rony de Almeida Barbosa – 2008217464 Samáira da Silva Barros – 2008217137 Danielle Quagliatto Vidotto-2009117114 Fernando de Almeida e Silva – 2009213789 Antonio Carlos Barros Gonçalves – 2003220555 Laura Pícoli da Silva – 2010111373</p>	<p>2011.1 Luanna Alves Gomes – 2011110895</p>	
Clarissa Amorim Silva de Cordova (5)		<p>2011.1 Éverton Rosa Domingues – 2011111630 Fabiano Gonçalves de Freitas – 2011110866 Gerson Luzo Pereira dos Santos – 2011110855</p>	<p>Dyhones Achurê Ferreira Costa – 2011212825 Mhayllany Kretxuý de S. Guarany – 2011212828</p>
Eduardo Borges Viana (2)			<p>Thaís Trento – 2011212835 Mariana Assis Sarmiento - 2011212838</p>
Fabiana Cordeiro Rosa (9)	<p>Erick de Oliveira Straioto – 2008116317 Tiago Américo da Silva Melo – 2008116324 Ozias Alves da Cruz- 2006233067 Taciana de Almeida Fraga- 2009119393 Géssica Hoanna Cunha Bailona – 2009219967 Bruna Carolina Arcoverde de Albuquerque – 2010112234 Lourânia Alves Lacerda – 2000120044</p>	<p>2011.1 Marina Klasener – 2011111632</p>	<p>Michele Rogério de Assis Scarano - 2011212856</p>
Fabiano Mendes Cordova (5)		<p>2011.1 Hans Wagner Farias Corrêa – 2011110852 Hellen Leles Lima – 2011111439 Leonardo Pereira Martins Júnior – 2011111440</p>	<p>Alessandro Rodrigues da Silva – 2011212862 Leticia Espindola de Oliveira - 2011212864</p>

Fagner Luiz da Costa Freitas (9)	Bergson Pereira de Lima – 2008216831 Daniela da Silva Cardoso – 2008217199 Maria Raffaella da Luz de Araújo-2009117146 Guilherme Silva Santana – 2009214116 Cecília da Silva Almeida – 2010111361 Dalila Queiroz Cassimiro – 2010111344 Pedro Alexandre da Silva Alencar – 2010214177	2011.1 Patrícia Carvalho Ferreira – 2011110835	Hilton Azevedo Santana - 2011212866
Francisca Elda Ferreira Dias (9)	Diego Rodrigues Bernardes – 2008116310 Jorge Lucas Silva Tavares – 2008116309 Renata Morgana Cruz Lima – 2008217757 Raphael do Carmo Farias- 2009117121 Henrique Ferreira Marques Lopes – 2009219974 Danila de Cássia Paschoal – 2010111839 Tarcizo Martins Trajano – 2010112215	2011.1 Pâmilla Gabrielle Alexandre Sousa	Diego Roberto Martins da Costa - 2008216881
Francisco Baptista (9)	Pedro Ancelmo Nunes Ermita – 2008116314 Allynne Matos Costa – 2008217475 André Luis Zamboni- 2009117110 Marcos Tadashi Marcola Abe-2009119410 Herbert Barros Ferreira – 2009214321 Histefânia Costa Alves – 2010213544 Jonatan Pablo de Sousa – 2010213541 Darcy Marcos Toledo Gouveia – 2010213552	2011.1 Ranieri Soares Viana – 2011111631	
Helciléia Dias santos (9)	Thuanny Lopes Nazaret - 2008116304 Weylla Ribeiro Costa – 2008217724 Nara Teles Aguiar- 2009119304 Wanderson Sousa Amorim-2009117127 Isabela Procópio Taverny de Oliveira – 2009219971 Delubio Gomes Machado Neto – 2010111346 Jefferson Douglas de Moura Almeida –		Carmen Lucia Medeiros Herênio - 2011212881

	2008116330 Quéren Hapuque Ribeiro Passos – 2008116307		
Jorge Luis Ferreira (9)	Hilton Azevedo Santana – 2008217612 Rayanne Carla da Silva Fé-2009119605 Isabelle Gomes do Nascimento – 2009214102 Vinícius Bentivóglia Costa Silva – 200919952 Rodolfo Olinto Totoli G. Oliveira-2009119389 Jailson Marinho da Silva – 2008116486 Priscila de Nazaré Sousa da Silva – 2010214202 Dener Barros Morais – 2010213305	2011.1 Renatta Fernandes Ferrão - 2011110846	
Katyane de Sousa Almeida (9)	Deyse Camargo Santos – 2008217455 Leandro Lopes Nepomuceno – 2008216834 Mônica dos Santos Buzzi- 2009119384 Jerônimo Ádson Pereira Silva – 2009214269 Gildielle Bezerra Alexandrino de Souza – 2010112295 Guilherme Silva Rezende – 2010111350 Ramon de Miranda Correa – 2010213528 Elaine Soares Chaves – 2009116888	2011.1 Rossellini de Sousa Maranhão – 2011111770	
Marco Augusto Giannoccaro da Silva (9)	Cinthian Cássia Mendonça – 2008217466 Rafael Moraes Carvalho – 2008217146 Rui de Oliveira Cunha- 2009119608 Laiane Peixoto Nascimento – 2009214286 Hellen Regina Araújo Machado – 2010111345 Isabela oliveira Freitas Santos – 2010110346 Letícia Cardoso de Sousa – 2010213555 Pedro Henrique de Freitas Oliveira - 2010213568	2011.1 Sávio Figueiredo Fernandes da Costa Filho – 2011110868	
Maria de Jesus Veloso Soares (9)	Givanildo Teixeira Batista – 2008216795 Lucélia da Silva dos Santos – 2008217196 Antonio Araújo Leite-	2011.1 Shammara Noletto Santos – 2011110854	

	<p>2009119606 Vera Lúcia de Lima- 2005232728 Lariane Azevedo de Oliveira – 2009213537 Jéssica Silva Maia – 2010111349 Silmar Pereira de Almeida Junior – 2010213570 Gabriela Costa e Silva Lemes – 2010214179</p>		
Marlos Gonçalves Sousa (9)	<p>Erycka Carolina França – 2008116313 Tiago Pitaluga Carvalho – 2008116325 Jussara de Sousa Gama – 2003220563 Jairo Alves de Almeida- 2009119408 Leidiane Lopes da Silva – 2009219978 Laisa Oliveira Mota – 2010213545 Larissa Mendonça Barbosa – 2010213535 Genialve Francisco de Oliveira Junior – 2010213519</p>	<p>2011.1 Suellen Bezerra de Sousa – 2011110860</p>	
Michel José Sales Abdalla Helayel (5)	<p>Erbeson Beinaré Silva Paladim Sampaio – 2010213523 Felipe Augusto Birck – 2010213515 Francisberto Batista Barbosa – 2010214183</p>	<p>2011.1 Suiane Silva de Araújo – 2011111190</p>	<p>Priscila Aparecida S. de Carvalho – 2011212901</p>
Michelle Goldan de Freitas Tancredi (3)		<p>2011.1 Anderlan Lahuri Dias Aires Karajá – 2011110840 Cassio Ferreira dos Santos – 2010111833 Crispim Anderson Rodrigues Correia – 2011110864</p>	
Roberta Carareto (7)	<p>Atistho Augusto Gonçalves dos Santos Faria - 2008116315 Bruna Herênio Fernandes – 2008116328 Vinícius Marques da Silva – 2006233074 Jader Assis Resende Gonçalves-20097151 Ludyone Maicon Lima Rodrigues - 2009214329</p>		<p>Iasmine Lacerda de Oliveira – 2011213308 Danyel Santiago de Carvalho - 2011212506</p>

Sílvia Minharro Barbosa (9)	Karynne Castilho Pimenta – 208116308 Amanda Borges Gonçalves Lima – 2008217478 Otávio Augusto Rocha Bringel – 2009119300 Marcio Augusto Moraes de Lima – 2009219900 Nilton Junior Fernandes da Cunha – 2008116306 Camila Moreira Barreto Gomes da Rocha – 2008217723 Veridiana Miranda Negreiros – 2010214182 Glads Luby Almeida de Melo – 2010213563		Jamyne Maria Amorim da Silva - 2011213309
Tânia Vasconcelos Cavalcante (9)	Ana Carolina Possas Viana - 2008116316 Ruama Cruz Amoras – 2008116320 Orivaldo Rodrigues de Oliveira – 2009214275 Wanderson Silva Coelho – 2009214128 Lara Caroline Aires Paranhos – 2007123071 Larissa Silva de Jesus – 2010111906 Rafaela Tavares Dias- 2009117129 Jonatas Pereira de Sousa – 2009213644		Mariana Volpi de Abreu - 2011213310
Vanessa Paulino da C. Vieira (2)			Cinthia Nayara L. M. de Sousa – 2011213312 Gabriella Silva Brito - 2011213573
Vera Lúcia de Araújo (9)	Emerson Danillo da Silva Georgetti – 2008217192 Weber Santos Duarte – 2008216792 Hugo Paulo Soares da Cunha-2009119607 Rafael Franco Lafetá Queiroz – 2009214133 Pedro Henrique de Oliveira Fornaciari – 2010111904 Pollyana Monteiro Mendes Pajeu – 2010111343 Alex Soares Machado – 2008217721 Erisnete Damasceno de Freitas – 2008217722		Paulo Sabino Milhomem Neto – 2011213314
Virginia Tessarine Barbosa (6)	Ademir Pires Rodrigues – 2009116656 Amanda Pires Coelho –	2011.1 Victor Henrique Pinheiro do Nascimento –	Angela Borges Pinheiro – 2011213559 Vanessa Caparelli de

	2010214505 Ana Caroline Silva Brito – 2010214203	2011111779	Oliveira - 2011212882
Viviane Mayumi Maruo (9)	Adriano Cardoso Bonfim - 2008116318 Marcelo Henrique dos Santos – 2008116322 Paulo Cícero Lima de Paiva-2009117095 Rayssa Pettine Dias – 2009214304 Priscilla Donata Porto da Silva – 2010112237 Rafael Miranda Terra Siqueira – 2010111905 Jayane Ricardo Monteiro da Silva-2009117119 Pablo Ângelo Almeida Silva – 2009213797		Danielle Mastelari Levorato - 2011213563
Wallace Henrique de Oliveira (9)	Carolina Cristina de Oliveira - 208116323 Ana Amélia Benjosé A. Falcão-2009117147 Guilherme Roque Gomes- 2009117097 Tiago Barros Noronha – 2009214310 Renato da Silva Oliveira – 2010111347 Rodrigo Augusto Mendes Tavares – 2010111354 Fernanda Alves Pereira – 2008217795 Luzinete Lopes Pereira – 2010214178	2011.1 Walesson de Araújo Abreu - 2011111082	

3.3.9 Atividades Complementares

De acordo com a estrutura curricular do Curso de Medicina Veterinária, os acadêmicos deverão cumprir no mínimo 90 h de atividades complementares, o que está de acordo com as diretrizes curriculares e também com a Resolução 009/2005 do CONSEPE/UFT.

De acordo com esta regulamentação, as atividades são obrigatórias e estão divididas em três tipos (Atividades de ensino, pesquisa e extensão).

As atividades de ensino compreendem:

I – disciplinas complementares não previstas na atual estrutura curricular e cursada na UFT e/ou em outras IES (desde que não tenham sido aproveitadas para convalidação curricular);

II – Atividades de monitoria devidamente registradas junto ao Programa Institucional de Monitoria;

III – Participação em mini-cursos;

IV – Cursos nas áreas de informática ou língua estrangeira.

As atividades de Pesquisa compreendem:

I – Livro publicado;

II – Capítulo de livro;

III – projetos de iniciação científica;

IV – projetos de pesquisa Institucionais;

V – artigo publicado como autor (periódico com conselho editorial);

VI – artigo publicado como co-autor (periódico com conselho editorial);

VII – artigo completo publicado em anais como autor;

VIII – artigo completo publicado em anais como co-autor;

IX – resumo em anais;

X – participação em grupos institucionais de trabalhos e estudos;

As atividades de extensão compreendem:

I – autoria e execução de projetos de extensão;

II – participação na organização de eventos, congressos, seminários, workshops, etc.;

III – participação como conferencista em conferências, palestras, mesas-redondas;

IV – participação como ouvinte em eventos, congressos, seminários, workshops, etc.;

V – apresentação oral de trabalhos em congressos, seminários, workshops, etc.;

VI – participação como ouvinte em conferências, palestras, mesas-redondas, etc.;

VII – apresentação de trabalhos em painéis e congêneres em congressos, seminários, workshops, etc.;

VIII – participação em oficinas;

IX – visitas técnicas e dia de campo;

X – estágios extracurriculares;

XI – representação discente e órgãos colegiados (CONSUNI, CONSEPE, Congregação, etc.);

XII – representação discente (UNE, UEE, DCE e CAS);

XIII – organizar e ministrar mini-cursos.

Os documentos comprobatórios das atividades complementares devem ser apresentadas junto ao Setor de Protocolo da EMVZ que, posteriormente, as encaminhará para a Coordenação de Curso para a validação e confecção da ata, a qual será registrada pela secretaria acadêmica no Histórico Escolar do aluno.

Caso o aluno discorde da contagem da carga horária e dos créditos, este deverá recorrer à Coordenação do Curso e, posteriormente, se ainda não satisfeito, ao Colegiado do Curso e ao Conselho Diretor do Campus.

Somente terão validade para computo as atividades complementares realizadas pelo acadêmico durante o período de graduação em Medicina Veterinária na UFT. Todas as cargas horárias validadas deverão ser transformadas em créditos, considerando cada crédito como 15h de atividade.

3.3.10 Estágio Curricular Supervisionado

Com o objetivo de normatizar a realização do Estágio Curricular Supervisionado, o Colegiado de Medicina Veterinária elaborou um manual de orientação para os alunos (em anexo). Nele, estão reunidas e sistematizadas as diretrizes e procedimentos técnicos, pedagógicos e administrativos que visam assegurar a consecução dos objetivos do Estágio Curricular Supervisionado.

O manual tem por intuito também: esclarecer de forma direta as dúvidas do estagiário no campo de estágio bem como contribuir com o orientado a se inserir nos propósitos da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia no que tange a avaliação dos conteúdos adquiridos ao longo do curso e integrá-lo nesta difícil tarefa de aprimoramento do profissional que chegará ao mercado de trabalho.

3.3.11 Estágio Curricular Não-Obrigatório

O Estágio Curricular Não-Obrigatório poderá ser realizado pelos acadêmicos junto a empresas públicas e privadas, seguindo as normas federais de oferta do estágio. A carga horária dos mesmos será comprovada por declarações das empresas, entregues via protocolo e que serão validadas junto às atividades complementares pela Coordenação do curso e lançadas no histórico do acadêmico pela secretaria acadêmica.

3.3.12 Procedimentos de avaliação do processo de ensino-aprendizagem com a concepção do curso

A avaliação é uma questão desafiadora e complexa. Sistematizada pela Escola Católica e Protestante nos séculos XVI e XVII, apresenta-se, hoje, como um nó a ser desatado. Ao partir do princípio que todos são capazes de aprender, então, novas e melhores oportunidades de aprendizagem devem ser garantidas, com diferentes instrumentos de avaliação. Para D'Ambrósio (1996, p.70), “[...] a avaliação serve para que o professor verifique o que de sua mensagem foi passado, se seu objetivo de transmitir idéias foi atingido – transmissão de idéias e não aceitação e a incorporação dessas idéias e muito menos treinamento”.

Nesse sentido, quanto à avaliação de aprendizagem, o importante é que seja durante o ano letivo e não tão somente em algumas datas pré-estabelecidas, como afirma Libâneo (1992, p.195).

“A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente no trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo, o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados propostos vão sendo obtidos, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho escolar tanto do professor como dos alunos”.

De acordo com Perrenoud (1999), a avaliação não é uma tortura medieval. É uma invenção, mas tardia, nascida com os colégios por volta do século XVII e tornada

indissociável do ensino de massa que conhecemos desde o século XIX, com a escolaridade obrigatória.

Na realidade pedagógica atual, duas propostas de avaliação são trabalhadas. Na primeira, a avaliação é classificatória, dando especial ênfase em avaliações pontuais que focalizam o controle do trabalho dos acadêmicos e a geração de fluxos. Alguns problemas são apontados para este tipo de avaliação: i) com frequência absorve a maior parte da energia de acadêmicos e professores, pois os coloca em posturas pouco favoráveis em sua cooperação; ii) a necessidade de dar notas regularmente favorece uma transposição didática conservadora, através de atividades fechadas, estruturadas e desgastadas.

A proposta curricular ora apresentada, seguindo a legislação vigente LDB - 1996, prima por conceder uma grande importância à avaliação. Fica implícito que ela deve ser: contínua, formativa e personalizada, concebendo-a como mais um elemento do processo de ensino aprendizagem, o qual nos permite conhecer o resultado de nossas ações didáticas e, por conseguinte, melhorá-las. Este será o objetivo principal da avaliação neste PPC.

Na avaliação formativa ora proposta, os acadêmicos que não atingirem os objetivos propostos, definidos nos planos de trabalho, deverão trabalhar na recuperação apenas as suas deficiências. Justifica-se esta metodologia de recuperação considerando que não é possível que não haja nenhuma aprendizagem durante as atividades curriculares. Esta proposta não se aplica a acadêmicos que reprovarem por falta.

3.3.13 Ações Implantadas

Baseado na auto-avaliação e no último relatório do MEC, o curso de Medicina Veterinária propiciou amplas discussões entre os membros do corpo docente, discente e técnico administrativo com os colegiados de curso e superior a respeito de ações que propiciariam melhores condições de ensino. Tais discussões geraram respostas concretas e melhorias para o curso, tais como: realização de concursos para professores efetivos, incrementando em mais de 50% o corpo docente do curso, o que, conseqüentemente, aumentou o desenvolvimento de pesquisa científica e publicações e reduziu o número de disciplinas não ofertadas por falta de docente e o tempo de permanência dos alunos na Universidade; qualificação do corpo docente, o que fez em 2011 atingir o número de 26 professores com Doutorado e 02 com Mestrado; atualização da grade curricular seguindo as diretrizes estipuladas para o Curso; construção do Hospital Veterinário Universitário e aquisição de equipamentos modernos para o mesmo, tais como Raio-x e Ultrassom com

ecocardiograma; construção (em fase de finalização) do novo bloco de laboratórios para atender as disciplinas básicas (Microbiologia, Microscopia e Bioquímica); construção do novo prédio para biblioteca com sistema informatizado de empréstimo de livros e afins e, ampliação do acervo bibliográfico; construção (em andamento) de diversos setores relacionados à produção animal vinculados ao curso de Zootecnia, de uso também do curso de Medicina Veterinária nas aulas práticas das disciplinas de produção; projeto (aguardando início) de reforma e modernização do laboratório de anatomia animal; projeto em elaboração do novo setor de Patologia Animal.

4. CORPO DOCENTE, CORPO DISCENTE E CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

4.1 Formação acadêmica e profissional do corpo docente

Adriano Tony Ramos

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade da Região da Campanha (2001), mestrado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas (2004) e doutorado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Santa Maria (2007). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Anatomia Patológica Animal, atuando principalmente nos seguintes temas: cão, animais de produção, epidemiologia e neuropatologia experimental. Responsável pelas disciplinas de Patologia Geral, Patologia Especial e Medicina Veterinária Legal. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical, atuando na linha de pesquisa Patologia Animal, sendo responsável pelas disciplinas de Patologia Animal Voltada aos Ruminantes e Seminários I.

Alberto Yim Junior

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade de São Paulo (1997), Mestrado em Patologia Experimental e Comparada pela Universidade de São Paulo (2001) e doutorado em Psicobiologia pela Universidade Federal de São Paulo (2007). Tem experiência na área de Farmacologia e Toxicologia do Sistema Nervoso Central, atuando principalmente nos seguintes temas: o papel do sistema dopaminérgico na associação ambiente-efeito recompensador da morfina. Responsável pelas disciplinas de Farmacologia Veterinária I e II.

Ana Kelen Felipe Lima

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará (1998), especialização em Ciências Ambientais pelas Faculdades Integradas de Patos (2010), mestrado em Ciências Veterinárias pela Universidade Estadual do Ceará (2000) e doutorado em Ciências Veterinárias pela Universidade Estadual do Ceará (2006). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Biotecnologias Aplicadas à Reprodução, atuando principalmente linha de manipulação de oócitos inclusos em folículos ovarianos pré-antrais (MOIFOPA). Responsável pelas disciplinas de Histologia e Embriologia Básica e Histologia

Veterinária.

Ana Paula Coelho Ribeiro

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / Unesp - Câmpus de Jaboticabal(2000). Possui Aperfeiçoamento em Obstetrícia e Reprodução Animal (2003), Mestrado em Cirurgia Veterinária (2004) e Doutorado em Cirurgia Veterinária (2007) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / Unesp - Câmpus de Jaboticabal. Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Obstetrícia e Reprodução Animal, atuando principalmente linha de Obstetrícia Veterinária e Fisiologia da Reprodução e Inseminação Artificial. Responsável pelas disciplinas de Obstetrícia Veterinária e Fisiologia da Reprodução e Inseminação Artificial (Curso de Zootecnia).

Caroline Peters Pigatto

Possui graduação em Medicina Veterinária (2000), especialização em Tecnologia e Inspeção de produtos de origem animal (2002), mestrado em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal do Paraná (2004) e doutorado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Atua na área de Tecnologia e Inspeção de Produtos de Origem Animal, Higiene e Sanidade Animal e Microbiologia. Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Microbiologia. Responsável pelas disciplinas de Microbiologia Geral (Curso de Medicina Veterinária) Microbiologia Especial (Curso de Medicina Veterinária) Microbiologia Aplicada a Zootecnia (Curso de Zootecnia).

Clarissa Amorim Silva de Cordova

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1998), mestrado em Neurociências pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001) e doutorado em Farmácia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Tem experiência em Pesquisa de substâncias com potencial de ação antitumoral, seus mecanismos de ação, incluindo a indução do estresse oxidativo de moléculas livres ou encapsuladas em sistema nanoestruturados, e efeitos farmacológicos de plantas sobre o organismo animal. Responsável pelas disciplinas de Fisiologia Veterinária I, Fisiologia Veterinária II e Fisiologia Animal (Curso de Zootecnia).

Eduardo Borges Viana

Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Fluminense (1997) e mestrado em Medicina Veterinária (Clínica e cirurgia Animal) pela Universidade Federal Fluminense (2002). Doutorado em Ciências Veterinárias (sanidade animal) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2008). Atua nos seguintes temas: Investigação e diagnóstico laboratorial de enfermidades em animais de companhia e animais selvagens, terapêutica, ensino e pesquisa. Tem experiência em pesquisas referentes a Clínica e Patologia Clínica de Animais Domésticos e Selvagens, com ênfase a doenças transmitidas por artrópodes, citopatologia, hematologia e bioquímica clínica. Responsável pelas disciplinas de Patologia Clínica Veterinária, Deontologia Veterinária e Microbiologia zootécnica.

Fabiana Cordeiro Rosa

Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de Lavras (1995), mestrado em Zootecnia pela Universidade Federal de Lavras (1999) e doutorado em Zootecnia pela Universidade Federal de Lavras (2003). Tem experiência na área de Zootecnia, com ênfase em Nutrição e Alimentação Animal, atuando principalmente

nos seguintes temas: frango de corte, suinocultura, ácidos graxos poliinsaturados, ômega-3. Responsável pelas disciplinas de Alimentos e Alimentação, Nutrição Animal I e II.

Fabiano Mendes Cordova

Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1999) e mestre em Neurociências pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Patologia Animal, atuando principalmente nos seguintes temas: neurotoxicidade, neuroproteção, neurodegeneração e sinalização celular. Responsável pelas disciplinas de Patologia Geral e Patologia Especial.

Fagner Luiz da Costa Freitas

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (2003), mestrado (2006) e doutorado (2009) em Medicina Veterinária, área Patologia Animal, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência em Avaliação epidemiológica e fisiopatológica da coccidiose em animais domésticos. Responsável pelas disciplinas de Imunologia Veterinária e Histologia Básica e Embriologia (Curso de Zootecnia).

Francisca Elda Ferreira Dias

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará (1997), Bacharel em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (1990), mestrado em Ciências Veterinárias pela Universidade Estadual do Ceará (2000) e doutorado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004). Tem experiência na área de Medicina Veterinária. Atuando principalmente nos seguintes temas: Haemophilus somnus, Brucella abortus, Leptospira, Campylobacter fetus. Responsável pelas disciplinas de Tecnologia e Inspeção de Leite e Derivados I e Tecnologia e Inspeção de leite e derivados II, e Tecnologia de Produtos de Origem Animal (Curso de Zootecnia). Professor Permanente do Curso de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical, ministrando a disciplina de Fisiopatologia da reprodução em ruminantes.

Francisco Baptista

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Agostinho Neto (1983), mestrado em Medicina Veterinária Preventiva pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991) e doutorado em Ciência Animal pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999). em experiência em diagnóstico laboratorial de Doenças Bacterianas e em Epidemiologia Veterinária, atuando principalmente nos seguintes temas: Brucelose e Tuberculose animal. Responsável pelas disciplinas de Epidemiologia e Higiene e Saúde Pública.

Helcileia Dias Santos

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade do Tocantins (1996), mestrado em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2000), com área de concentração em Parasitologia Veterinária e Doutorado em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com área de concentração em Sanidade Animal (2008). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em entomologia e protozoologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Ctenocephalides, Leishmania, epidemiologia. Possui experiência também como docente na área de histologia. Responsável pelas disciplinas de Parasitologia Veterinária I e II e Doenças Parasitárias. Professor Colaborador do

Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

Jorge Luis Ferreira

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí (1998), mestrado em Ciências Veterinárias pela Universidade Estadual do Ceará (2001) e Doutorado em Ciência Animal pela Universidade Federal de Goiás (2009). Tem experiência na área de Zootecnia, com ênfase em Genética e Melhoramento dos Animais Domésticos, e Genética Animal atuando principalmente nos seguintes temas: melhoramento animal, estimação de componentes de (co)variâncias, conservação de recursos genéticos, formação de grupos contemporâneos, marcadores moleculares, precocidade sexual, genética da conservação. Responsável pelas disciplinas de Genética Básica e Animal e Melhoramento Genético Animal. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

Katyane de Sousa Almeida

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (2000), mestrado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004) e doutorado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Zoonoses, Doenças Infecto-contagiosas e Parasitologia Veterinária. Responsável pelas disciplinas de Doenças Infecto-contagiosas I e II. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

Marco Augusto Giannoccaro da Silva

Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade de Marília no ano de 2002. Especialização em Medicina Esportiva Equina pela Universidade Tuiuti do Paraná, modalidade Lato sensu, com carga horária de 500 horas, concluída em dez/2004. Mestrado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Doutorado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Clínica Médica Veterinária, atuando principalmente nos seguintes temas: Clínica Médica de Equídeos, Odontologia Equina, Fisiologia do Exercício em Equinos, Avaliação do Desempenho de Equinos Atletas. Responsável pelas disciplinas de Clínica Médica de Equídeos, Semiologia Veterinária e Equideocultura.

Maria de Jesus Veloso Soares

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí (1996), mestrado em Medicina Veterinária (Clínica Médica Veterinária) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003) e doutorado em Medicina Veterinária (Patologia Animal) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Anatomia Animal, Patologia Animal e Clínica Veterinária, atuando principalmente nos seguintes temas: morfologia, histopatologia, parasitologia, imunistoquímica, PCR, PCR-RFLP, seqüenciamento de DNA, leishmaniose visceral, lesão renal. Responsável pelas disciplinas de Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos e Anatomia Animal (curso de Zootecnia).

Marlos Gonçalves Sousa

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Tocantins (2000) e residência em Clínica Médica de Pequenos Animais (2003) pela

Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Jaboticabal. cursou mestrado (2004) e doutorado (2007) em Medicina Veterinária (Clínica Médica) na Unesp-Jaboticabal. Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Clínica Médica de Pequenos Animais, atuando principalmente nos seguintes temas: medicina interna, cardiologia comparada, diagnóstico por imagem, ecocardiografia e terapêutica veterinária. Responsável pelas disciplinas de Clínica Médica de Pequenos Animais I e Clínica Médica de Pequenos Animais II.

Michel José Sales Abdalla Helavel

Possui graduação em Medicina Veterinária pelo Centro Universitário Plínio Leite (2005). Pós-Graduação (Latu Senso) em Sanidade de Ruminantes pela Universidade do Grande Rio (2006), Mestrado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2008), e Doutorado em Ciências Veterinárias pela UFRRJ (2011). Tem experiência nas áreas de produção e sanidade Animal, com ênfase em Clínica, Cirurgia e Patologia Animal, principalmente nos seguintes temas: Enfermidades de Ruminantes e Equinos. Responsável pelas disciplinas de Clínica Médica de Ruminantes I e Clínica Médica de Ruminantes II.

Michelle Goldan de Freitas Tancredi

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1999) e mestrado (2002) e doutorado (2009) em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Anatomia Veterinária Comparada I e II, Anatomia Animal. Responsável pelas disciplinas de Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos I e II.

Roberta Carareto

Possui graduação em Medicina Veterinária (1999) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Concluiu o programa de residência em Anestesiologia Veterinária (2004) no Hospital Veterinário Governador Laudo Natel da UNESP-Jaboticabal. cursou o mestrado em Anestesiologia Experimental (2002) pela Faculdade de Medicina da UNESP-Botucatu e o doutorado (2007) em Cirurgia Veterinária na UNESP-Jaboticabal. Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Anestesiologia e Cirurgia Animal, atuando principalmente nos seguintes temas: anestesia geral inalatória, anestesia intravenosa total, terapia intensiva, monitoração anestésica e cirurgia em pequenos animais. Responsável pelas disciplinas de Anestesiologia Veterinária, Práticas Ambulatoriais em Pequenos Animais e Monitoramento Anestésico.

Sílvia Minharro Barbosa

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade do Tocantins (1997), mestrado em Sanidade Animal pela Universidade Federal de Goiás (2000) e doutorado em Ciência animal pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, Doenças Infecto-Contagiosas, com ênfase diagnósticos e Inspeção de Carnes e derivados. Responsável pelas disciplinas de Inspeção e Tecnologia de Carnes, Peixes e Derivados e Tecnologia de Produtos de Origem Animal (curso de Zootecnia). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

Tânia Vasconcelos Cavalcante

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí (1990), mestrado em Ciências Veterinárias pela Universidade Estadual do Ceará

(1998) e Doutorado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Jaboticabal (2003). Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Reprodução Animal, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologia de embriões em ovinos, IA em caprinos e ovinos, exame andrológico, testes de predição de fertilidade e patologias do sistema reprodutivo feminino em bovinos. Responsável pelas disciplinas de Fisiopatologia da Reprodução Animal. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

Vanessa Paulino da Cruz Vieira

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências Veterinárias. É atuante na área de desenvolvimento de produtos parasiticidas (endectocidas) e no controle das principais parasitoses dos animais domésticos. Responsável pelas disciplinas de Parasitologia Veterinária I e II e Doenças Parasitárias.

Vera Lúcia de Araújo

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999) , mestrado em Zootecnia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e doutorado em CIENCIA ANIMAL pela ESCOLA DE VETERINARIA DA UFMG (2006) . Tem experiência na área de Zootecnia, com ênfase em Nutrição e Alimentação Animal. Atuando principalmente nos seguintes temas: FERMENTAÇÃO, QUALIDADE, avaliação microscópica, consumo, degradabilidade e estágio de maturação. Responsável pelas disciplinas de Bioquímica Veterinária I e II, e Biofísica. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

Virginia Tessarine Barbosa

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - UNESP/Jaboticabal (2001). É mestre em Cirurgia Veterinária pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, UNESP/ Jaboticabal. Doutorado (2011) em Cirurgia Veterinária pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, UNESP/ Jaboticabal. Tem experiência na área de Clínica Cirúrgica, atuando principalmente nos temas relacionados a cirurgia de tecidos moles em pequenos animais. Fez residência na área de Cirurgia e Anestesiologia de Pequenos Animais (2003 e 2004) no Hospital Veterinário da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, UNESP/ Jaboticabal. Responsável pelas disciplinas de Técnica Cirúrgica Veterinária e de Diagnóstico por Imagem.

Viviane Mayumi Maruo

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade de São Paulo (1993), mestrado (1997), doutorado (2002) e pós-doutorado (2010) em Patologia Experimental e Comparada pela Universidade de São Paulo. Tem experiência nas áreas de Medicina Veterinária e Zootecnia, com ênfase em Farmacologia e Toxicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: medicina veterinária, produção animal, farmacologia, toxicologia, toxicologia veterinária, toxicologia perinatal, patologia animal, plantas tóxicas. Responsável pelas disciplinas de Toxicologia Aplicada à Veterinária, Bioética e Bem-estar Animal e Bioterismo. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

Wallace Henrique de Oliveira

Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983), mestre em Zootecnia/Nutrição pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990) e Doutor em Ciência Animal/Produção Animal, pela Universidade Federal de Goiás (2009). Tem experiência na área de Zootecnia, com ênfase em Avaliação de Alimentos para Animais, atuando principalmente nos seguintes temas: Digestibilidade; Nutrição e alimentação de peixes. Responsável pelas disciplinas de Bioquímica Veterinária I e II e Biofísica. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical.

4.2 Condições de Trabalho

1. Adriano Tony Ramos = 40 horas Dedicação Exclusiva
2. Alberto Yim Junior = 40 horas Dedicação Exclusiva
3. Ana Kelen Felipe Lima = 40 horas Dedicação Exclusiva
4. Ana Paula Coelho Ribeiro = 40 horas Dedicação Exclusiva
5. Caroline Peters Pigatto = 40 horas Dedicação Exclusiva
6. Clarissa Amorim Silva de Cordova = 40 horas Dedicação Exclusiva
7. Eduardo Borges Viana = 40 horas Dedicação Exclusiva
8. Fabiana Cordeiro Rosa = 40 horas Dedicação Exclusiva
9. Fabiano Mendes Cordova = 40 horas Dedicação Exclusiva
10. Fagner Luiz da Costa Freitas = 40 horas Dedicação Exclusiva
11. Francisca Elda Ferreira Dias = 40 horas Dedicação Exclusiva
12. Francisco Baptista = 40 horas Dedicação Exclusiva
13. Helcileia Dias Santos = 40 horas
14. Jorge Luis Ferreira = 40 horas Dedicação Exclusiva
15. Katyane de Sousa Almeida = 40 horas Dedicação Exclusiva
16. Marco Augusto Giannoccaro da Silva = 40 horas Dedicação Exclusiva
17. Maria de Jesus Veloso Soares = 40 horas Dedicação Exclusiva
18. Marlos Gonçalves Sousa = 40 horas Dedicação Exclusiva
19. Michel José Sales Abdalla Helayel = 40 horas Dedicação Exclusiva
20. Michelle Goldan de Freitas Tancredi = 40 horas Dedicação Exclusiva
21. Roberta Carareto = 40 horas Dedicação Exclusiva
22. Sílvia Minharro Barbosa = 40 horas Dedicação Exclusiva
23. Tânia Vasconcelos Cavalcante = 40 horas Dedicação Exclusiva
24. Vanessa Paulino da Cruz Vieira = 40 horas Dedicação Exclusiva
25. Vera Lúcia de Araújo = 40 horas Dedicação Exclusiva

26. Virginia Tessarine Barbosa = 40 horas Dedicção Exclusiva
 27. Viviane Mayumi Maruo = 40 horas Dedicção Exclusiva
 28. Wallace Henrique de Oliveira = 40 horas Dedicção Exclusiva

4.3 Composição e titulação do Núcleo Docente Estruturante

NOME	TITULAÇÃO
Clarissa Amorim Silva de Cordova	Doutora
Fabiana Cordeiro Rosa	Doutora
Francisco Baptista	Pós-Doutorado
Helcileia Dias Santos	Doutora
Jorge Luis Ferreira	Doutora
Katyane de Sousa Almeida	Doutora
Marco Augusto Giannoccaro da Silva	Doutor
Sílvia Minharro Barbosa	Doutora
Tânia Vasconcelos Cavalcante	Pós-Doutorado
Viviane Mayumi Maruo	Pós-Doutorado
Wallace Henrique de Oliveira	Doutora

4.4 Produção de material didático ou científico do corpo docente

DOCENTE	ARTIGOS PUBLICADOS	LIVROS	CAPÍTULOS DE LIVROS	RESUMOS COMPLETOS PUBLICADOS EM ANAIS DE EVENTOS	RESUMOS PUBLICADOS EM ANAIS DE EVENTOS	PROPRIEDADE INTELECTUAL DEPOSITADA OU REGISTRADA	PRODUÇÕES TÉCNICAS RELEVANTES	MARCAS, PATENTES	PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS
Adriano Tony Ramos	24	0	6	8	48	0	0	0	0
Alberto Yim Junior	5	0	0	10	1	0	0	0	0
Ana Kelen Felipe Lima	11	1	0	0	41	0	0	0	0
Ana Paula	14	0	0	0	24	0	0	0	0

Coelho Ribeiro									
Caroline Peters Pigatto	18	0	8	0	37	0	0	0	0
Clarissa Amorim Silva de Cordova	9	0	0	0	38	0	0	0	0
Eduardo Borges Viana	6	0	3	0	19	0	0	0	0
Fabiana Cordeiro Rosa	2	0	10	0	25	0	0	0	0
Fabiano Mendes Cordova	7	0	0	2	34	0	0	0	0
Fagner Luiz da Costa Freitas	27	0	0	18	41	0	0	0	0
Francisca Elda Ferreira Dias	12	0	0	22	20	0	0	0	0
Francisco Baptista	10	0	0	3	3	0	0	0	0
Helcileia Dias Santos	7	0	1	20	42	0	0	0	0
Jorge Luis Ferreira	25	1	0	77	20	0	0	0	0
Katyane de Sousa Almeida	30	0	0	23	54	0	0	0	0
Marco Augusto Giannoccaro da Silva	11	0	0	14	35	0	0	0	0
Maria de Jesus Veloso Soares	5	0	0	1	5	0	0	0	0
Marlos Gonçalves Sousa	45	0	4	43	114	0	0	0	0
Michel José S. Abdalla Helayel	1	0	0	3	4	0	0	0	0
Michelle Goldan de	15	0	0	11	16	0	0	0	0

Freitas Tancredi									
Roberta Carareto	37	0	0	20	86	0	0	0	0
Sílvia Minharró Barbosa	13	0	2	15	20	0	0	0	0
Tânia Vasconcelos Cavalcante	19	0	1	36	30	0	0	0	0
Vanessa Paulino da Cruz Vieira	11	0	0	8	57	0	0	0	0
Vera Lúcia de Araújo	12	0	0	26	27	0	0	0	0
Virginia Tessarin e Barbosa	1	0	0	4	10	0	0	0	0
Viviane Mayumi Maruo	10	0	2	11	21	0	0	0	0
Wallace Henrique de Oliveira	1	0	0	3	9	0	0	0	0

4.5 Corpo Técnico-Administrativo que atende ao curso

Os servidores que atendem ao curso de Medicina Veterinária estão relacionados a seguir. Vale ressaltar, que além destes a UFT conta ainda com a terceirização dos agentes de serviços gerais, para campo, limpeza e segurança, perfazendo cerca de 50 servidores na EMVZ.

Ord.	NOME	MATRÍCULA	CARGO	SETOR/LOTAÇÃO
1	Adriano Vieira	1740147	Técnico em Laboratório	Laboratório de Nutrição Animal
2	Antônio Carlos Rodrigues dos Santos	1526956	Técnico em Agropecuária	Setor de Campo
3	Carmen Maria N. Lucena	1627451	Técnica de Laboratório	Laboratório de Higiene e Saúde Pública
4	Cláudio Almeida Feitosa	1453617	Administrador	Coordenação Administrativa EMVZ
5	Cristiane Alves Nascimento	1629435	Técnica em Laboratório	Lab. de Microbiologia de Alimentos
6	Denise Amorim dos Santos	1526756	Técnica de Laboratório	Laboratório de Lactologia
7	Diogo Barbosa da Silva	1719441	Assistente em Administração	Coordenação do Curso de Medicina Veterinária
8	Elis Regina Negri	1639318	Técnica de Laboratório	Laboratório Multidisciplinar de Patologia
9	Evanês Pires de Abreu	1523068	Técnica de Laboratório	Laboratório de Bioquímica
10	Fábia Nascimento Reis	1713838	Pedagogo	Coordenação de Estágio
12	Flávio Duarte Cardoso	1523905	Técnico em Agropecuária	Setor de Campo
13	Francisco Neto Pereira Pinto	1522555	Assistente em Administração	Biblioteca EMVZ
14	Francisco Farias de Jesus	1523954	Técnico de Laboratório	Laboratório de Parasitologia
15	Gilzelle Maria da Luz Silva	1672099	Técnica em Laboratório	Laboratório Multidisciplinar de Patologia
16	Ismael Guimarães Santos	1835493	Assistente em Administração	Protocolo EMVZ
18	José Amilson Rodrigues Vieira	1523523	Assistente em Administração	Biblioteca EMVZ

19	Kleiton Sousa Matos	1424041	Assistente em Administração	Biblioteca EMVZ
21	Leidileny Pereira Lima dos Santos	1629757	Técnica de Laboratório	Laboratório de Higiene e Saúde Pública
22	Leonardo Vaz Burns	1655092	Médico Veterinário	Hospital Veterinário
23	Liana Bezerra Dias	1737600	Bióloga	Laboratório de Bioquímica
24	Maurício Barbosa de Sousa	1654592	Assistente em Administração	Biblioteca EMVZ
25	Nácia Laena Lima Lopes	1524591	Assistente em Administração	Biblioteca EMVZ
26	Nilo Marinho Pereira Júnior	1742165	Bibliotecário	Biblioteca EMVZ
27	Paulo H. dos Santos Silva	1522565	Técnico em Laboratório	Laboratório de Patologia Clínica
28	Raimunda de Sousa C. Barros	1629785	Técnica de Laboratório	Hospital Veterinário
29	Richard Ghty Soares	1524555	Assistente em Administração	Laboratório de Informática
30	Ronilma Duarte Moreira Miranda	1524340	Técnica de Laboratório	Laboratório de Reprodução Animal
31	Samara Rocha Galvão	1532358	Médica Veterinária	Laboratório de Parasitologia
32	Silvio Sanches da Silva	1523616	Técnico em Agropecuária	Setor de Campo
33	Simonia Barbosa Miranda	1541132	Técnica de Laboratório	Hospital Veterinário
34	Tiago Barbalho André	1640118	Engenheiro Agrônomo	Setor de Campo
35	Vanilson Leite Apinagé	1737593	Farmacêutico	Hospital Veterinário
36	Warton da Silva Souza	1523053	Assistente em Administração	SDH-EMVZ
37	Willian Fragoso de Moraes	1879728	Assistente em Administração	Coordenação da Pós-Graduação

5 INSTALAÇÕES FÍSICAS E LABORATÓRIOS

5.1 Laboratórios e instalações

5.1.1 Laboratórios Específicos

O Laboratório de Fisiologia Veterinária e Farmacologia, embora exista na estrutura física da EMVZ, não é utilizado para aulas dessas disciplinas, cujas aulas práticas foram substituídas pela utilização de recursos de multimídia, tais como animações, vídeos e/ou simulações computadorizadas, conforme recomendação da Lei N. 11.794, de 8 de outubro de 2008.

* Brasil. Lei 11794/08 Procedimentos para Uso Científico de Animais. Diário Oficial da União seção 1;9 de outubro de 2008; CXLV(196):1:2."

5.1.1.1 Laboratório de Bioquímica e Biofísica

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Bioquímica e Biofísica I
- Bioquímica e Biofísica II
- Bioquímica II (Zootecnia)
- Química Geral (Zootecnia)

Responsável: Wallace Henrique de Oliveira

Técnico lotado no laboratório: Evanês Pires de Abreu

Equipamentos existentes:

- 2 Agitadores magnéticos
- 1 Aparelho de ar condicionado
- 1 Balança semi analítica
- 2 Chapas aquecedoras
- 1 Computador
- 1 Destilador de Água
- 1 Espectrofotômetro
- 1 Estufa
- 1 Fonte de alimentação Estabilizadora
- 1 Freezer Horizontal
- 1 pH metro
- 1 pH metro B371 - digital
- 1 Refrigerador Brastemp
- 1 Refrigerador Consul
- 1 Ventilador Arno
- 1 Ventilador Ventidelta

5.1.1.2 Laboratório de Parasitologia

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Parasitologia Veterinária 1
- Parasitologia Veterinária 2
- Doenças Parasitárias
- Parasitologia (Zootecnia)

Responsáveis: Profa. Helcileia Dias Santos e Profa. Vanessa Paulino da Cruz Vieira

Técnicos lotados no laboratório: Francisco Farias de Jesus e Samara Rocha Galvão

Equipamentos existentes

- 3 microscópios estereoscópicos
- 4 microscópios ópticos binocular
- 2 microscópios trinoculares
- microscópio trinocular com câmera ccd (adquirido em projeto)
- 1 estufa incubadora com fotoperíodo e termoperíodo
- 1 geladeira biplex
- 1 Centrífuga para microhematócrito
- 1 Balança analítica
- 1 Centrífuga para tubos (projeto)
- 1 autoclave vertical (projeto)
- 1 microcomputador

5.1.1.3 Laboratório de Anatomia

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos 1
- Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos 2
- Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos
- Anatomia Animal (Zootecnia)
- Histologia e Embriologia Básica

Responsável: Profa Maria de Jesus Veloso Soares

Técnico lotado no laboratório: não há

Equipamentos existentes

- 1 freezer horizontal

5.1.1.4 Laboratório de Reprodução Animal

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Fisiopatologia da Reprodução Animal
- Técnicas e Estudos Especiais em Reprodução Animal
- Histologia e Embriologia Básica

Responsável: Tania Vasconcelos Cavalcante

Técnico lotado no laboratório: Ronilma Duarte

Equipamentos existentes

- 4 microscópios
- 2 lupa
- 1 laparoscópio
- 2 macas
- 2 botijão
- 1 computador

5.1.1.5 Laboratório de Microbiologia de Alimentos

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

Inspeção e Tecnologia de Produtos Animais I
Inspeção e Tecnologia de Produtos Animais II
Tecnologia de Produtos de Origem Animal (Zootecnia)
Microbiologia Zootécnica (Zootecnia)

Responsável: Profa Sílvia Minharro Barbosa

Técnico lotado no laboratório: Cristiane Alves Nascimento

Equipamentos existentes

- 1 Homogeneizador de Amostras (Marca ITR);
- 1 Contador de Colônias (Phoenix)
- 1 Microscópio Binocular (Quimis)
- 1 Lupa (Quimis)
- 1 Autoclave Vertical (Cap Lab)- 18L
- 1 Autoclave Vertical (Cap Lab)- 30L
- 1 Banho maria (Cap Lab)
- 1 Estufa bacteriológica (Cap Lab)
- 1 Geladeira 410 L (Consul)
- 1 Aparelho de micro-ondas
- 1 CPU e periféricos

5.1.1.6 Laboratório de Tecnologia de Produtos de Origem animal

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Tecnologia de Produtos de Origem Animal (Zootecnia)
- Apicultura (Zootecnia)

Responsável: Profa Sílvia Minharro Barbosa

Técnico lotado no laboratório: Cristiane Alves Nascimento

Equipamentos existentes

- Freezer Vertical – 246 L
- Freezer vertical – 280 L
- Moedor de carne
- Balança de carnes cap. 25 Kg

5.1.1.7 Laboratório Multidisciplinar de Patologia (Laboratório pertencente à Pós-graduação em Ciência Animal Tropical)

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Toxicologia aplicada à Medicina Veterinária
- Patologia Geral
- Patologia Especial
- Histologia e Embriologia Básicas

Responsável: Viviane Mayumi Maruo

Técnico lotado no laboratório: Gilzelle Maria da Luz Silva

Equipamentos existentes

- 1 evaporador rotativo a vácuo Fisatom
- 1 banho maria para o evaporador rotativo
- 1 bomba d'água
- 1 geladeira frostfree Consul/Biplex CRM 49
- 1 freezer horizontal Eletrolux
- 2 microcomputadores Samsung/Compaq
- 1 placa aquecedora LUPETEC/PA 04
- 1 placa refrigerada Lupetec/ PR01
- 1 dispensador de parafina LUPETEC/DP 01
- 1 estufa de esterelização Odontobras
- 1 destilador de água Biopar
- 1 banho maria histológico CMA/BM03

- 1 condicionador de ar split Consul/LBEF30088MA
- 1 centrífuga para tubos Sislab/Basic20T
- 1 agitador magnético Nova Ética/119
- 1 centrífuga refrigerada Hermle/Z326K
- 1 sistema Rotofor BioRad
- 1 microscópio Nikon Elipse E200
- 1 microscópio biocular Bioval
- 1 microscópio triocular Quimis/Q106T2
- 1 microscópio Leica DM500
- 1 câmera Leica ICC50HD

5.1.1.8 Biotério (Laboratório pertencente à Pós-graduação em Ciência Animal Tropical) – segue anexo o Manual de Biossegurança

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Toxicologia aplicada à Medicina Veterinária

Responsável: Profa. Viviane Mayumi Maruo

Técnico lotado no laboratório: Elis Regina Negri

Equipamentos existentes

- 1 Timer analógico
- 1 Timer digital
- 1 microscópio biocular Bioval
- 1 ventilador Ventidelta
- 1 balança semianalítica com capacidade até 600g ADAM/ABC Plus
- 1 Estante ventilada ALESCO, capacidade para 24 caixas moradia para ratos
- 2 aparelhos umidificadores de ar marca Cadence
- 1 condicionador de ar split Midea
- 2 condicionadores de ar split York
- 1 condicionador de ar Springer
- 1 condicionador de ar Brastemp
- 1 autoclave vertical Phoenix/AV50L
- 1 câmara de gás para eutanásia de animais de biotério Insight
- 1 cilindro de dióxido de carbono
- 1 forno de microondas marca Consul/CM24ABBNA

5.1.1.9 Sala de Necrópsia

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Patologia Geral

- Patologia Especial
- Medicina Veterinária Legal

Responsáveis: Adriano T. Ramos e Fabiano Mendes de Cordova

Técnico lotado no laboratório: não há

Equipamentos existentes

- Freezer horizontal 500 l

5.1.1.10 Laboratório de Lactologia

Horário de funcionamento: segunda-feira das 10:00 às 12:00 h e 14:00 as 17hs; Atividades diárias da técnica na preparação de reagente para as aulas práticas; limpezas de vidrarias e experimentos de iniciação científica (PIBIC) e pós graduação pelo menos três dias por semana.

Disciplinas atendidas:

- Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II

Responsáveis: Francisca Elda Ferreira Dias

Técnico lotado no laboratório: Denise Amorim e Ronilma Duarte (a partir de novembro 2011- substituindo a Denise por período de gestação e licença maternidade);

Equipamentos existentes

- Computador e CPU (01);
- Geladeira (01);
- Phgmetro (01);
- Banho Maria (02);
- Centrifuga (01);
- Agitador magnético(01)

5.1.1.11 Laboratório de Higiene e Saúde Pública

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Microbiologia Geral
- Microbiologia Especial
- Epidemiologia
- Higiene e saúde pública

- Microbiologia Zootécnica

Responsáveis: Prof. Francisco Baptista

Técnico lotado no laboratório: Leidileny Pereira Lima dos Santos e Carmen Maria N. Lucena

Equipamentos existentes:

- 02 Autoclave
- 01 Forno Pasteur
- 03 Geladeiras com Freezer
- 01 Destilador
- 12 Microscópios ópticos
- 01 Microscópio óptico com câmara fotográfica
- 01 Lupa
- 01 Microondas
- 02 Estufa de bacteriologia
- 01 Bomba de vácuo
- 01 Televisão
- 02 Computadores
- 01 Impressora jato de tinta
- Balança analítica
- 01 fogão

5.1.1.12 Laboratório de Patologia Clínica

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Patologia Clínica;
- Clínica Médica de Pequenos Animais I e II;
- Clínica Médica de Ruminantes I e II;
- Clínica Médica de Equídeos;
- Anestesiologia Veterinária
- Obstetrícia
- Clínica Cirúrgica dos Animais Domésticos

Responsáveis: Prof. Eduardo Borges Viana

Técnico lotado no laboratório: Paulo Hernandes dos Santos Silva

Equipamentos existentes:

- 01 Macrocentrífuga
- 01 Estufa
- 01 Analisador bioquímico Bioplus 2000
- 02 Microscópios bioculares Bioval
- 02 Banho-maria
- 01 Refratômetro portátil
- 01 Geladeira Cônsul 410L
- 01 Contador Manual de Células
- 01 Freezer horizontal
- 01 Computador e monitor Samsung
- 01 Nobreak

5.1.1.13 Laboratório de Microscopia

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Histologia e Embriologia básicas
- Histologia Veterinária
- Biologia celular e molecular (curso de zootecnia)
- Histologia e embriologia básica (curso de zootecnia)
- Patologia clínica
- Parasitologia Veterinária
- Morfologia vegetal
- Fisiologia vegetal

Responsável: Prof. Fagner Luiz da Costa Freitas

Técnico lotado no laboratório: não há

Equipamentos existentes:

- 25 Microscópios ópticos

5.1.1.14 Hospital Veterinário Universitário – segue anexo o Regimento do Hospital Veterinário Universitário onde estão descritas a estrutura organizacional e as normas de funcionamento.

Horário de funcionamento: integral

Disciplinas atendidas:

- Patologia Clínica
- Clínica Médica de Pequenos Animais I e II
- Clínica Médica de Ruminantes I e II
- Clínica Médica de Equídeos
- Técnica Cirúrgica Veterinária
- Clínica Cirúrgica dos Animais Domésticos
- Anestesiologia Veterinária
- Obstetrícia Veterinária
- Práticas Ambulatoriais em Pequenos Animais
- Monitoramento Anestésico

Responsável: MV Leonardo Vaz Burns

Técnicos lotados no laboratório: Vanilson Apinagé (Farmacêutico), Claudio Feitosa (Administrador), Raimunda Canedo (Técnica em laboratório), Simonia Barbosa dos Santos (Técnica em Enfermagem). Ainda, conta com um quadro de funcionários terceirizados responsáveis pela limpeza e manutenção do Hospita Veterinário (Roberto Neves, Divina Mendes de Paula Telles, Sheila Pereira Carvalho) e Jotania da Silva Gama (Recepcionista).

Equipamentos existentes:

- 01 Aparelho de Ultrassom
- 01 Aparelho de Raio-x
- 01 Aparelho de eletrocardiograma
- 01 Desfibrilador cardíaco externo

- 01 Aparelho Micro-aspirador
- 01 Bisturi elétrico
- 02 Monitores portáteis multiparâmetros de pacientes
- 04 Aparelhos de anestesia inalatória para pequenos animais
- 01 Aparelho de anestesia inalatória para grandes animais
- 04 Focos cirúrgicos móveis
- 01 Bomba de infusão intravenosa
- 01 Autoclave vertical
- 01 Autoclave horizontal
- 01 Estufa
- 01 Refrigerador compacto
- 01 Máquina de lavar roupas
- 01 Aparelho de microondas
- 01 Datashow

5.2 Biblioteca

A Biblioteca, situada na Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, funciona em horário comercial e atende exclusivamente os cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal do Tocantins, podendo ser denominada do tipo Setorial. Está instalada em um espaço físico de 212 m², subdividido em: 53 m² para serviços técnicos, 90 m² para acervos e 69 m² com salas de estudos em grupo e individual.

Possui um acervo de 4009 exemplares com um total de 217 títulos e é conduzida por cinco técnicos-administrativos, sendo: 01 bibliotecário (Nilo Marinho) e 04 Assistentes em administração (Nacia Laena, Kleiton Sousa, José Amilson e Maurício Barbosa).

O acervo está informatizado sendo possível o acesso à base de dados em sistema on line. A UFT possui uma assinatura que permite o acesso ao portal da CAPES, sendo possível, portanto, fazer downloads de artigos completos nacionais e internacionais.

O usuário tem acesso livre às estantes, identificadas e separadas por área, sendo concedido o empréstimo domiciliar na modalidade simples para acadêmicos, docentes e funcionários da instituição cadastrados na biblioteca. O empréstimo é controlado por sistema

informatizado (código de barras) e é concedido um prazo de sete dias consecutivos para alunos e dez dias para os docentes, com limite cumulativo máximo de três obras, podendo as mesmas serem renovadas pelo mesmo prazo, desde que não esteja reservada.

Próximos às estantes de livros estão distribuídos dez conjuntos de mesase cadeiras para estudo em grupo, com uma média de seis assentos por mesa. Duas cabines isoladas para trabalhos em equipe e cabines para estudos individuais também estão presentes.

As obras de referências (TCC, dissertações, Teses, etc.) são concedidas sob empréstimo domiciliar aos usuários somente para a produção de fotocópias, sendo devolvidas no mesmo dia. O empréstimo domiciliar de periódicos é concedido somente para os professores, pelo prazo de três dias consecutivos. Para os acadêmicos, os periódicos são emprestados somente para a produção de fotocópias, sendo devolvidos imediatamente ao término do serviço.

5.3 Instalações e equipamentos complementares

Existe na EMVZ, um Laboratório de Informática (LABIN) composto por 22 microcomputadores ligados à internet e de livre acesso aos alunos. Funciona em horário comercial e é conduzido por dois servidores técnico-administrativos. Os alunos também tem acesso à rede wireless através da rede UFTacad. Já os docentes, tem acesso à rede wireless através da rede UFTnet ou UFTacad.

5.4 Áreas de lazer e circulação

A instituição possui convênio com o SESI/CAT, em Araguaína, setor Brasil, para atividades de lazer e esporte. Na EMVZ está em construção um campo de futebol.

5.5 Recursos audiovisuais do pavilhão de salas de aula

- 6 retroprojetores
- 5 projetores de slide
- 2 data show
- 1 TV 29"
- 1 DVD

- 1 Vídeo Cassete

- 1 Câmera para vídeo conferência

5.6. Acessibilidade para portador de necessidades especiais

Na Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, apenas as instalações sanitárias do pavilhão de salas de aulas e o Hospital Veterinário estão adaptados para o acesso a portadores de necessidades especiais.

5.7. Sala de Direção de Campus

Ocupa uma área de 14 m², climatizada, localizada no prédio da administração, dotada de duas mesas com microcomputador, sendo uma para o diretor, uma linha telefônica, uma mesa com dez assentos para reuniões, armário/estante.

5.8. Sala de Coordenador de Curso

Ocupa uma área de 14,5 m², climatizada, localizada no prédio da administração, dotada de uma mesa do coordenador com microcomputador ligado à internet à cabo e wireless, um ramal telefônico, dois armários/estante e uma estante grande de madeira onde são arquivados os documentos referentes ao curso.

ANEXOS

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

REGIMENTO INTERNO DO CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA
VETERINÁRIA

ARAGUAÍNA

2011

CAPÍTULO I - DA NATUREZA DO CURSO

Art. 1. O Colegiado do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, criado pelo Regimento Geral da Fundação Universidade Federal do Tocantins, constitui órgão consultivo, normativo, administrativo e deliberativo no nível de sua competência, de acordo com o que estabelece o Regimento Acadêmico, Regimento do Campus Universitário de Araguaína, o Regimento Geral e o Estatuto da UFT, devendo contribuir para a organização, o funcionamento, a expansão e o aperfeiçoamento do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária.

CAPÍTULO II - DA COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO

Art. 2. O Colegiado do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária é composto de todos os docentes efetivos do curso de Medicina Veterinária e representação discente, os quais terão direito a voz e voto.

Parágrafo Único - A representação do corpo discente será de 1/5 (um quinto) do número de docentes dos colegiados de cursos que têm direito a voto e voz.

Art. 3. O Presidente do Colegiado exercerá, cumulativamente, a função de Coordenador do Curso.

§ 1º. O Presidente será auxiliado por um (a) secretário (a) ou, na falta dele (a), por um integrante do Colegiado escolhido em datas alternadas pelos membros do Colegiado.

§ 2º. No caso de afastamento temporário, o Presidente indicará um substituto.

CAPÍTULO III - DAS ATRIBUIÇÕES DO COLEGIADO

SEÇÃO I

Das Atribuições do Colegiado

Art. 4. Compete ao Colegiado, em conformidade com o artigo 37 e seus incisos do Regimento Geral da UFT:

- Propor ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão a organização curricular dos cursos correspondentes, estabelecendo o elenco, o conteúdo e a sequência das disciplinas que o formam, com os respectivos créditos;
- Propor ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, respeitada a legislação vigente e o número de vagas a oferecer, o ingresso nos respectivos cursos;
- Estabelecer normas para o desempenho dos professores orientadores para fins de matrícula;
- Opinar sobre os processos de verificação do aproveitamento adotados nas disciplinas que participem da formação dos cursos sob sua responsabilidade;
- Fiscalizar o desempenho do ensino das disciplinas que se incluam na organização curricular do curso coordenado;

- Conceder dispensa, adaptação, cancelamento de matrícula, trancamento ou adiantamento de inscrição e mudança de curso mediante requerimento dos interessados, reconhecendo, total ou parcialmente, cursos ou disciplinas já cursados com aproveitamento pelo requerente;
- Estudar e sugerir normas, critérios e providências ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, sobre matéria de sua competência;
- Decidir os casos concretos, aplicando as normas estabelecidas;
- Propugnar para que os cursos sob sua supervisão se mantenham atualizados;
- Eleger o Coordenador e o Coordenador Substituto;
- Coordenar e supervisionar as atividades de estágio necessárias à formação profissional dos cursos sob sua orientação.

SEÇÃO II

Das Atribuições do Presidente do Colegiado

Art. 5. Compete ao Presidente do Colegiado:

- I. Representar sua Coordenação de Curso como membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão;
- II. Presidir os trabalhos da Coordenação de Curso ;
- III. Propor ao Diretor do Campus a substituição do seu representante no Conselho Diretor, nos termos do Regimento do Campus;
- IV. Responder, perante o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, pela eficiência do planejamento e coordenação das atividades de ensino nos cursos sob a sua responsabilidade;
- V. Expedir instruções referentes aos cursos;
- VI. Representar contra medidas ou determinações emanadas da Direção ou do Conselho Diretor que interfiram nos objetivos ou normas fixados para o curso pelo Colegiado.

§ 1º - Os Coordenadores de Cursos poderão ter regime de trabalho de dedicação exclusiva, incluindo-se as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

§ 2º - No impedimento do Coordenador, assumirá a Coordenação o membro escolhido pelo colegiado.

SEÇÃO III

Das Atribuições dos Membros do Colegiado

Art. 6. Aos membros do Colegiado compete:

- I. Zelar pelo cumprimento deste Regimento.
- II. Analisar, discutir, relatar e deliberar, nos prazos estabelecidos na sessão, os encaminhamentos que lhe forem distribuídos pelo Presidente.
- III. Emitir parecer sobre transferência ou permuta dos docentes de seu Colegiado, em consonância do artigo 112 do Regimento Geral da UFT.
- IV. Compor comissões e subcomissões indicadas ou eleitas pelo Colegiado, para contribuir com as necessidades do curso e da instituição.
- V. Comparecer às reuniões ordinárias e extraordinárias.
- VI. Estabelecer um calendário semanal de atendimento para as atividades de ensino, pesquisa e extensão.
- VII. Manter um comportamento ético em relação à comunidade.
- VIII. Zelar pelo cumprimento de horários de aulas, reuniões, atividades de ensino, pesquisa e extensão.
- IX. Zelar pelo bom andamento das reuniões ordinárias e extraordinárias.
- X. O colegiado poderá, dentro de sua especificidade, viabilizar a criação de comissões compostas por outras entidades, empresas ou instituições com a finalidade de subsidiar o Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária e propiciar um campo de discussão sobre temas pertinentes nesta área de conhecimento.

CAPÍTULO IV – DO FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO

Art. 7. O Colegiado reunir-se-á ordinariamente, uma vez ao mês e, extraordinariamente, quando convocados pelos seus coordenadores, por 1/3 (um terço) de seus membros ou pelas Pró-Reitorias.

§ 1º. As reuniões do Colegiado serão convocadas por escrito e e-mail e os editais de convocação fixados em locais visíveis com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas, mencionando-se a pauta da reunião.

Art. 8. As reuniões compreenderão uma parte de expediente à discussão e aprovação da ata da reunião anterior e assuntos diversos e outra dedicada à ordem do dia, na qual serão considerados os assuntos em pauta, adotando-se o seguinte procedimento:

- I. Abertura da sessão pelo Presidente.
- II. Informes.
- III. Leitura, discussão e aprovação da ata da reunião anterior.
- IV. Debates, encaminhamentos e deliberações dos assuntos em pauta.
- V. Encerramento da sessão.

Art. 9. Os debates e os informes realizados devem primar pela objetividade, bom senso e respeito entre os presentes na reunião.

§ 1º. O tempo máximo para informes não deverá ultrapassar 30 (trinta) minutos.

§ 2º. Os debates terão os seguintes encaminhamentos:

- As falas devem respeitar a ordem de inscrição.

- As questões de ordem, encaminhamento, esclarecimento e regime de votação devem ser obedecidos.

- As falas não poderão sofrer interferência argumentativa, salvo exclamações e pedidos de apertes que poderão ou não ser concedidos.

- As réplicas, tréplicas ou respostas somente serão permitidas em casos extremos.

- Será advertido pelo Presidente, em conformidade com o artigo 129 do Regimento Geral da UFT, o membro do Colegiado que incorrer nas seguintes circunstâncias:

(a). Desrespeitar aos membros do Colegiado com ofensa ética, moral, racial ou sexual.

(b). Abandonar as reuniões sem justificativas aceitas como justas.

§ 3º. A representação discente terá direito a voto em número igual à sua representação.

Art. 10. As deliberações serão adotadas pelo voto da maioria dos membros presentes do Colegiado excetuando professores substitutos, visitantes e/ou contratados.

§ 1º. A votação será simbólica, nominal ou secreta, adotando-se a primeira forma, sempre que uma das duas outras não seja requerida ou aprovada pelo plenário ou expressamente prevista nas normas pertinentes.

§ 2º. Além do voto comum, o Presidente do Colegiado terá, em caso de empate, o Voto de Qualidade.

§ 3º. As deliberações dos Colegiados de Cursos serão tomadas por votação, assistindo a qualquer de seus membros a faculdade de remeter o seu voto divergente ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, no qual receberá processamento como recurso (Regimento Geral da UFT, art. 43).

Art. 11. As deliberações do Colegiado serão baixadas pelo seu Presidente, sob forma de resolução, homologação ou outra forma compatível com a espécie.

Art. 12. O comparecimento às reuniões do Colegiado é obrigatório e preferencial em relação a qualquer outra atividade da Universidade.

Art. 13. O comparecimento dos membros do Colegiado às sessões será comprovado mediante lista de frequência e Ata.

CAPÍTULO V - Da eleição para Presidente do Colegiado (Coordenador de Curso)

Art. 14. O Presidente será eleito por um prazo de 2 (dois) anos a contar da data de sua posse, permitida a reeleição por apenas mais um mandato consecutivo.

Parágrafo Único. A posse solene do Presidente eleito dar-se-á em conformidade com as normas vigentes.

Art. 15. Perderá o mandato, o membro eleito ou indicado que, sem causa justificada, faltar a mais de 3 (três) reuniões ordinárias ou extraordinárias consecutivas, ou a 6 (seis) alternadas do respectivo Órgão Colegiado, ou que tenha sofrido penalidades por infração incompatível com a vida universitária.

§ 1º. Havendo impedimento à permanência do Presidente no cargo até a realização de um novo pleito, ocupará o lugar um coordenador interino escolhido pelos membros do Colegiado com direito a voz e voto.

§ 2º. Na hipótese de ocorrer a situação prevista no parágrafo anterior e o Presidente interino do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, em comum acordo com a Coordenação do Campus, adotará, no prazo de 30 (trinta) dias contados da data de assunção ao cargo, as medidas necessárias à realização de nova eleição, observando-se o disposto neste Regimento, no Regimento Eleitoral da UFT e demais normas pertinentes.

§ 3º. O Colegiado de Curso poderá propor ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão a substituição de seu coordenador, mediante a deliberação de 2/3 (dois terços) de seus integrantes (Regimento Geral da UFT, art. 44).

CAPÍTULO VI - Das Atividades Acadêmicas do Curso de Medicina Veterinária

Art. 16. A estrutura curricular do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária deve atender ao número de horas e as diretrizes curriculares estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação – CNE.

Art. 17. O ensino deve fornecer um embasamento histórico, ético, epistemológico-educacional e teórico-metodológico ao discente, em nível de graduação e pós-graduação. Para o bom andamento das atividades e acompanhamento das mesmas pelo Colegiado fica estabelecido que:

1. Todos os professores que ministram aula do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária terão que apresentar os programas das disciplinas em reunião com os seus pares na semana de planejamento que antecede o início das aulas, com a programação prévia de trabalho prático e teórico.

2. Na primeira semana de aula, os programas das disciplinas deverão ser distribuídos, apresentados e discutidos com as turmas.

3. As aulas de campo e de laboratório do Curso de Medicina Veterinária consistem em uma atividade, que responde às necessidades de construção, de um embasamento teórico-metodológico, por ser um curso de difusão e criação de tecnologias ligadas a ciência animal. É o momento em que ocorrem, *in loco*, as relações entre a teoria e prática.

CAPÍTULO VII - Disposições Gerais

Art. 18. As propostas de alterações deste regimento deverão ser apresentadas pelo Presidente do Colegiado do Curso de Medicina Veterinária ou a ele encaminhadas para apreciação e votação em reunião ordinária. Serão consideradas aprovadas se aceitas pela maioria absoluta dos membros do Colegiado.

Art. 19. O Presidente e o Colegiado sujeitar-se-ão às normas constantes neste Regimento, após revisto e aprovado pelo Colegiado, sendo o mandato integral do Presidente exercido na forma deste regimento e demais normas que regem a Fundação Universidade Federal do Tocantins.

Art. 20. Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pelo Colegiado, respeitadas às normas gerais que regem a UFT, especialmente as disposições constantes no Regimento Geral da UFT, Regimento Acadêmico, no Projeto-Político-Pedagógico do curso, do Regimento do Conselho Diretor do Campus de Araguaína e das Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Art. 21. Este Regimento entrará em vigor na data de sua publicação após receber a aprovação do Colegiado do Curso Medicina Veterinária e instâncias superiores da Universidade Federal do Tocantins, sendo homologado pelo Conselho Diretor do Campus Universitário de Araguaína.

MANUAL DE BIOSSEGURANÇA DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

1- INTRODUÇÃO

Uma possível conseqüência da manipulação de material infeccioso em laboratório por profissionais que trabalham diretamente com os agentes de alto risco, como caso da hepatite vírus B, *Mycobacterium tuberculosis*, *Brucella* sp. é aquisição de infecções causadas por estes agentes (Harding & Liberman, 1995).

Estes acidentes provavelmente ocorrem devido ao pouco conhecimento sistematizado dos profissionais em relação aos agentes etiológicos no tocante à sua patogenicidade e virulência, o que pode levar a exposição desnecessária, colocando-os em situação de risco (Teixeira & Valle, 1996).

As causas mais frequentes de infecções laboratoriais são: formação de aerossóis (centrifugações, homogeneização, trituração, derramamento de líquidos, desprendimento de agulhas hipodérmicas, esgotamento de pipetas, etc.), inoculações de ovos e colheita de embriões, inoculações em animais, necropsias (inoculações acidentais), liofilização e pipetagem (ingestão de materiais, bocal contaminado, produção de aerossóis).

Conforme Nakajima (2003) os animais de laboratório também podem ser uma fonte de infecção para o ser humano. Os animais recentemente adquiridos devem ser mantidos isolados até que tenha confirmação de que não mantêm agentes infecciosos no seu organismo. Os biotérios com condições precárias podem ser objetos de invasão por roedores silvestres que podem infectar as colônias de animais com organismos patogênicos como *Leptospira spp*, hantavírus e agente da coriomeningite linfocitária, com sérios riscos para a saúde das pessoas que entram em contato com estes animais e seus dejetos (Nakajima, 2003).

Desta forma claro está que os agentes biológicos apresentam um risco potencial para o homem, animais e o meio ambiente, necessitando de uma estrutura que adapte a prevenção aos riscos encontrados nos laboratórios de pesquisa. Sendo essencial a criação de um programa de biossegurança onde estejam adotadas as boas práticas no laboratório, o controle de qualidade e a notificação dos acidentes, enfatizando a criação de um sistema de monitorização da saúde dos trabalhadores, onde toda a estrutura funcione de forma articulada e integrada (Teixeira & Valle, 1996)

Assim Cardoso et al., (1997) define biossegurança como sendo um conjunto de ações voltadas para prevenção, minimização ou eliminação de riscos inerentes a estas atividades e que podem comprometer a saúde do homem, dos animais, do meio ambiente ou a qualidade dos trabalhos envolvidos.

As primeiras diretrizes de biossegurança foram do NIH (National Institute of Health), que divulgou no ano de 1976, normas de segurança laboratorial que deveriam ser obrigatoriamente observadas pelos projetos que contassem com verbas federais (Sant'Anna,1996).

No Brasil, até o ano 1995, eram utilizadas as diretrizes existentes mundialmente, principalmente a do Center for Disease Control (CDC), National Institute of Health (NIH), Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale (INSERM) e da Comunidade Européia, dentre muitas. E todas as classificações feitas por estas instituições utilizam os mesmos critérios para a avaliação de risco dos microrganismos, porém existem alguns critérios variáveis de acordo com a realidade epidemiológica local, que devem ser bem observadas.

2- CLASSIFICAÇÃO DE ORGANISMOS PATOGÊNICOS AO HOMEM

Os tipos, subtipos e variantes dos agentes infecciosos envolvendo vetores diferentes ou raros, a dificuldade de avaliar as medidas do potencial de amplificação do agente, e as considerações dos recombinantes genéticos, são alguns dos vários desafios na condução segura de um laboratório (Lima & Silva, 1998).

De acordo com a classificação de risco do CDC (1999), um determinado microrganismo patogênico baseia-se em diversos critérios que orientam a avaliação de risco e está, principalmente orientada pelo potencial de risco que oferece ao indivíduo, à comunidade e ao meio ambiente.

Os agentes biológicos patogênicos ao homem são classificados de acordo com os seguintes critérios (Canadá, 1996):

- Dose infecciosa necessária para causar a doença;
- Patogenicidade e virulência do agente;
- Espectro de hospedeiros;
- Taxa de morbilidade e mortalidade;
- Vetores necessários para transmissão da doença;
- Quantidade e concentração do agente (“in vivo” e “in vitro”)
- Quantidade excretada pela urina, fezes e ar expirado.
- Viabilidade do agente no ambiente externo;
- Situação epidemiológica da doença no país;
- Disponibilidade de meios preventivos e terapêuticos.

Esta instrução agrupa os microrganismos em classes de 1 a 4, sendo a classe 1 a de menor risco e a classe 4 a de maior risco.

2.1 Classe de risco 1:

O risco individual e o risco para a comunidade é ausente ou muito baixo, ou seja, são microrganismos que têm baixa probabilidade de provocar infecções no homem ou em animais.

São agente apatogênicos ou com patogenicidade muito baixa que a probabilidade a causar doenças no homem em condições normais de saúde é mínima. Exemplos: *Lactobacillus spp*, *Escherichia coli K-12*, *Proteus spp*, etc.

2.2 Classe de risco 2:

O risco individual é moderado e o risco para a comunidade é baixo. Agentes que podem causar doenças de variado grau de severidade em seres humanos, mas não constituem séria ameaça para o indivíduo em condições adequadas de trabalho e para os quais existem medidas preventivas e curativas efetivas e a sua disseminação no ambiente é limitada.

Exemplos *Staphiloccus aureus*, *Clostridium spp*, *Escherichia coli* enteropatogênica, *Leptospira interrogans*, *Listeria spp*, *Moraxela spp*, *Shigella spp*, *Sphaerophorus necrophorus*, *Vibrio comma*, *Salmonella spp*, *Mycoplama spp*, exceto *Mycoplasma mycoides* e *Mycoplasma. agalactiae*, herpevirus, exceto *Herpevirus simiae* (B vírus) vírus da raiva, exceto vírus de “rua”.

2.3 Classe de risco 3:

O risco individual é alto e o risco para a comunidade é limitado. O patógeno pode provocar infecções graves no homem e nos animais, podendo se propagar de indivíduo para indivíduo, porém existem medidas terapêuticas e de profilaxia. Exemplos: *Actinobacillus mallei*, *Brucella spp*, micobactérias específicas, febre amarela, encefalite japonesa, febre hemorrágica coreana (Haantan virus), Akabane, estomatite vesicular.

2.4 Classe de risco 4 :

O risco individual e o risco para a comunidade é elevado. São microrganismos que representam sério risco para o homem e para os animais, sendo altamente patogênicos, de fácil propagação, não existindo medidas profiláticas ou terapêuticas. Exemplos: Vírus Marburg e Vírus Ebola. Exemplos: Rift Valley fever, Marburg, Ebola, Kisanur Forest disease,

3. CLASSIFICAÇÃO DE AGENTES PATOGÊNICOS DOS ANIMAIS

Está baseado na patogenicidade para o homem e animais, riscos biológicos, capacidade de propagação, aspectos econômicos e disponibilidade de meios profiláticos e terapêuticos e além dos aspectos econômicos da presença da doença no país (OIE, 2001). A OIE ainda não publicou uma lista internacionalmente reconhecida. Os exemplos citados abaixo se referem à classificação da França que mais se assemelha a classificação proposta pela OIE (Nakajima,2003)

Grupo 1-Animal

Estão aqui classificados os organismos que causam doenças enzoóticas, porém não estão sujeitas ao controle oficial, não dependem de vetores ou hospedeiros intermediários e a transmissão para outras espécies é limitada ou inexistente e a necessidade de isolamento é mínima.

Exemplos: (França) *Actinobacillus suis*, *Bacillus larvae*, *Streptococcus uberis*, *Streptococcus agalactiae*, herpesvírus equino, vírus da influenza equina, vírus da cinomose.

Grupo 2- Animal

São as doenças exóticas ou não, sujeitas ao controle oficial com pouca probabilidade de propagar-se, não dependem de vetores ou hospedeiros intermediários. Transmissão para outras espécies limitada ou inexistente juntamente com sua propagação geográfica limitada. Transmissão direta relativamente limitada, com necessidade de isolamento mínima e com conseqüências econômicas e clínicas limitadas.

Exemplos: (França) *Clostridium spp*, *Leptospira interrogans*, *Salmonella spp*, vírus da Akabane, Newcastle, ectima contagioso, buba aviária.

Grupo 3 - Animal

São as doenças exóticas ou não, sujeitas ao controle oficial com moderada probabilidade de propagar-se a partir do laboratório. Podem depender de vetores ou hospedeiros intermediários

São de fácil transmissão entre espécies, com propagação geográfica moderada e com transmissão direta relativamente fácil. E isolamento imperativo. Apresentando conseqüências econômicas e clínicas graves.

Exemplos: (França) *Brucella ovis*, *Clamidia psittaci* (amostra aviária), *Bacillus anthracis*, *Mycobacterium bovis*, *Streptococcus aureus*, vírus da bluetongue, Herpesvirus simiae, vírus da peste bovina.

Grupo 4 - Animal

São as doenças exóticas ou não, sujeitas ao controle oficial e com alta possibilidade de propagar-se a partir de um laboratório. Pode depender de vetores ou hospedeiros intermediários, de fácil transmissão entre espécies com possibilidade de propagação geográfica total e com transmissão direta muito fácil. As consequências econômicas e/ou clínicas são muito graves e tratamento ou meios profiláticos inexistentes.

A França, Itália, Holanda e Bélgica não classificam nenhum agente patogênico animal no nível 4, mesmo aqueles exóticos. Provavelmente deve existir uma legislação que restringe a manipulação de determinados grupos de agentes considerados de alto risco para o país que se encontram classificados no como grupo 3 (Nakajima, 2003) .

Na classificação utilizada no Reino Unido, estão relacionados nesta categoria os vírus da peste suína africana, febre aftosa, influenza aviária, da peste dos pequenos ruminantes, peste bovina. A Alemanha também classifica alguns agentes no nível 4.

O Departamento de Agricultura dos EUA classificação exclusiva de agentes de doenças de exóticas animais utilizada pelo como USDA - Grupo 5, sendo que a manipulação de agentes desta classe está proibida ou restrita pela lei americana ou regulamento do Departamento de Agricultura dos EUA.) Exemplos: peste suína africana, peste suína clássica, febre aftosa, NewCastle velogênica, peste bovina.

4- CLASSIFICAÇÃO DOS LABORATÓRIOS POR NÍVEIS DE BIOSSEGURANÇA

Nas atividades laboratoriais que envolvam materiais infecciosos ou potencialmente infecciosos, a avaliação do risco é um parâmetro de essencial importância para a definição de todos os procedimentos de Biossegurança determinando os níveis de biossegurança que minimizarão ao máximo a exposição de trabalhadores e do meio ambiente a um agente infeccioso (Lira & Silva, 1998).

Para manipulação dos microrganismos pertencentes a cada uma das quatro classes de risco devem ser atendidos alguns requisitos de segurança, conforme o nível de contenção necessário. Estes níveis de contenção são denominados de níveis de Biossegurança.

Os níveis são designados em ordem crescente, pelo grau de proteção proporcionado ao pessoal do laboratório, meio ambiente e à comunidade, os quais serão descritos abaixo conforme pelo CDC (1999) e Lira & Silva (1998).

4.1 NÍVEL DE BIOSSEGURANÇA 1

Neste nível estão incluídos os laboratórios de Bioquímica, Citologia e Histologia, Nutrição animal, Fisiologia e Farmacologia, Tecnologia e inspeção de leite, Higiene e Saúde Pública.

O nível de Biossegurança 1(NBS 1) é o nível de contenção laboratorial que se aplica aos laboratórios de ensino básico, onde são manipulados os microrganismos pertencentes a classe de risco 1. Não é requerida nenhuma característica de desenho, além de um bom planejamento espacial e funcional e a adoção de boas práticas laboratoriais.

Normalmente não há necessidade de estar separado das demais dependências da edificação. O trabalho é conduzido, em geral, em bancada, devendo os técnicos de laboratório possuir treinamento específico nos procedimentos realizados no laboratório e serem supervisionados por um profissional treinado em biossegurança e com conhecimentos específicos da área.

O laboratório esta localização no mesmo prédio destinado às outras atividades, separado somente pela porta da área de trânsito geral da unidade. Paredes, piso e bancadas impermeáveis com facilidade de limpeza.

Práticas Padrões

1. Limitar o acesso ao laboratório ou restringi-lo somente às pessoas autorizadas pela chefia do laboratório.

2. Lavar as mãos:

- antes e após o manuseio de materiais viáveis, após a remoção das luvas e antes de saírem do laboratório.

- antes e após o uso de luvas.
- antes e depois do contato físico com pacientes.
- depois de manusear material infectante, mesmo quando as luvas tenham sido usadas.
- antes de comer, beber, manusear alimentos e fumar.
- depois de usar o toalete, coçar o nariz, cobrir a boca para espirrar, pentear os cabelos.
- mãos e antebraços devem ser lavados cuidadosamente (o uso de escovas deverá ser feito com atenção).
- manter líquidos anti-sépticos para uso, caso não exista lavatório no local.

3. Não comer, beber, fumar, mascar chicletes, manusear lentes de contato, aplicar cosméticos ou armazenar alimentos para consumo nas áreas de trabalho. As pessoas que usam lentes de contato em laboratórios devem usar também óculos de proteção ou protetores faciais. Os alimentos devem ser guardados fora das áreas de trabalho.

4. É proibida a pipetagem com a boca; devem ser utilizados dispositivos mecânicos.

5. Evitar o uso de calçados que deixem os arnelhos à vista.

6. Manter as unhas cortadas.

7. Não usar anéis, pulseiras, relógios e cordões longos, durante as atividades laboratoriais.

8. Não lamber as etiquetas ou colocar objetos na boca.

9. Não utilizar a pia do laboratório como lavatório.

10. Usar roupa de proteção durante o trabalho. Essas peças de vestuário não devem ser usadas em outros espaços que não sejam do laboratório (escritório, biblioteca, salas de estar e refeitório).

11. Restringir ao máximo a utilização de agulhas. Instituir procedimentos operacionais padrões para o manuseio das mesmas.

12. Todos os procedimentos devem ser realizados cuidadosamente a fim de minimizar a criação de borrifos ou aerossóis.

13. As superfícies de trabalho devem ser descontaminadas ao término das atividades e sempre depois de qualquer derramamento de material viável.

14. Todas as culturas, colônias e outros resíduos devem ser descontaminados antes de serem descartados através de um método de descontaminação aprovado como, por exemplo, esterilização por calor úmido (autoclave). Os materiais que forem ser descontaminados fora do laboratório deverão ser colocados em recipientes inquebráveis, à prova de vazamentos e hermeticamente fechados para serem transportados ao local desejado.

15. Afixar o símbolo internacional de "Risco Biológico" na entrada do laboratório. Neste alerta deve constar o(s) agente(s) manipulado(s) e o nome e número do telefone do pesquisador responsável.

16. Providenciar o exame médico adequado, assim como vigilância e tratamento apropriados.

17. Presença de kits de primeiros socorros, na área de apoio ao laboratório.

18. O responsável pelo laboratório precisa assegurar a capacitação da equipe em relação às medidas de segurança e emergência.

19. Deve haver um programa de controle de roedores e artrópodes.

Práticas Especiais

Nenhuma prática especial se faz necessária.

Equipamento de Segurança (Barreiras Primárias)

1. Os equipamentos especiais de contenção, tais como as cabines de segurança biológica, não são geralmente exigidas para manipulações de

2. Uso de jalecos, aventais ou uniformes próprios, para evitarem a contaminação ou sujeira de suas roupas normais.

3. Recomenda-se o uso de luvas para os casos de rachaduras ou ferimentos na pele das mãos.

4. Equipamentos protetores deverão ser usados na execução de procedimentos que produzam borrifos ou salpicos.

Instalações Laboratoriais (Barreiras Secundárias)

1. Possuir porta para controle do acesso.

2. Instalação de uma pia para lavagem das mãos, próxima à saída do laboratório.

3. O laboratório deve ser projetado de modo a permitir fácil limpeza. Carpetes e tapetes não são apropriados para laboratórios.

4. As paredes, o teto e os pisos devem ser lisos, impermeáveis a líquidos e resistentes a produtos químicos e a desinfetantes que são usados no laboratório. Os pisos não devem ser escorregadios. As superfícies horizontais devem ser evitadas, na medida do possível, para evitar o acúmulo de poeira.

5. Superfície das bancadas impermeáveis à água e resistente ao calor moderado e aos solventes orgânicos, ácidos, álcalis e químicos usados para a descontaminação da superfície de trabalho e do equipamento.

6. Os móveis do laboratório devem ser capazes de suportar cargas e usos previstos. Os espaços entre as bancadas, cabines e equipamento devem ser suficientes de modo a permitir fácil acesso para limpeza.

7. A iluminação deve ser adequada para todas as atividades. Convém evitar os reflexos indesejáveis e a luz ofuscante.

8. Se o laboratório possuir janelas que se abram para o exterior, estas deverão conter telas de proteção contra insetos.

4.2 NÍVEL DE BIOSEGURANÇA 2

Neste nível estão incluídos os laboratórios de Microbiologia de alimentos, Microbiologia geral e especial, Doenças infecciosas, Parasitologia e Doenças Parasitárias, Patologia Clínica e Patologia Veterinária, Reprodução animal,

O nível de Biossegurança 2 (NBS-2) diz respeito ao laboratório em contenção, onde são manipulados microrganismos da classe de risco 2. Se aplica aos laboratórios clínicos ou hospitalares de níveis primários de diagnóstico, sendo necessário, além da adoção das boas

práticas, o uso de barreiras físicas primárias (cabine de segurança biológica e equipamentos de proteção individual) e secundárias (desenho e organização do laboratório).

O nível de Biossegurança 2 é semelhante ao nível de Biossegurança 1 diferindo do nos seguintes aspectos:

(1) O pessoal de laboratório deverá ter um treinamento específico no manejo de agentes patogênicos e devem ser supervisionados por profissionais competentes;

(2) o acesso ao laboratório deve ser limitado durante os procedimentos operacionais;

(3) precauções extremas serão tomadas em relação a objetos perfurocortantes infectados; e

(4) determinados procedimentos nos quais exista possibilidade de formação de aerossóis e borrifos infecciosos devem ser conduzidos em cabines de segurança biológica ou outros equipamentos de contenção física.

Localização do Laboratório

No mesmo prédio destinado às outras atividades, claramente separado das áreas destinadas a outros fins. Paredes, pisos, forro e bancadas impermeáveis com facilidade de limpeza. Pias para lavagem de mãos nas salas. Portas duplas de acesso e autoclaves para materiais descartados dentro da área restrita são desejáveis. Acesso de pessoal controlado e aviso de segurança biológica.

Controle de Fluxo de Ar

O controle de fluxo de ar não é feito, mas desejável. O ar de exaustão deverá estar canalizado para um local distante da área de passagem ou aglomeração de pessoas, não devendo ser recirculado caso não disponha de filtros HEPA ((High Efficiency Particulated Air) para exaustão. O ar condicionado doméstico é contra-indicado para trabalhos com agentes infecciosos. Um laboratório de microbiologia de alimentos basta adotar s procedimentos NBS pertinentes e os trabalhos podem ser realizados sobre as bancadas sem problemas, pois a grande maioria dos organismos encontrados nos alimentos é apatogênica ou de baixa patogenicidade.. Entretanto nos laboratórios de diagnóstico de tuberculose ou brucelose, cujos agentes transmitem facilmente através de aerossóis, o uso de cabine de segurança biológica classe 2 é obrigatório. Em certas circunstâncias, como laboratórios que

realizam grande número de diagnósticos com organismos patogênicos veiculados por aerossóis, deve ser considerado o laboratório NBS 2+ (NBS 2 Mais ou NBS 2 Plus), que é uma unidade NBS 2 que atende parte dos requisitos do laboratório NBS 3, como autoclaves de fronteira, chuveiros para descontaminação, portas duplas de acesso, exaustores com filtro HEPA e Procedimentos NBS 3, mas sem o grau de hermeticidade requerida para um NBS 3.

Práticas Padrões

1. O acesso ao laboratório restrito ou limitado somente às pessoas autorizadas pela chefia.
2. Não é permitida a presença de crianças.
3. Lavar as mãos:
 - antes e após o manuseio de materiais viáveis, após a remoção das luvas e antes de sair do laboratório.
 - antes e após o uso de luvas.
 - antes e depois do contato físico com pacientes.
 - depois de manusear material infectante, mesmo quando as luvas tenham sido usadas.
 - mãos e antebraços devem ser lavados cuidadosamente (o uso de escovas deverá ser feito com atenção).
3. As salas devem ser mantidas trancadas quando fora de uso. Manter um controle de chaves.
4. É proibido comer, beber, fumar, mascar chicletes, manusear lentes de contato e aplicar cosméticos nas áreas de trabalho.
5. Os alimentos devem ser guardados fora das áreas de trabalho.
6. É proibida a pipetagem com a boca; devem ser utilizados dispositivos mecânicos. É proibido lambe as etiquetas ou colocar os materiais na boca.

7. Durante o trabalho no laboratório, a equipe deve usar roupas, aventais ou uniformes próprios. Essas peças de vestuário não devem ser usadas em outros espaços que não sejam do laboratório (escritório, biblioteca, salas de estar e refeitório). As roupas contaminadas devem ser desinfetadas com técnica adequada.

8. A indumentária para proteção dentro do laboratório não deve ser guardada no mesmo armário, junto com trajes pessoais.

9. Não é permitido o uso de calçados que deixem os artelhos à vista.

10. Restringir ao máximo a utilização de agulhas. Instituir procedimentos operacionais padrões para o manuseio das mesmas.

11. Todos os procedimentos devem ser realizados cuidadosamente a fim de minimizar a criação de borrifos ou aerossóis.

12. Usar óculos de segurança e os protetores de face (visores), assim como outros dispositivos de proteção sempre que forem indicados para a proteção de olhos e face e contra os salpicos.

13. As superfícies de trabalho devem ser descontaminadas com desinfetantes que sejam eficazes contra os agentes manipulados, ao final do trabalho ou no final do dia e após qualquer vazamento ou borrifada de material viável.

14. Usar luvas adequadas em todo o tipo de atividade que possa resultar em contato acidental direto com sangue, tecidos, fluidos ou animais infectados. Depois de usadas, as luvas serão removidas e autoclavadas juntamente com o resíduo do laboratório, antes de serem eliminadas.

15. As culturas, colônias e outros resíduos devem ser descontaminados antes de serem descartados através de um método de descontaminação aprovado como, por exemplo, esterilização por calor úmido (autoclave). Os materiais que forem ser descontaminados fora do próprio laboratório devem ser colocados em recipientes inquebráveis, à prova de vazamentos e hermeticamente fechados para serem transportados ao local desejado.

16. Cabines de segurança biológica devem ser usadas quando o procedimento é de alto potencial de produção de aerossóis.

17. É recomendável não permitir o trabalho de pessoas portadoras de ferimentos, queimaduras, imunodeficientes ou imunodeprimidas.

18. Cumpre providenciar o exame médico periódico..

19. Presença de kits de primeiros socorros, na área de apoio ao laboratório.

20. O responsável pelo laboratório precisa assegurar a capacitação da equipe em relação às medidas de segurança e emergência.

21. Deve haver um programa de controle de roedores e artrópodes.

Práticas Especiais

1. O acesso ao laboratório deverá ser limitado ou restrito de acordo com a definição do chefe do laboratório, quando o trabalho com agentes infecciosos estiver sendo realizado. Em geral, pessoas susceptíveis às infecções, ou pessoas que quando infectadas possam apresentar sérias complicações, não são permitidas no laboratório.

2. Estabelecimento de normas e de procedimentos com ampla divulgação para todos os trabalhadores sobre o potencial de risco associado ao trabalho, bem como sobre os requisitos específicos (por exemplo, imunização) para entrada em laboratório.

3. O símbolo de "Risco Biológico" deve ser colocado na entrada do laboratório onde agentes etiológicos estiverem sendo utilizados. Este sinal de alerta deverá conter informações como o(s) nome(s) o(s) agente(s) manipulado(s), o nível de Biossegurança, as imunizações necessárias, o nome e número do telefone do pesquisador responsável, o tipo de equipamento de proteção individual que deve ser usado no laboratório e os procedimentos necessários para sair do laboratório.

4. O pessoal do laboratório deve estar apropriadamente imunizado ou examinado quanto aos agentes manipulados ou potencialmente presentes no laboratório (por exemplo, vacina contra a hepatite B ou teste cutâneo para a tuberculose).

5. Os procedimentos de Biossegurança devem ser incorporados aos procedimentos operacionais padrões ou a um manual de Biossegurança específico do laboratório, adotado ou preparado pelo diretor do laboratório. Todo pessoal deve ser orientado sobre os riscos e devem ler e seguir as instruções sobre as práticas e procedimentos requeridos.

6. O chefe do laboratório deve assegurar que o laboratório e a equipe de apoio receba um treinamento apropriado sobre os riscos potenciais associados ao trabalho desenvolvido, as precauções necessárias para prevenção de exposição e os procedimentos para avaliação das exposições. A equipe de funcionários deve receber cursos de atualização anuais ou treinamento adicional quando necessário e também no caso de mudanças de normas ou de procedimentos.

7. Deve-se sempre tomar uma enorme precaução em relação a qualquer objeto perfurocortante, incluindo seringas e agulhas, lâminas, pipetas, tubos capilares e bisturis.

a. Agulhas e seringas hipodérmicas ou outros instrumentos perfurocortantes devem ficar restritos ao laboratório e usados somente quando não houver outra alternativa. Recipientes plásticos devem ser substituídos por recipientes de vidro sempre que possível.

b. Devem ser usadas somente seringas com agulha fixa ou agulha e seringa em uma unidade única descartável usada para injeção ou aspiração de materiais infecciosos. As agulhas descartáveis usadas não devem ser dobradas, quebradas, reutilizadas, removidas das seringas ou manipuladas antes de serem desprezadas. Ao contrário, elas devem ser cuidadosamente colocadas em recipiente resistente a perfurações localizado convenientemente, utilizado para recolhimento de objetos perfurocortantes descartados. Objetos perfurocortantes não descartáveis devem ser colocados em um recipiente cuja parede seja bem resistente para o transporte até a área para descontaminação, de preferência através de uma autoclave.

c. Vidros quebrados não devem ser manipulados diretamente com a mão, devem ser removidos através de meios mecânicos como uma vassoura e uma pá de lixo ou pinças. Os recipientes que contêm agulhas, equipamentos cortantes e vidros quebrados contaminados devem passar por um processo de descontaminação antes de serem desprezados.

8. Os equipamentos laboratoriais com defeitos devem ser descontaminados antes de serem enviados para conserto ou removidos do local.

9. Respingos e acidentes resultantes de uma exposição ao material infeccioso devem ser imediatamente notificados ao chefe do laboratório. A avaliação médica, a vigilância e o tratamento devem ser providenciados e registros do acidente e das providências adotadas devem ser mantidos por escrito.

10. É proibida a presença de animais em áreas laboratoriais.

Equipamento de Segurança (Barreira Primária)

1. Usar cabines de segurança biológica, de preferência de Classe II, ou outro equipamento de proteção individual adequado ou dispositivos de contenção física sempre que:

a. Sejam realizados procedimentos com elevado potencial de criação de aerossóis ou borrifos infecciosos como centrifugação, trituração, homogeneização, agitação vigorosa, misturas, ruptura por sonificação ou abertura de recipientes contendo materiais infecciosos onde a pressão interna possa ser diferente da pressão ambiental.

b. Altas concentrações ou grandes volumes de agentes infecciosos forem utilizados. Tais materiais só podem ser centrifugados fora das cabines de segurança se forem utilizadas centrífugas de segurança e frascos lacrados. Estes só devem ser abertos no interior de uma cabine de segurança biológica.

2. Proteção para o rosto (máscaras de proteção, protetor facial, óculos de proteção ou outra proteção para respingos) deve ser usada para prevenir respingos ou “sprays” proveniente de materiais infecciosos ou de outros materiais perigosos, quando for necessária a manipulação de microrganismos fora das cabines de segurança biológica.

3. Utilização de roupas apropriadas como jalecos, gorros ou uniformes de proteção, dentro do laboratório. Antes de sair do laboratório para as áreas externas (cantina, biblioteca, escritório administrativo), a roupa protetora deve ser retirada e deixada no laboratório, ou encaminhada para a lavanderia da instituição. A equipe do laboratório nunca deve levá-la para a casa.

4. Devem ser usadas luvas, quando houver um contato direto com materiais e superfícies potencialmente infecciosas ou equipamentos contaminados. O mais adequado é usar dois pares de luvas. Essas luvas devem ser desprezadas quando estiverem contaminadas, o trabalho com materiais infecciosos for concluído ou quando a integridade da luva estiver comprometida. Luvas descartáveis não podem ser lavadas, reutilizadas ou usadas para tocar superfícies "limpas" (teclado, telefones, etc.), e não devem ser usadas fora do laboratório. As mãos deverão ser lavadas após a remoção das luvas. Luvas descartáveis não devem ser reutilizadas.

Instalações Laboratoriais (Barreiras Secundárias)

1. É exigido um sistema de portas com trancas.
2. Considere a construção de novos laboratórios longe de áreas públicas.
3. O laboratório deve possuir uma pia para a lavagem das mãos, próximo à saída do mesmo. É recomendado a utilização de torneiras com acionamento automático (células fotoelétricas) ou que sejam acionadas com o pé.
4. O laboratório deve ser projetado de modo a permitir fácil limpeza e descontaminação. Carpetes e tapetes não são apropriados para laboratório.
5. As paredes, o teto e os pisos devem ser lisos, impermeáveis a líquidos e resistentes a produtos químicos e a desinfetantes que são usados no laboratório. Os pisos não devem ser escorregadios. As superfícies horizontais devem ser evitadas, na medida do possível, para evitar o acúmulo de poeira.
6. Superfície da bancada impermeável à água e resistente ao calor moderado e aos solventes orgânicos, ácidos, álcalis e químicos usados para a descontaminação da superfície de trabalho e do equipamento.
7. Os móveis do laboratório devem suportar cargas e usos previstos com espaçamento suficiente entre as bancadas, cabines e equipamentos para permitir acesso fácil para limpeza. As cadeiras e outros móveis utilizados no trabalho laboratorial devem ser cobertos com um material que não seja tecido e que possa ser facilmente descontaminado.
8. Cabines de segurança biológica devem ser instaladas, de forma que a variação da entrada e saída de ar da sala, não provoque alteração nos padrões de contenção de seu funcionamento. As cabines de segurança biológica devem estar localizadas longe de portas, janelas que possam ser abertas e fora de áreas laboratoriais com fluxo intenso de pessoas, de forma que sejam mantidos os parâmetros de fluxo de ar nestas cabines de segurança biológica.
9. Um lava olhos deve estar disponível.
10. A iluminação deve ser adequada para todas as atividades, evitando reflexos e luzes fortes e ofuscantes que possam impedir a visão.
11. Providenciar sistema mecânico de ventilação que proporcione um fluxo interno de ar sem que haja uma recirculação para os espaços fora do laboratório.

12. Deve ser reservado um local, fora da área do laboratório, destinado ao armazenamento de substâncias químicas.

13. Deve haver um sistema de segurança para combate à incêndios e saídas de emergência.

14. A água utilizada deve ser de boa qualidade e nunca deve faltar. O sistema de água pública precisa ser protegido por um dispositivo anti-refluxo.

15. O fornecimento de eletricidade precisa ser adequado. Sistema de gerador, a fim de manter os equipamentos indispensáveis (cabines de segurança biológica, freezers, etc).

16. É necessário haver uma autoclave no próprio local ou próximo ao mesmo (dentro do prédio).

17. Para que sejam atendidas as exigências à performance e ao controle da poluição, os seguintes aspectos relativos ao descarte do resíduo sólido merecem atenção especial:

- as autoclaves para tratamento do lixo sólido exigem desenho, tamanho e utilidades especiais;

- pode haver necessidade de desinfecção da água do esgoto.

4.3 NÍVEL DE BIOSSEGURANÇA 3

Neste nível se enquadram laboratórios de pesquisa que possivelmente venham a trabalhar com microorganismos da classe 3.

O nível de Biossegurança 3 (NBS 3) é destinado ao trabalho com microrganismos da classe de risco 3 ou para manipulação de grandes volumes e altas concentrações de microrganismos da classe de risco 2. Para este nível de contenção são requeridos além dos itens referidos no nível 2, desenho e construção laboratoriais especiais. Deve ser mantido controle rígido quanto a operação, inspeção e manutenção das instalações e equipamentos e o pessoal técnico deve receber treinamento específico sobre procedimentos de segurança para a manipulação destes microrganismos.

É aplicável para laboratórios clínicos, de diagnóstico, ensino e pesquisa ou de produção onde o trabalho com agentes exóticos possa causar doenças sérias ou potencialmente fatais como resultado de exposição por inalação, geralmente recomendado

para trabalhos com organismos patogênicos, exceto aqueles pertencentes ao grupo de risco 4. Como exemplo a produção de vacinas contra raiva, brucelose, inoculação de animais com o vírus de rua em carnívoros, trabalhos com os vírus da estomatite vesicular, arbovirus do grupo de NBS 3, vírus Hantaan (febre hemorrágica da Coreia), etc.

A equipe profissional deve possuir treinamento específico no manejo de agentes patogênicos, potencialmente letais, devendo ser supervisionados por profissional altamente capacitado e que possua vasta experiência com estes agentes.

Esse nível de contenção exige a intensificação dos programas de boas práticas laboratoriais e de segurança, além da existência obrigatória de dispositivos de segurança e do uso, igualmente obrigatório, de cabine de segurança biológica. Os trabalhadores devem usar roupas de proteção específicas para esta área e equipamentos de proteção individual.

Além das práticas padrões e especiais estabelecidas para os laboratórios NB-1 e NB-2, devem ser adotadas as recomendações abaixo descritas que se aplicam à manipulação de agentes classificados como sendo da classe de risco 3.

Localização do laboratório

Claramente separado das demais dependências através de ante-salas, "airlok", câmaras de fumigação, autoclaves de fronteira portas externas herméticas com juntas ativas. Acesso de pessoal rigorosamente controlado através de cartões magnéticos com senha. Banho e troca de vestuário na saída obrigatório. Sistema de ar autoclavagem, entrada e saída de pessoal controlado por sistema informatizado. Paredes, forros, janelas, portas a prova de vazamentos. Aviso de risco biológico. Saída de dados através de computador.

Fluxo de Ar

Direcionada da área menos contaminada como o corredor para as áreas mais contaminadas, por exemplo, salas de fermentadores ou centrífugas, com o ar de exaustão eliminado através de filtros HEPA simples.

Práticas Padrões

1. O acesso ao laboratório é rigorosamente limitado.

2. O trabalho no laboratório deve ser executado em dupla.

3. Lavar as mãos:

- antes e após o manuseio de materiais viáveis, após a remoção das luvas e antes de sair do laboratório.

- antes e após o uso de luvas.

- depois de manusear material infectante, mesmo quando as luvas tenham sido usadas.

4. É proibido comer, beber, fumar, manusear lentes de contato e aplicar cosméticos dentro da área de trabalho. As pessoas que usarem lentes de contato em laboratórios devem também usar óculos de proteção ou protetores faciais. Os alimentos devem ser armazenados fora do ambiente de trabalho em armários ou geladeiras utilizadas somente para este fim.

5. O símbolo de "Risco Biológico" deve ser colocado na entrada do laboratório onde agentes etiológicos estiverem sendo utilizados. Este sinal de alerta deverá conter informações como o(s) nome(s) o(s) agente(s) manipulado(s), o nível de Biossegurança, as imunizações necessárias, o nome e número do telefone do pesquisador responsável, o tipo de equipamento de proteção individual que deve ser usado no laboratório e os procedimentos necessários para sair do laboratório.

6. É obrigatório o uso de roupas de proteção específicas (macacões, uniformes que possuam menor solução de descontinuidade, não se admitindo roupas abotoadas na frente), uso de máscaras, gorros, luvas, pró-pés ou sapatilhas. Os EPI devem ser autoclavados antes de serem lavados ou descartados.

7. Os trajes do laboratório não serão utilizados fora da área de biocontenção.

8. É proibido a pipetagem com a boca, devem ser utilizados dispositivos mecânicos.

9. Restringir ao máximo a utilização de agulhas. Deve haver procedimentos padrões para o manuseio de agulhas e de outros materiais perfurocortantes e seu cumprimento ser constantemente supervisionado.

10. Todos os procedimentos devem ser realizados cuidadosamente a fim de minimizar a formação de aerossóis.

11. As superfícies de trabalho devem ser descontaminadas com desinfetantes que sejam eficazes contra os agentes manipulados, ao final do trabalho ou no final do dia e após qualquer vazamento ou borrifada de material viável.

12. Todas as culturas, colônias e outros resíduos relacionados devem ser obrigatoriamente descontaminados antes de serem descartados, através da esterilização por calor úmido, ou seja, autoclavação. Todos os resíduos devem ser obrigatoriamente esterilizados antes de serem removidos do laboratório.

13. Os procedimentos de Biossegurança devem ser incorporados aos procedimentos operacionais padrões ou a um manual de Biossegurança específico do laboratório, adotado ou preparado pelo diretor do laboratório. Todo pessoal deve ser orientado sobre os riscos e devem ler e seguir as instruções sobre as práticas e procedimentos requeridos.

14. O chefe do laboratório deve assegurar que o laboratório e a equipe de apoio receba um treinamento apropriado sobre os riscos potenciais associados ao trabalho desenvolvido, as precauções necessárias para prevenção de exposição e os procedimentos para avaliação das exposições. A equipe de funcionários deve receber cursos de atualização anuais ou treinamento adicional quando necessário e também no caso de mudanças de normas ou de procedimentos.

15. Deve ser providenciado um programa rotineiro de controle de insetos e roedores.

Práticas Especiais

1. Não é permitido o trabalho ou a presença de mulheres grávidas, de pessoas portadoras de ferimentos ou queimaduras, imunodeficientes ou imunodeprimidas.

2. O chefe do laboratório deve estabelecer normas e procedimentos pelos quais só serão admitidas no laboratório que já tiverem recebido informações sobre o potencial de risco, que atendam todos os requisitos para a entrada no mesmo (por exemplo, imunização) e que obedeçam a todas as regras para entrada e saída no laboratório.

3. O pessoal do laboratório deve ser apropriadamente imunizado ou examinado quanto aos agentes manipulados ou potencialmente presentes no laboratório (por exemplo, vacina para hepatite B ou teste cutâneo para tuberculose) e exames periódicos são recomendados.

4. Amostras sorológicas de toda a equipe e das pessoas expostas ao risco devem ser coletadas e armazenadas adequadamente para futura referência. Amostras sorológicas adicionais poderão ser periodicamente coletadas, dependendo dos agentes manipulados ou do funcionamento do laboratório.

5. O chefe do laboratório deve assegurar que antes que o trabalho com os microrganismos classificados com da classe de risco 3 se inicie, toda a equipe do laboratório demonstre estar apto para as práticas e técnicas padrões de segurança e demonstre habilidade também nas práticas e operações específicas do laboratório.

6. Deve-se tomar uma extrema precaução, quando objetos cortantes, incluindo seringas e agulhas, lâminas, pipetas, tubos capilares e bisturis forem manipulados.

a. Agulhas e seringas hipodérmicas ou outros instrumentos perfurocortantes devem ficar restritos ao laboratório e usados somente quando não houver outra alternativa. Recipientes plásticos devem ser substituídos por recipientes de vidro sempre que possível.

b. Devem ser usadas somente seringas com agulha fixa ou agulha e seringa em uma unidade descartável (por exemplo, quando a agulha é parte integrante da seringa) usada para injeção ou aspiração de materiais infecciosos. As agulhas descartáveis usadas não devem ser dobradas, quebradas, reutilizadas, removidas das seringas ou manipuladas antes de serem desprezadas. Elas devem ser cuidadosamente colocadas em um recipiente de paredes rígidas, resistente a perfurações, localizado próximo à área de trabalho, utilizado para recolhimento de objetos perfurocortantes desprezados. Estes recipientes devem ser esterelizados antes de serem removidos da área de biocontenção para o descarte e disposição final.

c. Vidros quebrados não devem ser manipulados diretamente com a mão, devem ser removidos através de meios mecânicos como uma vassoura e uma pá de lixo ou pinças.

7. Todas as manipulações abertas que envolvam materiais infecciosos devem ser conduzidas no interior de cabines de segurança biológica ou de outros dispositivos de contenção física dentro de um módulo de contenção. Nenhum trabalho onde tenhamos que abrir a pele para alcançarmos os vasos deverá ser conduzido em bancadas abertas. A limpeza deverá ser facilitada através do uso de toalhas absorventes com uma face de plástico voltada para baixo, recobrimo as superfícies de trabalho não perfuradas das cabines de segurança biológica.

8. O equipamento laboratorial e as superfícies de trabalho devem ser descontaminadas rotineiramente com um desinfetante eficaz após a conclusão do trabalho com materiais infecciosos, especialmente no caso de derramamento, vazamentos ou outras contaminações por materiais infecciosos.

a. Vazamentos de materiais infecciosos devem ser descontaminados, contidos e limpos pela equipe do laboratório equipadas para trabalharem com material infeccioso concentrado. Os procedimentos operacionais padrões a respeito deste tipo de incidente devem ser desenvolvidos.

b. Respingos e acidentes resultantes de uma exposição ao material infeccioso devem ser imediatamente notificados ao chefe do laboratório. A avaliação médica, a vigilância e o tratamento devem ser providenciados e registros do acidente e das providências adotadas devem ser mantidos por escrito.

c. Os equipamentos laboratoriais com defeitos devem ser descontaminados antes de serem enviados para conserto ou removidos do local.

Equipamento de Segurança (Barreiras Primárias)

1. Roupas de proteção como macacões, uniformes que possuam menor solução de descontinuidade, não se admitindo roupas abotoadas na frente, devem ser usadas pela equipe quando estiver dentro do laboratório. A roupa de proteção não deve ser usada fora do laboratório. Antes de ser lavada ou descartada esta roupa deve ser esterilizada e deve sempre ser trocada quando contaminada.

2. É obrigatório o uso de luvas quando estiver manuseando materiais infecciosos. Avaliar a utilização de dois pares de luva. Recomenda-se a mudança freqüente das luvas acompanhada de lavagem das mãos.

3. Todas as manipulações de materiais infecciosos devem ser conduzidas em uma cabine de segurança biológica de Classe II ou de Classe III.

4. Quando um procedimento ou processo não puder ser conduzido dentro de uma cabine de segurança biológica devem ser utilizadas combinações apropriadas de equipamentos de proteção individual (por exemplo, respiradores, protetores faciais) com dispositivos de contenção física (por exemplo, centrífugas de segurança e frascos selados).

Instalações do Laboratório (Barreiras Secundárias)

1. O laboratório deverá estar separado das áreas de trânsito irrestrito do prédio com acesso restrito. Uma maneira de separá-lo consiste em localizá-lo na extremidade cega do corredor ou em levantar uma divisão e, a via de acesso feita através de uma ante-sala (air-lock) depois do laboratório de nível de Biossegurança 2.

2. Acesso é feito através de vestíbulo pressurizado, com sistema de dupla porta e intertravamento automático como requisito básico para entrada no laboratório a partir de corredores de acesso ou outras áreas contíguas.

3. A área de escritório deve ser localizada fora da área de biocontenção.

4. Existência de um lavatório para as mãos, lava-olhos e chuveiro de emergência, no vestíbulo de acesso ao laboratório, com dispositivo de acionamento com os pés ou automatizado.

5. As superfícies das paredes internas, pisos e tetos das áreas, onde os agentes da classe de risco 3 são manipulados, devem ser construídas e mantidas de forma que facilitem a limpeza e a descontaminação. Toda a superfície deve ser selada e sem reentrâncias. As paredes, tetos e pisos devem ser lisas, impermeáveis e resistentes a substâncias químicas e desinfetantes normalmente usados no laboratório. Os pisos devem ser monolíticos e anti -derrapante. Orifícios ou aberturas nas superfícies de pisos, paredes e teto devem ser selados. Dutos e espaços entre portas e esquadrias devem permitir o selamento para facilitar a descontaminação.

6. As bancadas devem ser impermeáveis e resistentes ao calor moderado e aos solventes orgânicos, ácidos, álcalis e solventes químicos utilizados para descontaminação de superfícies e equipamentos.

7. Os móveis do laboratório devem suportar cargas e usos previstos com espaçamento suficiente entre as bancadas, cabines e equipamentos para permitir acesso fácil para a limpeza. As cadeiras e outros móveis utilizados em um laboratório devem ser cobertos por uma material que não seja tecido e possa ser facilmente descontaminado.

8. Todas as janelas do devem possuir caixilhos metálicos, ser fixas e hermeticamente vedadas.

9. Deve estar disponível, na área de biocontenção, uma autoclave para descontaminação de todo o material utilizado nesta área. Deve-se considerar os meios de descontaminação de equipamentos.

10. Cabines de segurança biológica devem ser instaladas, de forma que a variação da entrada e saída de ar da sala, não provoque alteração nos padrões de contenção de seu funcionamento. As cabines de segurança biológica devem estar localizadas longe de portas, janelas que possam ser abertas e fora de áreas laboratoriais com fluxo intenso de pessoas, de forma que sejam mantidos os parâmetros de fluxo de ar nestas cabines de segurança biológica.

11. O laboratório deve ter um sistema de ar independente, com ventilação unidirecional onde o fluxo de ar penetra no laboratório através da área de entrada. O ar de exaustão não deve recircular em outras áreas do prédio. Equilíbrio do sistema de ventilação/exaustão prevenindo pressurização e assegurando pressão negativa. O ar exaurido da área de biocontenção deve ser descarregado, verticalmente, para fora do prédio, em áreas livres de construções e de entradas de ar. Deve ser filtrado através de filtro HEPA.

12. Alarmes para falhas nos sistemas de insuflação, exaustão, pressurização, intercomunicação, temperatura, umidade, incêndios dentre outros. Providenciar monitor visual com um painel de controle.

13. O ar exaurido de uma cabine de segurança biológica Classe II, filtrado por filtro absoluto tipo HEPA poderá recircular no interior do laboratório se a cabine for testada e certificada anualmente. O ar exaurido das cabines de segurança biológica deve ser retirado diretamente para fora do ambiente de trabalho através do sistema de exaustão do edifício.

14. As linhas de vácuo devem ser protegidas por sifões contendo desinfetantes líquidos e filtros HEPA, ou o equivalente. Os filtros devem ser substituídos quando necessário. Uma alternativa é usar uma bomba a vácuo portátil (também adequadamente protegida com sifões e filtros).

15. A iluminação deve ser adequada para todas as atividades, evitando reflexos e brilhos que possam ofuscar a visão.

16. O projeto da instalação e os procedimentos operacionais do nível de Biossegurança 3 devem ser documentados. Os parâmetros operacionais e das instalações

devem ser verificados quanto ao funcionamento ideal antes que o estabelecimento inicie suas atividades. As instalações devem ser verificadas pelo menos uma vez ao ano.

17. Deve haver um sistema de segurança para combate à incêndios e saídas de emergência.

18. A água utilizada deve ser de boa qualidade e nunca deve faltar. O sistema de água pública precisa ser protegido por um dispositivo anti-refluxo.

19. O fornecimento de eletricidade precisa ser adequado. Sistema de gerador, a fim de manter os equipamentos indispensáveis (cabines de segurança biológica, freezer, etc).

20. Proteções adicionais ao meio ambiente (por exemplo, chuveiros para a equipe, filtros absolutos tipo HEPA para filtração do ar insuflado, contenção de outras linhas de serviços e a descontaminação dos efluentes líquidos) deve ser considerada em conformidade com a avaliação de risco, com as recomendações para manipulação de determinado agente patogênico, atividade desenvolvida, condições do local ou outras normas locais, estaduais ou federais aplicáveis.

4.5 NÍVEL DE BIOSSEGURANÇA 4

O nível de Biossegurança 4 (NBS 4), ou laboratório de contenção máxima, destina-se a manipulação de microrganismos da classe de risco 4, onde há o mais alto nível de contenção, além de representar uma unidade geográfica e funcionalmente independente de outras áreas. Esses laboratórios requerem, além dos requisitos físicos e operacionais dos níveis de contenção 1, 2 e 3, barreiras de contenção (instalações, desenho equipamentos de proteção) e procedimentos especiais de segurança. Laboratórios com nível de biossegurança 4 não estão previsto para o curso de Medicina Veterinária

5. BIOSSEGURANÇA NO HOSPITAL VETERINÁRIO

A biossegurança é um tema de grande importância em todas as ciências cujo trabalho envolva a manipulação de agentes biológicos. Dessa forma, desperta cada vez mais o interesse dos profissionais comprometidos com um serviço de qualidade, por meio da minimização dos riscos a seus manipuladores.

O controle de infecções dentro os laboratórios, assim como no Hospital Veterinário Universitário é de suma importância, uma vez que tal problema expõe os profissionais atuantes nessas instalações, os acadêmicos que as frequentam e, é claro, os próprios animais, sejam eles pacientes ou de laboratório. É sabido que inúmeras enfermidades têm potencial zoonótico, de modo que há interesse enfocando a preocupação com o controle da disseminação da infecção.

A biossegurança engloba desde a aquisição de produtos e materiais hospitalares de qualidade até a prevenção de doenças contagiosas por meio de vacinação. Passa pelo campo da saúde do trabalhador e pelo controle de infecções nasocomiais no Hospital Veterinário Universitário.

A esterilização de materiais cirúrgico deve ser sempre feita antes e após o uso com animais, sejam internos ou experimentais. O processo de esterilização em unidades de ensino e pesquisa deve ser realizado em local apropriado e por profissionais treinados, preferencialmente numa unidade denominada Central de Esterilização.

5.1 CENTRAL DE ESTERILIZAÇÃO

A central de esterilização é o ponto base do manual de biossegurança. Esta unidade é o local onde se realiza a descontaminação de todo instrumental com material e fluídos orgânicos utilizado com os pacientes nos ambulatórios, que forem reutilizáveis e não descartáveis.

Como mencionado anteriormente, o projeto de construção do novo Hospital Veterinário Universitário, atualmente em curso, incluiu uma nova Central de Esterilização que atenderá tanto a rotina hospitalar quanto as necessidades de outros laboratórios para suas respectivas aulas práticas. O planejamento desta central foi baseado em normas preconizadas pelo Ministério da Saúde para a Medicina, valendo-se das seguintes características para construção e operação:

- 1) O local será de fácil acesso, reservado apenas para a finalidade de esterilização, com temperatura controlada até 20° C e umidade relativa do ar entre 30 e 60%, com acesso e circulação restritos;

- 2) Existência de três áreas, sendo uma para processamento de material, uma para estocagem dos materiais estéreis e outra para apoio (administração e estoque);

3) Existência de dois autoclaves, sendo um de grande porte e outro de pequeno porte, além de estufas, para processamento da esterilização;

4) As paredes e bancadas serão construídas sem ângulos vivos e reentrâncias, de modo a facilitar a limpeza. Quando prontos, serão limpas com hipoclorito de sódio a 1% ou álcool a 70%. O piso será revestido com material apropriado e, uma vez concluído, será lavado e secado diariamente;

5) Todo o ambiente possuirá protetores contra incêndio classe C em locais visíveis, os quais serão limpos diariamente com álcool a 70% para retirada de poeira;

6) Os profissionais utilizarão luvas térmicas ao manipular os instrumentais recém-esterilizados. Também serão recomendados outros EPI, tais como gorro, máscara, luvas grossas e de procedimento e propés;

7) Haverá sinalização indicando as advertências de “Proibido Fumar”, “Entrada Restrita”, “Obrigatório Paramentação Apropriada” na sala de esterilização;

Para a esterilização, a central valer-se-á das autoclaves e estufas. A esterilização pelas autoclaves usa calor sob pressão, transferindo-o com maior eficiência e em menor tempo, sob temperatura de 121° C e pressão de 15 psi. Já as estufas usam calor seco para o mesmo procedimento, sendo geralmente empregadas para esterilização de materiais cirúrgicos, tais como instrumental, compressas e panos de campo.

Os artigos a serem esterilizados em autoclaves e estufas devem passar previamente por degermação, embalagem e identificação com fita adesiva para identificação do processo. Especificamente para o instrumental cirúrgico, recomenda-se, ainda, que sejam limpos em banho ultra-sônico por meio de cubas destinadas a tal fim. Materiais impregnados com sangue também devem ser limpos com solução desincrustante.

O processo de esterilização deve ser validado para indicar sua efetividade. Os indicadores mais corriqueiros do processo de esterilização são fitas adesivas para autoclaves e estufas que, após passagem pelo calor úmido, mudam de cor, indicando a exposição a temperaturas elevadas. Este sistema será utilizado rotineiramente. Além disso, podem ser empregados semanalmente os indicadores biológicos, os quais correspondem a tiras de papel impregnadas com esporos bacterianos que, uma vez colocadas dentro de alguns artigos a serem esterilizados, após o processamento são retirados para semeadura em meio de cultura.

Tiras controle devem ser utilizadas para comparação. Se houver crescimento em meio de cultura com o indicador biológico, deve-se repetir a esterilização do artigo e fazer nova validação do processo.

5.2 EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL

Fica determinada a obrigatoriedade para os alunos e professores o uso de jaleco branco nas aulas práticas, sendo dispensável para as aulas teóricas. O jaleco deve ser longo, de mangas curtas ou longas, de microfibra ou tecido similar. Especificamente para o Hospital Veterinário, a vestimenta obrigatória é o branco completo, incluindo calças, camisas, sapatos e, obviamente, jaleco. Para o ingresso nos Centros Cirúrgicos exigirá-se o pijama cirúrgico completo, o qual deverá ser confeccionado em brim verde, além de avental cirúrgico. Este último deverá ser identificado com o nome do aluno e deixado na Central de Esterilização pelo menos uma semana antes da data em que será necessária sua utilização. É possível, ainda, substituir o avental cirúrgico por aventais estéreis descartáveis. Nesse caso, não é necessário deixá-lo na Central de Esterilização. Basta que sejam trazidos para as aulas no centro cirúrgico e abertos no momento correto e de forma apropriada, atendendo aos pré-requisitos de paramentação.

Não será permitido usar shorts, bermudas, mini-saias, roupas decotadas e sandálias durante as aulas práticas nos laboratórios, assim como no ambiente do Hospital Veterinário Universitário.

O processo de paramentação deverá ser conduzido da seguinte forma:

1) Aulas práticas em laboratório: jaleco de tecido branco com manga longa. O uso de máscaras, gorros, luvas e óculos serão determinados a critério de cada professor de acordo com as atividades da disciplina ministrada. No entanto, ressalta-se a importância de efetivamente atentar para os critérios de biossegurança;

2) Atendimentos no Hospital Veterinário Universitário: imperativo o uso de traje branco, incluindo calça, camisa, sapato e jaleco. Para o acesso aos Centros Cirúrgicos, será necessário pijama cirúrgico confeccionado em brim verde, além de avental cirúrgico estéril especificamente para o cirurgião, cirurgião-auxiliar e instrumentador, os quais também deverão calçar, obrigatoriamente, luvas cirúrgicas estéreis. Para os demais indivíduos manipulando animais será indispensável o uso de luvas de procedimento. Todos os

ingressantes aos recintos cirúrgicos deverão portar gorro e máscara, independente da função desempenhada.

5.3 NORMAS PARA O ATENDIMENTO CLÍNICO

O Hospital Veterinário Universitário, local onde serão realizados todos os procedimentos clínicos-cirúrgicos na Escola de Medicina Veterinária e Zootécnica da UFT, deverá ser mantido limpo e arrumado para receber seus pacientes. À exceção dos proprietários, exigirá-se ao menos o jaleco branco aos frequentadores do Hospital Veterinário Universitário. No entanto, alunos, médicos veterinários contratados, residentes e pós-graduandos em atividade hospitalar, seja ela didática ou não, deverão sempre se vestir de acordo com as recomendações vigentes, ou seja, trajando branco completo. Aos alunos com cabelos longos será requisitado que os mantenham preferencialmente presos.

As mesas de atendimento e cirurgia serão limpas com álcool a 70% ou solução de clorexidine. As macas devem ser limpas com sabão e, subsequentemente, hipoclorito de sódio a 1% ou clorexidine. Um dos consultórios será destinado exclusivamente ao atendimento de enfermidades infecto-contagiosas, de modo a minimizar a chance de contaminação de outros animais. Especificamente para o atendimento de animais silvestres, será dada especial atenção aos procedimentos de desinfecção do consultório utilizado, dada a possibilidade de transmissão de inúmeras enfermidades ao ser humano, assim como aos animais domésticos.

Antes dos procedimentos clínicos ou cirúrgicos é obrigatória a higienização das mãos com água e sabão líquido anti-séptico e, em seguida, sua secagem com papel toalha absorvente descartável. Deve-se calçar luvas de procedimento antes de examinar cada paciente, especialmente diante de indícios de doenças com potencial zoonótico ou possível contato com feridas, lesões ou secreções. Em algumas situações em particular também pode ser necessário o uso de máscaras e óculos protetores, tais como durante a manipulação de fármacos quimioterápicos. Todos os procedimentos invasivos devem ser realizados empregando-se material estéril, incluindo suturas, curativos, exame vaginal e coleta de material biológico para análise, especialmente quando for necessária punção para sua obtenção. Quando for necessário o uso do otoscópio, seus espéculos deverão ser completamente limpos com álcool a 70% antes e após cada procedimento. A mesma recomendação vale para o uso do laringoscópio. Concluído o procedimento clínico ou cirúrgico, o paciente será liberado, ou encaminhado para Sala de Recuperação Anestésica, e

providenciar-se-á nova desinfecção da mesa de atendimento ou mesa cirúrgica, deixando o consultório ou centro cirúrgico apto a receber o próximo animal.

Após cada procedimento, descartar luvas e máscaras na lixeira comum. Lâminas de bisturi, fios de sutura, agulhas ou outros materiais descartáveis perfuro-cortantes serão eliminados em recipiente de papelão apropriados, tais como descarpack, descartex, cartoonpack ou similares, os quais são identificados como lixo hospitalar. Ampolas de medicamentos usados devem receber o mesmo destino de objetos perfuro-cortantes.

Com relação ao Setor de Internação de Pequenos Animais, este será dividido em duas salas distintas, sendo uma delas para enfermidades não-contagiosas e outra para doenças infecto-contagiosas, tais como Cinomose, Parvovirose e Leptospirose. Do mesmo modo, as baias para internação de animais de grande porte serão limpas, a cama de maravalha será removida após a saída da cada animal internado e proceder-se-á a desinfecção do recinto com quaternário de amônia, cal e/ou vassoura-de-fogo.

Sobras de medicamentos não devem ser utilizadas para outro paciente, devendo ser descartadas em caixas de papelão rígido. Verificar a validade de cada medicamento antes do uso.

Caso haja contaminação do piso do ambiente hospitalar com sangue, pus ou outras secreções será solicitada à equipe de higienização que proceda a limpeza do local com água, sabão e, posteriormente, hipoclorito de sódio a 1% ou clorexidine, antes do próximo atendimento.

Deve-se atentar ao fato que a instituição não fornecerá jalecos, luvas de procedimento, gorros, máscaras, assim como roupas de paramentação cirúrgica para atividades em qualquer laboratório ou no recinto do Hospital Veterinário. Tais objetos são individuais e devem ser providenciados pelo aluno. Recomenda-se que o aluno disponha de pelo menos dois jalecos, devendo manter um deles sempre limpo para uso cotidiano.

6. CONDUTA PARA OS CASOS DE ACIDENTE BIOLÓGICO

Todo e qualquer acidente biológico ocorrido nas dependências do Curso de Medicina Veterinária da UFT ou em atividades ligadas ao mesmo devem ser comunicados ao professor responsável e notificados para o colegiado do curso, preenchendo o Formulário de Notificação de Acidente Biológico.

Caso necessário, o indivíduo acidentado deve ser encaminhado prontamente para a emergência do Hospital de Referência de Araguaína ou outro de sua preferência caso disponha de Seguro Saúde para as providências cabíveis.

7. VACINAS

Todo o corpo docente, discente e funcionários da EMVZ/UFT devem participar das campanhas de vacinação promovidas na instituição. São recomendadas as imunizações contra raiva, tétano, difteria, febre amarela e hepatite e cada indivíduo deve manter a carteira de vacinação atualizada.

É obrigação do acadêmico apresentar sua carteira de vacinação antes do início das atividades práticas do curso, especialmente aquelas onde houver contato com animais.

8. DESCARTE DE RESÍDUOS E MEIO AMBIENTE

Conforme Ferreira, (1996) os resíduos produzidos em laboratórios, em função da diversidade de atividades que realizam, bem como produtos que manipulam, representam um problema de difícil gestão, não havendo um método ou solução únicos que possam ser generalizados.

Os resíduos de laboratórios podem ser classificados de forma geral em :

- Resíduos infectantes ou infecciosos: Que são os resíduos contendo patógenos em quantidade e virulência em que um hospedeiro susceptível possa resultar em uma doença infecciosa
- Resíduos especiais: incluem os resíduos radioativos, farmacêuticos e químicos perigosos.
- Resíduos comuns: são resíduos que, por suas características, se assemelham aos resíduos gerados no domicílio das pessoas.

A atenção dos resíduos dos laboratórios engloba dois níveis bem demarcados de atenção. O primeiro é atenção com o pessoal que manuseia os resíduos: o principal grupo de risco é o dos trabalhadores envolvidos com a limpeza do laboratório e a remoção dos

resíduos. E em segundo com a saúde e o meio ambiente: refere-se aos riscos potenciais dos resíduos promoverem impactos na saúde e no ambiente.

Existem algumas providências com relação ao destino dos resíduos na tentativa de reduzir a geração de resíduos:

a) Escolher e utilizar corretamente, qualitativo e quantitativo, os produtos de laboratório. Evitando sobras e escolhendo técnicas menos perigosas.

b) Estudar a possibilidade “seguras” de reciclagem. De modo preservar do meio, como reutilização de garrafas de vidro, e de plástico.

c) Utilizar material descartável de forma restrita, em muitos casos o material reutilizável pode apresentar vantagens econômicas e ambientais.

d) Manter uma segregação segura entre os resíduos considerados perigosos e os resíduos comuns.

- Resíduos sólidos:

a) Fortemente contaminados devem ser esterelizados durante o período de trabalho. Para isso podem ser utilizadas: autoclaves (vapor saturado e pressão), microclaves (autoclaves que utilizam microondas para aquecer a água), esterelização química (glutaraldeído e formaldeído);

b) Potencialmente contaminados: devem ser submetidos ao mesmo processo de esterelização do grupo anterior, podendo aguardar a disponibilidade dos equipamentos ou meios de esterelização.

c) Animais e maravalha devem ser esterelizados em autoclaves ou incineradores.

d) Filtros do sistema de filtragem de ar devem ser esterelizados.

- Resíduos líquidos:

a) Podem ser autoclavados, ou sofrer desinfecção química e serem lançados no esgoto, se houver um tratamento em nível secundário. Lembrando que nem todo resíduo líquido pode ser autoclavado.

- Resíduos especiais

a) Radioativos: devem ser tratados manuseados e dispostos de acordo com as normas do CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear). Aqueles de vida curta podem ser estocados até decair a radioatividade para níveis e que não sejam mais considerados radioativos. Os resíduos de meia-vida são armazenados em locais apropriados (preparados), até sua atividade atingir um valor semelhante ao do meio ambiente, podendo então, ser liberados. Esse critério de liberação leva em conta somente atividade do resíduo. Sendo que aqueles que não podem ser liberados sem um tratamento químico adequado.

- Rejeitos sólidos de baixa atividade, como partes de maquinaria contaminadas, luvas usadas, sapatilhas e aventais contaminados, são colocados em sacos plásticos e guardados em tambores ou caixa de aço, após classificação e respectiva identificação.

- Os produtos de fissão, resultantes do combustível de reatores nucleares, sofrem um tratamento especial em USINAS DE REPROCESSAMENTO, onde são separados e comercializados, para uso nas diversas áreas de aplicação de radioisótopos.

- Os materiais radioativos restantes, que não tem justificativa e/ou econômica para serem utilizados, sofrem um tratamento químico especial e são vitrificados, guardados em sistemas de contenção e armazenados em DEPÓSITOS DE REJEITOS RADIOATIVOS.

b) Químicos: Alguns podem ser descartados com resíduo comuns (Agar, terra diatomácea, carbonato de cálcio, sílica, óxido ferroso). Outros podem ser neutralizados e/ou diluídos e descartados no esgoto ou com resíduos sólidos comuns. Conforme Carvalho, (1999) os procedimentos e cuidados a serem adotados para resíduos de substâncias tóxicas são:

- Rejeitos inflamáveis devem ser colocados em recipientes à prova de fogo.

- Solventes e rejeitos inflamáveis não devem ser estocados em bancadas, armários, prateleiras e sob as pias.

- Recipientes vazios de substâncias químicas devem sofrer lavagem antes de serem descartados ou estocados.

- Ao proceder ao corte de tambores vazios de solventes orgânicos utilizando maçarico ou qualquer outro instrumento, providenciar a lavagem interna abundante com água,

a fim de facilitar a expulsão dos gases que, porventura, estejam confinados no interior do tambor.

- Substâncias químicas não tóxicas podem ser despejadas na pia se, antes, forem devidamente diluídas. A torneira deverá permanecer aberta por um longo tempo, de maneira a favorecer o processo de diluição.

- Soluções ácidas e alcalinas devem ser bastante diluídas e neutralizadas antes de serem despejadas no esgoto.

- Os solventes orgânicos podem ser estocados em recipientes próprios e em locais seguros e devidamente sinalizados, a fim de serem reaproveitados. Caso a recuperação seja impossível, devem ser enviados a alguma empresa que fará destruição dos mesmos.

- Os recipientes coletores devem ser fechados de forma estanque, identificados claramente de acordo com os seus conteúdos. Implica em se colocar símbolos de periculosidade.

- Devem ser de material estável e, em alguns casos, fabricados de material combustível.

- Os recipientes coletores devem ser resistentes a pontos de não sofrerem rachaduras. Quando do transporte, os recipientes devem ser envoltos em material absorvente.

Todo o material contaminado com secreções de pacientes ou outros resíduos das aulas práticas, que oferecem risco aos docentes, discentes, pacientes e ao meio ambiente devem ser descartados em recipientes apropriados e coletados adequadamente pelo município, segundo resolução do CONAMA 005, de 5 de agosto de 1993.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Secretaria Municipal de Saúde. Plano Municipal de Regulação, Controle e Avaliação, Palmas-TO, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Caderno de Informações de Saúde. Informações Gerais. Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Departamento de Apoio à Descentralização. Saúde Amazônia: relato de processos, pressupostos, diretrizes e perspectivas de trabalho para 2004/ Ministério da Saúde- Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde.

BRASIL. Instrução Normativa nº 7, de 06 de junho de 1997, da CTNBio. Estabelece normas para o trabalho em contenção com Organismos Geneticamente Modificados. Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil], Brasília, p. 11827-11833, 1997.

CANADA-Agriculture & Agri-Food Canada. *Containment Standards for Veterinary Facilities*. Agriculture & Agri-food Canada, 1996, 71 p.

CARDOSO, T. A. O., SOARES, B. E. C., ODA, L. M. Biossegurança no Manejo de Animais em Experimentação. *Cad. Téc. Esc. Vet. UFMG*, n. 20, p. 43-58, jun.1997.

CARVALHO, P. R. *Boas Práticas químicas em biossegurança*. Rio de Janeiro: Interciência, 1999. 132 p.

CENTER FOR DISEASE CONTROL and PREVENTION. Primary containment for biohazard: selection, installation and use of biological safety cabinets. U.S. Department of Health and Human Services. . Whashington: U.S. Government Printing Office. September, 1995.

CENTER FOR DISEASE CONTROL and PREVENTION. Primary containment for biohazard: selection, installation and use of biological safety cabinets. 2nd Edition. U.S. Department of Health and Human Services. . Whashington: U.S. Government Printing Office. September, 2000.

Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Aprender SUS: o SUS e os cursos de graduação da área da saúde/ Ministério da Saúde, Brasília, 2004.

FERREIRA, J. A. *Resíduos de Laboratórios*. In: TEIXEIRA, P.; VALLE, S. (Orgs) et al. Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro: Fiocruz. Pg. 191-208. 1996.

Historical study by H. E. Sigerist (2 vol., 1951-61); Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993. Disponível em [http:// www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Disponível em [http:// www.saude.inf.br](http://www.saude.inf.br).

Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em [http:// www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990. Disponível em <http://www.conselho.saude.gov.br>

LIMA E SILVA, F. H. A. *Equipamentos de contenção*. In: TEIXEIRA, P.; VALLE, S. (Orgs) et al. Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro: Fiocruz. Pg. 163-190. 1996.

HARDING, L., LIBERMAN, D. F. *Epidemiology of Laboratory-Associated Infections*. In: FLEMING et. al. Laboratory Safety. 2nd Edition. U.S.A Whashington. pg. 7-15, 1995.

NAKAJIMA, M. *Curso de biossegurança em laboratórios*. LARA (Laboratório Regional de Apoio Animal). Pedro Leopoldo-MG. 2003. (CD-ROOM)

Norma Operacional Básica do SUS 96. Disponível em [http:// www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)

OIE – Office International des Epizooties. Código Zoosanitário Internacional, 2001.

SANT'ANNA, A. *Biossegurança no Brasil: a necessidade de uma política consistente*, In: TEIXEIRA, P.; VALLE, S. (Orgs) et al. Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro: Fiocruz. Pg. 27-40. 1996.

MANUAL DE BIOSSEGURANÇA DO BIOTÉRIO PPGCAT-UFT

Responsável: Profa. Dra. Viviane Mayumi Maruo

Técnica: Elis Regina Negri

1. INTRODUÇÃO

O biotério foi construído com verba da FINEP e inaugurado em 2008, visando dar suporte às atividades de pesquisa vinculadas ao Programa de Pós-graduação em Ciência Animal Tropical, do qual participam docentes dos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFT.

Nessas atividades, os animais utilizados são ratos heterogênicos da linhagem Wistar Hannover, os quais são acasalados seguindo o sistema RAN rotacional (RAPP, 1972) e criação convencional.

1.1. Animais de laboratório

Os animais de laboratório são imprescindíveis para o desenvolvimento das ciências biológicas, agrárias e da saúde, sendo de grande relevância para a saúde humana e animal.

A pesquisa científica e as atividades relacionadas ao estudo toxicológico requerem animais de laboratório para prosseguir realizando avanços na compreensão das toxicoses, formas de prevenção e tratamento. Para a continuidade do progresso dessas áreas, beneficiando a saúde humana e animal, é fundamental a experimentação animal, uma vez que ainda não há disponíveis, sistemas alternativos que permitam a substituição completa dos animais.

A pesquisa básica e aplicada com animais fornece meios inestimáveis no estudo comparativo, visto que há muitas similaridades entre a fisiologia e a genética dos animais e dos seres humanos e outros mamíferos. Embora os seus organismos e os do homem não sejam exatamente os mesmos, as diferenças – em muitos casos – são suficientemente pequenas de modo que os animais de laboratório podem servir como modelos relevantes para o homem ou para outras espécies.

Para que os resultados da pesquisa sejam confiáveis a produção e manutenção dos animais deve ser constantemente supervisionada para aplicação correta das técnicas de manejo zootécnico, garantindo a condição sanitária e genética, monitoramento das condições ambientais recomendadas à espécie animal, propiciando bem-estar de forma a não interferir no equilíbrio fisiológico, biológico e comportamental. Além disso, o emprego de práticas e procedimentos de biossegurança, destinados a evitar a contaminação dos animais, pessoas, ambiente interno e meio ambiente também devem ser considerados.

2. BIOSSEGURANÇA EM BIOTÉRIO

Biossegurança é o conjunto de ações voltadas para a prevenção, minimização ou eliminação de riscos inerentes às atividades de pesquisa, produção, ensino, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços, que podem comprometer a saúde do homem, dos animais, do meio ambiente ou qualidade dos trabalhos desenvolvidos.

Nos biotérios, a boa higiene é de fundamental importância sendo composta da limpeza, que é a remoção mecânica de sujidades, e da desinfecção e/ou esterilização das diferentes áreas de trabalho e dos materiais utilizados nas rotinas.

Outro fator importante é a implantação e manutenção de programas de saúde para os profissionais que trabalham nos biotérios de criação como nos de experimentação. O programa deve contar com exames físicos periódicos, imunizações e treinamentos. Os exames físicos devem ser realizados periodicamente em intervalos anuais ou a cada dois anos. Os programas de imunização como a vacinação antitetânica devem ser enquadrados em todos os níveis de exposição.

A realização de programas de treinamento para os profissionais sobre as espécies de laboratório, em nível de criação e manutenção, bem como em nível de experimentação, é de fundamental importância antes do manejo com as espécies. Nestes programas devem ser abordados os perigos físicos que envolvem cada uma das espécies (mordidas, arranhões e alergias), técnicas de contenção e manejo adequados; ocorrência de microrganismos zoonóticos mais comuns; segurança geral como manipulação de substâncias químicas para sanitização de ambientes, uso de aparelhos para a esterilização de materiais, e utilização de equipamentos de proteção individual ou coletiva para os diferentes agentes de risco encontrados na experimentação animal.

Os riscos ambientais ou agentes que apresentam capacidade de desequilibrar a relação profissional do bioterista com o animal são denominados riscos ambientais do biotério, sendo subdivididos em: físicos (ruídos, temperatura e luminosidade), químicos (poeiras, gases e vapores), biológicos (agentes patogênicos como bactérias, fungos, helmintos, protozoários, vírus e príons), mecânicos (máquinas, ligações elétricas e ferramentas), ergonômicos (trabalho forçado, postura incorreta e excesso de trabalho).

2.1 Normas de segurança em geral

Acesso ao biotério tanto de produção como de experimentação é limitado ou restrito. Os equipamentos no interior do biotério que controlam o sistema de iluminação, umidade, temperatura, exaustão, pressão e filtragem do ar devem ser vistoriados diariamente e devem ser feitos pelos técnicos responsáveis. Troca de cama e água deve ser feita pelo menos três vezes por semana ou de acordo com a orientação do pesquisador na área do biotério de manutenção de animais para experimentação.

- Observação do estado geral dos animais diariamente;
- A limpeza das instalações deve ser feita por funcionário treinado;
- Controle de entrada e saída de pessoal e animais (acesso restrito ou limitado, uso de equipamentos de proteção individual são obrigatórios);
- Atenção a manutenção do fluxo unidirecional de animais, materiais e pessoal;
- Respeitar as normas de funcionamento do setor fazendo uso obrigatório de EPI (Equipamentos de proteção individual);
- Durante o trabalho o operador e/ou usuário munidos de luvas não devem levar as mãos aos olhos, boca e nariz;
- Usar protetor auricular na área de lavagem e esterilização, e quando necessários óculos ou outro tipo de proteção facial;
- Nas áreas de criação, higienização, esterilização e experimentação é terminantemente proibido comer, beber, fumar, utilizar cosméticos, jóias, etc.;
- O controle das chaves das áreas deve ser rígido, bem como o de todas as entradas externas;
- Os animais de origem externa devem cumprir quarentena sob supervisão;
- O lixo resultante da limpeza das salas de criação, corredores e salas de estoque, deverá ser acondicionado em sacos plásticos brancos, identificados como risco biológico e colocado no recipiente de coleta de lixo hospitalar.

3. BIBLIOGRAFIA

MAJEROWICZ, J. Procedimentos de biossegurança para as novas instalações do Laboratório de Experimentação Animal (Laean) de Bio-Manguinhos./ Joel Majerowicz. – Rio de Janeiro, 2005. 92p. Dissertação (Mestrado Profissional em Tecnologia de Imunobiológicos) – Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos) em parceria com Instituto Oswaldo Cruz, Biologia Celular e Molecular, 2005.

POLITI, F.A.S.; PIETRO, R.C.L.R.; SALGADO, H.R.N. Caracterização de biotérios, legislação e padrões de biossegurança. **Rev. Ciênc. Farm. Básica Apl.**, v. 29, n.1, p. 17-28, 2008.

SARMENTO, E.O. Biossegurança e experimentação animal. **Revista CFMV**, n. 36, p.9-15, 2005.

TEIXEIRA, P.; VALLE, S. Riscos biológicos em laboratórios. In: **Biossegurança uma abordagem multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1996.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DE MEDICINA VETERINÁRIA



**NORMAS PARA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO
DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

ARAGUAÍNA/TO
2006

APRESENTAÇÃO

O presente manual foi elaborado com o objetivo de normatizar o Estágio Curricular Supervisionado dos alunos do 10º período do curso de Medicina Veterinária da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal do Tocantins.

Nele estão reunidas e sistematizadas diretrizes e procedimentos técnicos, pedagógicos e administrativos, visando assegurar a consecução dos objetivos do Estágio Curricular Supervisionado.

Tem este também, o intuito de esclarecer de forma direta as dúvidas do estagiário no campo de estágio, bem como contribuir com o orientado a se inserir nos propósitos da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, de avaliação dos conteúdos adquiridos ao longo do curso e integrá-lo nesta difícil tarefa de aprimoramento do profissional que chegará ao mercado de trabalho.

SUMÁRIO

ALMEIDA, 1999. Embriologia Veterinária Comparada . 1ª ed. Editora: Guanabara Koogan.	46
a.Bibliografia Básica	69
Bibliografia Básica	78
EMENTA:	82
<input type="checkbox"/> EMENTA	84
<input type="checkbox"/> Bibliografia Básica	84
<input type="checkbox"/>	84
<input type="checkbox"/> BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	84
Ementa	89
Bibliografia básica	89
EMENTA	90
Bibliografia Básica	90
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	90
Disciplina: Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I (Carnes, Pescados e Ovos e Derivados)	
Ementa	Erro! Indicador não definido.
Instalações e equipamentos relacionados ao abate das principais espécies de açougue. Inspeção <i>ante-mortem</i> e <i>post mortem</i> de bovinos, suínos, aves e pescado; Processos de conservação das carnes, pescado e ovos. Enfermidades veiculadas por alimentos. Análise de Perigos e Controle de Pontos Críticos. Transformação do músculo em carnes, corte cárneos e avaliação qualitativa e quantitativa de carnes de animais de açougues. Classificação de ovos. Características específicas e químicas das carnes, pescado e ovos. Processos de conservação de alimentos (embutidos, curados e defumados).	92
Bibliografia Básica	Erro! Indicador não definido.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA.....	93
TRONCO, V. M. MANUAL PARA INSPEÇÃO E QUALIDADE DO LEITE. 3ED. SANTA MARIA, ED DA UFSM, 2008, 206P.....	93
VEISSEYRE, R. LACTOLOGIA TÉCNICA: COMPOSIÇÃO, RECOGIDA, TRATAMIENTO Y TRANSFORMACIÓN DE LA LECHE. ZARAGOZA: ACRIBIA, 1988.	93
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:.....	93
OLIVEIRA, A. J. LEITE: OBTENÇÃO E QUALIDADE DO PRODUTO FLUIDO E DERIVADOS/.....	93
OLIVEIRA, A. J; CARUSO, J. G. B. PIRACICABA:FEALQ, 1996, 80P.....	93
SPREER, E. QUEVEDO, O. T. D., LACTOLOGIA INDUSTRIAL. ZARAGOZA: ACRIBIA, 1996.; REVISTA: INDÚSTRIA DE LATICÍNIOS	93
Bibliografia Básica	95
b.Bibliografia Básica:.....	96
Ementa	Erro! Indicador não definido.
c.Bibliografia Básica	104
d.Bibliografia Complementar	104
Bibliografia Básica:.....	Erro! Indicador não definido.
– EMENTA	107
2- CLASSIFICAÇÃO DE ORGANISMOS PATOGÊNICOS AO HOMEM	20
9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	52
1. INTRODUÇÃO	65
2. O ESTÁGIO	66
1.1. CONCEITO	66
1.2. OBJETIVOS.....	66
1.3. NORMAS DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	67
Generalidades	67
Carga Horária.....	67

Áreas e Locais de Estágio	67
Solicitação de Estágio	68
Acompanhamento do Acadêmico	68
Encaminhamento do Estagiário	68
Realização do Estágio	69
Obrigações do Acadêmico.....	69
3. RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	70
1.4. DATA PARA DEFESA DO RELATÓRIO	70
1.5. APRESENTAÇÃO E DEFESA DO RELATÓRIO	70
4. AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	70
1.6. ACOMPANHAMENTO.....	70
1.7. AVALIAÇÃO	71
5. NORMAS PARA O COORDENADOR DE ESTÁGIOS	71
1.8. DEFINIÇÃO.....	71
1.9. ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR DE ESTÁGIOS	72
6. NORMAS PARA O SUPERVISOR DE ESTÁGIO	72
1.10. DEFINIÇÃO.....	72
1.11. ATRIBUIÇÕES DO SUPERVISOR LOCAL.....	72
7. NORMAS PARA O PROFESSOR ORIENTADOR	73
1.12. DEFINIÇÃO.....	73
1.13. ACEITE DO PROFESSOR ORIENTADOR	73
1.14. NÚMERO DE ORIENTADOS.....	73
1.15. ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR.....	73
8. NORMAS PARA A BANCA EXAMINADORA.....	74
1.16. COMPOSIÇÃO DA BANCA	74
1.17. ATRIBUIÇÕES DA BANCA.....	74
1.18. AVALIAÇÃO DO RELATÓRIO.....	74
1.19. AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL	75

1.20. ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DA BANCA EXAMINADORA	75
9. ANEXOS	75
– ESTRUTURA DO RELATÓRIO	16
e. Elementos pré-textuais.....	16
Contra capa	16
Capa	16
Folha de rosto.....	16
Folha de aprovação	17
Dedicatória (opcional).....	17
Agradecimentos (opcional)	18
Epígrafe (opcional)	18
Resumo	18
Resumo em Inglês (Abstract)	18
Listas	19
Sumário	20
f. Elementos textuais ou texto.....	20
Introdução.....	20
Atividades desenvolvidas.....	21
Considerações finais	21
g. Elementos pós-textuais	21
Bibliografia consultada e/ou Referência bibliográfica	21
Glossário (opcional).....	21
Anexos (opcional).....	22
– REGRAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO GRÁFICA	22
h. idioma.....	22
i. papel.....	22
j. Margens	22
k. Parágrafos	22
l. Espacejamento	23
m. Fonte	23
n. Paginação	23
o. seções.....	23
p. ABREVIATURAS E SIGLAS	24
q. NOTas de rodapé	24

r. Ilustrações	24
s. Tabelas.....	25
t. Citação	26
Principais formas de citação	26
Sistemas de chamada das citações	27
Regras gerais de apresentação do sistema de chamada.....	28
Literatura citada.....	30
1.1. Serviço de Clínica Médica de Pequenos Animais;.....	8
1.2. Serviço de Clínica Médica de Grandes Animais;	8
1.3. Serviço de Cirurgia de Pequenos Animais;.....	8
1.4. Serviço de Cirurgia de Grandes Animais;	8
1.5. Serviço de Anestesiologia;.....	8
1.6. Serviço de Obstetrícia e Ginecologia;.....	8
1.7. Serviço de Cardiologia;	8
1.8. Serviço de Oftalmologia;	8
1.9. Serviço de Oncologia;.....	8
1.10. Serviço de Diagnóstico por Imagem;	8
1.11. Serviço de Enfermagem Veterinária	8
1.12. Laboratórios primários de apoio: 1.12.1. Laboratório de Patologia Clínica; ..	8

1. INTRODUÇÃO

O manual do Estágio Curricular visa orientar os estagiários do Curso de Medicina Veterinária da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal do Tocantins. É um documento que reúne, sistematiza e disciplina informações e diretrizes, de modo a assegurar a consecução dos objetivos propostos para o Estágio Curricular Supervisionado.

2. O ESTÁGIO

1.1. CONCEITO

O Estágio Curricular Supervisionado é uma disciplina do Curso de Medicina Veterinária e desenvolvido em colaboração com empresas de desenvolvimento tecnológico, cooperativas e profissionais liberais, de caráter público ou privado, sob condições programadas previamente, com a orientação de um docente e a supervisão de um profissional habilitado, cadastrado na Coordenação de Estágios, sem assumir um caráter de especialização.

As atividades de estágios podem ser desenvolvidas em qualquer área da Medicina Veterinária devendo ser o mais abrangente possível, em cada área do conhecimento escolhida.

1.2. OBJETIVOS

O Estágio curricular visa proporcionar uma complementação do processo ensino-aprendizagem, constituindo-se em instrumento de integração Escola/Empresa ou Escola/Escola, sob a forma de treinamento prático, aperfeiçoamento técnico-científico, cultural e de relacionamento humano.

Para o acadêmico, o estágio oferece possibilidade de uma visão prática do funcionamento de uma empresa ou instituição de pesquisa e ao mesmo tempo permite familiarização com o ambiente de trabalho. Possibilita também condições de treinamento específico pela aplicação, aprimoramento e complementação dos conhecimentos adquiridos, indicando caminhos para a identificação de preferência para campos de atividades profissionais.

Para a Empresa/Instituição, o estágio enseja a redução do período de adaptação do profissional aos seus quadros, facilitando o recrutamento de técnicos com perfil adequado aos seus interesses, além de estimular a criação de canais de cooperação com a universidade na solução de problemas de interesses mútuos, participando assim de maneira direta e eficaz na formação de profissionais de nível superior, contribuindo para melhorar a adequação de teoria/prática.

1.3. NORMAS DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Generalidades

É condição básica e indispensável para realização do Estágio Curricular Supervisionado que o acadêmico esteja matriculado no 10º período do Curso de Medicina Veterinária, sem dependências de disciplinas. Não cabem exceções para esta norma.

Carga Horária

O estágio terá carga horária de 390 (trezentas e noventa) horas de atividades, a serem cumpridas em regime de tempo integral e durante um semestre letivo. Para efeito de cumprimento de carga horária serão consideradas no máximo 8 (oito) horas diárias de atividade.

Áreas e Locais de Estágio

As atividades de estágio poderão ser desenvolvidas em qualquer área de conhecimento da Medicina Veterinária.

São considerados campos de estágio as empresas públicas, privadas, autarquias, paraestatais e de economia mista que desenvolvam atividades afins à Medicina Veterinária e que disponham de técnico de nível superior habilitado na área do estágio, para fins de supervisão.

As áreas e locais são de livre escolha do acadêmico desde que submetidos obrigatoriamente à apreciação do Professor Orientador, que poderá aprová-lo ou não.

Todos os locais selecionados deverão ser obrigatoriamente conveniados na Vice-reitoria da Universidade Federal do Tocantins, bem como os respectivos Supervisores indicados pela instituição ou empresa.

Solicitação de Estágio

O agendamento do Estágio Curricular Supervisionado será realizado pela Coordenação de Estágios mediante a solicitação do acadêmico com a ciência do Professor Orientador através do preenchimento de formulário específico (ANEXO 1). A escolha do local de estágio deverá ser realizada em comum acordo entre o estagiário e o Professor Orientador.

A Coordenação de estágios solicitará, ao início de cada semestre, à Secretaria Acadêmica e à Coordenação do Curso de Medicina Veterinária uma relação dos acadêmicos que teriam condições de atender aos requisitos para a realização do Estágio Curricular Supervisionado no semestre seguinte. O agendamento do Estágio Curricular será realizado apenas para os acadêmicos que integrarem esta relação.

A Coordenação de Estágios tem como função a elaboração de convênios quando for o caso e de servir de canal de comunicação entre instituições e/ou empresas. Assim sendo, a solicitação do Estágio junto às empresas/instituições deve ser realizada única e exclusivamente através da Coordenação de Estágios.

Acompanhamento do Acadêmico

O acadêmico será orientado, no local de estágio, por um “Supervisor Local” e no Campus Universitário, por um “Professor Orientador”.

Encaminhamento do Estagiário

O acadêmico, ao dirigir-se para o local de estágio, apresentará ao Supervisor os seguintes documentos:

- a) Carta de apresentação (ANEXO 2)
- b) Duas cópias da ficha de avaliação pelo supervisor (ANEXO 3)
- d) Três cópias da ficha de frequência (ANEXO 4)

A ficha de avaliação deverá ser preenchida pelo Supervisor, sendo que uma via permanecerá em seu poder e outra deverá ser enviada ao Coordenador de Estágios do Curso de Medicina Veterinária da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia através do próprio acadêmico em envelope lacrado ou através de carta registrada para o endereço Rodovia BR 153, km 112, Caixa Postal 132, CEP 77804-970, Araguaína/TO, com os resultados finais da avaliação ao término do estágio.

Realização do Estágio

O acadêmico deverá apresentar-se ao seu supervisor na empresa/instituição onde será desenvolvido o seu estágio, na data estabelecida anteriormente, sob pena de perder a vaga. Após o término do período de estágio previsto na solicitação o acadêmico não poderá continuar desenvolvendo atividades na empresa/instituição, a menos que a Coordenação de Estágios elabore nova solicitação.

Obrigações do Acadêmico

Antecedendo ao estágio, o acadêmico deverá discutir ao máximo com o Professor Orientador o programa a ser desenvolvido bem como as normas para a confecção do relatório.

Cumprida a carga horária mínima de 345 horas de estágio, o acadêmico deverá:

1) Apresentar-se com o boneco do relatório ao Professor Orientador, o qual, depois de elaborado deverá ser entregue aos membros da banca com antecedência de no mínimo 10 dias.

2) Entregar ao Coordenador de Estágios a avaliação do estágio pelo estagiário (ANEXO 5), a ficha de frequência e o envelope com a avaliação do supervisor (quando for o caso).

3) Confirmar junto à Coordenação de Estágio, com a ciência do Professor Orientador, a data para realização da defesa do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado e sugerir o nome dos membros da banca de avaliação através do formulário de solicitação de defesa (ANEXO 6).

Após a defesa do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado o acadêmico deverá entregar à Coordenação de Estágio 3 (três) vias da versão final do relatório assinadas pelos membros da banca, sendo uma encadernada em capa dura de cor verde escura e duas a critério do acadêmico, além de uma versão eletrônica em CD, em arquivo DOC ou PDF.

3. RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

1.4. DATA PARA DEFESA DO RELATÓRIO

O acadêmico terá que defender o relatório na última quinzena do semestre letivo, sendo considerado reprovado o acadêmico que não apresentar o relatório dentro do prazo estipulado.

1.5. APRESENTAÇÃO E DEFESA DO RELATÓRIO

A apresentação e defesa do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado serão abertas ao público, e o acadêmico terá no mínimo 30 (trinta) minutos e no máximo 40 (quarenta) minutos para realizar a apresentação.

Em seguida, cada membro da banca examinadora terá 20 minutos para comentários e arguição do apresentador. A banca será presidida pelo Professor Orientador, o qual exercerá a função de mediador entre o apresentador (Estagiário) e os demais membros da banca. A avaliação final da banca far-se-á com a ausência do acadêmico e do público.

4. AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

1.6. ACOMPANHAMENTO

O acadêmico e o Professor Orientador são responsáveis pelo cumprimento das normas em vigor.

1.7. AVALIAÇÃO

A avaliação é a verificação do desempenho, rendimento, aproveitamento e atitudes do estagiário, traduzidos em notas.

O acadêmico será avaliado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado com base na ficha de avaliação pelo supervisor (ANEXO 3) e na avaliação pela banca examinadora da apresentação oral e escrita do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado (ANEXO 7), a qual emitirá um parecer quanto à aprovação (ANEXO 8).

A média final (MF) será composta por duas notas, sendo a média ponderada entre a média final da Banca Examinadora (peso de 60%) e a nota do Supervisor de Estágio (peso de 40%). A média final será calculada pela seguinte fórmula:

$$MF = (NS) \times 0,4 + (MFB \times 0,6), \text{ onde:}$$

MF = Média Final

NS = Nota do Supervisor

MFB = Média final da Banca Examinadora

Será aprovado o estagiário que obtiver média final igual ou superior a 7,0 (sete) e tiver cumprido as 345 (trezentos e quarenta e cinco) horas de estágio.

Será reprovado o estagiário que não cumprir as 345 (trezentos e quarenta e cinco) horas de estágio e/ou obtiver média final igual ou superior a 6,9 (seis vírgula nove), devendo matricular-se no décimo período, do semestre subsequente e realizar novo Estágio Curricular Supervisionado.

5. NORMAS PARA O COORDENADOR DE ESTÁGIOS

1.8. DEFINIÇÃO

Docente do curso, responsável pelo planejamento, orientação, acompanhamento e avaliação do Estágio Curricular.

1.9. ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR DE ESTÁGIOS

- Articular-se com o coordenador geral de estágio da Vice-reitoria;
- Responsabilizar-se pelos aspectos administrativos internos e externos do estágio;
- Levantar as possibilidades de campos de estágios e definir os locais a serem oportunizados;
- Supervisionar os locais de estágios em funcionamento;
- Solicitar os recursos materiais necessários à execução do estágio;
- Propor convênios e campo de estágios, que facilitem as atividades dos estagiários;
- Assinar as correspondências oficiais a serem expedidas;
- Informar ao professor orientador o nome do supervisor externo do estagiário sob sua orientação;
- Divulgar data e local de defesa dos relatórios de estágios curricular supervisionado.
- Elaborar atestado de defesa do Relatório Curricular Supervisionado (ANEXO 9).
- Elaborar as declarações de participação aos membros da banca (ANEXO 10).
- Elaborar as declarações de orientação aos professores orientadores (ANEXO 11).

6. NORMAS PARA O SUPERVISOR DE ESTÁGIO

1.10. DEFINIÇÃO

O Supervisor de Estágio deve ser um profissional de nível superior (de área correlata) ao qual o Campus Universitário confia a supervisão de estágio ao estudante.

1.11. ATRIBUIÇÕES DO SUPERVISOR LOCAL

- Orientar e supervisionar as atividades do estagiário;

- Auxiliar e facilitar a interpretação de valores (parâmetros) da área profissional;
- Atribuir a execução de atividades;
- Encaminhar a ficha de avaliação do estagiário para a Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFT, aos cuidados da Coordenação de Estágios.

7. NORMAS PARA O PROFESSOR ORIENTADOR

1.12. DEFINIÇÃO

O Professor Orientador pertencerá ao quadro da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFT e acompanhará o acadêmico em todas as fases do estágio.

1.13. ACEITE DO PROFESSOR ORIENTADOR

O aceite escrito do Professor Orientador deverá ser encaminhado à Coordenadoria de Estágio até 30 (trinta) dias do início do 10º período (ANEXO 12).

1.14. NÚMERO DE ORIENTADOS

Cada professor da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFT determinará o número de orientações conforme sua disponibilidade. Entretanto, considerando o número de entradas no vestibular de 25 alunos por semestre e o quadro atual de 17 (dezessete) professores efetivos a Coordenação de Estágios poderá indicar até 2 (dois) orientados por professor pertencente ao quadro efetivo do Curso de Medicina Veterinária, de acordo com a área de atuação do professor e a área de estágio do acadêmico.

1.15. ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR

- Orientar o aluno no(s) contato(s) mantido(s) a partir do aceite do estágio até o término.

- Analisar e sugerir modificações no boneco da monografia, após o cumprimento das 345 horas de estágio.
- Participar como membro obrigatório da Banca de Avaliação.
- Sugerir e conferir eventuais correções na monografia, propostas pela Banca de Avaliação.

8. NORMAS PARA A BANCA EXAMINADORA

1.16. COMPOSIÇÃO DA BANCA

A banca deverá ser composta por 3 membros, sendo obrigatória a participação do Professor Orientador e de pelo menos um Professor da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia. O terceiro membro da banca poderá ser um profissional que esteja atuando na área específica do estágio do acadêmico, excluindo-se a participação do supervisor de estágio.

1.17. ATRIBUIÇÕES DA BANCA

São atribuições da banca avaliar a apresentação oral e escrita do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado.

1.18. AVALIAÇÃO DO RELATÓRIO

A monografia como documento deverá ser avaliado de acordo com as normas apresentadas pela Coordenação de Estágios.

A Coordenação de Estágios em trabalho conjunto com a Biblioteca da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia disponibilizará aos professores orientadores e aos acadêmicos a cada semestre, a normalização para a elaboração do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado.

1.19. AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL

Deverá ser realizada de acordo com os seguintes critérios:

- Conteúdo técnico;
- Capacidade de uso de recursos áudio-visual (quando disponível);
- Desenvoltura pessoal da apresentação e questionamentos feitos;
- Tempo de apresentação (30 minutos).

1.20. ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DA BANCA EXAMINADORA

- Coordenar os trabalhos da Banca;
- Solicitar a saída do aluno e demais presentes ao término da apresentação, reunindo-se com os membros da Banca para o preenchimento da ata e do conceito final;
- Convocar o retorno do aluno e informá-lo da decisão da Banca.

9. ANEXOS

Disponíveis na Coordenadoria de Estágios do Curso de Medicina Veterinária e no setor de Protocolo da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia. Os ANEXOS estarão disponíveis ainda na central de cópias terceirizadas da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, sendo eles:

- Anexo 1: Solicitação de Estágio Curricular;
- Anexo 2: Carta de Apresentação;
- Anexo 3: Ficha de Avaliação do Estagiário pelo Supervisor;
- Anexo 4: Ficha de Frequência;
- Anexo 5: Ficha de Avaliação do Estágio pelo Estagiário;

- Anexo 6: Solicitação para defesa de Relatório de Estágio Curricular Supervisionado;
- Anexo 7: Ficha de Avaliação pela Banca Examinadora;
- Anexo 8: Ata de Defesa do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado;
- Anexo 9: Atestado de Defesa do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado;
- Anexo 10: Declaração de Participação na Banca Examinadora;
- Anexo 11: Declaração de Orientação
- Anexo 12: Carta de Aceite de Orientação.



(ANEXO 1)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



SOLICITAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR

POR FAVOR, PREENCHA COM LETRA LEGÍVEL!

1 - ENDEREÇO COMPLETO DO LOCAL DE ESTÁGIO:

NOME DA EMPRESA:.....
NOME DO RESPONSÁVEL:
CARGO ou FUNÇÃO:
ENDEREÇO:
BAIRRO:..... CIDADE:..... ESTADO:..... CEP:.....
TELEFONE:..... FAX: EMAIL:

2 - DADOS DO ESTAGIÁRIO:

NOME COMPLETO:
PERÍODO:..... MATRÍCULA:
ENDEREÇO RESIDENCIAL:
BAIRRO:..... CIDADE:..... ESTADO:..... CEP:.....
ENDEREÇO PARA CONTATO:.....
BAIRRO:..... CIDADE:..... ESTADO:..... CEP:.....
TELEFONE: TELEFONE RECADO:
E-MAIL:.....
CPF:..... RG:.....

3 - INFORMAÇÕES DO ESTÁGIO

ÁREA DE ESTÁGIO:.....
PERÍODO DE ESTÁGIO: ____ / ____ / ____ A ____ / ____ / ____
SUPERVISOR DO ESTÁGIO:.....
PROFESSOR ORIENTADOR:.....

4 - OBSERVAÇÕES

.....
.....

DATA DA SOLICITAÇÃO: ____ / ____ / ____

ASSINATURA DO ACADÊMICO: _____

CIÊNCIA DO PROFESSOR ORIENTADOR: _____



(ANEXO 2)
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
 COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Araguaína (TO), dia de mês de ano.

Para: Ilmo.(a) Senhor(a)

Do: Coordenador (a) de Estágio Curricular Supervisionado

Assunto: Estágio Curricular Supervisionado

A Coordenação de Estágio do Curso de Medicina Veterinária da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal do Tocantins, na pessoa de seu coordenador, apresenta a V. S^a o (a) Acadêmico (a)....., Matrícula n., regularmente matriculado (a) no 10º período do Curso de Medicina Veterinária, residente à, portador (a) da cédula de identidade n. e CPF, para estagiar na Empresa/Instituição....., na área de, no período de

Desde já agradecemos e colocamo-nos a disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Atenciosamente,

 Coordenador de Estágios.....



(ANEXO 3)
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
 COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



FICHA DE AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO PELO SUPERVISOR

ESTAGIÁRIO:	
LOCAL DE ESTÁGIO:	
INÍCIO DO ESTÁGIO:	TÉRMINO DO ESTÁGIO:
NÚMERO DE HORAS CUMPRIDAS:	
DESEMPENHO OBSERVADO	
ASPECTOS PROFISSIONAIS	
1. CONHECIMENTO: Demonstrado no desempenho das atividades programadas (1,0 ponto)	
2. TRABALHO: Considerar a qualidade do trabalho e o volume de atividades cumpridas dentro de um padrão razoável (1,0 ponto)	
3. CRIATIVIDADE: Capacidade de sugerir, projetar ou executar modificações ou inovações no campo de estágio (0,5 ponto)	
4. INTERESSE E INICIATIVA: Disposição para aprender (1,0 ponto)	
ASPECTOS COMPORTAMENTAIS	
5. ASSIDUIDADE: Cumprimento do horário estipulado para o estagiário e ausências de faltas (1,5 ponto)	
6. DISCIPLINA: Observação das normas e regulamentos internos do campo de estágio e descrição das atividades a ele confiadas (1,5 ponto)	
7. COOPERAÇÃO: Disposição para integrar, cooperar e atender prontamente as atividades solicitadas (1,0 ponto)	
8. RESPONSABILIDADE: Capacidade de cuidar e responder pelas atribuições, materiais, equipamentos e bens do campo de estágio (1,0 ponto)	
9 e 10. ÉTICA: Comportamento ético profissional durante a realização do estágio (1,5 ponto)	
TOTAL GERAL (Soma dos dez itens acima)	
OBSERVAÇÕES:	
.....	
.....	
.....	
.....	
_____, ____ de _____ de _____. _____ Assinatura do Supervisor	
Esta ficha deve ser devolvida, através deste estagiário, em envelope lacrado para a Coordenação de Estágios da Escola de Medicina Veterinária / UFT.	



(ANEXO 5)
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
 COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



FICHA DE AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO PELO ESTAGIÁRIO

ESTAGIÁRIO:
ÁREA DE ESTÁGIO:
SUPERVISOR DE ESTÁGIO:
LOCAL DE ESTÁGIO:
PERÍODO DE ESTÁGIO:
PROFESSOR ORIENTADOR:

1- Breve relato das atividades realizadas no estágio curricular:

2- As atividades desenvolvidas durante o estágio curricular obedeceram à programação estabelecida?

SIM () Não ()

Caso negativo, explique os motivos:

3- A orientação recebida pelo Supervisor Local revelam-se adequadas às atividades desenvolvidas no estágio?

SIM () Não ()

Comente:

4- A orientação recebida pelo Professor Orientador revelam-se adequadas às atividades desenvolvidas no estágio?

SIM () Não ()

5- As atividades de estágio permitiram a aplicação de conhecimentos recebidos na Universidade?

SIM () Não ()

Caso negativo justifique:

6- O estágio proporcionou-lhe novos conhecimentos e técnicas?

SIM () Não ()

Comente:

7- As condições oferecidas pela Empresa/Instituição foram adequadas para a realização do estágio curricular?

SIM () Não ()

Justifique:

8- Houve contatos com outras pessoas durante o estágio?

SIM () Não ()

9- Avalie o desenvolvimento do estágio de acordo com os seguintes conceitos:

E (excelente); B (bom); R (regular); D (deficiente)

FATORES	CONCEITO
Conceito geral do estágio	
Orientação técnica recebida do orientador	
Compatibilidade estágio, com a formação oferecida pela Universidade	
Condições de trabalho na Empresa/Instituição	
Apoio oferecido pela Universidade	
Compatibilidade entre as atividades programadas e executadas	

10- Comentários e sugestões:

Araguaína (TO), ____ / ____ / _____

Assinatura do Estagiário



(ANEXO 6)
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
 COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



SOLICITAÇÃO PARA DEFESA DE RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Ilmo. (a) Senhor (a)
 Coordenador (a) de Estágio Curricular Supervisionado

Eu,, acadêmico (a)
 regularmente matriculado (a) sob o nº no último período
 do Curso de Medicina Veterinária, venho sugerir a composição da Banca Examinadora do
 Relatório Estágio Curricular Supervisionado intitulado
, sob
 orientação do Professor (a), que
 deverá realizar-se no dia de de, às horas, nesta IES.

Sugere-se que a referida banca seja composta pelos seguintes docentes:

- Primeiro Examinador:
- Segundo Examinador:
- Suplente:

Araguaína (TO), ____ / ____ / _____

De acordo do Acadêmico (a)

De acordo do Professor (a)



(ANEXO 7)
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
 COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



FICHA DE AVALIAÇÃO PELA BANCA EXAMINADORA

ESTAGIÁRIO:	
SUPERVISOR:	
ORIENTADOR:	
LOCAL DE ESTÁGIO:	
INÍCIO DO ESTÁGIO:	TÉRMINO DO ESTÁGIO:
DATA DE DEFESA:	LOCAL DA DEFESA:

AVALIAÇÃO DO RELATÓRIO (Os itens 1,2,3 e 5 tem o valor de 0,0 a 1,0 e item 4 tem o valor de 0,0 a 2,0)	
Título do Relatório:.....	
1. APRESENTAÇÃO: de acordo com os padrões exigidos para a elaboração do relatório.	
2. REDAÇÃO: clareza, objetividade e correção de linguagem.	
3. TRATAMENTO DOS TEMAS: utilização de termos técnicos adequados.	
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS TEMAS: capacidade de interpretar e analisar criticamente os resultados obtidos na realização do estágio	
5. CONCLUSÃO: a (s) conclusão (ões) foram baseadas em fatos apresentados no relatório.	
SUBTOTAL - 1	
DEFESA DO RELATÓRIO (Cada item tem o valor de 0,0 a 1,0)	
6. SEGURANÇA: demonstração de segurança na apresentação do relatório e ao responder às perguntas elaboradas pela Banca Examinadora.	
7. COERÊNCIA: as atividades descritas no relatório estavam de acordo com a defesa.	
8. OBJETIVIDADE: relato claro e objetivo das atividades desenvolvidas no estágio.	
9. POSTURA: apresentação adequada durante a defesa.	
SUBTOTAL - 2	
TOTAL GERAL (Soma dos subtotais 1 e 2)	
Araguaína, ____ de _____ de _____.	
Membro da Banca: Nome completo: _____	
Assinatura: _____	



(ANEXO 8)
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
 COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



ATA DE DEFESA DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Ao(s) dia(s) do mês de de, realizou-se a Defesa do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado do (a) acadêmico (a), matrícula n., do Curso de Medicina Veterinária da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal do Tocantins, intitulada.....

....., realizada sob a orientação do (a) Professor (a) orientador (a)e tendo como banca avaliadora, os professorese

Atribuíram a média final (.....) pelo trabalho, tendo sido considerado(a) Nada mais tendo a constar, assinam esta Ata o (a) professor (a) orientador (a) e os demais componentes da banca.

Professor Orientador

Professor Avaliador (1)

Professor Avaliador (2)

(ANEXO 9)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
 COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



**ATESTADO DE DEFESA DO
 RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO**

NOME DO ESTUDANTE	Nº DE MATRÍCULA

CARTEIRA DE IDENTIDADE	CPF

FILIAÇÃO

NASCIMENTO	
LOCAL	DATA

Atestamos que defendeu a monografia do estágio curricular supervisionado

CURSO
Graduação em Medicina Veterinária

TÍTULO DA MONOGRAFIA

APROVADO

REPROVADO

Data da Defesa: ____ / ____ / ____.

NOME DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Araguaína (TO), ____ / ____ / ____

Coordenador de Estágio



(ANEXO 10)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



D E C L A R A Ç Ã O

Declaro, para os devidos fins e a pedido da parte interessada, que os professores **NOME DO PROFESSOR, NOME DO PROFESSOR e NOME DO PROFESSOR**, participaram da Banca Examinadora do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado na área de citar a área, do (a) acadêmico (a) de Medicina Veterinária Nome do Acadêmico (a), que desenvolveu o tema “Citar o tema”, em dia de mês de ano.

Por ser verdade, firmo a presente.

Araguaína, _____ de _____ de _____.

Coordenador (a) de Estágios



(ANEXO 11)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



D E C L A R A Ç Ã O

Declaro, para os devidos fins e a pedido da parte interessada, que o(a) professor (a) **NOME DO PROFESSOR (A)**, atuou como Professor (a) Orientador (a) de Estágio Curricular Supervisionado na área de citar a área, do (a) acadêmico (a) de Medicina Veterinária Nome do Acadêmico (a), desenvolvendo o tema “Citar o tema”, no XX semestre de XXXX.

Por ser verdade, firmo a presente.

Araguaína, _____ de _____ de _____.

Coordenador (a) de Estágios



(ANEXO 12)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA



CARTA DE ACEITE DE ORIENTAÇÃO

Ilmo.(a) Senhor(a)

Coordenador (a) de Estágio Curricular Supervisionado

Eu,, professor(a)
da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia / UFT, venho mui respeitosamente comunicar
a V. Sa. que aceito orientar o (a) acadêmico (a)
....., regularmente matriculado (a) sob o
nº no último período do Curso de Medicina Veterinária,
durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado.

Araguaína (TO), ____ / ____ / _____

Professor (a) Orientador (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DE MEDICINA VETERINÁRIA



**NORMATIZAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO
CURRICULAR SUPERVISIONADO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

ARAGUAÍNA/TO

2006

SUMÁRIO

1. ESTRUTURA DO RELATÓRIO	16
1.1. Elementos pré-textuais	16
1.1.1. Contra capa	16
1.1.2. Capa	16
1.1.3. Folha de rosto	16
1.1.4. Folha de aprovação	17
1.1.5. Dedicatória (opcional)	17
1.1.6. Agradecimentos (opcional)	18
1.1.7. Epígrafe (opcional)	18
1.1.8. Resumo	18
1.1.9. Resumo em Inglês (Abstract)	18
1.1.10. Listas	19
1.1.10.1. Lista de abreviaturas, símbolos e siglas	19
1.1.10.2. Lista de ilustrações	19
1.1.10.3. Lista de tabelas e quadros	19
1.1.11. Sumário	20
1.2. Elementos textuais ou texto	20
1.2.1. Introdução	20
1.2.2. Atividades desenvolvidas	21
1.2.3. Considerações finais	21
1.3. Elementos pós-textuais	21
1.3.1. Bibliografia consultada e/ou Referência bibliográfica	21
1.3.2. Glossário (opcional)	21
1.3.3. Anexos (opcional)	22
2. REGRAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO GRÁFICA	22
2.1. idioma	22
2.2. papel	22
2.3. Margens	22
2.4. Parágrafos	22
2.5. Espacejamento	23
2.6. Fonte	23
2.7. Paginação	23

2.8. seções	23
2.9. ABREVIATURAS E SIGLAS	24
2.10. NOTas de rodapé.....	24
2.11. Ilustrações	24
2.12. Tabelas	25
2.13. Citação	26
2.13.1. Principais formas de citação	26
2.13.1.1. Citação Direta.....	26
2.13.1.2. Citação Indireta ou Paráfrase.....	27
2.13.2. Sistemas de chamada das citações.....	27
2.13.2.1. Sistema numérico.....	27
2.13.2.2. Sistema Autor-data.....	28
2.13.3. Regras gerais de apresentação do sistema de chamada	28
2.13.3.1. Indicação de autoria incluída no texto	28
2.13.3.2. Indicação de autoria entre parênteses	28
2.13.3.3. Indicações de autores diferentes com o mesmo sobrenome e mesma data	29
2.13.3.4. Documentos de um mesmo autor publicados no mesmo ano.....	29
2.13.3.5. Documentos de um mesmo autor publicados em anos diferentes.....	29
2.13.3.6. Documentos de autores diferentes.....	30
2.13.4. Literatura citada	30

-Estrutura do relatório

a. Elementos pré-textuais

Contra capa

Deve ser de capa dura, cor verde escura, contendo a identificação da instituição na qual o trabalho vai ser apreciado, nome do documento, título, nome do autor, local e data (ano) de apresentação.

Capa

Elemento obrigatório, sobre o qual se imprimem as informações indispensáveis à sua identificação na seguinte ordem (ANEXO 1):

- a) Nome da instituição na qual o trabalho será apreciado, escrita em letras maiúsculas e centralizado no alto da folha;
- b) Título: em letras maiúsculas e centralizado no meio da folha;
- c) Subtítulo: separado do título por dois pontos;
- d) Nome do autor: em letras minúsculas em negrito, alinhado à margem direita;
- e) Local: cidade onde fica situada a instituição na qual o trabalho será apreciado, em letras maiúsculas.
- f) Data (ano) de apresentação: centralizado e no final da folha.

Folha de rosto

É a página que contém os elementos essenciais à identificação do trabalho e deve conter além dos elementos constantes na capa informações mais detalhadas sobre o trabalho. Deverá conter os seguintes dados (ANEXO 2):

- a) Nome da instituição na qual o trabalho será apreciado, escrita em letras maiúsculas e centralizado no alto da folha;
- b) Título: em letras maiúsculas e centralizado no meio da folha;
- c) Subtítulo: separado do título por dois pontos;
- d) Nome do autor: em letras minúsculas em negrito, alinhado à margem direita;
- e) Natureza do trabalho, objetivo, nome da Instituição e área de concentração: em letras minúsculas, alinhado à margem direita, com recuo esquerdo de 8 cm e com espaçamento simples.
- f) Nome do Orientador: em letras minúsculas alinhado à margem esquerda.
- g) Nome do Supervisor: em letras minúsculas alinhado à margem esquerda.
- h) Local: cidade onde fica situada a instituição na qual o trabalho será apreciado, em letras maiúsculas.
- i) Data (ano) de apresentação: centralizado e no final da folha.

Folha de aprovação

Disposta após a folha de rosto, contendo os seguintes dados (ANEXO 3):

- a) Autor: em letras minúsculas em negrito, centralizado.
- b) Título e subtítulo do trabalho: em letras maiúsculas, centralizado.
- c) Data de aprovação: em dia, mês e ano, alinhado à esquerda.
- d) Membros da banca: em letras minúsculas, centralizado.

Dedicatória (opcional)

Folha na qual o autor presta homenagem (oferecendo o trabalho) a alguém. Deve ser escrita de forma breve, disposta à direita e na metade inferior da folha (ANEXO 4).

Agradecimentos (opcional)

Página na qual o autor dirige palavras de agradecimento a pessoas e/ou instituições que contribuíram de maneira relevante para a realização do trabalho. Deve aparecer após a dedicatória, podendo ser apresentado no formato de texto ou de lista do nome de pessoas ou instituições a quem se deseja agradecer (ANEXO 5).

Epígrafe (opcional)

É uma citação, escolhida pelo autor, para destacar seu trabalho. Deve ser apresentada entre aspas ou em itálico ou negrito, com indicação de autoria abaixo. Deve ser disposta à direita e na metade inferior da folha (ANEXO 6).

Resumo

Apresentação concisa dos pontos relevantes do relatório, ressaltando de forma clara e sintética a natureza do trabalho, seus resultados e conclusões mais importantes (ANEXO 7).

O resumo deverá conter no máximo 300 e no mínimo 150 palavras, o texto deve ser separado por espaço simples e limitar-se a um parágrafo. Imediatamente após o resumo deverão ser apresentadas até seis (6) palavras chaves, em ordem alfabética. Devem ser elaboradas de modo que o trabalho seja rapidamente resgatado nas pesquisas bibliográficas. Não podem ser retiradas do título do trabalho e devem ser digitadas em letras minúsculas, com alinhamento justificado e separadas por vírgulas, sem ponto final.

Resumo em Inglês (Abstract)

Elemento opcional que consiste na tradução do resumo, seguido das palavras-chave e/ ou descritores.

Listas

As listas de ilustrações, tabelas, quadros, abreviaturas e siglas, símbolos e etc. localizam-se em páginas próprias, e seus itens devem ser relacionados na ordem em que aparecem no texto. Recomenda-se que sejam feitas listas em separado.

-Lista de abreviaturas, símbolos e siglas

Consiste na relação alfabética das abreviaturas ou siglas utilizadas no texto, seguida das palavras ou expressões correspondentes grafadas por extenso, não constando a página onde se localizam as respectivas abreviaturas (ANEXO 8).

-Lista de ilustrações

As ilustrações, que no texto podem ser chamadas de figuras, incluem os gráficos, fotos, mapas, desenhos, etc. Devem ser colocadas no texto em local tão próximo quanto possível do trecho onde foram mencionadas pela primeira vez.

A lista deve relacionar as ilustrações de acordo com a ordem apresentada no texto, indicando o respectivo número, legenda e página em que se localiza (ANEXO 9 e 10). Quando as ilustrações forem somente de um tipo (gráfico; figura, etc.) o título deve conter o nome específico (Lista de gráficos; Lista de figuras, etc.).

-Lista de tabelas e quadros

As tabelas apresentam informações tratadas estatisticamente. Os Quadros consistem na organização de dados em letras ou números dispostos em colunas, não contendo dados estatísticos.

Devem ser relacionados na lista de acordo com a ordem apresentada no texto pelos respectivos números, com título e página em que aparecem no texto (ANEXO 11 e 12). Podem ser denominadas pelo termo específico (Lista de tabelas; Lista de quadros).

Sumário

É a enumeração das principais divisões, seções e capítulos do relatório, na mesma ordem em que se encontra na obra, com indicação da página inicial correspondente, não devendo constar neste as páginas que o antecedem (ANEXO 13).

O sumário deve obedecer à margem única, sendo seus itens numerados observando-se a diferença tipográfica apresentado no texto. Uma linha pontilhada deve ligar a coluna de divisões e subdivisões à coluna de páginas.

b. Elementos textuais ou texto

O texto constitui a parte principal do relatório. É o trabalho propriamente dito, pois, consiste no desenvolvimento do tema abordado de forma lógica e de acordo com a metodologia adotada e o bom senso do autor. O texto deve apresentar: introdução, desenvolvimento e considerações finais.

Introdução

É a apresentação do trabalho, onde se informa os motivos que levaram à pesquisa, o problema, os objetivos e a justificativa (ANEXO 14).

A introdução constituirá a primeira seção do texto, receberá, portanto, o indicativo 1 (um). De maneira geral, a introdução deve:

- a) Identificar o local do estágio: nome da empresa, endereço e telefone.
- b) Descrever a estrutura física e administrativa do local de estágio.
- c) Identificar a área na qual foi realizado o estágio justificando a escolha da área.
- d) Resumir em um parágrafo o que será abordado no trabalho.

Atividades desenvolvidas

Consiste na segunda seção do relatório recebendo a numeração 2 (dois). Deve conter o relato minucioso das atividades desenvolvidas durante a realização do estágio, incluindo técnicas, organização, equipamentos, conceitos e princípios, análise e interpretação, com apoio bibliográfico (ANEXO 15).

Considerações finais

Consiste na avaliação final do relatório, onde o autor expõe claramente seu ponto de vista sobre o desenvolvimento do estágio. Nesta parte podem ser feitas críticas, recomendações e sugestões (ANEXO 16).

c. Elementos pós-textuais

Bibliografia consultada e/ou Referência bibliográfica

Referência bibliográfica constitui uma lista ordenada dos documentos efetivamente citados no texto (ANEXO 17). Não devem ser referenciadas fontes bibliográficas que não foram citadas no texto. Caso haja conveniência de referenciar material bibliográfico não citado, deve-se fazer uma lista própria após a lista de referências, sob o título Bibliografia recomendada ou consultada.

Glossário (opcional)

Consiste de uma lista em ordem alfabética de palavras ou expressões técnicas usadas no texto, acompanhada das respectivas definições.

Anexos (opcional)

Texto ou documento não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação ou ilustração. Constitui-se de tabelas, quadros, gráficos, figuras, formulários ou questionários, etc. utilizados para ilustrar o trabalho. São identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão e respectivos títulos (ANEXO 11).

-Regras gerais de apresentação gráfica**d. idioma**

O Relatório de Estágio Curricular Supervisionado deve ser apresentado em português.

e. papel

O Relatório de Estágio Curricular Supervisionado deve ser apresentado em papel branco, tamanho A4 (21 cm x 29,7 cm), digitado na cor preta no anverso das folhas.

f. Margens

As folhas devem apresentar:

- a. margem esquerda e superior de 3 cm;
- b. margem direita e inferior de 2 cm.

g. Parágrafos

Os parágrafos devem ser iniciados a 2 cm da margem esquerda sem recuo em todo o texto, separados entre si por espaçamento duplo.

h. Espaçamento

Entre linhas do texto deve-se usar o espaçamento 1,5.

Entre linhas de resumos, legendas das ilustrações e tabelas ou notas de rodapé usar espaço simples.

Na folha de rosto e folha de aprovação, a natureza do trabalho, o objetivo, o nome da instituição e a área de concentração, devem ser digitados em espaço simples.

As referências, ao final do trabalho devem ser digitadas em espaço simples e separadas entre si por dois espaços simples e alinhadas à margem esquerda.

i. Fonte

A fonte utilizada deverá ser a “Times New Roman”.

Usar a fonte tamanho 12 para o texto, para as referências e para o títulos das tabelas, quadros, gráficos e etc. Usar tamanho menor para as citações longas, notas de rodapé, paginação e legendas das figuras.

j. Paginação

Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto devem ser contadas, mas não numeradas. Numera-se somente a partir da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito.

As referências e os anexos seguem a numeração da parte textual.

A capa não é contada nem numerada

k. seções

As seções serão preferencialmente tituladas e o indicativo da seção será mantido à esquerda na margem esquerda do documento. Para destacar os títulos na apresentação das respectivas seções, adotar a seguinte seqüência:

- a) Seção primária: letras maiúsculas em negrito (**1 SEÇÃO PRIMÁRIA**);
- b) Seção secundária: letras maiúsculas (1.1 SEÇÃO SECUNDÁRIA);
- c) Seção terciária: letras minúsculas em negrito (**1.1.1 Seção terciária**);
- d) Seção quaternária: letras minúsculas (1.1.1.1 Seção quaternária);
- e) Seção quinária: letras minúsculas em itálico (*1.1.1.1 Seção quinária*);
- f) Alínea: letras minúsculas, precedida por letra seguida de parênteses (a) alínea);
- g) Subalínea: letras minúsculas, precedida por hífen (- subalínea).

l. abreviaturas e siglas

Quando aparecem no texto pela primeira vez, coloca-se seu nome por extenso, acrescentando a sigla/abreviatura, entre parênteses.

m. Notas de rodapé

As notas de rodapé, devem ser digitadas dentro das margens indicadas, na margem inferior da mesma página, devendo ficar separadas do texto por um filete de 3 cm a partir da margem esquerda. São digitadas em espaço simples e fonte menor do que a usada para o texto e sua numeração é feita em algarismos arábicos e seqüenciais para todo o documento. As linhas subseqüentes devem ser alinhadas abaixo da primeira letra da primeira palavra, de modo a destacar o expoente.

n. Ilustrações

A identificação de quadros, lâminas, plantas, fotografias, mapas, gráficos, fluxogramas, organogramas, esquemas, desenhos e outros, é incluída na parte inferior, com cada item designado por seu nome específico, seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto em algarismos arábicos, do respectivo título e/ou legenda explicativa e da fonte. A ilustração deve ser inserida o mais próximo possível do texto a que se refere.

o. Tabelas

As tabelas devem ter um número em algarismo arábico, seqüencial, inscrito na parte superior, à esquerda da página, precedida da palavra Tabela. Devem conter um título por extenso, inscrito no topo da tabela, para indicar a natureza e abrangência do seu conteúdo.

A fonte deve ser colocada imediatamente abaixo da tabela em letra maiúscula/minúscula para indicar a autoria dos dados e/ou informações da tabela, precedida da palavra “Fonte:”.

As tabelas devem ter uniformidade gráfica referentes a tipos de letras e números, uso de maiúsculas e minúsculas e sinais gráficos utilizados.

Deve-se utilizar linhas horizontais e verticais para separar os títulos das colunas no cabeçalho e fechá-las na parte inferior, evitando-se linhas verticais para separar as colunas e horizontais para separar as linhas. As colunas externas devem permanecer abertas.

Preferencialmente devem ser apresentadas em uma única página. Quando a tabela for mais larga do que a página, poderá ser impressa no sentido vertical. Se for tão longa que não possibilite o sentido vertical, poderá ser dividida e colocada em páginas confrontantes, na mesma posição e dimensões, incluindo após o título a designação continua, continuação e conclusão. Outra opção seria desmembrar a tabela (muito larga) em seções, dispondo-as uma abaixo da outra, separadas por um traço horizontal duplo, repetindo-se a cada seção o cabeçalho.

Nas tabelas que ocupam mais de uma página, cada página deve ter o número da tabela, o título e cabeçalho, continua (na primeira página), continuação (para as seguintes) e conclusão (na última página).

p. Citação

Entende-se por citação, os conceitos, as informações, idéias e sugestões colhidas em outras fontes e mencionadas no texto de uma monografia, com a finalidade de enriquecê-lo, e conferir-lhe maior autoridade. A fonte de onde foi extraída a informação deve ser citada obrigatoriamente, respeitando-se desta forma os direitos autorais.

Usa-se citação para dar credibilidade ao trabalho científico, fornecer informações a respeito dos trabalhos desenvolvidos na área de pesquisa e fornecer exemplos de pontos de vista semelhantes ou divergentes sobre o assunto objeto de sua pesquisa.

Deve-se atribuir crédito à fonte consultada quando se utiliza de palavras ou idéias extraídas de livros, revistas, relatórios, programas de TV, filmes, cartas, páginas web, e-mail, listas de discussão, de informações extraídas de entrevistas, palestras ou de cópia exata de um parágrafo ou frases, diagramas, mapas, etc.

Não é necessário atribuir crédito quando se utiliza das próprias palavras ou idéias, conhecimento comum, informações contidas em Enciclopédias e dicionários, observações do senso comum, informações históricas de conhecimento público e notícias publicadas em revistas ou jornais.

Principais formas de citação

-Citação Direta

É a transcrição ou cópia de um parágrafo, uma frase ou uma expressão, usando exatamente as mesmas palavras usadas pelo autor do trabalho consultado. Nesse caso, repete-se palavra por palavra e estas devem vir, obrigatoriamente entre “aspas duplas”, ou com destaque gráfico, seguidas da indicação da fonte consultada.

a) Citações com até três linhas: devem ser inseridas entre “aspas duplas,” no texto. As aspas simples são utilizadas para indicar citação dentro de citação.

b) Citações com mais de três linhas: devem ser destacadas com recuo de 4 cm ou vinte e oito toques da margem esquerda com um tipo de letra menor do que a utilizada no texto, sem as aspas e com espaçamento simples.

-Citação Indireta ou Paráfrase

É a transcrição das idéias de um autor usando suas próprias palavras. Ao contrário da citação direta, a citação indireta deve ser encorajada, pois é a maneira que o pesquisador tem de ler, compreender e gerar conhecimento a partir do conhecimento de outros autores.

Dicas para se fazer uma citação indireta:

- a. Leia e releia o texto original até que seja capaz de reescrevê-lo com suas próprias palavras;
- b. Não use aspas nas citações indiretas/paráfrases;
- c. Anote os dados referentes a fonte: sobrenome do autor seguido do ano de publicação da obra;
- d. Confira a citação;
- e. Faça a referência no final do trabalho.

Sistemas de chamada das citações

O acadêmico pode optar pelo sistema numérico ou autor-data, entretanto, o sistema autor-data é mais recomendado.

-Sistema numérico

As citações devem ter uma numeração única e consecutiva, colocadas acima do texto, em expoente, ou entre parênteses.

Exemplos:

No texto: “elaborando o relatório de estágio com algumas notas de rodapé”¹

No texto: Segundo Silva, “elaborando o relatório de estágio com algumas notas de rodapé” (1)

Em nota de rodapé: ¹ Silva, 2006, p.1.

-Sistema Autor-data

Indica-se a fonte, pelo sobrenome do autor, nome da instituição responsável ou pelo título, seguido da data de publicação do documento, separados por vírgula e entre parênteses. (citação indireta). Para as citações diretas, inclui-se a indicação de página.

Exemplos:

Citação direta: “elaborando o relatório de estágio com algumas notas de rodapé” (SILVA, 2006, p. 1).

Citação indireta: No relatório de estágio serão utilizadas algumas notas de rodapé. (SILVA, 2006).

Regras gerais de apresentação do sistema de chamada

-Indicação de autoria incluída no texto

As indicações de autoria incluídos no texto devem ser feitas em letras maiúsculas e minúsculas, indicando-se a data e páginas entre parênteses.

Exemplos:

Um autor: Segundo Silva (2006).

Dois autores: Segundo Silva e Sousa (2006).

Três autores: Segundo Silva, Sousa e Santos (2006).

Mais de três autores: Segundo Silva et al. (2006).

-Indicação de autoria entre parênteses

As indicações de autoria entre parênteses devem vir em letras maiúsculas, seguidas da data e páginas.

Um autor: (SILVA, 2006, p. 1).

Dois autores: (SILVA; SOUSA, 2006, p.1).

Três autores: (SILVA; SOUSA; SANTOS, 2006, p.1).

-Indicações de autores diferentes com o mesmo sobrenome e mesma data

A forma da indicação depende da letra inicial do primeiro nome do autor.

Se o primeiro nome dos autores iniciar com letras diferentes, acrescenta-se a inicial seguida de ponto após o sobrenome, separados por vírgula.

Se o primeiro nome dos autores iniciar com letras iguais, acrescenta-se o primeiro nome por extenso em letras minúsculas com primeira maiúscula após o sobrenome, separados por vírgula.

Exemplos:

(SILVA, A., 2006) e (SILVA, B., 2006).

(SILVA, José, 2006) e (SILVA, João, 2006).

-Documentos de um mesmo autor publicados no mesmo ano

Diversos documentos de um mesmo autor, publicados no mesmo ano, são diferenciados pelo acréscimo de letras minúsculas após a data.

Exemplo:

(SILVA, 2006a) e (SILVA, 2006b).

-Documentos de um mesmo autor publicados em anos diferentes

Diversos documentos de um mesmo autor, publicados em anos diferentes e mencionados simultaneamente, têm suas datas separadas por vírgula.

Exemplo

SILVA (2003, 2005, 2006a, 2006b, 2006c).

-Documentos de autores diferentes

Diversos documentos de autores diferentes devem ser indicados em ordem alfabética, separados por ponto e vírgula quando estiverem entre parênteses, ou por vírgula na forma textual.

Exemplos:

(SANTOS, 2006; SILVA, 2006; SOUSA, 2006).

Santos (2006), Silva (2006) e Sousa (2006).

Literatura citada

Deve estar relacionada na lista de referências no final do documento ou em nota de rodapé, de acordo com a normalização segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas/ABNT (NBR 6023).

(ANEXO 1)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
TÍTULO DO TRABALHO

Nome do acadêmico

ARAGUAÍNA / TO
ano

(ANEXO 2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
TÍTULO DO TRABALHO

Nome do acadêmico

Relatório apresentado à Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, como requisito parcial para obtenção do grau de Médico Veterinário.

Orientador (a):
Supervisor (a):

ARAGUAÍNA / TO
ano

(ANEXO 3)

Nome acadêmico

TÍTULO TRABALHO

SUBTÍTULO

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Nome orientador
Titulação
Orientador

Nome membro
Titulação

Nome membro
Titulação

(ANEXO 4)

Dedicatória

(ANEXO 5)

AGRADECIMENTOS

Na forma de lista ou parágrafo.

Quem agradece “agradece a alguém por alguma coisa”.

(ANEXO 6)

“Epígrafe” (opcional)

(ANEXO 7)

RESUMO

O texto deve ser separado por espaço simples, conter no máximo 300 palavras e no mínimo 150 palavras e limitar-se a apenas um parágrafo.

Palavras chave:

(ANEXO 8)

LISTA DE ABREVIATURAS

Sigla	Significado
-------	-------------

(ANEXO 9)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Título..... 1

(ANEXO 10)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Título.....2

(ANEXO 11)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Título.....2

(ANEXO 12)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Título.....2

(ANEXO 13)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	2
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	3
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	4

(ANEXO 14)**INTRODUÇÃO**

Identificar o local do estágio: nome da empresa, endereço e telefone.

Descrever a estrutura física e administrativa do local de estágio. Incluir as figuras (fotos)

Figura 1 - Título

Identificar a área na qual foi realizado o estágio justificando a escolha da área.

Resumir em um parágrafo o que será abordado no trabalho.

(ANEXO 15)

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Descrever as atividades desenvolvidas durante o estágio (detalhadamente).

Descrever as técnicas empregadas.

Incluir as tabelas, gráficos, figuras e os quadros para fornecer outras informações relevantes.

Gráfico 1 - Título

Tabela 1 - Título

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Linha 1		
Linha 2		
Linha 3		
Linha 4		
Total	00	00

Quadro 1 - Título

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Linha 1		
Linha 2		
Linha 3		
Linha 4		

(ANEXO 16)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliação final do relatório, onde o autor expõe claramente seu ponto de vista sobre o desenvolvimento do estágio. Nesta parte podem ser feitas críticas, recomendações e sugestões.

(ANEXO 17)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Seguir as normas da ABNT vigentes.

Abaixo estão alguns exemplos de referências mais comuns, segundo a NBR 6023/2002.

INTERNET:

Título (Primeira palavra todas as letras maiúsculas as demais palavras minúsculas).
Informações complementares (Coordenação, desenvolvida por, apresenta..., quando houver etc...). Disponível em: <Endereço>. Acesso em: data (mês e ano).

LIVRO:

AUTOR DA OBRA. **Título da obra:** subtítulo. Número da edição (2.ed.). Local de Publicação: Editor, ano de publicação. Número de páginas (345p.) ou volume. (Série). Notas.

LEIS E DECRETOS:

PAÍS, ESTADO ou MUNICÍPIO. Lei ou Decreto, número, data (dia, mês e ano). Ementa. Dados da publicação que publicou a lei ou decreto.

ARTIGO PERIÓDICO:

AUTOR DO ARTIGO. Título do artigo. **Título da Revista**, (abreviado ou não) Local de Publicação, Número do Volume (v.1), Número do Fascículo (n.1), Páginas inicial-final (p.1-5), mês e ano.

ANEXOS

Incluir todas as figuras, tabelas, quadros, e outros para complementar o trabalho.

Lembre-se que estes anexos devem ser citados no texto.

ANEXO 1 - Título

ANEXO 2 - Título



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA**



**REGIMENTO DO HOSPITAL
VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO**

**ESTRUTURA ORGANIZACIONAL
E
NORMAS DE FUNCIONAMENTO**

DOS OBJETIVOS

O Hospital Veterinário Universitário (HVU) é um órgão anexo da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal do Tocantins que congrega administrativa e tecnicamente os serviços de extensão prestados à comunidade no campo da Medicina Veterinária visando os seguintes objetivos:

- I. Colaborar, de forma efetiva, com o Curso de Medicina Veterinária selecionando casos de interesse didático e/ou científico, objetivando atender seus próprios programas de ensino de graduação, pós-graduação e de pesquisa;
- II. Proporcionar treinamento supervisionado, pelos docentes lotados no Hospital Veterinário, a médicos veterinários e a discentes da própria Faculdade e de outras entidades de Ensino de Medicina Veterinária;
- III. Prestar serviços médico-cirúrgicos, ambulatoriais e/ou hospitalares à comunidade, como essência da atividade de extensão, no campo da Medicina Veterinária, dentro de Programas de Ensino definidos, visando atender as atividades de ensino de graduação, pós-graduação e pesquisa.

Com a finalidade de atender seus objetivos, o HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO tem como função intrínseca, a prática do diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças.

DA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

O Hospital Veterinário Universitário conta com a seguinte estrutura técnica e administrativa:

1. ESTRUTURA TÉCNICA

- 1.1. Serviço de Clínica Médica de Pequenos Animais;
- 1.2. Serviço de Clínica Médica de Grandes Animais;
- 1.3. Serviço de Cirurgia de Pequenos Animais;
- 1.4. Serviço de Cirurgia de Grandes Animais;
- 1.5. Serviço de Anestesiologia;
- 1.6. Serviço de Obstetrícia e Ginecologia;
- 1.7. Serviço de Cardiologia;
- 1.8. Serviço de Oftalmologia;
- 1.9. Serviço de Oncologia;
- 1.10. Serviço de Diagnóstico por Imagem;
- 1.11. Serviço de Enfermagem Veterinária
- 1.12. Laboratórios primários de apoio: 1.12.1. Laboratório de Patologia Clínica;
- 1.13. Laboratórios secundários de apoio:
 - 1.13.1. Laboratório de Parasitologia;
 - 1.13.2. Anatomia Patológica;
 - 1.13.3. Microbiologia e Epidemiologia;
 - 1.13.4. Virologia;
 - 1.13.5. Imunologia;
 - 1.13.6. Nutrição
 - 1.13.7. Reprodução;

2. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

- 2.1. Gerência;
- 2.2. Secretaria da Supervisão;
- 2.3. Setor de Recepção, registro e arquivo;
- 2.4. Setor de Rouparia, lavanderia e esterilização;
- 2.5. Setor de Serviços Gerais;
- 2.6. Setor Farmácia.

DAS FUNÇÕES SETORIAIS

1. ESTRUTURA TÉCNICA

• 1.1. Serviço de Clínica Médica de Pequenos Animais

Este serviço conta com três consultórios, um ambulatório de Pronto Atendimento Médico e Centro de Internação de Pequenos Animais, com setores separados destinados à internação de animais com doenças infecto-contagiosas e não infecto-contagiosas. Possui ainda canil para guarda dos animais oriundos do centro de Zoonoses para fins específicos de aulas práticas.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados (técnico administrativo de nível superior) e residentes;
2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;
3. Supervisionar o controle do material e instrumental utilizado no atendimento e internação a fim de garantir-lhes condições de higiene e assepsia;
4. Supervisionar a limpeza dos ambientes do Serviço;
5. Cuidar pela reposição de materiais nas salas de atendimento, ambulatório e Centro de Internação bem como pelo bom funcionamento dos equipamentos instalados nestes ambientes;
6. Controlar a internação de pequenos animais bem como supervisionar os tratamentos;
7. Supervisionar a alimentação dos animais internados bem como solicitar reposição de ração nos momentos e com antecedências adequadas;

8. Manter o controle do armário de medicamentos de emergência dos consultórios;

9. Controlar a estadia dos animais do canil preservando o seu bem estar, assim como supervisionar a alimentação dos animais internados.

• 1.2. Serviço de Clínica Médica de Grandes Animais

Este serviço é dotado de uma enfermaria, uma sala de atendimento de grandes animais, um curral de manejo com desembarcadouro e brete de contenção e com seis baias de internação, sendo uma dessas baias subdividida em 6 baias para animais de médio porte e um piquete de internação.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou técnico administrativo de nível superior, com diploma de Médico Veterinário, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados (técnico administrativo de nível superior) e residentes;

2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;

3. Controlar o material utilizado no atendimento e internação a fim de garantir-lhes condições de higiene e assepsia;

4. Supervisionar a limpeza dos ambientes do Serviço;

5. Supervisionar a reposição de materiais nas salas de atendimento, ambulatório e de Internação bem como pelo bom funcionamento dos equipamentos instalados nestes ambientes;

6. Controlar a internação dos animais bem como supervisionar os tratamentos;

7. Supervisionar a alimentação dos animais internados bem como solicitar reposição de ração nos momentos e com antecedências adequadas;

8. Supervisionar todo o trabalho de infra-estrutura para internação de grandes animais, limpeza de baias e outros locais de manejo destes animais;

9. Orientar o serviço de coleta de forrageiras, utilizadas na alimentação de animais de grande porte, nas imediações do Hospital;

1.3. Serviço de Cirurgia de Pequenos Animais

Este Serviço conta com um Centro Cirúrgico, sala de preparação e indução anestésica, sala de cirurgia e sala de recuperação, todas devidamente equipadas para o funcionamento adequado da rotina hospitalar.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados (técnico administrativo de nível superior) e residentes;

2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;

3. Orientar os funcionários do Serviço sobre a maneira adequada de proceder no atendimento clínico-cirúrgico, tais quais contenção, auxílio em curativos, pós operatório, traslado, etc.;

4. Supervisionar e orientar o controle de estoque de materiais do Serviço;

5. Supervisionar a limpeza e a assepsia das diversas salas de atendimento, centros cirúrgicos e demais recintos do Serviço;

• 1.4. Serviço de Cirurgia de Grandes Animais

Este Serviço conta com um Centro Cirúrgico de Bovinos e Eqüinos, com sala de preparação e indução anestésica, sala de cirurgia e sala de recuperação, todas devidamente equipadas para o funcionamento de rotina.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados e residentes;

2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;

3. Orientar os funcionários do Serviço sobre a maneira adequada de proceder no atendimento clínico-cirúrgico, tais quais contenção, auxílio em curativos, pós operatório, manejo alimentar, traslados, etc;

4. Supervisionar e orientar o controle do estoque de materiais e insumos hospitalares do Serviço e o material utilizado em cirurgias (instrumental cirúrgico;

5. Supervisionar a limpeza e a assepsia das diversas salas de atendimento, centros cirúrgicos e demais recintos do Serviço;

• 1.5. Serviço de Anestesiologia

Este serviço tem caráter interdisciplinar, estando ligado aos serviços de clínicas médica e cirúrgica de pequenos e grandes animais, obstetrícia e diagnóstico por imagem e dispõe de salas para indução e recuperação anestésicas nos centros cirúrgicos de pequenos e grandes animais e aparelhos de anestesia inalatória, bombas de infusão e monitoração anestésica.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados e residentes;
2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;
3. Orientar os funcionários do Serviço sobre a maneira adequada de proceder no atendimento clínico-cirúrgico, especialmente técnicas de contenção e supervisão da recuperação anestésica;
4. Supervisionar o controle do estoque de materiais e insumos hospitalares do Serviço;
2. Supervisionar a limpeza e a assepsia da sala de indução e recuperação anestésicas;
3. Observar funcionamento dos equipamentos de anestesia inalatória e de monitoração anestésica, controlar calibração e encaminhar solicitação de reparos, quando necessário;
4. Orientar os treinamentos práticos de Médicos-Veterinários Residentes e Estagiários e alunos-estagiários;
5. Supervisionar o arquivamento das fichas de monitoração anestésica;
6. Supervisionar o estoque de oxigênio medicinal e realizar a troca dos cilindros de oxigênio junto às empresas fornecedoras.

1.6. Serviço de Obstetrícia e Ginecologia

Este serviço tem caráter interdisciplinar, estando ligado aos serviços de clínicas médica e cirúrgica de pequenos e grandes animais. Sua função é promover suporte técnico especializado a animais portadores de enfermidades reprodutivas, acompanhamento gestacional, terapia emergencial em distúrbios do parto, dentre outros.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados e residentes;

2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;

3. Orientar os funcionários do Serviço sobre a maneira adequada de proceder no atendimento clínico-cirúrgico, tais quais contenção, auxílio em curativos, pós operatório, manejo alimentar, traslados, etc;

4. Supervisionar e orientar o controle do estoque de materiais e insumos hospitalares do Serviço e o material utilizado em cirurgias (instrumental cirúrgico);

5. Supervisionar a limpeza e a assepsia das diversas salas de atendimento, centros cirúrgicos e demais recintos do Serviço;

• 1.7. Serviço de Cardiologia

Este serviço tem caráter interdisciplinar, estando ligado aos serviços de clínicas médica e cirúrgica de pequenos e grandes animais. Sua função é promover suporte técnico especializado à animais portadores de enfermidades cardíacas, bem como atuar como suporte pré-anestésico ao serviço de anestesiologia.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados e residentes;

2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;

3. Orientar os funcionários do Serviço sobre a maneira adequada de proceder no atendimento clínico-cirúrgico, tais quais contenção, auxílio em curativos, pós operatório, manejo alimentar, traslados, etc;

4. Supervisionar e orientar o controle do estoque de materiais e insumos hospitalares do Serviço e o material utilizado em cirurgias (instrumental cirúrgico);

5. Supervisionar a limpeza e a assepsia das diversas salas de atendimento, centros cirúrgicos e demais recintos do Serviço;

6. Controlar e conferir material permanente, solicitando reparos nos aparelhos, quando necessário;

• Serviço de Oftalmologia

Este serviço tem caráter interdisciplinar, estando ligado aos serviços de clínicas médica e cirúrgica de pequenos e grandes animais. Sua função é promover suporte técnico especializado à animais portadores de enfermidades oftálmicas, almejando a disponibilização de técnicas cirúrgicas avançadas, bem como tratamentos clínicos modernos e eficazes.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados e residentes;

2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;

3. Orientar os funcionários do Serviço sobre a maneira adequada de proceder no atendimento clínico-cirúrgico, tais quais contenção, auxílio em curativos, pós operatório, manejo alimentar, traslados, etc;

4. Supervisionar e orientar o controle do estoque de materiais e insumos hospitalares do Serviço e o material utilizado em cirurgias (instrumental cirúrgico);

5. Supervisionar a limpeza e a assepsia das diversas salas de atendimento, centros cirúrgicos e demais recintos do Serviço;

6. Controlar e conferir material permanente, solicitando reparos nos aparelhos, quando necessário;

• 1.9. Serviço de Oncologia

Este serviço tem caráter interdisciplinar, estando ligado aos serviços de clínicas médica e cirúrgica de pequenos e grandes animais. Sua função é promover suporte técnico especializado à animais portadores de neoplasias, almejando a disponibilização de protocolos quimioterápicos e cirurgias de remoção, dentro dos mais altos padrões técnicos.

Compete ao Chefe do Serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Supervisionar as atividades do pessoal de apoio ao Serviço: Médicos Veterinários contratados e residentes;

2. Atender às solicitações de Médicos-Veterinários e Docentes, no que concerne à infra-estrutura para atendimento e apoio às aulas práticas;

3. Orientar os funcionários do Serviço sobre a maneira adequada de proceder no atendimento clínico-cirúrgico, tais quais contenção, auxílio em curativos, pós operatório, manejo alimentar, traslados, etc;

4. Supervisionar e orientar o controle do estoque de materiais e insumos hospitalares do Serviço e o material utilizado em cirurgias (instrumental cirúrgico);

5. Supervisionar a limpeza e a assepsia das diversas salas de atendimento, centros cirúrgicos e demais recintos do Serviço;

6. Controlar e conferir material permanente, solicitando reparos nos aparelhos, quando necessário.

Funções dos Auxiliares Técnicos nos Diversos Serviços

1. Auxiliar no atendimento clínico e na contenção de animais; curativos, aplicação de medicamentos com indicação do Médico-Veterinário e coleta de material (fezes, sangue e urina);

2. Se responsabilizar pela execução da limpeza das mesas e pela supervisão da limpeza das salas de atendimento;

3. Se responsabilizar pela supervisão da limpeza do canil e do Centro de Internação, incluído as gaiolas de internação ou de observação;

4. Se responsabilizar pelo controle do instrumental e seu encaminhamento para o serviço de lavagem e esterilização;

5. Se responsabilizar pelo preparo de materiais para o atendimento;

6. Prestar auxílio durante as aulas práticas assim como o preparo das salas;

7. Se responsabilizar pelo pós-operatório dos animais oriundos da cirurgia sob indicação específica do Médico-Veterinário responsável;

8. Auxiliar nas manobras para retirada de animais que vão a óbito no Hospital para sala de necropsia;

9. Responsabilidade pela observação dos animais internados quanto à alimentação e necessidades fisiológicas;

• 1.10. Serviço de Diagnóstico por Imagem

Este serviço conta com uma sala com aparelho de raios-X e com uma sala escura com equipamento para revelação automática dos filmes. Junto aos consultórios de atendimento ambulatorial, dispõe de uma sala para a realização de exames ultrassonográficos.

Compete ao chefe do serviço:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Coordenar distribuição de tarefas entre os Técnicos de Radiologia e demais funcionários relacionados ao serviço;
2. Controlar gastos de materiais utilizados em exames e orientar a elaboração de lista para pedido de material;
3. Observar funcionamento dos equipamentos, controlar calibração e encaminhar solicitação de reparos, quando necessário;
4. Controlar agendamento dos exames;
5. Controlar observância de técnicas radiológicas e a observância de normas de proteção radiológicas;
6. Auxiliar na orientação dos treinamentos práticos de Médicos-Veterinários Residentes e Estagiários e alunos-estagiários;
7. Auxiliar no desenvolvimento prático de pesquisas desenvolvidas por docentes;
8. Supervisionar o arquivamento de radiografias e providenciar a datilografia ou digitação de laudos;
9. Orientar os funcionários quanto à execução de exames radiológicos especiais;

Compete ao Técnico de Radiologia e Médico-Veterinário Ultrassonografista:

1. Fazer as radiografias e os exames ultras-sonográficos solicitadas pelo corpo clínico do Hospital;
2. Controlar estoque de material radiográfico: filmes, químicos, etc., solicitando a troca e reposição dos mesmos quando necessários;
3. Controlar e conferir material permanente, solicitando reparos nos aparelhos, quando necessários;
4. Supervisionar a limpeza e assepsia das salas de atendimento clínico radiológico e ultra-sonográfico.

• 1.11. Serviço de Enfermagem Veterinária

A função de Enfermagem é privativo do Enfermeiro (Lei n. 7.498, de 25 de junho de 1986, do Exercício da Enfermagem), obrigatoriamente efetivo da Universidade. Porém, em virtude de a especialidade Enfermagem Veterinária, ser uma especialidade ainda inexistente, o referido serviço estará sujeito às orientações e supervisão dos Médico-Veterinários Docentes Efetivos vinculados ao Hospital Veterinário (conforme Resolução CRMV-TO N° 015/2004). Este serviço, desempenhado por enfermeiros e técnicos em enfermagem, apresenta como função principal providenciar suporte auxiliar técnico para a perfeita execução dos trabalhos do Médico Veterinário. Assim, dentre as funções estão:

Atividade Ambulatorial:

- Preparo do paciente cirúrgico: tricotomia, venóclise, contenção física, preparo de medicações e administração das mesmas, sob determinação do Médico Veterinário Responsável.

Atividades no Centro Cirúrgico:

- Prover e Prever materiais utilizados durante os procedimentos cirúrgicos;
- Organizar o centro cirúrgico pré, trans e pós cada procedimento;

- Zelar pelos materiais e equipamentos utilizados;
- Auxiliar no acompanhamento do período de recuperação pós anestésica dos pacientes, através do monitoramento de parâmetros vitais: temperatura, frequência cardíaca e frequência respiratória.

Atividades no Setor de Internação:

- Realizar as prescrições e curativos, sob determinação do Médico Veterinário responsável pelo paciente;
- Zelar pela manutenção da limpeza e organização do setor e fim de garantir conforto ao paciente;
- Monitorar parâmetros vitais e comunicar qualquer intercorrência ao Médico Veterinário;
- Auxiliar no preenchimento das fichas de internação;
- Garantir o fornecimento de água e comida aos animais internados;

Atividades no Setor de Esterelização

- Coordenar, instruir e controlar a esterilização de material enviado da lavanderia e rouparia (aventais, panos de campo, luvas etc.), bem como gazes e fios cirúrgicos;
- Coordenar, instruir e controlar a esterilização de material cirúrgico utilizado nos Serviços do Hospital, e quando necessário, também de outros materiais, como tubos de ensaio, seringas hipodérmicas para animais de grande porte, material obstétrico, etc.

• 1.12. Laboratórios primários de apoio

1.12.1. Laboratório de Patologia Clínica

Laboratório anexo ao Hospital Veterinário, com função diária de participação na rotina Hospitalar, dentro da área de Diagnóstico.

Principais funções gerais do Chefe do Laboratório:

O Chefe do serviço deverá ser um docente Efetivo da Universidade, especialista na área ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, efetivo da Universidade, vinculado ao Hospital Veterinário e com título de especialista na área concernente.

1. Coordenar as atividades dos diversos Setores do Laboratório Clínico;
2. Supervisionar e orientar o trabalho dos funcionários de nível técnico e básico, dirimindo dúvidas tanto de Docentes como de Pesquisadores que utilizam exames laboratoriais complementares em pesquisas, auxiliando, quando solicitado, na elaboração da relação de exames a serem solicitados e reagentes a serem adquiridos (quantidade, marca, etc.);
3. Prestar auxílio no treinamento técnico de estagiários, bem como na execução direta de pesquisas;
4. Prestar auxílio para adaptação de novas técnicas laboratoriais de interesse e implantação das mesmas;
5. Apresentar ao Diretor do Hospital sugestão e estudo da viabilidade (custo/benefício) de aquisição de equipamentos novos para modernização do laboratório e, cuidar pela manutenção dos equipamentos já existentes, elaborando pedidos de reparos, quando necessário;
6. Responsável pelo programa de Controle de Qualidade de equipamentos e reagentes do Laboratório Clínico.

Funções do Setor de Hematologia

1. Execução de técnicas mais sofisticadas, que exijam conhecimento mais profundo de aparelhagem e/ou metodologia tais como provas de coagulação e imunofluorescência para pesquisa de hematozoários;
2. Responsabilidade pela leitura de lâminas de citologias diversas e diferenciação sangüínea;
3. Supervisão das atividades dos funcionários de nível técnico e básico lotados no setor, quanto à execução das tarefas rotineiras utilizadas, lavagem correta

da vidraria, manutenção básica e limpeza de equipamentos como contador eletrônico de células, microscópios, centrífugas e outros;

4. Elaboração de pedidos de material de consumo necessários para o bom andamento da rotina laboratorial no Setor;

5. Verificação do controle de qualidade diário de reagentes e equipamentos, elaborando o mapa de controle de qualidade mensal;

6. Preparo de reativos mais complexos e orientação dos funcionários de nível médio e básico no preparo de reativos mais simples;

7. Responsabilidade na execução de novas técnicas implantadas e detectar possíveis erros técnicos nas provas executadas como rotina no setor;

8. Manuseio da aparelhagem mais sofisticada do Setor;

Funções do Setor de Bioquímica Sérica

4. Execução de técnicas mais sofisticadas como fotometria de chama, eletroforese de proteínas, que exigem conhecimento teórico mais aprofundado de aparelhagem e metodologia, domínio de manuseio de aparelhagem do Setor, incluindo analisadores bioquímicos multicanal;

5. Execução de novas técnicas implantadas e capacidade para detectar possíveis erros técnicos na rotina do Setor;

6. Preparo das curvas de calibração necessárias para a rotina laboratorial e reativos mais complexos;

7. Elaboração do mapa diário de controle de qualidade de reagentes e aparelhagem do Setor;

8. Supervisão das atividades dos funcionários de nível técnico e básico na execução das técnicas laboratoriais rotineiras, lavagem especial de vidraria, manutenção básica e limpeza preventiva de espectrofotômetros, microscópios, centrífugas e outros;

9. Execução da manutenção especial e realização de pequenos reparos em aparelhos;

10. Elaboração de pedidos de material de consumo necessários para o Setor;

Compete ao Técnico do Laboratório:

1. Realizar os exames laboratoriais solicitados pelo corpo clínico do Hospital através da ficha de requisição de exames;

2. Encaminhar os resultados dos exames laboratoriais para o Médico Veterinário, com uma ficha de resultados;

3. Controlar estoques de reagentes e/ou kits utilizados para exames;

4. Fazer a lavagem da vidraria e solicitar reposição de material quebrado;

5. Prestar auxílio às aulas práticas de Laboratório Clínico;

• 1.13. Laboratórios secundários de apoio

São Laboratórios que não pertencentes à estrutura física do Hospital Veterinário, mas sim à Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMVZ)/UFT. Fornecem imprescindível apoio diagnóstico e suporte para aulas práticas de diversas disciplinas. São eles: Laboratório de Parasitologia; Anatomia Patológica; Microbiologia e Epidemiologia; Virologia; Imunologia; Nutrição e Reprodução.

Obs: Por meio da ficha de requisição de exames, os laboratórios agregados (secundários) de suporte diagnóstico do hospital, providenciam os exames solicitados.

DAS FUNÇÕES SETORIAIS

2. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

• 2.1. Gerência

O Hospital Veterinário será dirigido por um Gerente, que desempenhará funções Administrativas e inerentes ao cargo de Responsável Técnico, junto ao Conselho Regional de Medicina Veterinária.

As função de Gerente deverá ser ocupadas por Médico Veterinário Docente ou Médico Veterinário técnico administrativo de nível superior, vinculados ao Hospital Veterinário, pertencentes ao quadro efetivo da UFT e lotados no Hospital Veterinário da EMVZ, devendo cumprir mandato de 01 ano, podendo o mesmo se candidatar à reeleição. A função de Gerente de Hospital é cargo privativo do Médico-Veterinário (Lei 5.517) e será escolhido por meio de eleição direta.

São eleitores, os Médicos Veterinários Docentes lotados na EMVZ, os Médicos Veterinários Técnicos Administrativos, funcionários lotados no Hospital Veterinário da EMVZ e um representante acadêmico.

O Gerente, se docente, não poderá ter uma carga didática superior a dez (10) horas semanais tendo em vista a abrangência de suas funções administrativas e de responsabilidade técnica e deverá receber remuneração específica para tal.

Cabe ao Gerente:

1. Executar e fazer executar as deliberações administrativas da Administração Superior da UFT que se enquadrem dentro da legislação pertinente;
2. Superintender e coordenar todos os Setores, Técnicos e Administrativos do Hospital Veterinário Universitário;
3. Baixar normas administrativas para a organização e funcionamento dos diferentes serviços administrativos do Hospital Veterinário Universitário;
4. Propor à Diretoria Administrativa da UFT a indicação de servidores;
5. Sugerir a escala de férias do pessoal do Hospital Veterinário Universitário para se evitar solução de continuidade de serviços;
6. Exercer o poder disciplinar nos termos da legislação em vigor;
7. Apresentar ao Diretor Administrativo da UFT relatório semestral das atividades Administrativas desenvolvidas pelo Hospital Veterinário;
8. Responsabilizar-se pela organização de pessoal e recursos materiais, bem como pela responsabilidade técnica do atendimento nos Serviços;

9. Receber e analisar as requisições de reparos de materiais, quer permanentes ou equipamentos, bem como manutenção de bens do Hospital Veterinário Universitário, encaminhando-os, se pertinentes, após análise, ao Serviço responsável por tais providências;

10. Controlar os estoques de materiais de todo o Hospital, mediante informações fornecidas pelas Setores, selecionando aqueles a serem adquiridos, encaminhando as requisições à Administração da UFT, para providências;

11. Supervisionar obras de reforma e construção no Hospital;

12. Analisar sugestões encaminhadas pelos diversos Setores e Serviços do Hospital, adequando-as, se relevantes, às condições administrativas e disciplinares;

13. Coordenar os trabalhos administrativos dos diversos Serviços e Setores hospitalares que compõem o HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO;

14. Supervisionar as atividades do profissional farmacêutico, no que diz respeito ao controle dos medicamentos citados na Portaria nº 344 de 12 de maio de 1998 do Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância Sanitária, publicada no D.O.E. de 19 de maio de 1998 - Seção 1 página 37, utilizados no atendimento hospitalar;

15. Orientar funcionários nos procedimentos padrões para a geração das GRUs, cujas quitações estarão inteiramente sob responsabilidade dos proprietários dos animais atendidos no âmbito do Hospital Veterinário;

Ainda, especificamente dentro das atribuições de responsável técnico, segundo a resolução CRMV-TO Nº 015/2004, o Gerente deverá:

1. Garantir que nas clínicas 24 horas e nos Hospitais Veterinários, o Médico Veterinário esteja presente em tempo integral;

2. garantir que todas as atividades realizadas por enfermeiros e/ou estagiários sejam supervisionadas por Médico Veterinário;

3. usar adequadamente a área de isolamento garantindo que animais doentes não tenha contato com outros;

4. exigir que os Médicos Veterinários e auxiliares estejam adequadamente uniformizados quando do atendimento;

5. exigir que todos os Médicos Veterinários que atuam no estabelecimento estejam devidamente registrados no CRMV-TO;

6. fazer cumprir as normas de saúde pública vigentes, no que diz respeito à higiene do ambiente, separação, destinação de lixo hospitalar e estocagem dos insumos;

7. ter conhecimento dos aspectos técnicos e legais a que estão sujeitos os diversos estabelecimentos, especialmente quanto aos Regulamentos e normas.

•2.2. Secretaria da Gerência

Cargo com indicação do Gerente do Hospital Veterinário. Deverá ocupar o cargo, funcionário técnico administrativo, do quadro efetivo de funcionários da EMVZ/UFT.

Principais funções:

-Supervisionar a distribuição de trabalhos relacionados ao bom funcionamento do HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO;

-Redigir, digitar e imprimir correspondências relativas à Supervisão e diversos Setores que integram o HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO, bem como do Programa de Residência e da Coordenadoria de Atividades Científicas;

-Classificar e expedir documentação;

-Controlar e solicitar o fornecimento de material inerente à Secretaria;

-Elaborar agenda da Supervisão e Assistência de Supervisão;

-Prestar informações aos interessados em assuntos pertinentes ao HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO;

-Acompanhar, no Diário Oficial do Estado, as publicações de interesse do HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO;

-Organizar pauta, redigir atas e secretariar as reuniões dos Conselho Hospitalar e de Residência;

-Supervisionar os trabalhos de Secretaria de Conclaves e outras Reuniões Científicas ligadas ao HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO;

10. Confeccionar relatórios trimestrais e anuais das atividades do HOSPITAL VETERINÁRIO UIVERSITÁRIO;

11. Supervisionar a execução das deliberações administrativas da Administração Superior da UFT que se enquadrem dentro da legislação pertinente;

12. Coordenar os Serviços Administrativos do Hospital Veterinário Universitário, sob orientação da Supervisão;

13. Supervisionar o cumprimento de horários, escalas de plantões e folgas dos funcionários de nível superior, técnico e básico vinculados ao HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO;

14. Supervisionar cumprimento da escala de férias do pessoal do Hospital Veterinário Universitário ;

15. Supervisionar a organização de pessoal e recursos materiais visando o bom andamento da atividades hospitalares;

16. Encaminhar as solicitações de reparos de material permanentes ou equipamentos ao Supervisor e zelar pela conservação dos mesmos;

17. Auxiliar no controle de estoques de materiais de todo o Hospital, mediante informações fornecidas pelas Setores;

18. Supervisionar sob orientação do supervisor, obras de reforma e construção no Hospital;

19. Encaminhar à Supervisão e Assistência as sugestões encaminhadas pelos diversos Setores e Serviços do Hospital;

20. Coordenar os trabalhos administrativos dos diversos Serviços e Setores hospitalares que compõem o HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO, sob orientação da Supervisão Geral.

• 2.3. Setor de recepção, registro e arquivo

Principais funções:

-Supervisionar o registro, cadastro e arquivamento de prontuários no Serviço;

-Atendimento dos proprietários dos animais, após a triagem, para a confecção de registro e cadastro para encaminhamento aos Serviços do Hospital;

-Supervisionar o serviço de encaminhamento dos prontuários dos animais aos diversos Serviços vinculados ao HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO, para atendimento às consultas novas sem agenda, as agendadas e as de retorno;

-Providenciar a geração das GRUs e fornecê-la aos proprietários para a quitação;

-Providenciar, juntamente com a Supervisão Geral e Assistência de Supervisão, levantamentos atinentes ao Serviço, tais quais número de casos atendidos, receita mensal, cadastro de devedores, para elaboração de relatórios;

-Executar as normas e procedimentos para atendimento, conforme especificado abaixo;

-Organizar e manter fichários e arquivos em papéis e meios eletrônicos;

Normas e procedimentos de atendimento no Hospital Veterinário Universitário:

O Hospital Veterinário possui uma agenda para marcação de consultas a ser cumprida e após a chegada do animal, seguem-se os procedimentos para o atendimento:

1º Cadastro do paciente e cliente no Sistema Operacional Informatizado, para a formalização de 1 (um) Registro (RG).

2º Impressão do termo de responsabilidade para internação e / ou tratamento, que deverá ser assinado pelo proprietário.

3º Impressão da ficha do animal, encaminhando-a ao Profissional responsável pelo atendimento. O Profissional procede os exames necessários,

anexando-os na ficha para posterior lançamento no lançamento no Sistema Operacional Informatizado.

4º Os medicamentos são registrados na ficha pelo funcionário da farmácia e as consultas, exames, diárias, procedimentos e internação são lançados pelo recepcionista;

5º Por meio da ficha de requisição de exames, enviadas pelos Médicos Veterinários atendentes, o setor de diagnóstico por imagem e/ou o Laboratórios de Patologia Clínica, realizam os devidos exames complementares. Da mesma forma, com agendamento prévio, os laboratórios de Parasitologia, Anatomia Patológica, Microbiologia, Virologia, Imunologia, Nutrição e Reprodução, poderão também, contribuir com o incremento da excelência do serviço prestado pelo Hospital Veterinário;

6º Após o atendimento, o proprietário retirará junto à secretaria a GRU em valor referente aos exames, procedimentos, consulta e medicamentos que foram utilizados para o tratamento de seu(s) animal(is). Cabe ao proprietário a responsabilidade em realizar a quitação da GRU em agência bancária.

7º Todas as fichas são arquivadas e identificadas com a numeração do cadastro.

•2.4. Serviço de Rouparia, lavanderia e esterilização

Este serviço estará ligado e deverá ser controlado diretamente pelo Setor de Enfermagem.

Principais funções:

1. Supervisionar e providenciar consertos em rouparia utilizada em intervenções cirúrgicas, como aventais, panos de campo, etc.;
2. Supervisionar e orientar a lavagem de roupas para cirurgia, que recebem tratamento especial quanto à assepsia;
3. Controlar estoques de panos de campo e aventais, solicitando a aquisição quando necessário;

4. Controlar e zelar pelo material permanente do Serviço: lavadora, autoclaves, estufas, solicitando os reparos necessários;

5. Controlar a esterilização de material enviado da lavanderia e rouparia (aventais, panos de campo, luvas etc.);

6. Providenciar esterilização de material utilizados nos Serviços do Hospital, quando necessário, tubos de ensaio, seringas hipodérmicas para animais de grande porte, etc.;

7. Preparar pacotes para cirurgias: aventais, panos de campo, compressas cirúrgicas, etc.;

8. Preparar tambores com material cirúrgico esterilizado: compressas, tampões, etc.;

• 2.5. Setor de Serviços gerais

Principais funções:

1. Zelar pela limpeza de salas de Professores, salas de aula anexas, ambulatórios, centro cirúrgico e demais dependências do Hospital Veterinário;

2. Supervisionar todo o trabalho de infra-estrutura para internação de animais, como aquisição de alimentação, de serragem, troca de "camas" dos animais, limpeza de baias e piquetes;

3. Distribuir, quando necessário, serviços de coleta de forrageiras, utilizadas para alimentação de animais, nas imediações da Unidade;

4. Providenciar, quando necessário, a coleta material para composição de "camas" para as baias de grandes animais;

5. Coordenar os trabalhos de limpeza nas áreas interna e externa do Hospital, relativas ao local de permanência efetiva de animais;

6. Supervisionar e orientar a remoção e destino de cadáveres de animais;

7. Supervisionar, juntamente com o Médico Veterinário responsável pelo animal, o embarque e desembarque de animais que são trazidos ao Hospital e,

eventualmente, providenciar transporte adequado para os mesmos, desde que autorizado pela Assistência Administrativa da Faculdade, ouvido o Diretor do Hospital;

8. Controlar estoque de ração, feno e silagem para animais internados, solicitando compra quando necessário;

• 2.6. Farmácia

A função de Chefe do serviço de Farmácia é privativo do Farmacêutico (Lei nº 5.991, de 17 de dezembro de 1973, que dispõe sobre o controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos e correlatos), obrigatoriamente funcionário efetivo da EMVZ/UFT.

Discriminação das atividades:

1. Controlar, mediante autorização, saída e entrada de medicamentos citados na Portaria nº 344 de 12 de maio de 1998 do Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância Sanitária, publicada no D. °E. De 19 de maio de 1998 – Serviço 1 página 37, utilizados no atendimento hospitalar (sedativos, tranqüilizantes, etc.);

2. Guardar, sob sua responsabilidade, e com controle por escrito, medicamentos citados na Portaria nº 344 de 12 de maio de 1998 do Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância Sanitária, publicada no D.O.E. de 19 de maio de 1998 - Seção 1 página 37, utilizados no atendimento hospitalar;

3. Entrega de medicamentos e material correlato aos médicos veterinários atendentes;

4. Estoque de medicamentos e material correlato, inclusive de medicamentos controlados;

5. Controle de estoque e solicitação de medicamentos em falta;

6. Recebimento e conferência de materiais e medicamentos;

7. Manipulação de medicamentos;

8. Distribuição de impressos, material de consumo, medicamentos e outros insumos hospitalares aos diversos Serviços vinculados ao HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO, para atendimento hospitalar;

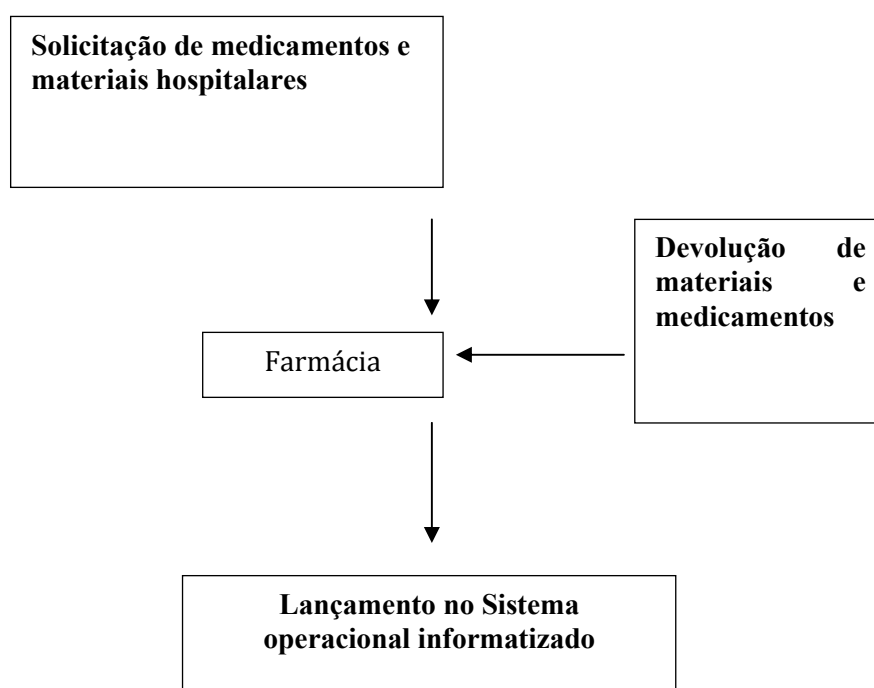
9. Definir normas a serem aplicadas para o preenchimento da ficha de requisições de materiais assim como no ato da retirada desses materiais na farmácia do Hospital Veterinário Universitário da UFT, com a finalidade de suprir as necessidades do atendimento particular. Define também normas para a devolução dos mesmos, caso não tenha sido consumido.

OBS: Na eventualidade da contratação de um farmacêutico pra regime de trabalho inferior à 40 horas, fica a cargo da Universidade providenciar funcionário apto a assumir as responsabilidades acima descritas.

2.6.1. Fluxograma operacional para atendimentos de rotina

Objetivos:

Definir normas a serem aplicadas para o preenchimento da ficha de requisições de materiais assim como no ato da retirada desses materiais na farmácia do Hospital Veterinário Universitário da UFT, com a finalidade de suprir as necessidades do atendimento particular. Define também normas para a devolução dos mesmos, caso não tenha sido consumido



2.6.1.1. A solicitação de medicamentos e materiais deverá ser feita através da Ficha de requisição de materiais e medicamentos. Os preenchimentos por completo de todos os itens da Ficha são de fundamental importância. Entre eles: RG, professor responsável, assinatura do mesmo, finalidade e se for o caso, categoria do atendimento (particular, social ou didático). Sendo por meio desse vetado a entrega de materiais para as fichas com dados incompletos.

2.6.1.2. A retirada do material solicitado será entregue na farmácia mediante a ficha de requisição corretamente preenchida.

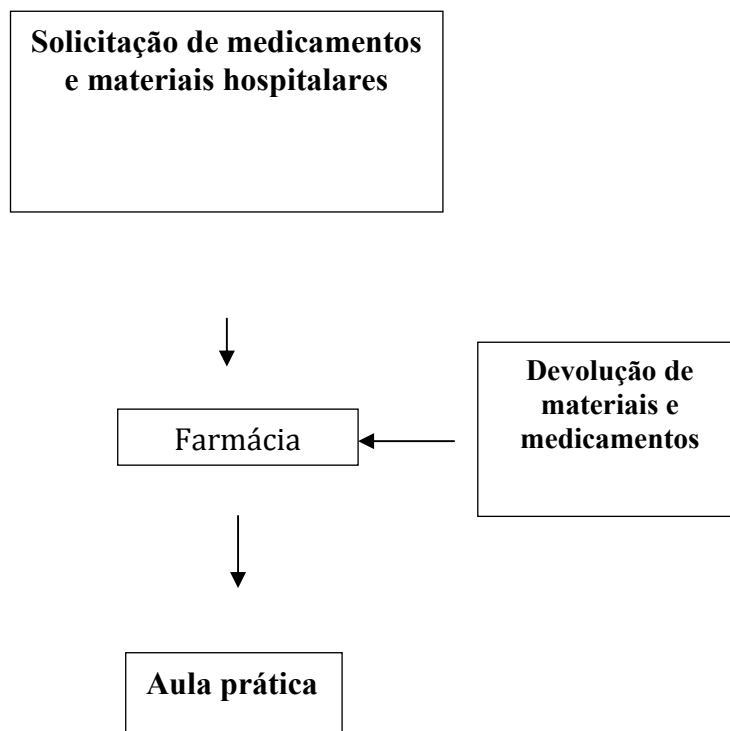
2.6.1.3. Salvo em casos de emergência, ou devido à impossibilidade do professor não poder preencher a ficha de requisição de medicamentos, a solicitação de material poderá ser feita mediante uma ficha provisória. Esse processo ocorrerá da seguinte forma: O auxiliar do setor, solicitará o material que o professor deseja na ficha de requisição. Fica na responsabilidade do docente, após o término do procedimento, assinar a requisição na Farmácia.

2.6.1.4. A devolução do material que não for utilizado deve ser feita imediatamente após o término do procedimento para que esse possa ser descontado da ficha de requisição.

2.6.2. Fluxograma operacional para aulas práticas

Objetivos:

Definir normas a serem aplicadas para o preenchimento da ficha de requisições de materiais assim como o ato da retirada desses materiais na farmácia do Hospital Veterinário Universitário da UFT com a finalidade de suprir as necessidades das aulas práticas. Define também normas para a devolução dos mesmos caso não tenha sido consumido.



2.6.2.1. A solicitação de medicamentos e materiais deverá ser feita através da Ficha de requisição de materiais e medicamentos. O preenchimento por completo de todos os itens da Ficha é de fundamental importância. Entre eles: RG, professor responsável, assinatura do mesmo, finalidade e a disciplina a que se destina. Sendo por meio desse vetado a entrega de materiais para as fichas com dados incompletos.

2.6.2.2. A retirada do material solicitado será entregue na farmácia mediante a ficha de requisição corretamente preenchida.

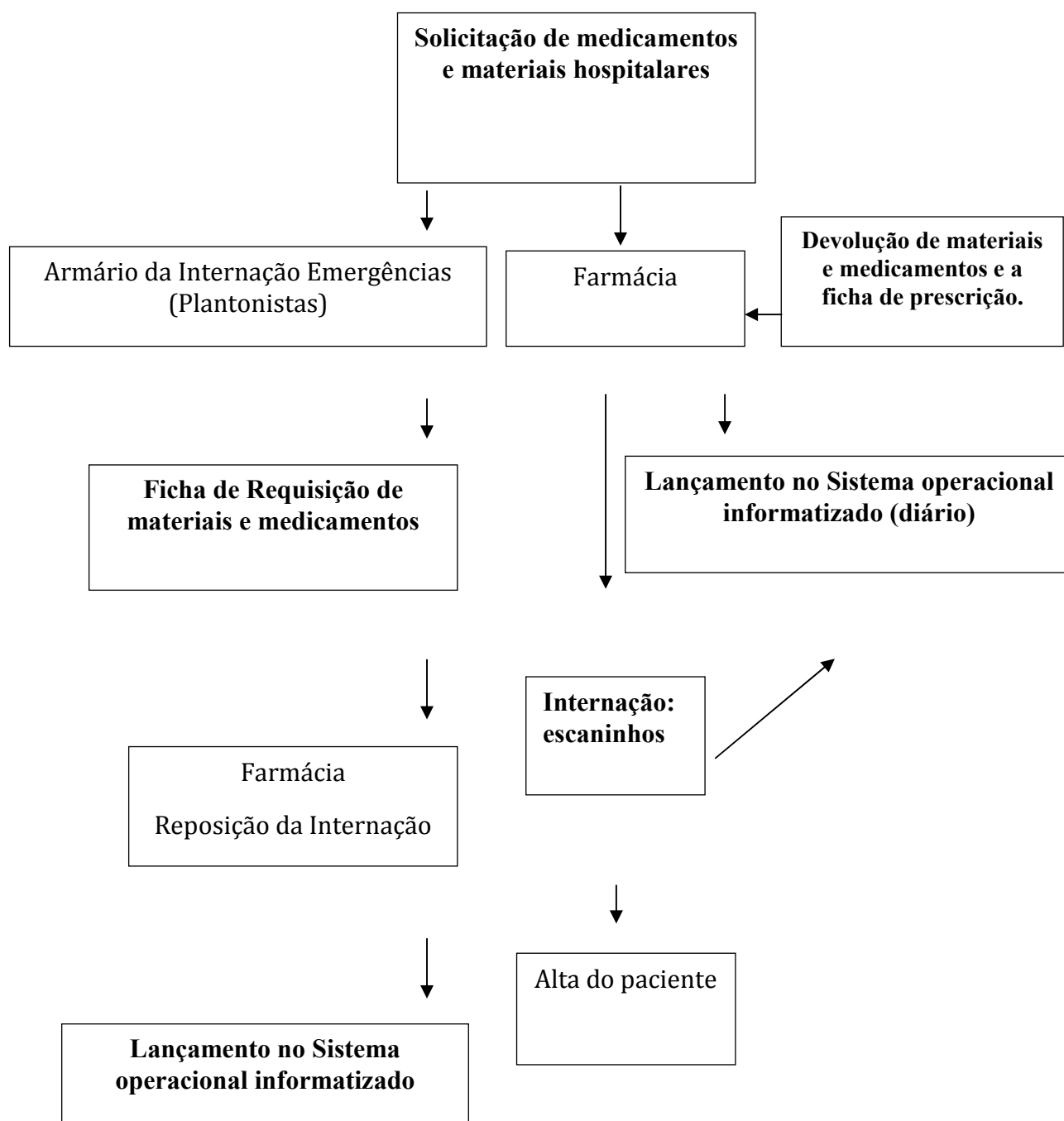
2.6.2.3. Salvo em casos de emergência, ou devido à impossibilidade do professor não poder preencher a ficha de requisição de medicamentos, a solicitação de material poderá ser feita mediante uma ficha provisória. Esse processo ocorrerá da seguinte forma: O auxiliar do setor, solicitará o material que o professor deseja na ficha de requisição. Fica na responsabilidade do docente, após o término do procedimento, assinar a requisição na Farmácia.

2.6.2.4. A devolução do material que não for utilizado deve ser feita imediatamente após o término do procedimento para que esse possa ser descontado da ficha de requisição.

2.6.3. Fluxograma operacional relativo às internações

Objetivos:

Definir normas a serem aplicadas para o preenchimento da ficha de requisições de materiais assim como o ato da retirada desses materiais na farmácia do Hospital Veterinário Universitário da UFT com a finalidade de suprir as necessidades das Internações. Define também normas para a devolução dos mesmos caso não tenha sido consumido.



2.6.3.1. A solicitação de medicamentos e materiais deverá ser feita através da Ficha de requisição de materiais e medicamentos. O preenchimento por completo de todos os itens da Ficha são de fundamental importância. Entre eles: RG, professor responsável, assinatura do mesmo, finalidade e se for o caso, categoria do atendimento (particular, social ou didático). Sendo por meio desse vetado a entrega de materiais para as fichas com dados incompletos.

2.6.3.2. A retirada do material solicitado será entregue na farmácia mediante a ficha de requisição corretamente preenchida.

2.6.3.3. Salvo em casos de emergência, ou devido à impossibilidade do professor não poder preencher a ficha de requisição de medicamentos, a solicitação de material poderá ser feita mediante uma ficha provisória. Esse processo ocorrerá da seguinte forma: O auxiliar do setor, solicitará o material que o professor deseja na ficha de requisição. Fica na responsabilidade do docente, após o término do procedimento, assinar a requisição na Farmácia.

2.6.3.4. Para a internação é importante ressaltar que todos os materiais e medicamentos deverão ser retirados na farmácia de forma individualizada. Todos os medicamentos e materiais necessários para o período da internação do animal deverão ser requisitados na farmácia mediante a apresentação da Ficha de requisição de materiais e medicamentos previamente preenchida e assinada pelo professor responsável. A retirada de material deve ser diária e de forma individualizada ou se for mais conveniente, retirar uma determinada quantidade de material para suprir as necessidades do paciente no período de sua internação. O material solicitado deve ser guardado nos escaninhos previamente identificados com o RG do paciente. Porém, caso a medicação seja fracionada e não aplicada por qualquer motivo, esta será cobrada. Fica na responsabilidade do requerente optar pelo fracionamento das medicações diariamente na farmácia ou levar todas as doses, já fracionadas, a serem aplicadas para a internação.

2.6.3.5. A devolução do material que não for utilizado deve ser feita imediatamente após a alta do animal para que possa ser descontado das fichas de requisição e do Sistema operacional Informatizado.

2.6.3.6. A Ficha de prescrição deve ser enviada para farmácia, para que possam ser lançados os curativos ou outros procedimentos no Sistema operacional Informatizado.

2.6.3.7. O material que se encontra no armário destina-se apenas para casos emergenciais, como, por exemplo, quando for prescrito uma medicação ou um procedimento e não houver o material ou medicamento no escaninho do animal para realização do mesmo. O armário é de uso exclusivo dos plantonistas, encontrando esse na sua responsabilidade. No caso da utilização de algum material do armário o plantonista deverá anotar na Ficha de requisição de material e medicamentos, devidamente preenchida, e o mais breve possível entregar na farmácia para que o mesmo possa ser repostado, sendo um procedimento diário.

DO CONSELHO HOSPITALAR

Será presidido pelo Gerente e formado pelos chefes e ou representantes de setores técnicos, setores administrativos, residentes e estagiário. Reuniões do Conselho Hospitalar ocorrerão mensalmente ou em caráter emergencial, para a resolução de questões internas de caráter técnico ou administrativo.

DO ESTÁGIO

Serão candidatos ao estágio os alunos regularmente matriculados no Curso de Medicina Veterinária da UFT ou de outras Instituições, observados os critérios estabelecidos previamente pela EMVZ e em consonância com a Pro-reitoria de Extensão.

Terão prioridade ao estágio de graduação os alunos do Curso de Medicina Veterinária da UFT.

Os Médicos Veterinários autônomos interessados em estagiar no HVU, deverão formalizar solicitação à reitoria, e submeter seu pedido à avaliação da Direção do HVU.

As normas de estágio para discentes deverão ser cumpridas pelos estagiários, em consonância ao Programa de Estágio em Medicina de Animais de Companhia e Grandes Animais, da EMVZ/UFT, aprovado pela PROEX, com carga horária prevista.

A carga horária a ser cumprida pelo Médico Veterinário Autônomo deverá ser de no mínimo de 360 horas para emissão de certificado. Caso não seja cumprida a carga horária, será emitida uma declaração pela direção do HVU constando a carga horária total no período.

A carga horária de estágio a ser cumprida pelo Médico Veterinário procedente de outra IES deverá ser no mínimo de 160 horas. Caso não seja cumprida a carga horária, será emitida uma declaração pela direção do HVU constando a carga horária total no período.

DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

O Hospital Veterinário Universitário não possui fins lucrativos. A prestação de serviços à comunidade, como atividade de extensão, não será, porém, gratuita e o valor das taxas serão estabelecidos pela Supervisão e chefes de Setores Técnicos, levando-se em consideração a natureza didática das atividades, a caracterização do HVU como um Hospital Escola e ainda a não existência de fins lucrativos. As taxas serão recolhidas por meio das Guias de Recolhimento da União (GRUs), as quais deverão ser quitadas pelo proprietários dos animais atendidos. Os casos de interesse didático e científico poderão ser isentos do pagamento total de taxas via Guia de Recolhimento da União (GRU), desde que solicitado e assinado pelo docente ou Médico Veterinário responsável e em comum acordo com a Supervisão do HVU. Aos servidores e discentes do Curso de Medicina Veterinária da UFT, o valor da consulta terá abatimento de 50% , ficando a pagar os valores integrais dos outros procedimentos, conforme tabela de preços pré-determinada.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Os casos omissos neste regimento serão resolvidos pelo Conselho Diretor do Campus (CDA). As alterações neste regimento serão votadas pelo conselho Hospitalar e submetidas à análise do CDA.